

SÉRIE HOMENS PERDIDOS, VOL. 2
670x1000

O
HERÓI
ACIDENTAL

CHERYL HOLT



Cheryl Holt
O HERÓI ACIDENTAL
Tradução

Sofia Ribeiro

Prólogo

A princípio, o Rapaz não percebeu o que se estava a passar. Estava muito escuro e era muito tarde, e ele não se lembrava de onde estava nem porquê.

Tantas coisas terríveis tinham acontecido recentemente. Onde estava a mãe? Onde estava o pai? Porque tinham deixado o Rapaz sozinho? Como podia ele encontrá-los e trazê-los de volta?

Estava tão triste sem eles. Queria ir para casa e dormir na sua cama. Queria ouvir a mãe a rir e a cantar. Queria que o seu enérgico pai irrompesse pela porta – depois de ter estado fora durante tanto tempo. O entusiasmo do pai haveria de os contagiar a todos, sorririam e ficariam contentes com a sua chegada.

Aquele enérgico pai atiraria o Rapaz ao ar e diria:

– Estás tão alto! Olha só como crescestes!

Mas tudo isso desaparecera e ele estava sempre a fulminar diversos adultos com o olhar, exigindo-lhes uma explicação, intimando-lhes que repusessem a ordem no que estava mal, mas ninguém o ouvia.

Estava alguém a abaná-lo, mas sentia-se tão cansado que não conseguia abrir os olhos.

– Acorda! Acorda! – berrou um homem.

– Não há tempo para o acordar – sibilou uma mulher freneticamente. – Traz o fedelho e pronto! Depressa!

Foi arrancado dos cobertores e olhou em redor, tentando perceber onde estava. Então, sentiu o cheiro.

Fumo... Em toda a parte, fumo...

Mal conseguia respirar e olhou para a cara do homem que o segurava.

O senhor Wilson...

Agora lembrava-se.

O senhor Wilson estava nas docas nessa tarde, quando foram autorizados a despedir-se da mãe. O senhor Etherton também lá estava e obrigou o Rapaz a ir-se embora com o senhor e a senhora Wilson.

Mas o Rapaz recusou-se a ir com eles, tentou entrar no barco com a mãe, ir para o mesmo destino que ela. Mas o senhor Wilson apanhou-o e levou-o. Embora o Rapaz se tenha debatido e esperneado, o senhor Wilson era muito grande e o Rapaz não se conseguiu libertar.

Viajaram de carruagem o dia inteiro e pararam numa hospedaria para passar a noite. De manhã, iriam para o colégio, mas o Rapaz não compreendia o significado disso. Não queria ir para o colégio, não queria viver com desconhecidos.

O Rapaz estava agarrado ao peito do senhor Wilson, que saiu do quarto para o corredor aos tropeções. Os outros hóspedes, espantados, tossiam, corriam, gritavam: «Fogo! Fogo!»

O fumo era mais denso no corredor, ao fundo do qual, junto das escadas, as chamas queimavam a parede. As cortinas da janela incendiaram-se com um *vuuch* ensurdecedor.

– Santo Deus! – gritou o senhor Wilson. Virou-se e seguiu na outra direção, mas também aí havia chamas.

A senhora Wilson gritou e o senhor Wilson virou-se para ela, mas o Rapaz não a via em lado nenhum. De repente apareceu, como um fantasma saído da sombra. Trazia o Mano agarrado a

si, da mesma forma que o senhor Wilson agarrava o Rapaz. O Rapaz estendeu o braço para o Mano. Era o seu gêmeo, o seu amigo, a outra metade de si.

As pessoas diziam-lhes sempre que deviam falar em voz alta – afinal, tinham três anos –, mas quando o Rapaz estava com o Mano, não era preciso falar. Comunicavam um com o outro mentalmente. Compreendiam sem usar palavras.

Os seus dedos tocaram-se por um instante, depois o senhor Wilson afastou-se. O Rapaz debateu-se e esperneou, tentando agarrar novamente o Mano.

– Está quieto, gato bravo – ralhou o senhor Wilson. – Vamos tirar-te daqui, e depois já podes abraçar o Michael à vontade.

Michael... sim. O Mano era o Michael e o Rapaz era o Matthew, mas não havia necessidade de nomes entre eles. Eram uma só pessoa, nenhum diferente do outro.

O Rapaz continuou agitado, à procura do Mano, atento para se assegurar de que a senhora Wilson os acompanhava. O Rapaz e o Mano tinham de estar juntos. Nunca podiam ser separados, nem por um segundo. Toda a gente sabia isso.

Alguém gritou:

– Por aqui! Por aqui!

O senhor Wilson correu para a voz, berrando:

– Não se afaste, senhora Wilson. Não me perca de vista!

Mas a senhora Wilson não respondeu.

O senhor Wilson desceu as escadas. O calor era intenso e, quando chegaram ao rés do chão, as chamas disparavam a toda a volta. Mãos invisíveis agarraram-nos e puxaram-nos para fora. Foram projetados para o ar frio e revigorante.

O senhor Wilson correu até estarem a uma distância de segurança da hospedaria, depois largou o Rapaz no chão. Havia grupos de pessoas à deriva por todo o lado, com a roupa de dormir, tal como o Rapaz e o senhor Wilson. Andavam pelo relvado, a inspirar golfadas de ar, e a hospedaria era uma cicatriz vermelha de fogo recortada no céu negro estrelado.

Havia muito barulho, os ruídos eram assustadores. As pessoas choravam, a pedir ajuda. Erguiam-se no ar gritos de angústia dos que tinham ficado presos no interior, ao passo que outros, que já tinham fugido, gritavam ordens, orientações. Os cavalos relinchavam de medo, os porcos guinchavam, as mulheres soluçavam.

O Rapaz fitou a hospedaria, ordenando em silêncio à senhora Wilson e ao Mano que aparecessem, mas isso não aconteceu. Fez uma careta, aterrorizado, perguntando-se o que devia fazer.

– Mas que raios, senhora Wilson – disse o senhor Wilson entre dentes. – Onde está?

Virou-se para o Rapaz, baixando-se de maneira a ficarem de narizes próximos um do outro.

– Vou entrar à procura deles – disse ao Rapaz. – Estavam mesmo atrás de nós. Têm de estar ao pé da porta.

Os olhos do Rapaz dilataram, desanimados, e queria dizer: *Acho que não devia entrar lá dentro!*

Mas o Rapaz era uma criança, e o senhor Wilson era um adulto. Supostamente, sabia o que fazer.

– Fica aqui – disse o senhor Wilson. – Não mexas sequer um dedo, ouviste?

O Rapaz anuiu, em sinal de que ia ficar onde estava.

Na sua pressa em fugir do quarto, o senhor Wilson conseguira levar uma bolsa com papéis, que tinha a alça de couro em volta do pescoço. Arrancou-a e atirou-a ao Rapaz.

- Não te atrevas a perder essa maldita bolsa. É importante.

O rapaz anuiu de novo. Não a perderia. Era a bolsa do pai. A mãe tinha-a guardado no roupeiro. Era o único objeto que tinha deles. Iria guardá-la para sempre.

O senhor Wilson estudou aquele inferno por um instante, depois foi a correr para o lugar por onde tinham saído.

As janelas brilhavam com as chamas, assim como o telhado. Bolas incandescentes de cinza caíam, iluminando tudo em redor, por isso era fácil ver o vulto do senhor Wilson seguir para o alpendre aos tropeções, e depois entrar.

- Seu louco varrido! - gritou um homem. - O que está a fazer? Enlouqueceu?

O homem estendeu o braço para deter o senhor Wilson, mas não conseguiu agarrá-lo a tempo de o impedir de entrar.

O senhor Wilson entrou apressadamente, aos gritos pela senhora Wilson, aos gritos pelo Mano e, embora o Rapaz tenha esperado, e esperado, e esperado, nenhum deles chegou a sair...

1

- Acorda!

Matthew Harlow ouviu a ordem breve, mas estava a sonhar e não se conseguia levantar.

Era um belo dia de agosto e estava a dormir uma sesta no chão, com a relva como agradável almofada. Na noite anterior, bebera demais, algo que geralmente não fazia, por isso estava com uma valente ressaca. Enquanto seguiam a galope pela estrada batida, a sua cabeça chocalhava tão violentamente que teve por fim de parar.

Encontrou um lugar à sombra, sob os ramos de um carvalho enorme, e adormeceu.

- Acorda!

Ouviu novamente a voz, enxotou com a mão e tornou a mergulhar no seu sonho. Ou se calhar devia dizer pesadelo. Quando era pequeno, quase morreu num incêndio numa hospedaria e essa memória atormentou-o a vida toda. Parecia representar uma grande perda, o fim do tempo em que fora verdadeiramente feliz – se bem que nem imaginasse porquê.

Estava a tentar, como de costume, fugir das chamas. Os corredores estavam um caos, com pessoas a correr e a chorar. Estendeu a mão para alguém que estava escondido, e estendeu-a mais e mais, sem nunca conseguir tocar na pessoa que o esperava no escuro.

Tinha as narinas cheias de fumo. Não conseguia ver, nem respirar. Não conseguia...

- Matthew!

Sentou-se com um sobressalto, e os pormenores continuavam tão vívidos que era como se tivesse novamente três anos e estivesse a descer a correr as escadas cheias de labaredas.

Mas não, estava aninhado debaixo do carvalho. Rafe Harlow, o seu irritante e enérgico irmão mais novo, estava sentado ao seu lado, e tinham os cavalos presos junto do riacho a pastar.

- Que horas são? – perguntou Matthew.

- Não sou um relógio – respondeu Rafe. – Como queres que eu saiba?

- Dormi durante quanto tempo?

- Tempo demais e estou farto de estar aqui, a ouvir-te choramingar como um bebé. Era o sonho do incêndio ou o do barco?

- O do incêndio.

Matthew sempre teve pesadelos, mas geralmente alternavam entre dois temas: um incêndio e um barco a partir. Ele e Rafe partilhavam a cama quando eram pequenos, de modo que Rafe tivera muitas oportunidades de testemunhar os gemidos de Matthew e os seus esperneios.

- Vamos embora – disse Rafe. – Quero acabar com isto.

- Mas eu não.

- Já disseste isso mais de cem vezes. És muito ingrato.

- Não sou ingrato – disse Matthew. – Estou... exausto.

- E de quem é a culpa? Foste para a farra, como se fosses um homem a caminho da forca.

- Isto vai ser difícil... toda a situação. A nossa chegada. A transferência da propriedade. Não tenho energia e, com esta ressaca, provavelmente vou estragar tudo.

- Tu estragas sempre tudo. És demasiado teimoso e inflexível... entras a matar e chateias toda a gente.

- Oxalá nunca tivesse salvado uma única alma.

- Preferias que se tivessem afogado todos?

- Não - resmungou Matthew. - Mas se tivesse sido um pouco menos nobre, ainda estaríamos na Europa, a tratar de assuntos que compreendemos.

- A ser soldados. - Rafe proferiu a palavra entre dentes, como se se tratasse de um termo carinhoso, de uma carícia.

Eram soldados: Rafe um soldado raso de categoria inferior e Matthew um capitão duro. Tinha debaixo do cinto anos a fio de combate valente. Não tinha medo de nada, nunca fraquejava nem vacilava, nunca se acobardava nem recuava e Rafe estava a conhecer os seus piores hábitos.

Ser soldados era algo que compreendiam. Era algo em que se distinguiam. Haviam sido criados num mundo de homens, e nesse mundo tinham vingado. Era isso que conheciam e de que gostavam. O que escapava a Matthew era a diplomacia e o tato. Dizia o que pensava, era sincero e executava habilmente todas as ordens e promessas.

Quem partisse do princípio de que ele não o faria, quem o julgasse mal ou o subestimasse, fazia-o por sua conta e risco. Estava muito habituado a que as coisas fossem à sua maneira.

Tinha todas as qualidades de um bom líder, era capaz de persuadir os homens a segui-lo. Com a sua força ousada e a sua coragem infalível, os homens desejavam imitá-lo, ser como ele, mas nenhum deles podia ter esperança de vir a igualar a sua brava ousadia.

E no que diz respeito às mulheres...?

Tinha limitada experiência com as mulheres que não do tipo rude e desgraçado que se encontrava nos campos dos exércitos e nas cidades portuárias. Nunca passou muito tempo na companhia de mulheres, a menos que com o intuito de que lhe prestassem serviços impudicos. A única variação era a sua recente decisão de manter uma amante.

Penelope Bernard era britânica e ele conhecera-a na Bélgica, num serão de oficiais. Era filha de um importante oficial do governo, mas, aos olhos dele, o seu comportamento não era muito diferente do de outra rameira qualquer.

Tinha vários escândalos no seu passado, razão pela qual se escondia na Bélgica, ali exilada pelo pai. O seu caminho ilícito era do conhecimento geral, por isso o casamento era uma opção pouco provável e sentia-se contente por encontrar um idiota como Matthew para lhe pagar as contas.

Nunca fora intenção dele deixar-se envolver assim, e já se perguntava o que o possuía. Mas ela era extremamente competente na cama, e um homem nunca podia descartar uma dádiva dessas.

- A que distância fica Greystone? - perguntou.

- Também não sou um mapa - respondeu bruscamente Rafe.

- Hoje estás um raio de sol, não é verdade?

- A minha ressaca é pior do que a tua, mas não me ouves a queixar de dois em dois segundos, pois não?

- Não, apenas me atormentas a cada oportunidade.

- Bem, estou farto de ti.

- Eu também estou farto de mim.

Rafe levantou-se com esforço.

- Põe-te a andar, herói de um raio.

- Não me chames isso.

- O quê? Herói?

- Sim. Sabes que não gosto desse alarido todo.

- Não era o que parecia quando estavas naquele salão todo janota do palácio, com toda a gente a aclamar o teu nome.

Matthew revirou os olhos.

- Foi uma frivolidade inútil.

- Tinhas todas as beldades do salão presas ao teu braço.

- E foi tudo.

- A Penelope ficou de nariz torcido ao ver aquele bando a babar-se por ti.

- Faz-lhe bem torcer o nariz de vez em quando.

- Sim - concordou Rafe.

Desde que Matthew se lembrava que eram só os dois, ele e Rafe. Matthew tinha trinta anos e Rafe vinte e dois. Matthew era o mais sábio e duro dos dois irmãos. Sempre cuidou e protegeu Rafe, e nunca o deixou ficar para trás.

Sendo os dois únicos irmãos da família Harlow, Rafe nunca teve de partilhar Matthew com ninguém, nem nunca teve de se bater pela sua atenção. Rafe odiava Penelope e tinha ciúmes da relação dela com Matthew, mas era um disparate inquietar-se com isso.

Ela era de uma beleza estonteante, mas comportava-se como uma rameira. Também era vaidosa e gananciosa, de modo que havia muitas coisas desagradáveis nela. Desconfiava que, se Greystone se revelasse uma bela propriedade, ela tentaria arrancar dele um pedido de casamento.

Matthew não era contudo néscio; se alguma vez viesse a casar, nunca escolheria uma pirralha mimada e imoral. Casaria por amor e afeto, coisas que julgava ter tido em tempos, mas que perdera pelo caminho.

Rafe emanava encanto e carisma, a sua coragem e ousadia eram indiscutíveis, mas no seu íntimo era uma criança e Matthew nunca escolheria Penelope em detrimento de Rafe. Os laços que uniam Rafe a Matthew eram inquebráveis e eternos.

- Vamos - instou novamente Rafe. - Não sabemos que distância ainda temos de percorrer e eu preferia não chegar depois de escurecer.

- Também eu.

Com a cabeça a latejar, Matthew levantou-se a sacudir a roupa enquanto Rafe preparava os cavalos. Montaram e seguiram viagem, com o nome da nova propriedade, Greystone, a ecoar a cada batida dos cascos.

Cerca de uma hora depois, chegaram a um portão, onde um arco pretensioso por cima da entrada tinha gravado na pedra a palavra *Greystone*. Entraram a cavalo e estudaram o caminho sinuoso por entre o bosque, onde ainda não se via a casa.

- Pronto? - perguntou Rafe.

- O mais que é possível estar.

- Vou chegar primeiro.

- Isto não é uma corrida - ralhou Matthew. - Não quero entrar a galope como se fôssemos um par de bandidos a preparar um assalto.

- Achas que os criados sabem que estamos a chegar?

- A casa está deserta. Pelo menos, foi o que me disseram.

- Como arranjamos ajuda?
- Rafe, nós vivemos em aquartelamentos militares durante... o quê? Quinze anos? Vinte?
- Sim.
- Conseguimos arranjar-nos por uns dias.
- Sim, acho que vamos sobreviver.
- Além disso, imagino que estejam todos na vila, à espera de saber se os vou deixar ficar.
- E vais?
- Depende se gostar do ar deles ou não.
- É o que dizes dos soldados sob o seu comando.
- O animal é o mesmo. - Fez um aceno de cabeça para o caminho. Vai à frente.
- Não, primeiro *tu* - insistiu Rafe. - A propriedade é tua. Deves conduzir-nos.

Matthew podia ter considerado que Rafe estava a ser cortês, não tivessem as suas palavras carregadas de sarcasmo.

Desde a noite do seu alegado ato heroico que viam todos os salamaleques como aborrecidos e ridículos. Ele estava naquela praia deserta por acidente, a ver um navio naufragar nos mares profundos, para depois ser arremessado contra as rochas afiadas da costa. Afundou depressa, com a água a varrer o convés.

Os passageiros começaram a saltar para as vagas, e quase todos eram mulheres e crianças. Ele sempre foi um nadador forte e tinha a coragem de um leão, por isso mergulhou e começou a salvar pessoas. Fez um belo trabalho, salvando quase toda a gente, tendo-se perdido para a tempestade apenas um punhado de membros da tripulação e algumas crianças pequenas.

Veio a saber mais tarde que o navio estava repleto de famílias de oficiais britânicos de alta patente. Iam visitar os maridos e pais à Bélgica. E, claro, três deles eram primos prediletos da família real. Depois dessa descoberta, as intenções de Matthew de ignorar o incidente evaporaram-se por completo.

Foi condecorado, elogiado e aclamado até ao embarço. A última gota de água foi receber Greystone como recompensa pelo seu heroísmo junto da Coroa e dos cidadãos britânicos. Era tudo demais, e a sua intenção era declinar, mas Rafe fizera-lhe ver a razão antes que ele pudesse tomar uma decisão tão inconsequente e estúpida.

Embora ninguém lhe desse ouvidos, Matthew insistia que se limitara a comportar-se como qualquer outro homem, mas as honras foram-lhe atribuídas apesar dos seus protestos. Os aplausos foram tão pronunciados que acabou por encolher os ombros e decidir desfrutar do momento. Era interessante ter alguma coisa diferente a acontecer, para variar, algo que não fosse lutar, estropiar e matar.

Seguiram a cavalo pelo bosque, Matthew de olhos alerta, a contemplar as árvores e o céu azul acima das suas cabeças. O bosque abria num pomar e depois em prados verdes, onde os cavalos pastavam e brincavam.

Depois de contornarem uma curva, ela ergueu-se diante deles. Greystone Abbey. Era enorme, sólida, feita de tijolo cinzento e com a forma de um castelo antigo, com torreões nos cantos - torreões! -, com hera a trepar pelas paredes.

- Ei-la - disse Rafe. - O que te parece?

Matthew fez um esforço para se mostrar indiferente.

- Bom, serve.
- Se serve! Sacana sortudo.

Ficaram ali a olhar, de boca aberta, impressionados com a grandiosidade e majestade da propriedade. Estavam à espera de uma casa robusta e pequena, talvez com um pouco de terreno e um jardim cuidado. Não de um castelo adequado a um rei. Pomares, manadas de gado e cavalos a correr pelo pasto.

Matthew assobiou e abanou a cabeça.

- Meu bom Jes...

- Como podes ter sequer pensado em recusar isto, Matthew? - perguntou Rafe. - Tens a certeza de que estamos no sítio certo?

- Tenho. Sabemos ler os dois. A gravação na entrada diz Greystone. Duvido que haja duas propriedades com o mesmo nome nesta área do país.

- Provavelmente não há. - Rafe olhou de relance para ele, com um sorriso matreiro e contagioso. - Estás pronto para isto?

- Dá-me um minuto. - Matthew estudou a mansão, com os estábulos nas traseiras e os montes ondulantes mais além. Era evidente que os criados continuavam na casa. Via pessoas a desempenhar as suas funções.

Rafe reparou no mesmo.

- Ninguém se foi embora.

- Não, parece que não.

- Se os criados estão aqui, provavelmente os Merrick também estão. E se estiverem, isto pode ser difícil.

- Efetivamente, pode - concordou Matthew.

A mansão Greystone pertencera anteriormente a um homem chamado Harold Merrick, que arquitetou uma enorme falcatrua financeira. A fraude enganou vários dos mais nobres aristocratas do reino, assim como o príncipe regente e o duque de York.

Consequentemente, o senhor Merrick tinha perdido tudo e sido preso, tendo depois o bom senso de se enforcar na cela antes de ser posto num navio para as colónias da Austrália. A sua queda levava à ascensão de Matthew em termos de prosperidade e, embora ele detestasse pensar na perda do senhor Merrick, este tinha claramente sido um idiota, de modo que não conquistava simpatias.

Contudo... e a sua família? Se ainda vivessem lá, sentindo-se ofendidos e roubados da sua herança, não haveriam de gostar de ter Matthew a entrar por ali a cavalo.

- Vamos trocar de casacas - disse Matthew.

- O quê?

- Serás o capitão Harlow por uns dias.

- Uma promoção! Que maravilha! Vou receber um aumento de rendimentos?

- Não.

- Mas serei teu superior?

- Nunca serás meu superior, espertinho. Vamos apenas fazer um jogo junto dos ocupantes da casa até percebermos o estado da propriedade.

- Vão pensar que sou tu, mas quem serás tu?

- Serei o soldado Rafe Harlow, o seu amigo e conselheiro de confiança.

- Se usarmos o mesmo apelido, teremos de admitir que somos irmãos.

- Está bem, mas nunca ninguém acredita que somos.

E na verdade não eram. Matthew tinha sido criado pelos pais de Rafe, que o acolheram depois do incêndio, quando era pequeno. Os pais de Matthew tinham morrido na tragédia e, naquele rescaldo caótico, a mãe de Rafe – que também estava na hospedaria – levou-o para casa para o que deveria ser um breve período.

No entanto, nenhum familiar procurou Matthew, e a senhora Harlow nunca conseguiu encontrar nenhum. Pelo menos, foi o que ela disse. Partira do princípio de que era estéril, e assim ficou com Matthew e criou-o como seu. Depois, veio Rafe, que a matou ao nascer. A partir daí, tinha sido uma espiral descendente.

Declaravam, contudo, ser irmãos, embora não fossem nada parecidos. Tinham os dois um metro e oitenta e três e a estatura dura e aperfeiçoada dos soldados, mas o cabelo de Rafe era de um louro dourado, encantador e enérgico. As mulheres olhavam-no com grande interesse quando ele passava.

Matthew também era belo, mas tinha uma aparência mais madura, mais grosseira e descuidada. Tinha o cabelo escuro e os olhos de um azul intenso, com um ameaçador ar de perigo e ousadia; era mais ladrão de carruagens do que cavalheiro. Quando ficavam lado a lado, podiam muito bem ser o anjo e o demónio, o par perfeito para ser pintando por um artista no teto de uma igreja.

- Quanto tempo tenho para ser capitão? – perguntou Rafe.

- Provavelmente, um dia ou dois. Vou perceber melhor qual é a situação se ninguém souber do meu estatuto.

- Posso ser arrogante e impertinente?

- Podes, mas se ficares demasiado insuportável, eu aviso.

- Eu nunca seria *demasiado* insuportável. Sou maravilhoso. Pergunta a qualquer senhora.

Matthew bufou, enfasiado.

- Dá-me o teu casaco.

Rafe abriu um sorriso.

- E depois posso pôr-me a dar-lhe ordens, como sempre me fizeste?

- Não. Agora cale-te e dá-me o teu casaco.

2

Clarissa Merrick percorreu o caminho do bosque, com um cesto enfiado no braço. Tinha dito a Angela, a prima, que ia apanhar flores à floresta, mas a verdade é que fugia à tensão que havia em casa. A vida com os Merrick nunca foi calma nem pacífica, mas os últimos anos tinham sido especialmente difíceis.

Harold Merrick, o patriarca da família, morreu na prisão antes de ser transportado para as colônias penais. Mas, para além desse horrível destino, tinha recebido muitas outras sentenças como castigo pelos seus humilhantes logros. A pior foi a perda de Greystone, um choque para todos, mas especialmente para Clarissa, que via a mansão como sendo o seu lar e não se imaginava a ter de sair.

A ameaça de despejo pairava sobre todos, lançando uma mortalha sobre todos os acontecimentos e decisões enquanto esperavam para saber o que iria acontecer.

Roland, o irmão de Angela, passou todos os segundos desde a queda a lutar para salvar a propriedade, a lutar para assegurar que os herdeiros de Harold – nomeadamente Roland – conseguiriam manter o que fora a residência ancestral dos Merrick durante dois séculos. Até então, perdera todos os recursos, mas continuava a esforçar-se.

Clarissa tinha ido viver com os Merrick aos dez anos, quando a mãe morreu. Não se conseguiu localizar o pai e Clarissa não tinha para onde ir. A infância com a mãe tinha sido incrivelmente difícil, com pouco para comer e um esforço constante para seguirem um passo à frente dos cobradores de dívidas, por isso a mansão Greystone pareceu-lhe o paraíso.

Podia ter acabado num orfanato, mas um padre bondoso persuadiu Harold – primo distante da mãe – a convidá-la para ficar em Greystone. Haveria de ficar sempre grata por esse gesto caridoso, mas Angela e Roland Merrick não eram as pessoas mais agradáveis para se viver. Eram muito emocionais, com tendência a explosões exageradas e ataques de raiva.

Clarissa era reservada e pragmática, atenciosa e sincera, de modo que raramente participava nas explosões frenéticas, e por isso nunca encaixara verdadeiramente. Além disso, era a parente pobre, que beneficiava da caridade deles, algo que nunca a deixaram esquecer.

Tinha a mesma idade de Angela, vinte e cinco anos, e Harold achou que seriam ótimas amigas. Mas Angela achava Clarissa um estorvo e tratava-a como uma criada. Não, tratava Clarissa pior do que tratava as criadas.

Angela era maliciosa e cruel, mas Clarissa estava habituada. Não compreendia como era possível que uma pessoa fosse tão odiosa e mesquinha, mas não tinha como mudá-la. Havia apenas uma aceitação muda e uma firme determinação em evitar Angela quando ela estava irritada.

Clarissa via as chaminés da mansão através das árvores. Fez uma pausa para desfrutar da vista, embora se perguntasse quantas vezes mais teria oportunidade de passear pelo bosque e espreitar o esplendor daquele lugar.

E se Roland ficasse sem mais oportunidades de recurso? O que seria deles? Não fazia ideia.

Recomeçou a andar, com um suspiro de pena. Não se podia esconder na floresta para sempre, mas quando dobrou a curva no caminho que a levaria aos jardins cuidados, tropeçou e o cesto caiu ao chão.

Havia um soldado a bloquear-lhe o caminho e a sua casaca vermelha era uma explosão brilhante de cor nos tons verdes da folhagem. De costas para ela, ele fitava intensamente a mansão, como se ponderasse algo, como se tomasse o poder. Ouviu o cesto dela cair na terra e afastou-se como se previsse um ataque.

O seu olhar severo impressionou-a e ela ficou boquiaberta, sem saber bem se devia continuar ou fugir na direção oposta.

Ele era muito alto – mais de um metro e oitenta –, mas não foi a altura que a desconcertou.

Havia nele um ar de autoridade, de poder e capacidade, que era tão inquietante que radiava para ela como um objeto tangível.

Grandioso e imponente, imperioso e esplêndido, tinha ombros largos e cintura estreita. O seu cabelo era negro, comprido e amarrado com uma fita de couro, e tinha os mais espetaculares e hipnotizantes olhos azuis. Nunca tinha visto uns olhos assim.

Estava bronzeado e em boa forma física. Era musculado e tonificado, a sua estrutura masculina dava mostras de uma atividade física concentrada, de horas passadas ao ar livre, dedicadas a atividades viris.

- Minha senhora. - Baixou a cabeça num gesto de saudação. - Surpreendeu-me.

- Peço desculpa, mas não esperava que estivesse alguém aqui nos bosques. - Sorriu, mas ele não retribuiu o sorriso. - E não é senhora. É menina.

- Espero não a ter assustado, menina...?

- Merrick. Clarissa Merrick.

- Faz parte da família Merrick?

- Sim.

- Filha?

- Não.

- Qual é a sua relação com o senhor Harold Merrick?

Fez as suas perguntas rudemente, o seu tom severo impossibilitava uma recusa em responder, e porque não haveria ela de responder? Não havia motivo para *não* lhe falar da sua ligação a Harold.

- O Harold era primo da minha mãe.

- Estou a ver.

Estudou-a, e o seu olhar preguiçoso traçou uma rota descendente e imprópria pelo corpo dela, até aos pés, e depois tornou a subir.

Ela queria perguntar: *O que acha que... vê?*

Mas não o fez. Sabia que conclusões se tiravam quando uma mulher da idade dela anunciava ser uma prima insignificante. Pintava visões de um fardo indesejado, um esforço financeiro e, se a declaração não lhe deu uma pista sobre o seu estatuto, decididamente as suas roupas teriam dado.

Com o seu cabelo louro e os olhos azuis, era bonita quanto baste, mas nunca teve rendimentos, pois Harold sentia que já tinha feito muito por ela pelo simples facto de lhe ter dado abrigo. O guarda-roupa de Clarissa era composto pelas peças de que Angela não gostava e, como era tão maldosa, dava-lhe os vestidos que sabia menos a favorecerem.

Clarissa tinha-se tornado uma excelente costureira, aprendera a arranjar a roupa que a prima lhe dava, mas não podia alterar as cores dos tecidos.

Angela desfazia-se sempre de vestidos que conferiam um ar deslavado à pele de Clarissa, fazendo-a parecer pálida e adoentada. Clarissa geralmente tentava sempre parecer reservada e discreta, para não recordar a Angela e a Roland que ocupava espaço que eles preferiam não lhe dar.

O vestido que usava nesse momento adequava-se à imagem de modéstia que geralmente procurava dar. Era cinzento e tinha um rebordo branco no pescoço e nos punhos. Podia ser uma governanta deselegante ou uma ama infeliz.

- Porque continua a família a viver aqui em casa? - perguntou ele.

- E porque não haveríamos de continuar? - Franziu o sobrolho, dando-se conta de que não fazia ideia de quem ele era nem porque estava ali à espreita. Não tinha nada que a pressionar para obter informações.

- Deixa-me em desvantagem, senhor. Não fomos apresentados.

- Não, não fomos.

Não acrescentou mais nada, não partilhou com ela a sua identidade, como devia ter feito. Em vez disso, avançou em sua direção em passo de marcha, percorrendo a distância que os separava em quatro passos.

Clarissa manteve-se firme, vendo-o aproximar-se, e calculou que devesse sentir receio. Afinal, estava sozinha e longe de casa. Não sentiu, contudo, perigo. Ele emanava poder e controlo, mas não transmitia nenhuma sensação de ameaça.

Avultou-se junto a ela, e as biqueiras das suas botas deslizaram debaixo da bainha da saia de Clarissa. Era de uma grosseria incrível, ele aproximar-se tanto e, em circunstâncias normais, ela teria recuado. Mas era evidente que ele esperava intimidá-la, e não conseguiria fazê-lo.

Viveu quinze anos com Angela e Roland e, se não se sentia intimidada por eles, seguramente não se sentiria por um desconhecido.

Ergueu o rosto para os olhos azuis dele e a coisa mais estranha aconteceu com aquela proximidade, era como se houvesse uma onda de energia a passar entre eles, como se o ar à sua volta ganhasse vida. Nunca ela tivera tal reação e perguntava-se o que a estaria a provocar.

A sua experiência com homens era limitada e nunca tivera um namorado, se bem que, em tempos, um rapaz seu vizinho se tivesse interessado por ela, quando tinha dezassete anos.

Tinha decidido ir para a Índia procurar a sorte e marcou a passagem num navio de passageiros, onde trabalhou para a pagar. Clarissa também podia ter feito o mesmo e ele implorara-lhe que se casasse com ele e o acompanhasse, mas Angela pusera rapidamente fim ao plano assustando Clarissa com histórias de perigos e miséria.

Angela não precisava, contudo, de ter alimentado medos. Clarissa recusara simplesmente por não sentir afeto pelo rapaz. Ele beijou-a algumas vezes - a única incursão dela em aventuras de amor -, mas os avanços dele eram, na melhor das hipóteses, tépidos.

Ela percebeu que ele era cobarde demais para fazer a viagem sozinho e não havia mais nenhuma rapariga a quem pudesse pedir que o acompanhasse. Ela era a única que tinha uma ligação frágil àquela terra e podia ter partido com ele.

Mas nunca se sentiu especial nem desejada. Nem quando era pequena, pois a sua mãe vivia sobrecarregada. Nem pelos familiares, que a contragosto a deixaram ficar com eles. Nunca teve grande coisa na vida, mas se alguma vez tivesse a oportunidade de se casar, seria com um homem que a amasse - e claramente não era esse o caso do seu tépido pretendente.

Como aqueles avanços indiferentes constituíam a sua incursão nos domínios da paixão, ela não sabia que a proximidade física de um homem belo podia gerar tal turbulência. Seria comum? Ocorreria frequentemente entre homens e mulheres? Ou será que a química pessoal dos dois impregnava o ar de maneira inaudita?

- O seu nome, senhor - exigiu com o tom mais severo de que foi capaz. - Insisto que mo diga, podendo depois explicar porque se esconde nos nossos bosques.

Ele não esclareceu a sua presença ali, dizendo antes:

- A menina é muito buliçosa, não é?

Ela podia ter soltado uma gargalhada perante aquela avaliação. *Buliçosa* era a última palavra do mundo que ela usaria para se descrever.

- Nem por isso, e o senhor não respondeu à minha pergunta. Quem é e o que o traz a Greystone?

- Sou Mat... - A sua voz tornou-se um fio e ele recomeçou: - O meu nome é Rafe Harlow.
- Que difícil é para si lembrar-se do próprio nome. Porque será? É falso? Anda a fugir do exército?
- Não, não ando a fugir. O que a levaria a suspeitar de algo tão caricato?
- Está escondido na floresta, e não se lembra de quem é.
- Eu sei quem sou, e não estou escondido.
- Não está?
- Não. Estou de licença.
- De licença? - desdenhou ela.
- Sim.
- Mas do regimento?
- Sim?
- Qual é a sua patente?
- Sou soldado.
- *Soldado* Rafe Harlow? - Ela exalava descrença. - Deveras?
- Sim.

Recuou finalmente um passo, mas não porque tivesse medo dele. Fazia um escrutínio, ao seu comportamento e pose masculinos. Ele era tão impressionante e cativante, se lhe tivesse dito orgulhosamente que era general, ela teria acreditado completamente. Se ele era soldado, ela comeria o seu chapéu!

- Está a mentir - disse ela. - Em tudo.
- Estou?
- Está.

- E porque haveria de me dar a esse trabalho?

- Isso é o que eu estou a tentar descobrir. Agora, admita o que está a preparar, senão vou a casa buscar uns lacaios para o mandarem embora.

Ela soube que aquele aviso era inútil mal o proferiu. Tinha a certeza de que ninguém o conseguiria *mandar* a lado nenhum, muito menos um punhado de criados velhos e artríticos.

Ele bufou, com desagrado.

- Lacaios nenhum me dá ordens.

Virou-se e dirigiu-se novamente à orla das árvores, ao lugar onde terminava o bosque e começavam os jardins. Estudou a mansão, os relvados bem cuidados, os cavalos na pastagem. Era uma paisagem bucólica, do género que um artista poderia pintar se quisesse retratar uma tarde de verão perfeita no campo inglês.

Ela estava atrás dele, a pensar se deveria avançar para o seu lado. Gostaria de passar por ele, de continuar até à mansão para informar Roland de que havia um intruso à espreita, mas a maneira como o soldado Harlow avaliava a propriedade desconcertava-a. Como se fosse o seu pequeno reino. Como se governasse tudo aquilo que observava.

Ela não o podia deixar ir embora sem explicar porque andava por ali a espiar. Hesitando, apanhou o cesto e dirigiu-se a ele. Ele ouviu os seus passos, mas não olhou para ela.

- Porque está ainda aqui a família? - tornou a perguntar. - Disseram-nos que tinham partido.

- Quem é o *nos*?

- Eu e o meu irmão mais novo, Matthew Harlow.

- Onde está ele?

Fez um gesto para a mansão.

- Em casa, a apresentar-se.

- Estive a apanhar flores. Não me apercebi de que tínhamos visitas.

- Não têm. *Visitas*, quero eu dizer.

- Como assim?

- Não tardará a descobrir - disse ele, como uma ameaça. - Diga-me porque ainda estão todos aqui.

Ela fez uma careta.

- Porque haveríamos de ir embora?

- Porque a casa foi confiscada e porque foram despejados.

- Não fomos despejados - declarou ela com firmeza, mas uma insinuação de dúvida penetrou nela.

O que sabia ela, de facto, sobre o atual estado dos assuntos da família?

Embora fosse uma prima Merrick e vivesse há anos em Greystone, Roland e Angela viam-na como uma intrusa. Durante as recentes dificuldades e tribulações de Harold, Clarissa tivera de saber as novidades através dos mexericos dos criados.

Teria havido julgamento? Foram despejados? A ideia era tão chocante que ela não podia acreditar.

Durante as últimas semanas, Angela mostrara-se mais carrancuda do que nunca e Roland, mais bruto e rude. Mas, se era chegada a hora de fazer as malas e partir, teriam dado a toda a gente algum tempo para iniciarem os preparativos. Ou não?

Mal pensou nessa hipótese, pô-la logo de lado. Roland e Angela eram extremamente egoístas. Nunca lhes passaria pela cabeça preocuparem-se com os criados ou com Clarissa.

Roland insistia sempre que estava a fazer bons progressos em tribunal, que tinha os funcionários públicos do seu lado e que em breve a disputa se resolveria a favor de Roland. E se não fosse assim?

O soldado Harlow não parecia ser o tipo de homem que mente ou prega partidas. E também não era do género de dizer factos incorretos.

Um pensamento mais inquietante abalou-a. Estaria o exército ali presente para assegurar a saída dos Merrick? O soldado Harlow dissera que o irmão, Matthew Harlow, estava no interior da mansão. Também seria soldado? Haveria mais tropas? Teriam sido invadidos por soldados?

- Porque está aqui o exército? - perguntou ela. - Não pode ser uma situação tão desesperada que seja necessária uma intervenção militar.

- Não está aqui o exército. Só eu e o meu irmão.

- Vieram aqui para... o quê? Levar-nos? Prender-nos? Sob que acusação? O único crime que cometemos foi sermos familiares de Harold.

- Não estão acusados de nada.

- Então?

- O *capitão* Harlow está aqui para...

- O capitão Harlow é... o seu irmão?

- É. Veio assumir o comando.

- De quê? De Greystone?

- Sim.

- E porquê?

- Foi-lhe oferecida como recompensa por serviços prestados à Coroa e ao povo de Inglaterra.

Ficou imóvel, a observá-la - como se as notícias tivessem um significado, como se estivesse curioso por conhecer a reação dela. E tinham de facto *significado* para ela. Não havia ninguém no reino que não tivesse ouvido falar do naufrágio do navio *Tempestade Real*. O barco cruzava o canal, levando as mulheres e os filhos dos oficiais de mais elevada patente da Grã-Bretanha.

Naufragara em mares revoltos e o capitão Harlow resgatara, com uma destreza ímpar, a maior parte dos passageiros. Era o tema de conversa da nação inteira, o seu nome vinha à baila em todas as conversas. Nesse preciso momento, estava em Londres, a ser inundado de elogios, congratulações e honras.

Seguramente ele não teria tempo na sua ocupada agenda de herói para viajar até ao seu cantinho no mundo. Certamente um indivíduo tão notável e venerado estaria na cidade, onde as suas legiões de admiradores devotos o podiam inundar de presentes e elogios.

- Está a dizer-me que o capitão Matthew Harlow está aqui em Greystone? - perguntou ela.

- Sim.

- É seu irmão?

- Ah... sim.

- A propriedade agora pertence-lhe?

Ele anuiu.

- Sim.

- Quando lhe foi dada? - perguntou ela.

- Há umas semanas, mas devia estar desocupada. Deviam todos ter ido embora.

- Em que data?

- Roland Merrick já não é o dono há mais de um ano.

Ela ficou boquiaberta.

- Um ano?

- Sim, e todos vocês tinham seis meses para organizar a vossa vida e partir.

Um ano! Seis meses! Sentia-se tão desanimada que não conseguia recuperar o fôlego. Que típico e inconsequente de Roland não informar ninguém. Era próprio dele deixar que uma catástrofe se abatesse sobre eles sem aviso. Ia estrangulá-lo, sem dúvida!

Greystone podia não ser o melhor refúgio do mundo, e talvez Clarissa nunca tivesse sido extremamente bem-vinda, mas era a sua *casa*. Era o único lugar onde ela se sentia em segurança, onde minimamente sentia que pertencia - ainda que apenas na sua mente, e não da dos seus odiosos familiares.

- A Angela sabe disto? - perguntou. - E o Roland?

- Preste atenção, menina Merrick. O Roland sabe há mais de um ano, e quem é a Angela?

- A irmã dele.

- Não acredito que ela não o soubesse também, mas ainda não respondeu à minha pergunta, de modo que a coloco de novo. Porque estão todos aqui? Porque não partiram?

Baixou os olhos para ela, aqueles olhos azuis penetrantes que procuravam informação, exigiam explicações que ela nunca lhe daria.

Apesar de todos os defeitos e fraquezas de Roland, Clarissa era muito leal. Sentia-se grata pelo abrigo e sustento que ele e o pai sempre lhe proporcionaram e nunca trairia um segredo ou confiança. Também nunca admitiria que o estatuto que ocupava na casa era tão baixo que nunca teria ocorrido a Roland partilhar com ela quaisquer pormenores.

O seu pulso latejou de repente com medo, e começou a caminhar. Estava desesperada por falar com Angela, mas, antes de poder ir-se embora, ele estendeu o braço e agarrou-lhe o pulso.

- Onde vai? - perguntou ele.

- Tenho de falar com os meus primos.

- Sobre o quê?

- Sobre as suas alegações.

- Não são alegações, menina Merrick. São a pura verdade, por Deus.

Ela estudou o seu olhar azul de aço, a pose firme e reconheceu, de coração esmagado, que Greystone já não lhes pertencia. Para onde iriam? O que fariam? Será que o capitão Harlow lhes ordenaria que saíssem imediatamente? Desceriam a rua a marchar, envergonhados e humilhados, apenas com a roupa do corpo?

Nem podia pensar numa situação tão humilhante.

- Liberte a minha mão, soldado Harlow.

Soltou-se bruscamente e começou a correr.

- Menina Merrick! - chamou ele, mas ela ignorou-o e continuou a correr.

Também ela chamava:

- Angela! Angela, onde estás? Preciso de falar contigo!

O soldado Harlow gritou para ela, com um comentário que ela desconfiava que devia ter escutado, que teria sido importante e vital, mas, na sua pressa para se afastar, não o ouviu.

Deteve-se e olhou para trás. Ele estava de pé no caminho, de pés afastados, as pernas firmes e os braços cruzados sobre o peito escultural. Parecia um pirata, qual bandido inclinado a destruir, um anjo negro enviado para provocar o caos entre os meros mortais.

- Voltaremos a ver-nos - disse ele. - Muito em breve.

Ela afastou-se e prosseguiu o seu caminho.

3

Clarissa estava a explodir por dentro, atravessando a correr o átrio ornamentado, dirigindo-se escadas, quando Edwina saiu da sombra ao fundo do corredor. Fez um gesto frenético para que Clarissa se lhe juntasse.

Edwina Edwards, a quem a família e os amigos chamavam Eddie, tinha dezoito anos, era bonita, roliça e alegre. Era a irmã mais nova que Clarissa gostaria de ter caso pudesse escolher. Eddie compreendia os absurdos da vida, entendia o tipo de fortaleza necessária para se viver com Roland e Angela.

Quando os pais dela morreram de gripe, Harold Merrick foi designado seu tutor, por isso ela mudou-se para Greystone em pequena e passou a adolescência sob a guarda de Merrick. Com a morte de Harold, a custódia da rapariga passou para Roland.

Ficara órfã aos dez anos, a mesma idade que Clarissa tinha quando perdeu a sua mãe. Esse facto bastou para as aproximar, mas, além disso, também Eddie era vista por Roland e Angela como uma intrusa, tal como sempre sucedera com Clarissa. Mas pelo menos esta podia alegar um grau de parentesco. Eddie não tinha nada a reclamar e, ao longo dos últimos anos, fora uma bênção que Eddie tivesse um dote em que Roland não podia tocar.

Quando a sorte de Roland começou a afundar, ele sugeriu mali ciosamente que talvez Eddie e ele devessem casar. Tratava-se de uma ideia que fazia Clarissa e Eddie morrer a rir. Eddie sabia que Roland era um palerma.

- Não vais acreditar em quem está aqui - disse Eddie, arrastando Clarissa para uma sala deserta e fechando a porta.

- Ouvi dizer que é o capitão Matthew Harlow.

- Oh, estragaste-me a novidade. A minha intenção era surpreender-te.

- Então é verdade? É o capitão Harlow?

- Esse mesmo. Está na sala das visitas com a Angela.

- Conseguiste ouvir alguma coisa?

- Não. A Angela enxotou-me.

- Onde está o Roland?

- Provavelmente, na cabana do coiteiro.

A cabana estava desocupada e, ultimamente, com ele e Angela sempre às turras, estava a viver lá, o que conseguira definitivamente acalmar um pouco a tensão lá de casa.

- Conseguiste perceber porque veio até aqui o capitão Harlow? - perguntou Clarissa.

- Não. A Angela apresentou-me e depois pediu-me que saísse.

- Acabei de falar com o irmão mais velho dele no bosque...

- O irmão também cá está?

- Também.

- É lindo como um deus grego?

Clarissa revirou os olhos. Eddie lia novelas românticas e fazia listas de solteiros disponíveis, chegando até a passar em revista os jornais londrinos para poder manter-se informada das perspectivas matrimoniais de diversos filhos de famílias importantes.

Queria casar com um sedutor galante, mas infelizmente não havia nenhum candidato

adequado por aquelas bandas (Eddie verificara) e nunca ia à cidade, de modo que não encontrou alguém que lhe estimulasse a fantasia.

- É - disse Clarissa. - O irmão é um homem belíssimo.

- Eu sabia que devia ser - disse Eddie de rajada. - Devem ter uma árvore genealógica maravilhosa. Espera só até veres o capitão Harlow. Nunca mais serás a mesma.

- Tenho a certeza de que vou sobreviver. - O entusiasmo efervescente de Eddie deixava muitas vezes Clarissa exausta. - Escuta, Eddie. O capitão Harlow é *dono* de Greystone.

Eddie franziu o sobrolho.

- O quê? Como pode isso ser possível?

- Foi-lhe dada pela Coroa, como recompensa pela sua bravura no naufrágio do *Tempestade Real*.

- Tens a certeza?

- O irmão insistiu que Roland perdeu o último recurso há um ano.

- Um ano! Não, não, isso não pode ser. Continua a abrir processos judiciais. Ainda ontem falava disso.

- Segundo parece, já nos devíamos ter ido embora. Os Harlow esperavam encontrar a casa vazia e fechada.

- Mas... o que vai acontecer agora? Então, e nós?

- Não faço ideia, mas imagino que não venha aí nada de bom. O Harlow é um sujeito bastante... *imponente*. Se o irmão mais novo tiver uma fração sequer da mesma arrogância, não pode ter em mente os nossos interesses.

- Tenho um mau pressentimento em relação a isto.

- Eu também. Manda alguém chamar o Roland. Ele tem de vir aqui a casa. Eu vou apresentar-me ao capitão Harlow.

Eddie riu-se.

- És uma descarada!

- Descarada, não. Estou apenas decidida a colher informações... informações que não consigo obter dos meus próprios familiares.

- A Angela vai expulsar-te de lá.

- Ela que tente.

Clarissa afastou-se, dirigindo-se à sala das visitas. A porta estava fechada e o mordomo encontrava-se do lado de fora. Quando ela se aproximou, percebeu que ele estava a abarrotar de curiosidade, mas que não se atrevia a perguntar-lhe o que se passava.

- A menina Angela tem um visitante - murmurou ele.

- Sim, o capitão Harlow - sussurrou Clarissa de volta.

- Não sabe porque é que ele está... aqui?

- Julgo saber. - Clarissa deu-lhe uma palmadinha no braço. - Explico tudo depois de falar com ele.

Os criados estavam extremamente nervosos quanto aos possíveis desenvolvimentos. O mordomo tinha a noção clara de que, com Roland no comando, todos se encontravam gravemente em risco. Anuiu e abriu a porta para que ela pudesse entrar.

Angela estava no sofá, sentada ao lado do capitão Harlow. Era uma mulher bastante comum,

baixa e magra, de cabelo louro platinado frouxo e olhos castanhos austeros. Não era bonita e sabia disso. Era desengraçada e sem lustro, as suas feições descarnadas e amargas e, ali sentada ao lado do capitão Harlow, parecia ainda mais comum do que o habitual.

Ele não se parecia minimamente com o irmão perigoso, de cabelo negro; na verdade, era o completo oposto daquele homem carrancudo e pomposo.

Tal como o irmão, estava bronzeado e em boa forma, mas tinha um cabelo louro dourado e olhos azuis brilhantes. Parecia feliz e de bom humor, sem aquele ar carrancudo e imperioso de quem dá ordens.

Também era muito jovem, demais para ser oficial ou para ser o herói nacional que tinha fama de ser. Clarissa era capaz de jurar que tinha lido que o capitão Harlow tinha trinta anos. Aquele... *rapaz*, por mais belo que fosse, pouco mais velho era do que Edwina.

Ele e Angela falavam muito amigavelmente, o que era estranho. Dir-se-ia que Angela estava a conversar com o namorado. Pela maneira como ela sorria e murmurava, não havia dúvida de que namoriscava com ele... mas, com o capitão Harlow ali para lhes confiscar a casa, o comportamento dela era bizarro.

Teria o capitão Harlow esclarecido o seu propósito? Acaso compreendera Angela a razão da sua vinda?

- Angela - explodiu Clarissa -, peço desculpa por interromper, mas ouvi dizer que temos um convidado importante.

Angela mal conseguia disfarçar a careta de censura. Era evidente que estava a gostar de ter o capitão só para si. Mas mal foram revelados os seus verdadeiros sentimentos, suavizou a sua expressão e desfez-se em sorrisos. Nunca permitia que alguém visse o seu verdadeiro «eu».

- Sim, Clarissa, temos uma grande honra hoje. Deixa-me apresentar-te o nosso herói de guerra britânico, o capitão Matthew Harlow.

- O capitão Harlow! Meu Deus! - Clarissa ficou radiante, como se acabasse de descobrir a identidade dele. - O que o traz ao nosso cantinho do mundo?

Clarissa fitou-o e teve de admitir que ele tinha muito boas maneiras. Levantou-se de um salto, agarrou-lhe na mão e fez uma verdadeira vénia.

Não teve oportunidade de responder à pergunta de Clarissa, porque Angela interrompeu-o:

- Meu caro capitão Harlow, esta é a minha prima, a menina Clarissa Merrick.

Caro capitão? Ele já era *caro* para ela?

- *Encantado*, menina Merrick - respondeu ele.

- Igualmente.

Clarissa estava a ser mais ou menos sincera. Ele era um sujeito cativante, de quem era fácil gostar. Emanava uma jovialidade, como se deslizesse pela vida a passear e a brincar, e Clarissa não conseguia associar as ousadas histórias de bravura ao homem que se encontrava à sua frente.

Não havia nele nada de intrépido ou destemido. Lembrava-lhe um cachorrinho, um potro brincalhão a descobrir as próprias patas.

- A Angela e eu estamos a conversar - disse ele.

- Estão?

Clarissa ficou perplexa ao ouvi-lo chamar Angela pelo nome próprio. O par conhecia-se há uns escassos minutos. Porque teria Angela permitido aquelas liberdades? Clarissa fulminou a prima com o olhar, exigindo em silêncio uma explicação, mas Angela limitou-se a retribuir com o seu sorriso felino.

- Angela, o capitão Harlow ter-te-á, porventura, contado qual a razão da sua visita? -

perguntou Clarissa.

- Ora, sim, sim, Clarissa. O Roland e eu temos estado à sua espera há algum tempo.

- Têm? - perguntou Clarissa secamente.

Havia mil e uma perguntas a que Clarissa podia ter dado voz: *Porque não me disse nada? Porque não contou a ninguém? Não preparámos nada. O que havemos de fazer?*

Mas com o capitão Harlow presente, Clarissa não podia interrogar Angela.

Clarissa virou-se para o capitão.

- Conheci o seu irmão no bosque.

- O que achou dele? - quis ele saber. - É algo intimidante, não? É o que toda a gente diz.

- Ele diz que Greystone agora é seu.

- Sim, é verdade.

O ânimo de Clarissa esmoreceu. Ainda tinha alguma esperança de que o irmão fosse um mentiroso, embora desconfiasse de que não o fosse. Era demasiado confiante, demasiado seguro dos factos.

- Peço desculpa se me estou a intrometer - disse Clarissa -, mas quais são as suas intenções quanto à propriedade? Pode ser que os meus primos o esperassem, mas o resto das pessoas não fazia ideia. Os criados estão especialmente agitados. Quais são os seus planos para nós?

- Eu não...

Não consegui dizer mais nada, porque Angela se intrometeu de novo.

- Sinceramente, Clarissa. Não importunes o pobre homem. Ele acabou de chegar e ainda nem sequer tive tempo de lhe oferecer uma bebida.

O comentário de Angela foi doce o suficiente, mas os seus olhos eram adagas afiadas.

Clarissa ignorou Angela e manteve o olhar preso ao do capitão.

- Tal como referi, capitão Harlow, os criados estão ansiosos. A menina Edwards, que está sob a custódia de Roland, também se encontra na propriedade e pergunta-se o que se passa. Se nos pudesse dar uma pista que fosse, as nossas preocupações seriam aliviadas.

Antes que ele pudesse responder, Angela levantou-se:

- Se não se importa de nos dar um momento, capitão.

- Certamente - disse ele.

- O capitão e eu estamos ocupados, Clarissa. Agradecemos um pouco de privacidade.

Pegou no braço de Clarissa e acompanhou-a à porta, empurrando-a depois para o corredor. O mordomo, que devia ter estado de ouvido colado à porta, mal teve tempo de sair do caminho.

- Angela! - disse Clarissa, furiosa. - Conta-me o que se passa. Eu insisto!

- Falamos mais tarde - sibilou Angela, e fechou a porta na cara de Clarissa.

Clarissa deixou-se ficar ali, desejosa de voltar a entrar. Haveria de afastar Angela para o lado, dirigir-se com passos pesados ao capitão e exigir respostas.

Mas ela nunca se entregava àquele tipo de drama que Angela adorava exhibir. Afastou-se, ansiosa por encontrar Eddie, para a informar da conversa abreviada, mas, quando se virou, o irmão do capitão Harlow estava no átrio. Tinha um ar perigoso, fatal e muitíssimo determinado.

- Já conheceu o capitão Harlow? - perguntou ele.

- Já.

- Qual é a sua opinião do rapaz de ouro?

- É bastante... dourado.

- Não é?

Ela investiu ao seu encontro e, quando parou, estava tão perto dele que a saia lhe tocou nas pernas. Ele parecia divertido com aquele avanço e claro que não se afastou. Não precisava de o fazer. Mesmo que se tivesse lançado sobre ele, não o teria conseguido mover nem um centímetro. Era sólido como um muro de tijolo.

- Já acredita em mim? - Um sorriso malicioso curvou-lhe os lábios perfeitos.

- Sim, acredito em si. - Estudou os olhos dele, mas estes não deixavam transparecer nada. - O que vai ser de todos os que vivem em Greystone? Perguntei ao seu irmão, mas ele não respondeu.

- O que gostaria que acontecesse?

Com uma falta de civilidade que não era característica dela, disse:

- Gostaria que o senhor e o seu irmão nos deixassem em paz. Gostaria de começar este dia de novo e que nenhum de vocês tivesse aparecido no meu caminho.

- Bom, conhece o velho ditado, menina Merrick. Se os desejos fossem cavalos, só os pedintes montariam.

- Nunca percebi o significado desse provérbio idiota.

Ela passou por ele, mas, tal como acontecera na floresta, ele não a deixaria partir até *ele* estar preparado para a sua partida. Agarrou-lhe o pulso, um gesto simples que a fez parar. Aquele homem emanava autoridade. Não precisava de levantar a voz para que as pessoas obedecessem. A sua personalidade era imponente a esse ponto.

Ao ver o olhar severo dela, soltou uma risadinha.

- Devia ser mais simpática comigo.

- Não vejo porquê.

- Vai descobrir *porque* muito em breve. - Uma vez mais, as palavras dele pareciam uma ameaça.

- Mal posso esperar - disse ela com sarcasmo.

- Também eu.

Ela soltou-se, dirigiu-se apressadamente às escadas e começou a subir.

Lá em baixo, ele disse para ela:

- Sempre ouvi dizer que é péssimo ser-se o parente pobre. Não é horrível?

Continua! Continua! Clarissa encostou-se ao corrimão e fulminou-o com o olhar.

- Porque faz uma pergunta tão ridícula?

- Estava a pensar em como a sua vida deve ser horrível.

- A minha... vida? - explodiu ela. A sua vida era tão horrível que uma semana não chegaria para listar todas as suas misérias. - A minha vida é ótima.

- É?

- Sim.

O riso dele disse-lhe que sabia a verdade.

- E se eu pudesse melhorá-la?

- Teria de ser um mágico para transformar as coisas - admitiu ela, chocada por ter feito uma observação tão sincera. E logo a um desconhecido egoísta!

- Talvez seja isso mesmo que eu sou. Talvez seja um mágico e a magia seja o meu forte.

- Se o senhor é alguma coisa, soldado Harlow, eu diria que é um demónio disfarçado.

- Sim, sou mais demónio do que mágico. Aqui estou, mas não disfarçado. Estou aqui, a descoberto.

- Deus nos ajude.

Ela continuou e, embora ele a tenha chamado de novo, não parou.

* * *

Matthew percorreu o corredor, contando as portas até encontrar o quarto certo. Situava-se numa ala deserta da mansão. As escadas estavam em silêncio. Não havia candeias acesas nas paredes.

Embora Angela Merrick agisse como se a casa ainda pertencesse à família, ela agora era de Matthew. Com a sua arrogância espalhando-se por todo o lado, ele ter-se-ia sentido confiante ao entrar em qualquer divisão. Mas, por uma vez na vida, foi cuidadoso com os seus modos e bateu à porta. Se apanhasse Clarissa Merrick de camisa de dormir, ela podia desmaiar.

Fez uma pausa, não obteve resposta e bateu de novo.

- Sim. Quem é?

Ele entrou.

- Como está, menina Merrick.

Ela ficou boquiaberta, horrorizada.

- Perguntei quem era. Não lhe disse que entrasse.

- Se me tivesse feito anunciar, convidar-me-ia a entrar?

- Mas é claro que não.

- Então, porque haveria eu de lhe ter dito?

Rodou a chave na fechadura, trancando-a. Não sabia porquê, mas estava decidido a falar com ela.

Tinha aguentado um jantar penoso e entediante com Rafe e Angela Merrick. A protegida de Roland Merrick, Edwina Edwards, também se juntara a eles. Roland Merrick não apareceu, mas Matthew já tinha uma ideia clara do tipo de homem que acabaria por encontrar.

Vaidoso. Pretensioso. Mimado. Ganancioso. Estúpido.

Detestava os ricos com tanta intensidade que esse sentimento lhe devia ter sido inculcado quando era pequeno. De outro modo, como poderia ter infetado de forma tão virulenta? Talvez refletisse acontecimentos ocorridos quando era pequeno, antes do famoso incêndio, ou daquele pesadelo terrível nas docas, de onde o navio partira. Devia ter sido magoado por alguém rico, mas era pequeno demais para se lembrar.

Clarissa Merrick não estivera presente no jantar, e a sua falta incomodou-o enormemente. Mal se conseguira concentrar na comida ou na conversa. Sempre que uma criada entrava, erguia os olhos, na certeza de que seria a menina Merrick, mas nunca foi.

Porque não descera para jantar? Teria sido banida da sala de jantar? Ou teria recusado

participar caso Matthew estivesse presente? Estava morto por conhecer a resposta a esta pergunta.

Clarissa estava sentada a uma mesa a comer o jantar de uma bandeja. Embora fosse verão, a noite estava fria e o fogo ardia na lareira. Também acendera uma vela, de modo que o quarto tinha um brilho vivo.

Mudara de roupa, não usava o vestido cinzento desengraçado que trazia antes. Em vez disso, pusera um outro, mais atraente, lilás. Era simples, sem laços nem pregas, sem praguejados nem ornamentos, mas salientava o lindo tom louro do seu cabelo, conferindo-lhe um toque mais prateado, e os seus olhos azuis captavam os brilhos do tecido deixando-os quase cor de lavanda. Tinha o cabelo solto, sem travessas, e as madeixas compridas tinham sido escovadas e amarradas num rabo de cavalo que lhe chegava ao rabo.

Era muito bela, de uma maneira que lhe agradava. Não era vistosa nem garrida, não usava a roupa para se destacar ou fazer notar, mas o facto era que ele reparara nela. Era uma joia rara, enfiada num ninho de víboras. Como teria a pobre rapariga vingado num lugar tão horrendo?

Embora estivesse sozinha, não parecia triste nem solitária. Parecia satisfeita, como que habituada a estar sem companhia e ele teve pena dela.

Tinha passado a maior parte da vida em acampamentos do exército. O pai de Rafe era soldado e, quando Rafe já tinha idade para viajar, tinham-no acompanhado como ajudantes. As refeições eram um momento barulhento e turbulento, com as graçolas dos soldados, as suas histórias e jactâncias.

Como era triste jantar sozinha, no escuro e no silêncio. Mas, agora que conhecera Angela Merrick, podia muito bem compreender que Clarissa Merrick preferisse comer sozinha.

Havia uma cadeira a um canto. Agarrou nela e puxou-a para a mesa. Quando se instalou, ela fez uma careta tão grande que lhe deve ter magoado a cara.

- Ouviu-me convidá-lo a sentar-se?

- Não.

- Não é bem-vindo ao meu quarto, e é insultuoso que tenha entrado à força.

- Pois é, não é?

- Não pode ficar.

- Tenho a chave, e está aqui trancada. Eu diria que posso *ficar* se me apetecer.

- Provavelmente, passou muitos anos no exército, soldado Harlow.

- Uma eternidade, é o que parece.

- Talvez tenha, então, esquecido as regras da etiqueta. Não pode simplesmente irromper nos aposentos de uma senhora.

- Não esqueci malditas regras nenhuma. Sei que não devia estar aqui, mas, mesmo assim, aqui estou.

- O que é irrazoável. Dado ter conseguido descobrir o caminho até ao meu quarto, tenho a certeza de que conseguirá descobrir a saída sem dificuldade.

- Também eu.

Clarissa fez um gesto para a porta, indicando que estava a ser despedido. O gesto era tão régio que ele se riu. Ela achava realmente que o podia mandar sair!

Ela fechou os olhos por uns segundos, depois tornou a abri-los:

- Tinha esperança de poder pedir um desejo e que o senhor desaparecesse. Mas continua aqui.

- Sim.

- Estava capaz de jurar que lhe pedi que se fosse embora.

- Porque não ameaça chamar os lacaios para me expulsarem?

Ela bufou.

- Nunca o conseguiriam fazer.

- Precisamente.

Ela analisou-o, tirou-lhe as medidas para o tentar compreender, mas não foi difícil. Era um monstro vaidoso e imperioso que fazia o que lhe apetecia. Fora pomposo e impossível desde o início. Aparentemente, ela reconhecia esses traços de personalidade quando se deparava com eles.

Encolheu os ombros.

- Muito bem. Seja um asno. A mim que me importa?

Inclinou-se sobre a bandeja e começou a comer, como se ele não estivesse presente. Foi-lhe dado a carne de vaca e as batatas que os outros tinham comido na sala de jantar, mas numa dose muito pequena. Estariam a tentar matá-la de fome? Estaria a meias doses? Quão pobre era esta prima *pobre*?

Ela tentou prosseguir como se tudo fosse normal, mas não havia como ignorá-lo. Era um facto que ele ocupava demasiado espaço em qualquer lugar onde se encontrasse. Fez um esforço valente para manter a compostura, para terminar a sua escassa refeição, mas depois pousou o garfo.

- Porque me fita? - perguntou ela.

- Não desceu para jantar. Porquê?

- Não quis descer.

- Por eu estar lá?

- Sim. E por causa da minha prima, Angela. Não suporto ficar a vê-la salivar pelo seu irmão. Não tenho estômago para isso.

- Sente-se mal?

- Não, soldado Harlow. Tenho medo. Tente compreender esse conceito... se for capaz.

- Eu não a teria tomado por alguém do tipo trémulo. De que tem medo?

- De que tenho *medo*? Diga-me que não é assim tão néscio. Tenho a certeza de que não é, por isso não finja que é idiota.

- Não faço ideia do que possa temer. Sou assim tão assustador?

- Não, mas o seu irmão, o novo proprietário de Greystone, é completamente alarmante. Os meus primos não tinham contado a ninguém sobre o arresto ou o despejo. Julgámos que os recursos do Roland estavam a seguir o seu curso em tribunal.

- Foram concluídos há imenso tempo.

- Exatamente. E estando o senhor aqui com o seu ilustre irmão, o que será de nós? Perguntei-lhe esta tarde, mas com a Angela a babar-se em cima dele, não tive oportunidade de pressioná-lo para que me desse mais informações.

- É irritante, não é? A maneira como a sua prima está a encantar o capitão Harlow?

- Não consigo discernir o seu propósito. O senhor consegue?

- Se tivesse de dar um palpite, diria que ela julga que consegue cair nas boas graças dele e

convencê-lo a casar com ela.

A menina Merrick acabara de beber um gole de vinho, mas engoliu-o mal. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e tossiu sem parar.

- A Angela... e o capitão Harlow? - perguntou ela quando conseguiu falar de novo.

- Sim. O que lhe parece um arranjo desses?

Ela olhou-o, boquiaberta, durante uma eternidade, depois riu-se.

- Não tenho qualquer opinião.

Ele não sabia ao certo se o estratagema de Angela Merrick implicava casamento, mas era um bom juiz de carácter. Não havia razão nenhuma para ela ser sociável com Rafe, mas se agarrasse o *capitão* Harlow, ficaria com o futuro assegurado e não seria obrigada a abandonar a propriedade. Era um esquema bastante astuto.

Todas as mulheres de Londres se atiravam a Matthew, sendo que a sua amante Penelope era apenas uma de uma longa fileira de outras desesperadas por prendê-lo. Angela Merrick não era diferente das demais. Tinha perdido tudo, mas podia recuperá-lo com um anel enfiado no dedo.

Teve azar ter tomado Rafe pelo capitão Harlow. Foi justamente este tipo de situação que induziu Matthew a trocar de casaca com Rafe antes de chegarem. Ao esconder a sua verdadeira identidade, Matthew obtinha uma perspectiva clara das personalidades envolvidas naquele problema.

Se Angela Merrick se tivesse feito agraciar docemente, ele podia ter concordado que seria sensato os dois casarem. Mas agora não. Depois de Matthew a ter visto em ação, não. Ela era impetuosa e descarada, demasiado segura de si. E não era bonita.

Por mais vaidoso que soasse, Matthew podia escolher qualquer mulher que quisesse, e podia dar-se ao luxo de ser exigente. Angela tinha vinte e cinco anos e nunca se casara, mas isso não o surpreendia. Quem iria querer uma mulher tão irritante?

No entanto, as suas tentativas de enfeitiçar Rafe fizeram Matthew aperceber-se de um problema enorme quanto a ficar com a posse de Greystone. Ele podia ser desleal, quando tal era merecido, mas nunca era deliberadamente cruel. Matthew não era o tipo de homem que despeja uma família na rua, portanto, o que se devia fazer aos Merrick?

Estava especialmente preocupado com a menina Edwards e com Clarissa Merrick, que pareciam não ter meios para partir. Estava até preocupado com Angela, embora ela fosse desagradável e detestável. Era-lhe difícil dizer a três meninas solteiras que tinham de fazer as malas e sair.

Teria de ter conversas difíceis com todos eles, começando pelo desaparecido Roland Merrick. Tinham de ser implementados planos, mas quais?

- Deixe-me perguntar-lhe uma coisa - disse ele.

- Pergunte, soldado Harlow. Não parece que me possa livrar de si. O melhor é conversarmos.

- Se lhe dissessem para se ir embora, tinha para onde ir?

- Não.

- Não tem familiares?

- O Roland e a Angela *são* os meus familiares. Porque acha que vivo aqui?

- Então, e a menina Edwards? Ela teria para onde ir? Poderia a menina ir com ela?

- Ela é órfã, meu senhor, tal como eu. Está sob a tutela de Merrick. Não lhe parece que, se ela tivesse outras opções, as teria escolhido?

Matthew pensou que o mundo era um lugar muito injusto. Roland e Angela Merrick não

mereciam o que lhes fora dado e, agora, com tudo aquilo desperdiçado, começavam a apreciar aquilo que o pai deitara a perder.

E se tivesse sido Clarissa Merrick no comando? E se tivesse sido ela a tomar as decisões? Duvidava que estivessem nos sarilhos em que agora estavam.

- O que acha de Angela casar com o capitão Harlow? - perguntou ele. - A propriedade continuaria na família Merrick. É o que nós, os ingleses, gostamos de fazer. Casar com os nossos primos. Casar com os vizinhos. Uma união resolveria o seu dilema, assim como o de Edwina Edwards.

Aquele comentário era intencionalmente provocador e ele disse-o com um propósito. Como os criados partiam do princípio de que era o irmão mais humilde e sem grande autoridade, ele inundava-os de perguntas, a que eles de bom grado respondiam. Claramente, não havia grande amor entre Clarissa e Angela, e ele tocara num nervo. No íntimo de Clarissa, fervilhavam comentários que ela era demasiado cortês ou leal para proferir.

- Não seria interessante? - ponderou ela. - Já estou a imaginar: a Angela, noiva do capitão Harlow.

- Neste momento, ele é o solteirão mais cobiçado do reino.

- Ah sim?! - inquiriu ela, cáustica.

- A Angela sabe reconhecer um bom partido.

- Lá isso sabe.

- Então, e se eles não casarem e a sua situação continuar por resolver? Se lhe coubesse a si a resolução, que escolha tomaria para todos?

- Já lhe disse. Ficaríamos aqui, e o senhor e o seu irmão partiriam.

- Isso não vai acontecer, portanto, qual seria a sua alternativa?

- Não tive tempo de pensar no que gostaria.

- Então, e a menina? - perguntou ele.

- Eu o quê?

- E se *a menina* casasse com o capitão Harlow?

- Eu?!

- Sim. Porque não? Seria a senhora de Greystone... em vez de a parente pobre.

Ela estudou-o, depois desatou a rir.

- Qual é a graça? - perguntou ele.

- Em primeiro lugar, estou grata aos meus primos por me terem dado um teto ao longo de todos estes anos e nunca roubaria o interesse de Angela. Não tenho qualquer desejo, nem nunca tive, de ser senhora de coisa nenhuma.

- Aposto que se sairia bem, mesmo assim. Seja como for, melhor do que a Angela.

Ela ignorou o elogio.

- E em segundo lugar, eu nunca me casaria com um rapaz tão juvenil e vivaz.

- O capitão Harlow é mais maduro do que parece.

- Eu já o conheci, não se esqueça. Pouco mais é do que uma criança, e como foi que se tornou um herói nacional é algo que me ultrapassa.

- É muito bom em situações de emergência.

- Duvido.
- Pode ser que a surpreenda.
- Nenhum homem o faz.

Foi então a vez de ele se rir. Estava tão encantado com ela! Nos tempos que corriam, as mulheres tropeçavam em si próprias para conseguirem a sua atenção, por isso era uma lufada de ar fresco deparar com alguém que não ficava embasbacada por ele.

Enfraquecia-lhe a vaidade, que bem podia ser um pouco atenuada. Obrigava-o a recordar que, há uns meses, ele não era ninguém especial, apenas um capitão anónimo e competente do exército. O desdém dela fazia-o ansiar por impressioná-la, por importuná-la até ela admitir que ele era maravilhoso.

- O que se passa consigo? - perguntou ele. - Todas as mulheres do reino estão loucas pelo capitão Harlow. Porque é tão diferente das demais?

- Porque... se alguma vez tiver a sorte de me casar, será por amor.

- Ah... é uma romântica irremediável.

- Irremediável não. Esperançosa.

- Mas casar por *amor*, menina Merrick... É tão moderno. É, pura e simplesmente, uma coisa que não se faz.

Ela encolheu os ombros.

- Bem, eu nunca pertenci a nenhum sítio e sempre fui um fardo para os outros. Fosse eu dar um passo gigantesco desses, seria por estima e afeto, e por nenhuma outra coisa. Quero ser *desejada*. É o meu maior sonho. Chame-lhe moderno se quiser, mas é o que eu sinto.

A sua voz vacilou por um instante, perpassada por uma emoção forte, que os perturbou a ambos. A ele, porque passou a vida rodeado de homens que nunca expressavam sentimentos apaixonados. A ela, porque nunca fora sua intenção dar-se a conhecer assim. Ele sentiu-se pouco à vontade, e ela estava envergonhada.

Fitaram-se, num silêncio subitamente opressivo, e ele sentiu o mais estranho brotar de instintos viris. Estava ansioso por lhe oferecer coisas que nunca pensara oferecer a uma mulher. Queria dar-lhe abrigo, cuidados e proteção, e cerrou com força os dentes, não fosse abrir a boca e lhe saíssem palavras que ele não queria dizer.

- Pode sair? - perguntou ela. - Estou sempre a pedir-lhe, mas não me dá ouvidos.

- Eu nunca dou ouvidos a mulheres.

Ela sorriu.

- Atrever-me-ia a dizer que não dá ouvidos a ninguém.

Ele piscou-lhe o olho.

- Pode muito bem ser que tenha razão.

Pegou na mão dela e, embora ela tentasse não lho permitir, apertou-a na dele. Olhou para os olhos azuis de Clarissa até neles se afundar. Acusara-a de ser romântica. Será que, lá no fundo, ele não era também?

Levou a mão dela aos lábios e beijou-a, depois pousou-a na mesa. Mal a soltou, ela retirou-a com violência e escondeu-a debaixo da perna, longe da vista e do alcance dele.

Não sabia porquê, mas havia histórias do seu passado que ele lhe queria contar, sobre o quanto tinham em comum, e como ele sempre estivera só e abandonado, como desejava uma oportunidade para pertencer a algum lugar, mas isso nunca acontecera. Ela desencadeava nele esse tipo de ligação, e ele quase se humilhou com despropósitos sentimentais. Porque estaria ele tão transtornado? Não imaginava sequer.

Arrastou a cadeira para trás, dirigiu-se à porta e destrancou-a. Virou-se e atirou-lhe a chave. Ela tentou agarrá-la, mas falhou, e a chave caiu no chão com ruído.

Ele podia ter proferido algum comentário de despedida, mas o que lhe saiu foi:

- Monta a cavalo, menina Merrick?

- Eu vivo no campo, soldado Harlow. Claro que monto.

- Vá ter comigo ao trilho amanhã às dez da manhã. Pode mostrar-me a propriedade.

- Estou certa de que o Roland ou o seu representante o fariam muito melhor.

- Também estou certo de que sim, mas pedi-lhe a si e, como descobrirá em breve, consigo sempre o que quero.

- Comigo não.

- É o que veremos, não é?

Ele saiu fechando a porta atrás de si, e deixou-se ficar, a ouvi-la saltar da cadeira e correr para a porta. Enfiou a chave na fechadura e rodou-a freneticamente, julgando-se em segurança. *Mulheres!* Iria comportar-se exatamente como lhe apetecesse. Como poderia ela detê-lo?

- Boa noite, menina Merrick - disse ele.

Fez-se uma pausa demorada, sem que ela se desse conta de que ele continuava lá fora. Cautelosamente, respondeu:

- Ah... boa noite.

Ele abanou a cabeça e seguiu o seu caminho.

4

- O capitão é um rapaz frívolo.

Roland Merrick esfregou as mãos alegremente.

- Consegues seduzi-lo?

- Se *eu* consigo seduzi-lo? - perguntou Angela, com desdém. - Claro que sim. Já o tenho na palma da mão.

- Tens a certeza, Angela? Não posso correr o risco de que te enganes.

- Como assim?

- Sempre tiveste uma opinião demasiado elevada dos teus atributos femininos.

- É tudo merecido. - Bufou.

- Talvez na tua cabeça cheia de ilusões - disse ele entre dentes.

- Acabaste de me insultar?

- Não, não. Eu disse que não me importava nada que esta situação se resolvesse rapidamente.

- Estou a tentar ao máximo - disse Angela num tom lamentoso. - Não te atrevas a queixar-te.

- Não me estou a queixar - insistiu ele, mas era evidente que estava.

Era uma trapalhona inapta, e irritava-o que fosse ela a controlar o seu destino. Mas ele esgotara todas as opções legais e, como todas as avenidas eram becos sem saída, parecia restar apenas uma alternativa. Angela tinha de casar com o capitão Harlow, e porque não haveria de casar? Era a solução perfeita.

O casamento manteria a mansão na família e, se fossem familiares, o capitão Harlow dificilmente seria cruel para Roland. Quando Angela se tornasse a noiva de Harlow, Roland teria permissão para ficar naquela ampla propriedade e, se ali residisse, teria muitas oportunidades de lascar a autoridade e o domínio do capitão.

Greystone era uma propriedade com bosques desertos, ribeiros fundos e grandes penhascos. Sabe-se lá que acidentes podem acontecer a quem não fosse cauteloso. O capitão Harlow podia casar com Angela, mas nunca seria uma união perfeita e nunca duraria muito.

- O irmão do capitão tem perguntado por ti - disse Angela.

- E então?

- Quer que venhas jantar. Quer jantar contigo.

- Disseste que é soldado no exército?

- Sim, mas é muito severo. Não vais poder evitá-lo para sempre.

- Como poderia um soldado raso querer mandar em mim?

- Vais ficar surpreendido. É muito mais capaz do que o irmão mais novo.

- Quero lá saber do irmão do capitão. Não é ele o novo proprietário. O capitão Harlow perguntou por mim?

- Não, anda muito ocupado a cortejar as criadas mais bonitas.

Roland revirou os olhos, e Angela disse:

- Já te disse: é um rapaz frívolo.

- Se a única coisa em que ele pensa é em deitar-se com as criadas, como vais convencê-lo a concentrar-se na vossa relação?

Encontravam-se na sala da cabana do couteiro, onde Roland vivia há meses. Tinha trinta anos e devia estar na cidade a cortejar as mulheres belas disponíveis. Mães ávidas deviam estar a atirar-lhe as filhas à cara a cada instante, mas o nome Merrick tinha sido esmagado até ficar irreconhecível, pois os pecados do pai incidiam injustamente sobre os filhos.

Nenhuma família daria a Roland uma noiva. Embora ele não fosse culpado de nenhuma transgressão, era um pária. Tal como Angela. Escondiam-se no campo, evitados e criticados por todos, sem poderem ir a casa dos vizinhos nem reconquistar o seu lugar na sociedade.

Culpava o pai por tudo isso, mas também o capitão Harlow. O homem tinha recebido Greystone como recompensa pelo seu mérito, mas não era obrigado a aceitar. Não tinha de ficar com aquilo que sempre fora de Roland. Podia ter recusado essa honra, mas acaso tinha o capitão Harlow feito essa gentileza? O que estava certo?

Não, não tinha! E Roland nunca lhe perdoaria.

- Já pensaste no que vais fazer se eu não conseguir seduzi-lo? - perguntou Angela. - E se eu não conseguir que me peça em casamento?

- Não é uma opção, Angela. Tens de casar com ele.

- Mas, e se eu falhar? Ele gosta de mim e da minha companhia, mas não faço ideia de qual seria a sua resposta se eu sugerisse a ideia de uma relação entre nós.

- Tens de lhe despertar o interesse... e de o *manter* interessado.

- Ele é um mulherengo. Sorri e diz piropos a todas as mulheres que passam.

- Acabaste de descrever um libertino, Angela. Se não lhe conseguires arrancar um pedido sincero, então arranca um insincero. Atraímo-lo para o teu quarto, depois eu entro de rompante e encontro-vos numa situação comprometedora.

- Devo desgraçar-me com o capitão Harlow?

- Para salvar Greystone? Porque não? Não estás propriamente a guardar a castidade para alguém especial.

Ao longo dos anos, tivera uma dúzia de pretendentes perfeitamente respeitáveis, mas ela era tão difícil, que os rechaçara a todos com arrogância. Depois, os crimes do pai foram expostos e ela viu que desperdiçara as oportunidades. Nenhum noivo sensato se uniria agora a ela. Definhava em Greystone, onde passava o tempo a fingir que sempre planeava ficar solteira.

- Estou convencida de que o capitão Harlow tem um passado repleto de donzelas em desgraça - disse ela. - E se eu fizesse o supremo sacrifício, mas ele se recusasse a casar comigo? E depois, hã?

- O *supremo* sacrifício? Credo, proteges a virgindade como se fosses uma freira no convento.

- É fácil para ti repreender-me, não é? Não és tu que terás de o ter como marido.

- Graças a Deus! Mas de que te queixas, Angela? Qualquer solteirona do reino daria o braço direito para ser mulher dele. Porque não tu? Nem sequer tens de cortar o braço. Basta abrires as pernas umas vezes.

- Não sejas grosseiro, e não me chames solteirona!

- Bom, mas é o que és.

- Basta. Não vou ficar aqui sentada a ouvir os teus insultos.

- Podes ir-te embora quando quiseres.

Ela levantou-se com um salto e saiu com passos pesados, o que apenas firmou ainda mais a decisão de ele se mudar para a casa do coureiro. Não havia como falar com ela e todas as conversas acabavam em discussão.

Ainda assim, ele levantou-se e seguiu-a até à entrada numa fúria muda, enquanto ela espetava o chapéu na cabeça e amarrava o laço, zangada.

- Que bom ver-te, querida irmã - disse ele com sarcasmo. - Como sempre.

- Vai passear, Roland.

- Volta em breve.

- Vives num mundo de fantasia, a sonhar com esquemas e planos, mas... e se nunca fores bem-sucedido com nenhum?

- Pelo menos, estou a fazer planos e esquemas. O que fizeste tu durante os últimos dois anos?

- Tenho sido a anfitriã e governado a tua casa.

- Numa mansão monstruosa onde nunca temos convidados. Não me parece que te tenhas ocupado muito com nenhuma tarefa importante.

- É melhor deixar-te com os teus afazeres. Atrevo-me a dizer que, se tivesses de gerir a criação e manter as coisas em bom funcionamento, não serias tão convencido.

- Tenho a certeza de que tens razão - disse ele amigavelmente, querendo simplesmente que ela saísse dali depressa.

Felizmente, ela foi-se embora sem mais discussão, e ele deixou-se ficar junto à porta enquanto ela desaparecia pelo caminho que ia dar à mansão. Mas, quando ele se virou para entrar, ficou lívido e tropeçou para trás.

Havia um homem ao seu lado, encostado casualmente à parede a ver Roland olhar para Angela.

Era um sujeito enorme, de cabelo escuro e ar ameaçador, com olhos azuis penetrantes e uns modos impositivos que assustaram muito Roland. De calças beges, camisa branca fluida e botas até aos joelhos, trazia uma faca enorme amarrada à cintura. Seria um bandido? Estaria Roland prestes a ser assaltado?

Antes que ele pudesse gritar de alarme, o homem disse:

- Roland Merrick, deduzo eu?

Tinha uma pronúncia culta, das camadas sociais superiores, denotando berço e educação. Portanto... não era um bandido. Então, quem era?

- Sim, sou Roland Merrick.

- Sou o irmão do capitão Harlow.

Roland engoliu em seco, desanimado.

- Soldado Harlow?

- Sim. - O homem sorriu com malícia. - Não estava à minha espera, imagino.

- Não... ah... de todo.

- A sua presença é requerida para jantar na casa principal. Ficará para uma reunião depois da refeição, de modo que, se tinha outros planos, cancele-os.

- O capitão Harlow convidou-me?

- Não, convidei eu.

Roland era magro e franzino, mas, mesmo assim, ergueu-se ao máximo do seu metro e setenta e dois e olhou-o com uma expressão imperiosa. Não seria intimidado na sua própria casa.

- Com o devido respeito, soldado Harlow, não tem autoridade para me dizer nada. Caso o seu irmão deseje falar comigo, diga-lhe que...

Roland nunca chegou a terminar a frase. O soldado Harlow entrou e agarrou Roland pela camisa. Com uma mão, ergueu Roland, cujas biqueiras roçaram o chão.

- O jantar será servido às sete. O senhor e eu conversaremos às oito para discutir a sua saída da propriedade, assim como o destino das suas parentes do sexo feminino.

Veremos quem sai e quem não sai!

Roland imbuíu o olhar de toda a raiva possível, mas sem qualquer efeito. Era impossível ter um ar ameaçador quando os pés abanavam no ar.

- O senhor não me dá ordens, soldado Harlow. Está muito enganado se acha que lhe vou obedecer cegamente.

- Sete horas, senhor Merrick. Se não trazer o seu pobre traseiro como lhe ordeno, virei cá buscá-lo. Levá-lo-ei amarrado até à mansão. O senhor é que escolhe como lá chega. Por mim, é-me indiferente.

Soltou Roland abruptamente, e este aterrou esforçando-se por não cair de joelhos.

Roland não conseguia compreender aquela atitude bélica. Queria encantar os Harlow, queria apanhá-los desprevenidos e que assumissem que ele era inofensivo. Mas não conseguia evitar bufar com a ofensa.

- Eu não tenho medo de si - afirmou.

- Não tem? Mas devia ter.

O soldado Harlow afastou-se, régio e seguro de si, com tanta certeza de que Roland não constituía ameaça nenhuma, que nem olhou para trás. Se Roland tivesse uma pistola na mão, podia tê-lo matado sem uma ponta de remorsos.

- Ele é oficial.

- Como sabes isso?

Michael Blair sorriu para a irmã, Evangeline. Estavam a passear no jardim da propriedade de Michael, Cliffside. Na verdade, a propriedade era da sua mulher, mas porquê deter-se com ninharias? Era antiquado e achava que o marido era o rei do castelo. O marido governava o poleiro... com a autorização da mulher, claro.

- Isto vai parecer estranho - disse Michael -, mas eu e o meu irmão temos uma ligação mental.

- Que espécie de ligação mental?

- Consigo ler a mente dele.

- Estás a brincar. - Ela riu-se e depois, enquanto estudava a expressão séria dele, disse: - *Não* estás a brincar.

- Não. Quando eu era mais novo, ele estava sempre a chocalhar dentro da minha cabeça. E eu na dele. Costumava perguntar-me se ele seria um anjo, mas à medida que fui crescendo, comecei simplesmente a pensar que sou um bocado doido.

- Como lês a mente dele?

- Não faço ideia de como acontece. Entro numa espécie de transe e vejo o mundo através dos olhos dele. Às vezes temos os mesmos sonhos.

- Meu Deus!

As faces de Michael enrubesceram de embaraço. Nunca confiara o seu segredo a ninguém.

- Não contes a ninguém. Não aguento que as pessoas me considerem esquisito ou louco.

- Mas é esquisito - provocou ela -, só que de uma maneira muito agradável.

- És a única a achar isso.

- A tua mulher haveria de concordar.

- Talvez. - Fez um sorriso e encolheu os ombros. - Portanto, sei que o Matthew é oficial.

Michael era um gémeo de dois, o outro sendo Matthew, mas só recentemente se recordara da existência desse gémeo. Tinham sido separados em tão tenra idade que a memória se perdia na névoa de desastres ocorridos quando ele tinha três anos.

O seu pai fora visconde, herdeiro da propriedade de Radcliffe, na Escócia, e devia ter-se tornado conde de Radcliffe quando o avô de Michael morreu. Quando estava de visita a Londres, apaixonou-se pela mãe de Michael e casou com ela, uma atriz e cantora completamente desadequada.

Tiveram quatro filhos: Bryce, depois os gémeos Michael e Matthew, e a seguir Evangeline - cujo nome de batismo era Anne, o mesmo da mãe.

Mas o avô de Michael opusera-se com veemência ao casamento do seu ilustre filho com uma atriz. Insistiu para que a união nunca se concretizasse, disse que a mãe de Michael era uma prostituta e os filhos ilegítimos. Quando o pai de Michael morreu, em circunstâncias suspeitas, o conde decidiu que Michael e os irmãos nunca haveriam de herdar o título, nem as terras, nem um tostão que fosse da enorme fortuna.

A mãe de Michael foi encontrada com muitas relíquias da família Blair em sua posse, assim como dinheiro, uma casa e outros presentes que Michael lhe dera. O velho conde alegou que ela roubara aquelas coisas e, com o poder da sua raiva lançado contra ela, impossibilitou-a de lutar contra as alegações.

Tinha sido condenada por diversos crimes e levada para as colónias penais na Austrália e, depois de ter abandonado a Inglaterra, nunca mais tiveram notícias dela. Não sabiam se continuava viva, mas Evangeline procurava-a esperando desesperadamente que sim.

A mãe fora obrigada a embarcar num navio penal que a levou de Inglaterra. Michael e os três irmãos ficaram para trás, ao cuidado do senhor Etherton, que tinha sido amigo do pai.

Bryce e Evangeline foram colocados em colégios internos e criados com poucas dificuldades, mas achando que eram órfãos sem passado nem história. Os seus caminhos tinham-se cruzado recentemente, por mero acaso, e decidiram encontrar Michael e Matthew. Michael tinha sido localizado, mas não tinham informações sobre Matthew.

Durante os tempos atribulados em que a mãe lhes foi arrancada, também deviam ter ido para o colégio, mas haviam passado a noite com os criados do senhor Etherton numa hospedaria. Houve um incêndio terrível onde os criados morreram. Michael e Matthew sobreviveram ao fogo, mas o que lhes aconteceu no rescaldo caótico era um mistério.

Michael cresceu em Londres, por vezes num orfanato e outras vezes nas ruas. Em adulto, tornou-se obscenamente rico com o jogo, intimidações e diversas empresas criminosas, embora depois de se ter casado com Maggie estivesse a tentar refazer-se de alguns vícios criminosos.

Michael sabia, sem qualquer dúvida, que o irmão Matthew estava em segurança, de boa saúde e era próspero.

- Viste o Matthew como soldado nas tuas visões? - perguntou Evangeline. - É assim que sabes

da ocupação dele?

- Sim, vi-o muitas vezes a usar casaca vermelha. - Michael fez uma careta. - É provável que neste momento esteja em Inglaterra. Numa propriedade rural.

Evangeline ficou boquiaberta de admiração.

- Como podes ter a certeza?

- Há umas semanas, dirigia-se a cavalo por um caminho que ia dar a uma grande casa. Parecia pertencer-lhe.

- Se estão assim tão intimamente ligados não podes saltar para a mente dele para lhe pedir o endereço? Fazemos-lhe uma visita surpresa. - O tom dela era definitivamente sarcástico.

Michael soltou uma risadinha.

- Não é assim que funciona.

- Não crês que ande por aí com o nome de Matthew Blair, pois não? Se eu fizer perguntas no exército, quais são as hipóteses de o encontrar?

- Não será fácil.

- Eu sei.

Michael tinha recebido o nome de Michael Scott no orfanato e usava-o sempre, em lugar de Michael Blair. Na noite do incêndio, tinha enfiado na camisa documentos que revelavam que o seu verdadeiro apelido era Blair, mas isso nada significava para ele.

Então e Matthew? Acaso se lembraria do seu verdadeiro nome? Ou teria sido mudado? Seria completamente diferente, há muito esquecido o anterior?

Podiam procurá-lo no exército, mas, se encontrassem um bom candidato, como podiam ter a certeza de que era o homem certo? Michael tinha o seu certificado de nascimento. O que poderia Matthew ter?

Somos iguais. Um metro e oitenta e três, cabelo escuro, olhos azuis.

Michael não se podia esquecer desse facto. Se deparasse com o irmão, haveria de o reconhecer imediatamente.

- Há mais alguma peculiaridade estranha que eu deva saber? - perguntou a irmã. - Ouves vozes e lêes mentes. Há mais pormenores que queiras revelar-me, para que eu não fique demasiado chocada?

- Vou contando gradualmente. Não quero que descubras todos os meus segredos de uma vez. Seria muito entediante.

- Deus não permita que eu saiba demais sobre ti. - Suspirou, exasperada. - Vocês, os homens, são todos muito cansativos.

Ela tinha crescido num mundo de mulheres, e ele num de homens. Eram os dois casados agora, ambos estavam a aprender os papéis que tinham de desempenhar. Ela sorriu, formando covinhas nas faces, um sorriso que o deixava sempre desarmado.

Evangeline tinha agora quase a mesma idade da mãe quando foi transportada para a Austrália. Michael julgava que não se lembrava da mãe, mas, desde que conheceu Evangeline que era constantemente assaltado por surtos de emoções. Não se tratava de rostos nem de incidentes, mas, de repente, era varrido por sentimentos de alegria que perduravam no seu íntimo.

Os pais tinham sido apaixonadíssimos um pelo outro; a mãe era uma pessoa dinâmica e alegre que enchia a casa de canções e risos. Evangeline lembrava-o desses tempos felizes, ainda que ele não conseguisse evocar nada de específico.

Quem haveria de destruir deliberadamente uma família tão boa, uma mãe e esposa tão

dedicada? Que espécie de monstro tinha sido o avô?

Ainda não fora a Radcliffe confrontar os seus familiares, mas iria. Continuavam a viver na propriedade como se nada tivesse acontecido, como se não tivessem enganado ninguém. Com a morte do pai de Michael, o tio deste tornara-se herdeiro, com os seus próprios filhos na linha de sucessão para herdarem tudo.

Michael tinha intenção de ir à Escócia, mas a irmã e a mulher estavam sempre a tentar convencê-lo a não o fazer, pois ambas compreendiam o temperamento de Michael e a sua inclinação para exercer a vingança. Queriam que prosseguisse quando estivesse mais calmo, quando ele se achasse num estado mais sociável e pudesse abordar a família com sensatez.

Ah! Como se aquela maldita gente merecesse um tratamento de cortesia!

Haveria de se escapular quando as mulheres da sua vida não estivessem a prestar atenção, e os seus odiosos primos escoceses teriam então de olhar por cima do ombro.

- Novidades do Bryce? - perguntou ele para mudar de assunto.

Bryce era o irmão mais velho, o legítimo conde de Radcliffe, algo que o mundo inteiro haveria em determinado momento de reconhecer.

- Recebi uma carta dele antes de sair de Londres - disse ela. - Foi por isso que parei em Cliffside... para lhe poder dar novidades dos seus progressos.

- Onde está ele?

- Está em Portugal por uns dias para se abastecer.

- E depois?

- Seguirá pelo Mediterrâneo. Imagino que as águas sejam tumultuosas aí, é difícil cruzá-las.

O pai deles tinha sido, além de visconde, um aventureiro em África, que atravessara o Nilo em diversas ocasiões. Bryce decidira bruscamente seguir os passos do pai, para ver o que ele tinha visto e viajar pelos mesmos caminhos.

Bryce era ator e cantor, talentoso como fora a mãe, e não possuía a fúria nem as qualidades violentas para expulsar Radcliffe dos seus vis familiares. Mas Michael sabia como o fazer e teria todo o gosto em retificar as coisas para o irmão.

Quando Bryce regressasse do Egito, Michael teria a situação resolvida. Seria o seu primeiro presente, e o melhor, para o irmão.

- E o que se passa contigo? - perguntou ele. - Disseste à Maggie que só podias passar esta noite connosco.

- Vou a caminho de Fox Run - a propriedade rural do marido -, mas tenho de admitir que não gostei nada de deixar a cidade. Fui convidada para uma gala em honra do capitão Harlow, e fui obrigada a faltar.

- Uma gala para o capitão Harlow? A nata de Inglaterra? O herói dos nossos tempos?

- Esse mesmo.

- Tem sido celebrado em toda a parte, por isso hás de cruzar-te com ele noutra ocasião. É pouco provável que desapareça da sociedade.

- Talvez o convide a ir a Fox Run, depois de passado este alarido todo. Tenho a certeza de que haveria de gostar da paz e tranquilidade. Deve ser muito cansativo estar assim no centro de tudo.

Michael não se lembrava de nada pior do que ter por convidado um herói de guerra condecorado. De que se falaria com uma pessoa tão ilustre?

- O que te arrasta até Fox Run? - perguntou ele.

- Não estou a ser arrastada, pateta. Vamos realizar um festival anual e solicitaram a minha estimada presença. - Bateu as pestanas e riu-se. - É uma celebração e tanto.

- Para as colheitas? Ainda não chegámos à época certa.

- Não, é um evento estival da região. Abrimos a casa aos vizinhos e à gente da vila.

- Parece deveras entediante.

- Terás um papel muito semelhante aqui em Cliffside... agora que és um respeitável latifundiário.

- Nunca serei respeitável - disse ele, bufando.

- Não, provavelmente não, mas a Maggie vai continuar a polir-te.

- Foi um trabalho criado para ela. Nunca ninguém me conseguiu moldar ou esculpir.

- Podemos sempre ter esperança - disse ela.

- És uma eterna otimista. Sempre ouvi isso.

- Bem, quem não seria otimista? É melhor do que ser pessimista.

Lá ao cimo, Maggie assomou à varanda. Viu-os no jardim e acenou. Eles retribuíram o aceno e começaram a dirigir-se a ela.

- Como achas que é o Matthew? - perguntou Evangeline.

- Igualzinho a mim.

- Queres com isso dizer vaidoso, dominador e arrogante?

- Quero.

- Basta um. Não imagino termos de levar com dois.

- Eu *imagino* - murmurou ele. - Completamente.

- Ratazana!

Penelope Bernard releu o bilhete de Matthew, amassou-o numa bola e atirou-o ao fogo. Depois, mudou de ideias, quis guardá-lo como recordação e foi a correr buscá-lo. Tinha caído no limiar das chamas e quase não se queimara.

Suplicara-lhe que a deixasse acompanhá-lo à Mansão Greystone, mas ele recusou. Era um homem frontal, com pouca paciência para lidar com mulheres e, uma vez tomada uma decisão, era inútil argumentar com ele.

Tinha, contudo, prometido que a mandaria buscar quando estivesse instalado. Tinha *prometido*. Mas agora recuava, dizendo-lhe que ficassem em Londres até ao seu regresso. Ocultava, muito convenientemente, o tempo que tal demoraria e ela ponderava se não deveria pura e simplesmente ir sozinha até Greystone.

O que poderia ele fazer? Ordenar que regressasse a Londres, como se ela fosse uma criança malcomportada? Bem, sim, era exatamente isso que ele faria. Ela podia ter arriscado, mas os criados seriam testemunhas da sua desgraça, e eram os piores mexeriqueiros.

Tinham espalhado a notícia de que o ousado capitão Harlow não a deixara ficar com ele no campo, e ela não queria correr esse risco.

Tinha-o conhecido num baile oficial na Bélgica e alapara-se a ele antes que a sua posterior aventura lhe granjeasse tamanha notoriedade. Era um belo demónio que exalava masculinidade e ela era a primeira a admitir não ser melhor do que o necessário.

Tinha sido exilada na Bélgica pelo pai, que se esforçava por esconder um pecado em que ela incorrera. Houvera vários outros ao longo dos anos, por isso não conseguia arranjar um marido que lhe salvasse a vida.

Com a madura idade de vinte e cinco anos, era claro que estava condenada a ser solteira, a menos que conseguisse reverter drasticamente o curso da sua vida, sendo que curso *drástico* seria ela encontrar um esposo que não quisesse saber da sua vil moralidade nem da sua terrível reputação.

Talvez pudesse ser o capitão Harlow?

Quando ele salvou os passageiros do *Tempestade Real*, já ela estava seriamente envolvida com ele. Devido aos enaltecimentos daí decorrentes, tinha recebido uma boa maquia de dinheiro como recompensa. Alugara uma pequena casa para ela, comprara-lhe roupa nova. Que mais poderia ser persuadido a conceder-lhe?

Se Penelope o conseguisse convencer de que ficaria feliz por tê-la junto de si, sentir-se-ia muito mais segura nas suas atuais circunstâncias. Era bom ter uma casa e um guarda-roupa cheio de estilo, mas era gananciosa e queria também um anel no dedo.

Não gostava que ele estivesse longe dela. Já não era um oficial anónimo. Era uma celebridade, portanto, as mulheres daquelas cidades e vilas rurais iriam avaliá-lo como fizeram as londrinas. Perguntar-se-iam se estaria disponível. Se seriam capazes de o atrair para elas.

Penelope era uma pessoa extremamente ciumenta e não suportava a ideia de que leiteiras ou filhas de vigários pudessem intrigá-lo. Mataria qualquer rapariga que achasse que podia deitar as garras a ele.

O abundante cabelo acobreado de Penelope, os seus olhos azuis e a figura voluptuosa asseguravam que nenhuma mulher se lhe podia comparar em beleza ou compostura. Sentia-se, no entanto, nervosa por ele se ter ido embora. Dentro de duas semanas, haveria mais uma cerimónia em honra dele, realizada por Lady Trent. Alguns membros da família real tinham anunciado a sua presença.

Quando Matthew partiu para Greystone, jurou que regressaria para a gala, mas e se não o fizesse? Com tanto em jogo, ela não podia arriscar a sua ausência.

Sentou-se a escrever uma resposta breve e coquete, em que o recordava da festa e do facto de as pessoas, sobretudo ela própria, esperarem ansiosamente poder vê-lo nessa ocasião. Tinham tido uma relação muito escaldante quando estavam juntos no continente e ela não tinha qualquer intenção de a deixar arrefecer agora que estavam de regresso à horrenda e chuvosa Inglaterra.

Ele dissera-lhe que não fosse a Greystone, e Penelope tinha de se reconfortar com o facto de ele se ter dado ao trabalho de lhe escrever. Mas não podia ficar sentada à sombra do êxito, quando todas as mulheres do reino se sentiam curiosas em saber que espécie de marido poderia ele vir a ser.

Havia uma mulher ao cimo dessa lista de potenciais noivas: ela própria. Se Matthew Harlow decidisse casar, seria com Penelope. E se ele *não* casasse, manteria a sua posição de amante predileta. Não aceitaria outra.

- Deixem sangrar os corações, mulheres - murmurou de si para si. - Ele é todo meu e não vou partilhá-lo.

5

Edwina aninhou-se atrás dos cortinados na sala principal, a espreitar e espiar descaradamente.

Uns minutos antes, Angela arrastara o capitão Harlow para o salão e trancara a porta. Edwina devia ter dado a conhecer a sua presença, mas não o fizera, e agora era tarde demais.

Angela e o capitão beijavam-se apaixonadamente, de uma maneira que Eddie nunca testemunhara. Angela atirava-se ao jovem soldado, na esperança evidente de lhe arrancar um pedido de casamento.

Muitos dos seus problemas seriam assim resolvidos, e Eddie devia ter ficado grata por Angela se estar a esforçar – mais ninguém fazia nada –, mas se a prima fosse bem-sucedida, Eddie morreria, simplesmente.

Com o seu cabelo louro e olhos azuis, a estatura alta e o físico musculoso, o capitão Harlow era o homem mais belo e ousado que alguma vez vira. Quando vestia a casaca vermelha e se passeava pela propriedade, mal conseguia olhá-lo. Era esplêndido.

Porque haveria de perder o seu tempo com Angela? De certeza que se apercebia de como ela era. Dera-se seguramente conta de que ela o seduzia deliberadamente.

Desde que ele chegara, Angela monopolizara as suas atenções e Eddie não conseguira um único momento a sós com ele.

Eddie tinha dezoito anos e nunca fora beijada. Haveria afirmação mais triste relativamente à deplorável condição em que vivia? Estava determinada – independentemente do que viesse a acontecer entre ele e Angela – a que ela recebesse também uns beijos do glorioso soldado. Seria um acontecimento para sempre acarinhado por Eddie, uma história a contar aos netos.

Embora não tivesse experiências de namoro, aquilo não parecia muito complicado e ela tinha a certeza de que seria boa caso lhe fosse dada a mínima oportunidade de participar.

O capitão Harlow não usava a casaca vermelha nesse dia, estava de camisa e calções. Angela ficava cada vez mais ousada, tentando desabotoar-lhe os calções e abrir-lhe a camisa. Eddie ficou chocada com aquele comportamento descarado. Não sabia que as mulheres podiam despir os homens, e tinha de dar crédito a Angela por isso.

Também Eddie teria adorado ver o peito largo e nu do capitão. Tivesse ela metade do descaramento de Angela, teria tentado semelhante feito, mas a única coisa que Eddie podia fazer era esconder-se na sombra e ouvir.

Apesar dos esforços de Angela para fazer escalar o encontro, o capitão estava sempre a detê-la e, quando um criado passou no corredor, o tórrido par fez uma pausa, afastando os lábios.

Angela sorriu para ele, com uma expressão marota e persuasiva, qual coquete habilidosa na arte da corte, mas, segundo Eddie, Angela não tinha nada disso no sangue. Mas porque é que o capitão Harlow não se dava conta do plano dela?

– É muito maroto, capitão – murmurou Angela depois de o criado ter desaparecido.

– *Eu sou maroto?* – replicou o capitão. – Se bem me lembro, eu estava a seguir pelo corredor, na minha vida, quando me atraiu para esta sala.

– Está contente por eu o ter feito – murmurou Angela num tom de voz que fez Eddie gaguejar.

– Vamos embora daqui – instou o capitão, parecendo claramente pouco à vontade. – Não posso ser apanhado consigo.

– Seria assim tão mau? – disse suavemente Angela.

O capitão era demasiado cavalheiro para dizer, *sim, seria horrível*. Dirigiu-se à porta e espreitou para fora. Como não viu ninguém, fez um gesto a Angela para que saísse.

Ela passou por ele rebolando as ancas de forma tão excessiva que o seu traseiro roçou nele ao passar.

- Venha ao meu quarto esta noite - convidou ela. - Sabe que quer.

Eddie mal pôde conter um guincho de espanto, quando o capitão Harlow respondeu:

- Não posso.

- Porque não? - Angela fez beicinho.

- O meu irmão iria zangar-se.

- E quem se importa com o seu irmão?

- Importo-me eu.

- É o herói de Inglaterra. O que lhe pode ele fazer?

- Ia ficar espantada.

- Estou disposta a arriscar - insistiu Angela.

- Eu não - respondeu ele.

Empurrou-a para o corredor. Foi um empurrão suave, mas não deixou de ser um empurrão. Por um breve segundo, pareceu que ela poderia recusar-se, mas depois saiu.

Ele ficou à escuta para se assegurar de que ela tinha mesmo partido, depois fechou a porta e rodou sobre si mesmo.

- Já pode sair, menina Edwards - disse ele.

Eddie ficou boquiaberta e espreitou.

- Sabia que eu estava aqui?

- Sabia. O tempo todo. - Riu-se e ajeitou a roupa, orgulhoso do seu truque. - Reparei em si logo que entrámos.

- E prosseguiu, mesmo assim?

- Não pude evitar. Estava à espera de ver se se fazia anunciar.

- É mesmo terrível, capitão.

Saiu do seu esconderijo e foi ter com ele. Era tão alto e belo, como um príncipe num conto de fadas, e ela sentia uma vertigem de excitação por estar tão perto.

- Está apaixonado pela Angela? - perguntou ela.

- Pela Angela? Está a brincar.

- Passa o tempo todo com ela.

- *Ela* passa o tempo todo comigo.

- Parece estar a gostar.

- Gosto sempre de beijar uma mulher interessada.

Se ela tivesse aprendido a ser coquete, teria dito: *Eu estou interessada. Beije-me!* Mas não fazia ideia de como começar essa conversar.

- Vai casar com ela? - perguntou Eddie.

- Com quem? Com a menina Angela? - Ficou horrorizado com a ideia.

- A criadagem acha que ela está a contar com isso.
- Com que fim?
- Para manter a propriedade na família.
- Casando *comigo*? - Riu com sarcasmo. - Ah, não há palavras para essa piada. Vou ter de contar ao meu irmão.
- O que dirá ele?
- Dirá que me devo comportar.
- E assim fará?
- Duvido.
- É um libertino.
- Absolutamente. Está sempre a avisar-me para não me meter em problemas com as raparigas.

A notícia era como música para os ouvidos dela. Nunca tinha conhecido um libertino. Os cavalheiros das suas relações eram homens vulgares e formais que tinham boas maneiras, idolatravam a mãe e iam à igreja ao domingo. E eram todos muito mais velhos do que ela. Não havia em toda a zona um único homem solteiro disponível e que valesse a pena considerar para marido.

- Quantas raparigas já beijou? - perguntou ela.
- Centenas? Milhares?
- Milhares? - troçou ela. A sério?
- Bom, milhares talvez não.
- Então, centenas? Espera que eu acredite que no seu caminho já se cruzou com tantas mulheres que tenha beijado centenas?
- As mulheres não resistem a um homem de uniforme. Porque haveria eu de recusar?
- Mas centenas?!

Ele abriu um sorriso.

- Está com ciúmes?
- Estou - admitiu ela.
- Eu podia beijá-la... se quiser. Não está morta por saber como é?

O coração dela parou, literalmente, por um instante, mas abanou a cabeça.

- Como se eu o fosse deixar tocar com os lábios nos meus depois de a Angela se ter estado a babar para si.
- Não gosta dela, pois não?
- Não. Por favor, não case com ela. Iria desiludir-se.
- Acredite em mim. Não há a mínima possibilidade de isso acontecer.
- Independentemente de tudo?
- Independentemente de tudo - disse ele com firmeza. - Ela *julga* que gostaria de me ter como marido. Acabará por descobrir quem é... - Deteve-se e disse: - Não importa.
- O quê? Conte-me.

- Irá descobrir em breve.
- Descobrir o quê?
- É segredo, mas mal posso esperar para que descubra.
- Vou gostar de saber?
- Vai.
- A Angela vai ficar aborrecida?
- Vai ficar furiosa.
- Então, fico contente.

Soltaram os dois uma risadinha, e Eddie esforçou-se por descortinar o que poderia aquilo significar. Que segredo esconderia ele?

Uma coisa era certa. Estava a ser coquete com ela, a confiar-lhe informação que ninguém, nem sequer a Angela, parecia saber. Ousaria Eddie esperar que ele tivesse reparado nela? Ousaria esperar que ele estivesse um pouco atraído?

- A Lua vai subir esta noite - disse ela com malícia -, e eu provavelmente darei um passeio depois de jantar.

- Ah sim?

- Sim, e estarei sozinha. Gosto de me sentar num banco, atrás da segunda fileira de cercas de arbustos. É um lugar muito escuro. Muito sossegado e recatado.

Era a observação mais ousada que ela alguma vez proferira, mas tinha de avançar de forma descarada. Estudou os olhos dele para se assegurar de que ele percebia a mensagem e os lábios do capitão rasgaram-se num sorriso perfeito.

- Às vezes também dou um passeio a seguir ao jantar. Pode ser que me junte a si, se achar por bem.

- Seria perfeito - disse ela abruptamente. - Não vai estar ocupado com a Angela?

- Não. Agora vá-se embora daqui, para não sermos apanhados juntos.

Era um comentário muito semelhante ao que fizera a Angela quando a enxotou dali, mas Eddie não queria saber. Sentia-se a flutuar, como se todas as bênçãos do universo tivessem de repente caído sobre ela.

Foi até à porta, espreitou lá para fora e saiu para o corredor.

Ele estava no meio da sala, onde um raio de sol incidia, por isso brilhava como se feito de ouro, e o seu cabelo louro parecia ter um halo em redor.

- Então, até logo à noite - murmurou ela.

Estava em pulgas, ansiosa por uma resposta doce, mas ele disse simplesmente:

- Vá, antes que alguém a veja.

Baixou um pouco a cabeça e foi-se embora, a pensar em como aguentaria as horas de tédio até ao jantar e depois.

Evangeline sentou-se no assento junto à janela a olhar para os bosques e para o belo caminho. Estava de visita, a caminho de Fox Run. Aaron, o marido, só chegava dali a uma semana e ela ia abrir a casa, enviar convites para a festa e preparar a comida e outras comodidades.

O papel de esposa era novo para ela, assim como ser rica e viscondessa. Nunca se imaginara com uma grande propriedade a seu cargo, nem a organizar um evento tão grande. Felizmente, a governanta e o mordomo orientavam-na nas suas decisões.

Seguia junto aos portões da propriedade Greystone e lembrou-se de a governanta ter referido um escândalo, e que os outros vizinhos podiam ficar ofendidos se os proprietários fossem convidados para a gala. Evangeline desconhecia os pormenores, mas imaginava, sem saber os factos, que provavelmente os incluiria.

Passara grande parte da vida a ser maltratada pela diretora do colégio onde era interna e detestava pensar em pessoas a serem denegridas. Ia contra a sua natureza alegre e amigável. Gostava que toda a gente se desse bem.

Com a cabeça tão cheia de preocupações, não reparou logo no homem que se dirigia a ela a cavalo. O seu condutor encostou um pouco e, quando o cavaleiro passou por ela fez um aceno de cabeça. Ela olhou para ele e acenou-lhe com a mão.

Depois, quando o reconhecimento aconteceu, agitou-se e chamou-o:

- Michael! O que estás a fazer aqui?

O condutor parou e o cavaleiro, que ouviu o chamamento dela, também refreou o cavalo. Virou a montada e aproximou-se até ficar ao lado dela.

- Michael, andas à minha procura? Está tudo bem em Cliffside? - perguntou ela.

O cavaleiro franziu o sobrolho.

- Estou em desvantagem para consigo, minha senhora, e julgo que me confundi com outra pessoa.

- Michael! - disse ela de novo. - Isto não tem graça. Estás a ter um... episódio? Estás a sonhar?

- Não, minha senhora. Estou bem consciente e estou seguro de que nunca nos conhecemos.

Boquiaberta, ela fitou-o, pasmada. Ele era a cara chapada do irmão Michael. Não havia a mínima diferença.

Tinha cabelo preto comprido, preso no mesmo rabo de cavalo que Michael gostava de usar. Os seus ombros eram largos, a cintura estreita. Estava sentado no cavalo, mas ela tinha a certeza de que, se ele estivesse de pé, teria precisamente um metro e oitenta e três, tal como Michael. Mas foram os seus olhos, aqueles olhos Blair tão azuis, que lhe indicaram tratar-se de um parente próximo.

Dizia que não era Michael, então quem seria? Tinham de ser da mesma família.

- Sou Evangeline Drake - disse-lhe ela. - O meu marido é Aaron Drake, Lorde Run.

- A sua propriedade é a que fica ao cimo da estrada?

- Sim, dirijo-me a casa. Ah... peço desculpa por olhá-lo fixamente, mas é tão parecido com o meu irmão Michael!

Ele sorriu, sendo a curva dos seus lábios outra característica absolutamente precisa.

- Vou tomar isso como um elogio.

- O que quero dizer é que se parece *exatamente* como ele. - Tinha a certeza de que parecia louca. - Confundi-o com ele.

- Depois de a ter conhecido - respondeu ele, galantemente -, oxalá pudesse declarar uma ligação entre nós, mas infelizmente não posso.

Montava um belo garanhão, usava roupas caras de bom corte: calções beges, botas pelo Joelho, uma camisa branca fluida. Trazia uma espada amarrada à cintura, mas a arma não a preocupava. Não emanava qualquer sensação de ameaça, mas, mesmo assim, havia nele um

ar de autoridade que também era idêntico ao do irmão.

Quando Michael se movia numa multidão, irradiava uma tal aura de força e perigo que as pessoas se desviavam nervosamente do seu caminho. Estava convencida de que se visse este desconhecido entrar numa sala, as pessoas sentiriam o seu forte carácter e reagiriam do mesmo modo.

- Vive aqui nesta zona, senhor...?

Fez uma pausa, para lhe dar oportunidade de se apresentar, e ele fez-lhe o obséquo.

- O meu nome é... ah... Rafe Harlow. Estou na mansão Greystone com o meu irmão mais novo.

Ela ficou de língua presa por um instante, querendo ser cortês e convidá-lo e ao irmão para o jantar em Fox Run, ou talvez para a gala, mas a história do escândalo, contada pela governanta, pairava no horizonte. Não conseguia decidir o que era melhor no calor do momento.

O seu papel de viscondessa era tão novo para ela. Não gostaria nada de dar um passo em falso, que envergonhasse o marido e deixasse a vizinhança toda a trocar mexericos.

- Ainda não conheci os Merrick - disse ela. - É familiar ou convidado.

- Sou... convidado.

As respostas dele eram extremamente estranhas, proferidas com uma leve hesitação, como se não se sentisse seguro em relação a si próprio ou ao seu lugar no mundo. Bem, não podia culpá-lo por isso. Acaso não sentira ela exatamente o mesmo a vida toda?

- Tenho de lhe perguntar... e por favor, não me interprete mal... mas, o meu nome de solteira é Blair. Com esses seus olhos azuis, vou ter de lhe perguntar se é aparentado com a família Blair.

E algo surgiu, desaparecendo num ápice, de forma que se ela não tivesse prestado tanta atenção, não teria reparado. Quando ela mencionou o nome *Blair*, ele ficou lívido de choque, mas depressa camuflou a emoção e fitou-a com um olhar vazio, mas aqueles olhos azuis eram uma cópia exata dos seus. Dos de Michael. Dos de Bryce.

- Não podemos, de modo nenhum, ser familiares, Lady Run - disse ele baixinho, mas analisava-a intensamente.

- E o seu apelido Harlow? Será por acaso familiar do ousado e bravo capitão Harlow, que está a ser celebrado em Londres?

- Ousado e bravo, é assim? - Soltou uma risadinha. - Também não somos parentes.

Ela ficou espantada e confusa, como se estivesse em curso algo traiçoeiro que ela não conseguia verdadeiramente identificar. Tinha a estranhíssima sensação de que se colocasse as questões da maneira certa, conseguiria as respostas que procurava, mas com ele a negar uma ligação, não lhe podia propriamente chamar mentiroso.

Ainda assim, não conseguia deixar passar aquilo em branco e perguntou-lhe:

- Acontece-lhe ter sonhos estranhos?

- Toda a gente tem sonhos estranhos, Lady Run.

- Sim, mas estes são diferentes. Alguma vez sonhou com um menino que é igual a si? Podia ser seu gémeo. Consegue ler a mente dele e ouvir os seus pensamentos?

Aquela expressão de choque surgiu de novo, mas ele escondeu-a logo e riu-se.

- Deve achar-me com um problema de cabeça.

- Desculpe. - Ela também se riu. - Estou a ser pateta, mas geralmente não sou tão rude ou indelicada. Por favor, perdoe-me.

- Mas é claro, e não foi nada rude ou indelicada. Passarei várias horas a perguntar-me que diabo me estaria a tentar dizer.

- Como eu própria não sei bem, estou segura de que nunca haverá de descobrir.

Fez o seu sorriso mais encantador, aquele que tinha sempre um público a aplaudi-la e a aclamá-la. Ele olhou-a de queixo caído, com o seu sorriso a esmorecer, e o momento tornou-se embaraçoso.

- Espero vê-lo muito em breve - disse ela cordialmente, para desanuviar a tensão.

- Farei questão de a visitar.

- Venha, sim? E traga o seu irmão. Gostava de o apresentar ao meu marido.

- Mal posso esperar.

Ele afastou-se e chutou o cavalo para que seguisse a trote. Evangeline ficou a vê-lo partir e, quando ele dobrou a esquina, ergueu-se nos estribos e olhou para trás. Sorriu e fez-lhe uma saudação perfeita de soldado, como se estivesse há anos no exército.

Ela arquejou, lembrando-se de que Michael insistia que Matthew era soldado do exército e que se encontrava numa propriedade em Inglaterra. Seria possível que ele estivesse praticamente na porta ao lado? Prepararia porventura o universo uma conclusão tão emocionante e bizarra? Estariam os seus caminhos destinados a cruzar-se?

Não se atrevia a pôr-se a adivinhar, mas o senhor Rafe Harlow tinha umas explicações a dar.

O condutor espreitou para ela, que fez um gesto para que ele continuasse.

- Despache-se, sim? - disse ela. - Tenho de ir para casa escrever ao meu irmão.

Michael tinha de fazer a viagem até Fox Run para conhecer o senhor Harlow. Michael e o senhor Harlow tinham de ficar lado a lado a olhar para os olhos um do outro. Depois deixariam o senhor Harlow decidir se queria afirmar não haver qualquer ligação.

Aquele homem tinha segredos - disso não duvidava Evangeline. Não parecia inclinado a partilhá-los com ela. Será que os partilharia com Michael? Tinha a intenção de o descobrir.

6

Matthew estava junto da manjedoura dos cavalos, com um balde de água na mão. Em tronco nu e de cabelo solto, despejou o conteúdo sobre a pele quente.

Estava uma tarde cálida e ele sentia a cabeça a latejar. Parecia que as suas veias tinham sido rasgadas. Queria simplesmente sentar-se num lugar tranquilo para se recompor, mas sempre que fechava os olhos, via Lady Run a sorrir para ele.

Blair... Está relacionado com a família Blair...

Matthew sabia que o seu apelido era Blair, não Harlow. Na noite do fogo, agarrava uma sacola de couro contendo diversos documentos, um deles um certificado de nascimento onde se lia que os seus pais eram Anne e Julian Blair. Deduziu-se que teriam morrido naquele inferno e, no caos dele resultante, acabou por ir viver com o senhor e a senhora Harlow.

Embora tivessem sido feitos esforços no sentido de contactar os seus familiares, nunca haviam sido localizados. Pelo menos, segundo o senhor Harlow, mas ele era um asno bêbedo e violento. Sabia-se lá se dizia a verdade fosse do que fosse.

Matthew nunca se afligiou muito com a morte dos pais, ou com a possibilidade de ter primos ou tios. Partiu do princípio de que não teria e seguiu a sua vida como o filho que a senhora Harlow desejara mas não conseguira gerar.

Mais tarde, Rafe tornou-se seu irmão e o clã Harlow, espalhado no espaço, aceitou Matthew como sendo um dos seus. Depois da morte do senhor Harlow, Rafe herdou o seu dinheiro e propriedade em Yorkshire, e Matthew era tutor de Rafe, muitas vezes mais parecendo seu pai do que o verdadeiro progenitor.

Mas... e os Blair? Teria ele parentes por aí? Em caso afirmativo, poderia Lady Run ser um deles? Sentia-se fascinado com essa possibilidade.

Aqueles seus olhos abalaram-no como há muito nada o abalava. Estava de novo em Greystone, no relvado atrás dos estábulos, mas mal se lembrava de ter chegado a casa.

Enquanto se afastava a cavalo de Lady Run, foi dominado por aquele estranho transe que às vezes experimentava e estivera todo o tempo num estupor. O homem que tanto se parecia consigo falara na sua mente, dizendo: *Onde estás, Matthew? Vou encontrar-te. Sabes isso, não sabes?* Ao longo da sua vida, Matthew viu o homem que podia ter sido seu gémeo. Quando era mais pequeno, achava que o outro rapaz era o seu anjo da guarda, mas à medida que cresceu, passou a deduzir que teria uma ponta de loucura. Pensava nos pais, se também teriam sido loucos. Ou talvez a insanidade tivesse brotado devido às dificuldades de ser o filho adotivo da família Harlow. O senhor Harlow era um demónio cruel que chicoteava as crianças quando lhe desobedeciam – e mesmo quando não o faziam.

Matthew sofrera a sua quota-parte de violência. Nascera com um temperamento aristocrático, com tendência para a insolência e incapaz de sofrer uma injustiça em silêncio, o que instara frequentemente o senhor Harlow a usar os punhos.

Matthew tolerou os abusos, nunca se virou a ele, exceto com a língua afiada, até o imbecil brutal ter começado a investir sobre Rafe. Bem, tinha lidado rapidamente com o senhor Harlow, e Matthew nunca haveria de se arrepender. Nem Rafe.

Mas os anos que passou com o senhor Harlow endureceram Matthew e fizeram dele um soldado forte e perigoso. Nada o assustava, nada o preocupava. Será que também o tinha deixado doido?

O que era Lady Run a Matthew? Sabia que ele ouvia vozes, que tinha os seus estranhos sonhos. Como podia saber? O incidente deixara-o de mau-humor e zangado e ele detestava ficar desorientado.

Rafe irrompeu ali, e a sua exuberância jovial inundou Matthew, fazendo-o sentir-se velho e decrepito. Alguma vez tinha sido tão descontraído, tão despreocupado? Tinha a certeza de

que não. Não estava na sua natureza.

Rafe sorria, cheio de autoconfiança, como se tivesse um segredo, e, tratando-se de Rafe, podia implicar alguma forma de perfídia. Matthew passava a maior parte do tempo a evitar que Rafe se metesse em sarilhos, protegendo-o de uma maneira que ele próprio nunca tinha sido protegido.

Infelizmente, Rafe era obstinado e opinioso, e tinha muito dinheiro (herdado do pai), por isso Matthew tinha pouco sucesso quando lhe dizia alguma coisa.

- Onde estiveste? - perguntou Rafe.

- A passear pelas vizinhanças.

- Viste alguma coisa interessante?

- Não, mas conheci uma senhora aristocrata que andava a passear de carruagem.

- Estás a brincar.

- Não. Fox Run, a propriedade do marido, fica logo ao cimo da estrada. Convidou-nos a visitá-la.

- Ora, ora, não é que estamos a subir na vida.

- Mais alto do que eu gostaria - resmungou Matthew.

- Imagina o que aconteceu enquanto estiveste fora.

- O quê?

- A Angela Merrick pediu-me que fosse ao quarto dela esta noite.

- Pediu-te?

- Pediu. Diretamente. Sem margem para equívocos.

- Tens a certeza?

- Acredita em mim, reconheço uma proposta indecente quando a ouço. Ela foi muito direta.

Independentemente dos conselhos e repreensões de Matthew, Rafe era o pior dos patifes. As mulheres atiravam-se a ele nunca via razão para recusar o que lhe era oferecido. Felizmente, ainda não se metera em nenhum imbróglcio que o irmão não conseguisse resolver.

Matthew sentira a cabeça a latejar, e agora era como se um martelo lhe batesse no interior. Nunca devia ter começado aquele jogo pateta de deixar Rafe fingir que era o capitão Harlow. Tinha sido uma ideia estúpida.

- Acabou - disse ele.

- O quê?

- A nossa mudança de papéis.

- Eu estava a divertir-me tanto no meu papel! Temos de parar?

- Temos. O Roland Merrick vem jantar.

- Encontraste-o?

- Vive na cabana do couteiro. Reunimos a família depois de jantar e contamos-lhe quem realmente sou.

- Isso significa que não posso aceitar o convite da Angela?

- Absolutamente e, quando ela descobrir que tem andado a seduzir o homem errado, provavelmente vai esganar-te. É melhor teres cuidado.

- Não tenho medo de uma palerma daquelas - disse Rafe com desdém. - E a menina Edwards?

- O que tem ela?

- É tão querida para mim.

- Não é o que acontece com todas as mulheres do maldito reino?

- Quer ir dar um passeio comigo depois do jantar.

- É um não absoluto.

- Porquê? - Fez beicinho, como uma criança.

- Porque é muito bonita, e tu acabarás por te comportar precisamente como não devias.

- Desmancha-prazeres.

- Neste caso, sim.

Rafe agarrou no balde, mergulhou-o na manjedoura e despejou a água pela cabeça de Matthew. Estava quente, e Matthew mostrou-se irritável. Normalmente, teria deitado Rafe na terra para o esmurrar, mas sentia-se demasiado mal para lutar.

- Vai-te embora, palerma, antes que eu dê cabo de ti.

- Como se conseguisses - gabou-se Rafe, mas afastou-se à pressa, a rir e praticamente a correr dali.

- Eu que não saiba que estiveste outra vez sozinho com a Angela Merrick - gritou Matthew. Rafe não respondeu, mas fez um gesto para mostrar que tinha ouvido. - E mantem as mãos afastadas da menina Edwards.

Rafe espreitou para trás.

- Só as mãos? E as outras partes do corpo?

- Espertinho.

Pegou numa pedra e atirou-lha, mas Rafe fugiu contornando a esquina do cavaleiro e a pedra foi parar ao arvoredo.

Matthew deixou-se ficar na tranquilidade do pátio, pois não queria entrar, mas estava desesperado por se deitar e descansar. A noite que se avizinhava seria horrível.

Roland Merrick era um vadio - tão caprichoso e indigno de confiança como imaginara que seria - e Matthew precisava que ele sáísse da propriedade o mais depressa possível. Depois, havia que lidar com as parentes de Merrick, assim como com o facto de Angela Merrick descobrir a identidade de Rafe. Nada daquilo ia ser agradável.

Como Matthew sempre fora oficial, já tinha a sua dose de luta. Greystone devia ser um refúgio e ele não suportava todo o drama que a sua tomada de posse criara. Tivesse ele sabido como aquilo seria mau, teria recusado o presente, apesar de Rafe ter insistido para que o aceitasse.

Agarrou na camisa e usou-a como toalha, secou o rosto, os ombros, os braços e o peito. Quando a enfiou, virou-se e ficou surpreendido ao ver Clarissa Merrick no limiar do jardim, a estudá-lo com forte interesse.

Na noite anterior, pedira-lhe que fosse dar um passeio com ele a cavalo às dez horas. Quando estava pronto para partir e não sabia onde ela estava, não tivera energia para se dar ao trabalho de a procurar. Por isso, fora passear sozinho. Mas agora, que estava de mau humor, a desobediência dela era extremamente ofensiva.

Há quanto tempo estava ali? O que teria visto? Ele parecia um rafeiro tristonho, o seu desânimo era enorme. Teria reparado na sua infelicidade?

Não suportava pensar nisso. Nunca mostrava fraqueza perante ninguém. Não se atrevia.

Deu um passo para ela, e a sua expressão devia ser perigosa, porque ela guinchou de medo e foi a correr para casa. Ele foi atrás dela, tempestuoso, sem saber ao certo o que estava a fazer.

Ela entrou por uma porta dos fundos, subiu as escadas de serviço e ele disparou atrás dela, perguntando-se vagamente porque corria ela e porque estava a persegui-la, mas não era capaz de parar.

Ela dirigia-se aos seus aposentos, provavelmente na esperança de se poder trancar antes que ele chegasse. Mas, com aquele humor terrível dele, se calhar conseguiria entrar. Estava mesmo irritado.

- Menina Merrick! - rosnou o nome dela, como se ela fosse um recruta novo, mas ela ignorou-o.

Bateu com a porta e estava a mexer nas chaves quando ele disse bruscamente.

- Se fechar a maldita porta, derrubo-a ao pontapé. Juro que o faço.

Do outro lado da madeira, ela gemeu, alarmada, e afastou-se para ele entrar, como um guerreiro.

Ordenou, no outro extremo da sala:

- Vá-se embora!

- Não.

- Está louco?

- Estou.

- Não pode estar aqui.

- Menina Merrick, já aqui estou. Porque é que tem sempre de fazer as observações mais idiotas?

- Não pode ficar! - insistiu ela.

- Posso, e fico.

Fechou a porta, rodou a chave e dirigiu-se a ela com passos ruidosos. Ela foi à pressa para o quarto e ele não sabia bem como é que ela esperava escapar dele. Iria segui-la até a apanhar, pura e simplesmente. Estava decidido a marcar uma posição, embora não fizesse ideia de qual seria.

Contornou a cama e chegou junto dela em três tempos, com um braço a cingir-lhe a cintura mantendo-a bem perto de si enquanto os fazia cair na cama. Ela tentou libertar-se, mas ele pôs-se em cima dela, com o tronco muito mais largo que o dela a prendê-la.

Tratava-se de um gesto demente e ele não conseguia compreender porque o fizera. Sentia-se como que a sair do próprio corpo, como se olhasse a cena de cima, vendo um outro infeliz qualquer a maltratá-la.

Quando ele se esticou, ela guinchou, insultada, e esmurrou-lhe o ombro, mas ele ignorou os seus protestos. Agarrou-a pelos pulsos e prendeu-lhos acima da cabeça, à espera que se extinguisse aquele fulgor que lhe alimentava a fúria.

Quando ela deixou de lutar, ele perguntou:

- Acabou?

Ela deu-lhe um pontapé na canela.

- Deixe-me levantar.

- Não.
 - Você é doido varrido.
 - Sim, sempre fui.
 - Perseguir-me pelo jardim fora e em casa! Como se atreve!
 - Como me atrevo?
 - E para quê?
 - Não faço ideia. Porque estava a fugir?
 - Porque me assustou de morte.
- Ele bufou.
- Não assustei nada.
 - É maior do que eu. É mais forte e violento.
 - Sem dúvida.
 - Admito. Pode ir e vir sem consequências. Pode entrar por aqui dentro como lhe apetecer. Pode tratar-me como entender e eu não consigo impedi-lo.
 - Pois não.
 - Venceu-me de todas as maneiras possíveis, por isso escusa de continuar com o seu tormento.
 - Estou a atormentá-la.
 - Sim.
 - Como?
 - E se alguém o viu entrar? O que seria de mim?
 - Ninguém me viu. Foi banida para uma ala deserta da mansão.
 - Fui eu que escolhi estes aposentos!
 - Pois claro e, se alguém me visse aqui entrar, quem se importaria? Uns quantos criados que não contam para nada? A sua prima Angela, que não dá dois tostões furados por si? Quem?
 - *Eu* importar-me-ia - disse ela. - Não tenho muito na vida... para lá da minha conduta agradável e reputação moral.
 - Eu não diria que tem uma conduta *agradável*.
 - Eu sou muito amigável... quando estou rodeada de pessoas amigáveis.
 - E eu detesto mulheres moralistas.
 - Então, porque está aqui?
 - Não me ouviu dizer que não faço ideia?
 - Bem, eu acho que é um homem intimidante e desprezo-o.
 - E porquê, exatamente? A maior parte das mulheres adora-me.
 - Mas não *esta* mulher. É pomposo e irritante.
 - Pois sou.

- Como tem um ego do tamanho de uma casa, não suporta que eu o deteste, por isso sente necessidade de se impor incessantemente sobre mim.

Refletiu sobre aquele comentário e abriu um sorriso.

- Talvez tenha razão.

- *Talvez?! Acertei em cheio e você é uma ameaça. Agora deixe-me levantar.*

- Nunca para de falar?

- Estou a dar-lhe uma descompostura e bem precisa. Se me desse ouvidos, eu não teria de estar sempre a voltar ao mesmo.

- Não lhe disse já que nunca ouço o que as mulheres dizem?

- Disse, e não lhe disse eu que devia começar a ouvir? Vire a página, soldado Harlow. Experimente coisas novas.

Não gostou que ela lhe chamasse *soldado* Harlow, não gostava de ser recordado daquele esquema idiota que pusera em ação. Tinha a verdade na ponta da língua, mas isso só haveria de a enraivecer ainda mais. Podia ficar a saber mais tarde, com o resto das pessoas.

- Eu nunca experimento coisas novas. Estou contente com o seu estado atual. Não gosto que mudem.

- Nem eu, razão pela qual não gosto de o ter aqui comigo. O que pode advir de bom?

- Ah, não sei. Estou a divertir-me imenso aqui a conversar consigo.

- Eu não. É evidente que quer alguma coisa de mim. Esclareça-me do que se trata, para que lho possa dar... se puder. E talvez depois o consiga convencer a sair.

Ele olhou para ela, dando-se conta de como era bonita. Nunca se julgara com queda para as louras. Sempre deduziu gostar de mulheres ruivas e ousadas como Penelope, mas aparentemente estava enganado. Louro estava ótimo.

Queria alguma coisa dela? Calculava que sim, senão porque se debatia com ela? Não tinha tendência a forçar mulheres, então, o que lhe passava pela cabeça?

Nunca quis saber de mulheres, exceto para obter prazer físico, mas, por alguma razão, ela agradava-lhe de uma maneira diferente. Não sabia descrever o que o movia, o que provocava aquilo nele, mas, quando estava perto dela, sentia-se melhor, mais satisfeito e menos zangado. Um monstro queimava dentro de si, e ela parecia amansá-lo.

Não, isso não era verdade. Na verdade, ela provocava o monstro até níveis absurdos de mau-humor e irritação. Mas também acendia nele um estranho desejo. Tocava-lhe em dores antigas que o afligiam desde que era um rapaz triste e perdido, criado por Harlow.

Ansiava estar na presença dela, por ver os seus olhos azuis brilharem de alegria ou fúria, por ouvi-la ralar, dar um sermão e rir. E não era estranho? Em circunstâncias normais, não suportava que lhe dessem sermões, especialmente uma mulher, mas, no caso dela, não se importava.

Achava-a pateta, ridícula e uma ótima companhia. A pronta aceitação das peculiaridades dela tinha de ser importante, mas porque seria?

- Feche os olhos - disse-lhe ele.

- Porquê?

- Sabe *porquê*.

- Não sei, não. O que está a planear?

- Vou beijá-la.

- Vai... vai... *o quê?* Não, eu proíbo-o. Eu...

Antes que pudesse acrescentar mais alguma coisa, ele colou os lábios aos dela. Finalmente – finalmente! – conseguiu calá-la. Bastava aquilo? Um simples beijo?

Afastou-se, e ela olhava para si com uma expressão tão austera que ele soltou uma risadinha.

- Qual é a graça? – bufou ela.

- Encanta-me para lá da razão, menina Merrick.

- Nem imagino porquê.

- Eu também não consigo imaginar.

- Já teve o seu beijo. Pode ir agora embora?

- Não. Vamos fazer isto de novo.

- Está a abusar da sorte.

- Eu sempre abusei da sorte, e isso sempre me trouxe grandes vantagens.

- Não quero isto de si.

- Quer o quê? Uns beijinhos?

- Se me comportei de uma maneira que o fez julgar que as suas atenções seriam bem acolhidas, peço sinceramente desculpa.

- Não fez nada, a não ser bela e atraente.

- *Eu* sou atraente?

As faces dela enrubesceram com um agradável tom rosado que o levou a perguntar-se se alguma vez teria recebido um elogio.

- É – disse ele. – É muito bonita e eu não lhe consigo resistir.

- Está a ser disparatado.

- Não estou, não. É uma mulher que devia ser beijada muitas vezes e intensamente. Porque não o é?

Não esperou pela resposta. Debruçou-se para roubar outro beijo, demorando-se um pouco mais, e aquele momento foi tão doce e desejado que ele mal conseguia não suspirar, deleitado.

Continuaram durante algum tempo e, considerando toda a história dos beijos, não havia muito de que se vangloriarem. Ele não lhe tentou desabotoar nenhuns botões, não lhe acariciou os seios nem lhe retirou as travessas do cabelo. Limitou-se a desfrutar do momento, absorvendo todos os pormenores do cheiro dela, do seu sabor, da perfeição com que o seu tronco esguio encaixava no dele. No final, ela parecia estar a gostar e até se dignou retribuir.

Ao fim de uma eternidade, ele acabou por se afastar. Ela franziu o sobrolho, como que surpreendida com ele, ou consigo própria por ter participado.

- O que acha? – perguntou ele.

- Não foi tão horrível como eu esperava.

Ele fartou-se de rir.

- Ainda bem que tenho um ego enorme. Se não tivesse, você seria a minha morte.

- Duvido que umas quantas palavras o magoassem. Tenho a certeza de que qualquer crítica, por mais merecida, cairia por terra como setas rombas.

Ele sorriu.

- Tenho a certeza de que tem razão.

Levantou-se da cama, e ela saiu pelo outro lado. Olharam um para o outro por cima do colchão.

- Desça para jantar - disse ele.

- Não quero.

- Não é um pedido. Infelizmente, vou ter de insistir.

- Imagino que, se recusar, entre por aqui para me arrastar lá para baixo.

- Ora, menina Merrick, conhece-me tão bem.

- Vou obrigar-me a ceder, só desta vez, seu rufião horrendo.

- Tenho um anúncio a fazer à família depois de jantar. Preciso que todos estejam presentes.

- Que espécie de anúncio? - De repente, parecia muito assustada. - O seu irmão já decidiu o que vai ser de nós?

- Já.

A preocupação dela era palpável.

- São más notícias? Pode contar-me?

- Não são más notícias.

- Então? Dê-me uma pista sobre os seus planos.

- Vai descobrir esta noite, mas não se preocupe. Nunca deixaria que nada lhe acontecesse.

- Promete?

- Claro. - Apontou para o roupeiro dela. - Vi-a com o seu vestido cor de lavanda. Tem outro que seja bonito?

- Nem por isso.

- Use aquele para mim.

- Sinceramente, soldado Harlow. Mal nos conhecemos, por isso não é adequado que me aconselhe relativamente à minha escolha de roupa.

- Vista-o - tornou ele a dizer. - Gosto de mulheres que usam coisas bonitas. Não gosto nada que ande por aí como uma governanta deselegante.

Clarissa estremeceu.

- Se me continuar a lisonjear assim, vou ficar cheia de ideias.

- Deus queira que não - murmurou ele. - O vestido lavanda, se não se importa. Gosto de como conjuga bem com os seus olhos azuis e lhe faz sobressair o louro do cabelo.

Ela suspirou, exasperada.

- Está bem.

- O jantar será servido às sete. Não se atrase.

Ele fez menção de sair e estava quase ao pé da porta quando ela disse:

- Soldado Harlow?

Virou-se.

- Sim.

Fitaram-se e, por fim, ela murmurou:

- Nada. Vemo-nos logo à noite.

- Estou ansioso.

Ele foi por um instante invadido pelo sentimentalismo. Ardia por lhe falar da sua vida solitária, do pai de Rafe, de como salvara Rafe e de que não lamentavam o que Matthew fizera. Tinha a certeza de que ela compreenderia, que não o questionaria nem o condenaria.

Por outro lado, queria conhecer tudo a respeito dela, por mais insignificante que fosse. Qual era a sua cor preferida? A comida de que mais gostava? Quem eram os pais dela? Como ficara órfã? Porque vivia em Greystone? Como conseguira vingar sob o pulso cruel de Roland Merrick?

Mas não imaginava os disparates que lhe podiam sair da boca se dissesse uma única palavra que fosse. Virou-se e partiu, antes que abrisse a boca e fizesse figura de parvo.

7

- Tenta ser civilizado, sim, Roland? Por favor.

- Fui maltratado por aquele palerma, portanto, não há razão nenhuma para fingir cortesia.

Clarissa queria retorquir: *Eu também fui maltratada por ele!*

Mas achou que seria sensato guardar essa informação para si.

Sentia-se completamente confusa com o que acontecera. Era evidente que captara o interesse do soldado Harlow, mas nunca fora uma coquete, nunca fora pessoa de seduzir ou ser tentadora. Sempre houvera escassez de homens solteiros em Greystone, de modo que nunca teve oportunidade de desenvolver as suas manhas femininas, mas, mesmo que tivesse tido, não era namorada.

No entanto, o soldado Harlow parecia embeijado. Seria essa a palavra certa? Estaria embeijado? Não, decidiu ela. Não era o tipo de homem que se deixa apaixonar. O que o atraía então, exatamente, ao quarto dela?

Clarissa estava no jardim quando ele regressou do passeio a cavalo pelas redondezas. Reparou nele porque lhe pareceu invulgarmente desnorteado. Sem se dar conta de que ela estava a ver, foi aos tropeções até à manjedoura, despiu a camisa e lavou-se com vários baldes de água fresca.

Enquanto o espiava, ocorreu-lhe que nunca tinha visto um homem tronco nu. No seu mundo, as pessoas abotoavam-se do queixo aos dedos dos pés, portanto, foi um enorme choque vê-lo seminu.

Olhar para toda aquela carne viril deixou-a vidrada, os ombros largos, as ancas estreitas. Havia um tufo de pelos no peito dele, que estreitava até ser uma linha que desaparecia nos calções, e o seu olhar curioso seguiu essa linha, perguntando-se o que se esconderia debaixo do tecido.

Tinha ouvido dizer que os homens e as mulheres tinham constituições distintas nas zonas privadas, mas sempre foi tímida demais para perguntar pelas diferenças. E a quem perguntaria? A Angela, que também era donzela?

Todo aquele episódio a deixara, contudo, hipnotizada levando-a a pensar em Harlow de uma maneira completamente nova. Pela primeira vez na vida, avaliava um homem enquanto *homem* e a si própria como *mulher* e sentira um estremecimento de invulgar agitação que era fisicamente excitante.

Quando começou a dirigir-se a ela, parecia tão zangado que ela ficou alarmada. Ordenou-lhe que ela lhe fizesse uma visita guiada pela propriedade, o que ela evitou deliberadamente, por isso deduziu que a quisesse castigar por desobediência. Começou a fugir dele e, quando ele foi atrás, ficou sem saber que desfecho esperar - provavelmente alguma coisa violenta e horrível, mas, em vez disso, ofereceu-lhe uma conversa provocadora e beijos ternos.

Nem sequer falou do passeio a cavalo e ela não fazia ideia do que pensar. Todo aquele incidente a deixou com a cabeça num turbilhão e preocupada por talvez gostar mais dele do que julgara.

- Aquele suíno exigiu que eu fosse ao jantar - queixou-se Roland, arrancando-a do seu devaneio - e depois nem se digna aparecer.

- Não foi assim tão mau, foi? - perguntou Clarissa. - Comer connosco, para variar?

- Não, não me importo dessa parte. Importo-me que me deem ordens como se eu ainda fosse um rapazola de calções curtos. Aquela criatura sádica agarrou-me e levantou-me do chão. Temi pela vida, digo-vos.

Clarissa reprimiu um sorriso, detestando sentir-se animada com a imagem que Roland tinha

pintado, mas era cómica.

O soldado Harlow era grande e forte e Roland, pequeno e franzino. Embora Roland só tivesse trinta anos, o seu cabelo louro esbranquiçado mudara para um tom mais prateado, acinzentado. Começava a rarear em cima e, embora ele o penteasse em vários sentidos, não conseguia esconder a calvície gradual.

Às vezes parecia um elfo a envelhecer e era engraçado imaginá-lo a confrontar-se com Harlow. Não havia dúvida de quem seria vencedor numa luta dessas.

Tinham terminado a refeição organizada pelo soldado Harlow, mas, para desânimo de Clarissa, nenhum dos Harlow aparecera e ela não sabia ao certo porquê. Roland, Angela, Eddie e Clarissa tinham jantado sem os Harlow, depois retiraram-se para o salão para saber o que aconteceria depois.

Estavam de humor inflamado, extremamente preocupados. Ela estivera em pulgas durante toda a tarde, ansiosa por descobrir o destino deles. Os planos estavam estabelecidos e, embora o soldado Harlow tivesse insistido que *ela* não precisava de se preocupar, não conseguia evitá-lo.

Tinha vivido tranquilamente em Greystone e sem tribulações durante tantos anos. A propriedade era linda e pouca coisa acontecia ou mudava ali. Em criança, Clarissa tinha sofrido muitas adversidades e era assustador contemplar alterações à sua rotina.

A mãe foi uma rapariga pateta que fugira de casa com uma trupe de teatro itinerante para seguir uma carreira como atriz. Poderia uma mulher ter escolhido um caminho mais instável e imprudente?

Engravidara cedo e casara com um ator, um patife que depressa desapareceu, abandonando Clarissa e a mãe. Ficaram com a trupe de atores, mas nunca havia dinheiro para pagar as contas.

As suas memórias deprimentes consistiam em ter roupa que não lhe servia porque ela ia crescendo e não havia recursos para comprar mais. Lembrava-se de estar sempre com fome, de ser constantemente sacudida a meio da noite e ter de fugir de algum senhorio zangado por não ter recebido o dinheiro da renda.

Quando a mãe morreu e Clarissa foi viver em Greystone, ela viu aquele lugar como o mais extraordinário do mundo, o seu paraíso pessoal. Deleitava-se com o facto de os dias passarem sem dramas nem caos.

A queda de Harold Merrick produzira um bulício cataclísmico que culminou com os Harlow a assumirem o controlo e, só de pensar nisso, o seu pulso acelerava de medo.

Angela perguntou:

- Será que vão mostrar os seus infelizes rostos antes de terminada a noite?
- Vou dar ao maldito homem mais cinco minutos - respondeu Roland -, depois vou-me embora.
- Não é preciso praguejar, Roland - ralhou Clarissa.
- Estou na minha casa, Clarissa - replicou com arrogância. - Falo como bem entender.

Ela podia ter-lhe recordado que aquilo era um deslize da parte dele, que aquela casa já não era *dele*, mas de que serviria? Só os picaria mais ainda.

- Alguém perguntou ao mordomo onde eles estão? - questionou Eddie. - Os criados sabem deles? Devemos esperar, ou quê?
- O mordomo disse-me que estão enclausurados no quarto do capitão. Não devem ser incomodados. - respondeu Angela

Roland fez uma careta, repugnado. Era-lhe difícil ouvir Angela referir-se ao quarto do *capitão*. Os grandiosos aposentos tinham pertencido a Harold Merrick e deviam agora ser de Roland,

em vez de ter de se esgueirar para a cabana do couteiro quando as coisas ficavam tremidas.

O facto de agora serem designados como os aposentos do capitão indicava que grande parte da autoridade saíra das mãos Merrick.

- Vou lá buscar esse asno - disse Roland. - Se ele não estiver aqui dentro de trinta segundos, eu... eu...

Evidentemente, não era capaz de conceber um final suficientemente terrível, e Angela desdenhou:

- Você o quê?

- Não troces de mim, querida irmã - disse Roland, a ferver. - Já estou suficientemente enraivecido. Se me exasperar, será por tua conta e risco.

- Como se eu tivesse medo de ti - desdenhou Angela. - Não sejas presunçoso e vaidoso. É irritante e dá-te um ar ridículo.

De repente, ouviram-se passos no corredor, a marcha de botas na direção deles. Deixaram de conversar e olharam para a porta, boquiabertos. Estavam todos sentados, mas Clarissa levantou-se, sentindo-se como que prestes a enfrentar um pelotão de fuzilamento, como se os guardas prisionais tivessem vindo buscá-la para a levar para a força.

Os irmãos Harlow entraram, o mais velho primeiro, com o mais novo atrás. Avançaram até ficarem à frente de Roland e Angela, que estavam sentados juntos no sofá.

Clarissa estudou-os e franziu o sobrolho. Estavam de uniforme, mas, por alguma razão, tinham trocado de casaca. O Harlow mais velho usava agora a que tinha fitas e medalhas. O mais jovem quase não tinha nada na sua. O que significava aquilo?

Nervosa, espreitou para Eddie e para os primos. Teria sido a única a reparar? Aparentemente, sim.

- Já não era sem tempo - murmurou Roland.

O Harlow mais velho ignorou-o, mas acenou para Clarissa.

- Sente-se, por favor, menina Merrick.

Embora tivesse dito as palavras *por favor*, o pedido mais parecia uma ordem e, como ela detestava aquele tom mandão, quase recusou. No entanto, tal como estava a descobrir, tinha de escolher as suas batalhas contra ele e pouco lhe importava que estivesse de pé ou sentada.

Instalou-se ajeitando a saia, alisando o tecido, tentando decidir o que fazer com as mãos.

- Peço desculpa por termos faltado ao jantar - disse ele bruscamente. - Ficámos retidos com assuntos urgentes.

- Mais urgentes do que um jantar organizado por si? - disse Angela bruscamente. - Se bem me lembro, informou-nos que teríamos de estar aqui, senão...

- Sim, bom, estou aqui para vos falar do *senão*. - Avaliou cada um deles, anunciando depois: - Eu sou o capitão Matthew Harlow.

- O quê? - Angela arquejou.

- *Eu* sou o capitão Harlow. Este é o meu irmão mais novo, o soldado Rafe Harlow.

- Mas... mas... - gaguejou Angela.

- Peço desculpa por vos ter sido desleal - parecia lamentá-lo sinceramente -, mas, como podem imaginar, fiquei desconcertado ao descobrir que continuavam todos a morar aqui. Troquei de identidade com o meu irmão para poder ter oportunidade para ficar a saber mais sobre vocês.

Roland fez uma careta.

- Enganou-nos?

- Sim - admitiu o capitão -, e isso deu-me uma ideia intrigante do carácter de cada um de vocês.

Fulminou Angela com o olhar e as faces dela enrubesceram, levando-a a lamentar-se, insultada:

- Você é o capitão Harlow? Como se atreve a enganar-me, senhor?

- Foi cruel - disse o capitão. - Não vou negá-lo, mas esclareceu-me acerca do que eu devia saber sobre si.

- Desenvolvi uma ligação emocional com o seu irmão.

- Porque julgou que ele era eu.

- Sim, e fui maliciosamente enganada.

- De que forma foi enganada? - respondeu o capitão friamente. - Para além da identidade dele, quero eu dizer.

- Ele disse que casava comigo - declarou Angela. - Fez-me essa promessa, e eu aceitei.

O capitão Harlow olhou de relance para o irmão, que abanou a cabeça, refutando a alegação de Angela.

- O meu irmão é muitas coisas - declarou o capitão -, mas não é mentiroso. Se alguma promessa foi feita, isso aconteceu na sua cabeça iludida.

- Sofri danos horríveis e serão necessárias correções - bufou Angela.

- Minha pobre irmã - disse suavemente Roland. - Brincou com os afetos dela.

O capitão disse com desdém:

- Não sabia que ela os tinha.

- Não a insulte - disse Roland. - Não o permitirei.

- Não estava a insultá-la; estava apenas a constatar um facto.

- A Angela tem razão - afirmou Roland. - Deve-nos uma compensação.

- E que compensação seria essa? - perguntou o capitão Harlow. - Deverei obrigar o Rafe a casar com ela? Gostaria de ter um soldado de baixa categoria como cunhado?

Isto calou Roland e Angela, e Clarissa tentou pensar num comentário que pudesse aliviar a tensão. Não ficou surpreendida por ver a verdade sobre os dois irmãos revelada. Era evidente que o Harlow mais velho seria o grande herói de guerra, não o mais jovem, e isso definitivamente explicava muito do que a confundira em relação aos dois.

Antes de poder falar, Roland recuperou.

- Exijo que *o senhor* case com ela, capitão. Ela associou-se ao seu irmão partindo do princípio de que isso levaria a um pedido de casamento por parte do *capitão* Harlow. Como alega ser o capitão, insisto para que aja corretamente.

O capitão olhou novamente de relance para o irmão.

- Ias casar-te com ela?

- Não.

O capitão fitou Roland com olhar de superioridade.

- Segundo parece, a sua irmã enganou-se quanto às verdadeiras intenções do meu irmão...

- Veja bem, Harlow...

Roland fez menção de se levantar, mas um olhar do capitão fê-lo afundar-se de novo.

- Mas concordo que a sua ideia de eu me casar com alguém da família seja válida - disse Matthew. - Lamento os problemas que o seu pai criou e decidi que *devo* casar com uma Merrick. A vossa aflição é tremendamente injusta e, embora eu tenha beneficiado com a vossa perda, parece-me ser o caminho adequado e complacente a seguir. Assim sendo, embora não tenha qualquer interesse em casar com Angela Merrick - desviou o seu intenso olhar azul para Clarissa -, é com prazer que caso com Clarissa Merrick.

- O quê? O quê? O quê? - Clarissa chilreava como um pássaro, segura de que entendera mal.

Angela lamentou-se:

- Não pode estar a falar a sério.

- Ah, mas estou - disse o irritante homem virando-se Roland. - Senhor Merrick, oxalá eu tivesse notícias melhores, mas tenho a certeza de que compreende que não posso permitir que continue em Greystone.

- Desculpe! - Clarissa deu um salto, mas a discussão prosseguiu como se ela não tivesse interrompido.

- Não me pode obrigar a sair - disse ridiculamente Roland. - Não o farei.

O capitão Harlow ignorou a queixa.

- Ponha os seus assuntos em ordem, faça as suas despedidas e saia dentro de duas semanas.

- Está doido! - Roland fumegava.

- Conheço o estado das suas finanças, e não o expulsarei sem um tostão - disse-lhe o capitão.

- Não aceitarei a sua maldita caridade - alegou Roland, furioso.

- Atente na linguagem ao pé das senhoras - avisou Rafe Harlow, subitamente com um ar mais letal do que Clarissa julgara possível.

- Desculpe! - repetiu Clarissa e bateu com o pé, tentando atrair todos os olhares para si, mas ninguém lhe prestou atenção.

O capitão continuava a falar com Roland.

- Dar-lhe-ei quinhentas libras para o ver sair. Não sou um homem pobre e deduzo que irá precisar de algum tempo para se instalar noutro lugar. De futuro, quando experimentar dificuldades, poderá pedir-me mais, se necessário for, e terei todo o gosto em conversar consigo acerca dos seus problemas fiscais... por um período de três anos.

- Que generoso da sua parte! - disse Roland com sarcasmo.

- Não é? - retorquiu calmamente o capitão.

- E se eu me recusar a obedecer? - explodiu Roland. - E se me recusar a partir?

- Então, farei com que saia à força, fecharei os cordões à bolsa e não receberá nada.

Fez-se uma pausa chocada perante a ameaça proferida cruamente. Depois, Eddie perguntou:

- Então e a Angela e eu, capitão? Ficamos ou partimos?

- Trata-se de um assunto doméstico, de modo que será decidido pela minha esposa.

- Oh! - Clarissa agitou os braços e bateu novamente com o pé. - Parece agir sob a estranha impressão de que me casarei consigo.

O capitão enfrentou o olhar dela.

- Não se trata de uma impressão, menina Merrick. Estou a dar-lhe a oportunidade de ajudar os seus parentes. Estou a ser... *generoso*, como acusou o seu primo. Que alternativa tem, a não ser aceder?

- Não pode casar com a Clarissa! - choramingou Angela. - Não pode, de maneira nenhuma.

- E porquê? - perguntou o capitão.

- Porque devia casar-se *comigo*! - lamentou-se Angela. - Comigo! Não com ela! Com ela, nunca!

Levantou-se de um salto e saiu, mas embora Roland fizesse uma tentativa morna de lhe agarrar o pulso, ela desapareceu porta fora. Imobilizaram-se todos, pregados aos respetivos lugares, enquanto os seus passos esmoreciam.

O capitão virou-se, então, para Clarissa.

- A menina Merrick estava a dizer...?

- Não tenho qualquer desejo de ser sua esposa.

- A mim também não me agrada particularmente - afirmou ele insultando-a -, mas será o melhor para todos os envolvidos.

- Não me está a ouvir. Eu *não desejo* casar consigo.

- Sim, e já conhece a minha opinião sobre as mulheres e as suas tolas escolhas. O que me importa o que pensa, quando está tão mal orientada?

- Não estamos na Idade Média. Não me pode forçar.

Ele encolheu os ombros.

- Quem falou em forçar? Tenho a certeza de que, depois de ter tido oportunidade para refletir, vai chegar à conclusão de que esta é a solução perfeita.

- A solução perfeita para quem? - exigiu ela saber. - Tenho de lhe dizer que não vejo aqui vantagem nenhuma para mim.

- Não vê vantagem? - ralhou ele. - Será a senhora de Greystone, uma das melhores propriedades de Inglaterra. Casará com o herói da Grã-Bretanha, o solteiro mais desejado do reino. Estará sempre em segurança, terá sempre roupa e comida. A mim parecem-me sem dúvida muitas vantagens.

- Sim, mas implica que o tenha a *si* por marido.

- Isso é verdade - disse ele, pensativo.

- Pobre rapariga - disse Rafe Harlow entre dentes.

- Não o farei - disse ela, a ferver. - Bem se pode alardear e enfeitar. Pode fazer ameaças e insistências. Não o farei. Nunca conseguirá convencer-me.

- Hoje é segunda-feira. - Foi a resposta casual dele. - Fiz um pedido a Londres para uma Licença Especial. A cerimónia terá lugar aqui no salão na quinta-feira... ou na igreja da vila, se preferir. Isso dá-lhe uns dias para planejar a festa de casamento e convidar algumas pessoas.

- Capitão Harlow! Não está a ouvir o que lhe digo!

- Pois não.

Ele virou-se e saiu marchando, e Rafe Harlow dirigiu-se a Roland.

- Não se importa de vir comigo, senhor Merrick? O meu irmão gostaria de discutir consigo os

termos da sua saída da nossa propriedade.

- Preferia ser frito em óleo quente do que falar com ele seja do que for - disse Roland, como que cuspiendo as palavras.

- Como queira - disse o Harlow mais jovem.

Piscou o olho a Eddie e saiu em passo de marcha, deixando-os sozinhos e num estado de espanto, boquiabertos.

Clarissa sentia-se chocada, ofendida e muitíssimo zangada. Que homem disparatado! Que odiosa imperiosidade! Não haveria de mandar nela, de lhe dar ordens, de lhe impingir casamento com um homem que ela não amava.

Por mais determinado que ele estivesse, ela *não* o faria!

Saiu e foi a correr atrás dele.

8

Clarissa seguiu pelo corredor em pontas dos pés, dirigindo-se à suíte do capitão Harlow. Era muito tarde, já estavam todos deitados, mas ela não conseguia dormir e estava desesperada por falar com ele.

Desde o abrupto anúncio no salão que nunca mais o vira. Tinha passado horas à sua procura, mas sem sorte. Como podia uma pessoa tão grande e imponente desaparecer com tamanha facilidade?

Quando já tinha desistido, quis conversar com Roland e Angela para lhes dizer que nunca os trairia nem lhes usurparia a casa, mas eles tinham desaparecido. Depois, foi à procura de Eddie, ansiosa por ouvir a sua opinião relativamente ao sucedido, mas também não conseguiu localizá-la.

Clarissa acabou por regressar ao seu quarto, mas não teria descanso. Despiu-se e tornou a vestir-se, mas, sem a ajuda de uma criada, não conseguia prender o cabelo nem apertar as fitas. Estava sem o espartilho, mas usava o vestido cor de lavanda, com o roupão por cima e o cabelo preso num rabo-de-cavalo. Estava descalça, sem paciência para se atarefar com as fivelas dos sapatos.

Que bela figura a sua, naquele estado informal, não havia nada a fazer. Tinha de conversar com aquele desgraçado.

Ele tinha a porta semiaberta e ela abrandou e espreitou para a salinha de estar, ficando surpreendida por vê-lo a dormir numa cadeira junto à lareira. Estava sem casaca, com a camisa aberta revelando grande parte do glorioso peito musculado. Era uma cena tão cativante como aquela perto do cavaleiro, e ela obrigou-se a não ficar de queixo caído.

Ele tinha estado a beber. Numa mesinha ao lado dele, havia um decantador com um copo. A maior parte do uísque tinha sido consumida.

Estava prestes a chamá-lo quando se deu conta de que ele sonhava. Gemia e fazia uma careta, depois acordou com um sobressalto, de braço estendido como se quisesse tocar em alguém. Por um instante, o seu olhar ficou desfocado e confuso, mas rapidamente desanuviou, e então viu-a à porta.

Descontraiu e ergueu o copo na direção dela.

- Menina Merrick, a que devo o prazer?

- Posso entrar?

- É tardíssimo, e eu estou sozinho. Perdeu o juízo?

- Não. Andei à sua procura a noite toda e finalmente encontrei-o. Não vou deixar passar esta oportunidade.

- Porque andava à minha procura?

- Porque insistiu para que nos casássemos, seu palerma vaidoso, e eu não quero.

- Ah, isso. - Descartou a queixa dela com um gesto da mão, como se não tivesse importância nenhuma. - Vai ultrapassar isso, quando tiver um pouco de tempo para pensar.

Haveria homem mais obstinado e enfurecedor? Como deveria uma mulher comum, como ela própria, lidar com uma personalidade tão arrogante e bombástica? Como poderia alguma vez bater-se contra ele e ganhar?

- Sente-se - disse ele. - Não vou gritar para si do outro lado da sala.

- Ninguém está a gritar.

- Pelo menos, por enquanto.

Havia uma cadeira ao lado dele, e ela foi até lá e sentou-se. Ele desviou a cadeira para ficar de frente para ela.

- Dê-me licença por um minuto - disse ele.

Pegou no decantador e bebeu diretamente da garrafa, tomando vários goles grandes.

- É bêbedo, capitão? - perguntou ela ousadamente.

- Geralmente, não. - Sacolejou-se, como um cão a sacudir a água. - Detesto aquele sonho. Perturba-me sempre.

- Perturbado, você?

- É difícil imaginar, eu sei.

- De que se trata?

Podia ter-se mordido por perguntar aquilo, mas aparentemente tinha curiosidade, quando, na verdade, não havia razão nenhuma para ter interesse.

- Eu estava numa hospedaria em pequeno quando houve um incêndio.

- Um incêndio!

- Os meus pais e eu íamos passar lá a noite. Eles morreram no incêndio e eu fiquei órfão. Foi muito assustador, e essa memória persegue-me.

- Não me conte uma história tão triste - ralhou ela. - Vai fazer-me ter pena e posso começar a gostar de si.

- Duvido que haja alguma possibilidade de *gostar* de mim.

- Os seus pais morreram num incêndio - murmurou ela, e estremeceu com aquelas notícias estranhas e perturbadoras.

- Sim, quando estou sob muita tensão, ou... seja o que for.

- Está sob tensão?

- Não neste preciso momento. - Abriu um sorriso e bebeu mais um trago de uísque.

- O que aconteceu depois do fogo? Foi viver com familiares?

- Não, nunca se conseguiu encontrar qualquer familiar.

- Capitão Harlow! Pare de dizer essas coisas tristes.

- Foi a menina Merrick que perguntou, mas não fique agitada. Tudo acabou bem. O meu irmão Rafe, sabe? A mãe dele também lá estava e fui para casa dela enquanto se procurava alguém que me reclamasse como seu, mas ninguém o fez. Cresci com eles.

- Ah... assim se explica.

- Se explica o quê?

- O senhor e o seu irmão não se parecem nada. Não são do mesmo sangue.

- Não *somos* nada parecidos. Ele é um pateta alegre e eu... bem, pode ver como sou.

- Um grosseiro e agressor?

- Uma descrição perfeita.

- Põe-se a gritar ordens e espera que sejam obedecidas.

- Sim, sempre fui dominador. Parece que não consigo evitá-lo.

- Tenho a certeza de que não vai acreditar em mim, mas não vou permitir que *me* dê ordens.
- Ia jurar que já estou a fazê-lo.
- Não vamos casar.
- Vamos, sim. Na quinta-feira. Sugiro que se habitue à ideia.
- Nem sequer gosta de mim – queixou-se ela.
- Quem disse que não gosto?
- Muito bem, *eu* não gosto de si. É o último homem que eu escolheria para marido.
- E porquê, exatamente? Já lhe perguntei antes o que desencadeava esta sua intensa aversão, mas não me deu as suas razões.
- Devo ser sincera?
- Sim, absolutamente.
- Já conhece a minha opinião. É cruel, autoritário e dominador.
- Não sou cruel – disse ele bufando, mas não contestou o *autoritário* nem o *dominador*.
- Seria esgotante tê-lo como marido.
- Tenho a certeza de que é verdade.
- Nem sequer me perguntou se é o que eu queria – protestou ela.
- Se eu perguntasse, teria recusado?
- Teria.
- Então, porque me deveria incomodar com isso? Sinceramente, menina Merrick, tem um método estranhíssimo de analisar as coisas.
- E você não?
- Não. Perdi muitos dias a tentar decidir o que fazer com todos vocês. Acusou-me de ser cruel, mas, apesar da baixa conta em que me tem, não vou mandar três mulheres para a rua. Há dezenas de quartos nesta maldita casa monstruosa. Havemos de nos arranjar.
- Não ficaremos aqui. Quando o Roland se for embora, iremos com ele. – Deu voz a esta frase, embora ela fosse absurda.
- Discutiu o assunto com ele? Não consigo imaginá-lo a querer ficar com o fardo de nenhuma de vocês.
- Porque não? Especialmente a irmã. Não vai deixá-la consigo.
- Tem a certeza? Quer-me parecer que depressa ma tiraria... se achasse que me conseguiria convencer a tirá-la das mãos dele.
- Mas é evidente que não está interessado nela, por isso partiremos com ele. Não há necessidade de nós os dois casarmos. Estou convencida disso.
- Está? – Estudou-a, agitou a bebida e estudou-a de novo. – Menina Merrick... Clarissa... Eu investiguei o Roland. Tem uma dívida enorme e não tem fundos para além dos que lhe ofereci. Devo dizer às senhoras que o sigam na sua errância? Onde viveriam? Numa sarjeta? Numa palhota? É esse o futuro que vê para si?
- O Roland tem dívidas? Não acredito. Pode não ser o melhor tesoureiro de Greystone, mas a propriedade é lucrativa. Onde está o dinheiro das colheitas?
- Na Coroa, como pagamento às pessoas que o pai dele defraudou.

- Oh!

Clarissa sentia-se burra. Entrara no hábito de deixar Roland manter segredos e, evidentemente, havia muito sobre os infortúnios de Harold que ela desconhecia. Até que ponto se estendia aquela calamidade? Será que não teria fim?

- Pergunto-lhe uma vez mais, menina Merrick. Se for com o Roland, o que será de si?

- O Roland não nos abandonará. Ele terá um plano aceitável.

- É essa a sua resposta? O *Roland* vai salvá-los? - Lançou as mãos ao alto. - Escolhi-a para minha noiva porque parti do princípio de que tinha algum intelecto.

- Está a insinuar que sou estúpida?

- Não, estou a dizer que o Roland é um idiota e eu achava, considerando o número de anos que morou com ele, que teria compreendido como ele é.

- E compreendo - disse ela entre dentes -, mas é meu familiar.

- Sim, tenho a certeza de que, neste preciso momento, ele está na cabana do couteiro a pensar em todas as formas ao seu alcance para a ajudar a *si*, e não a ele próprio.

Embora ela não suportasse admiti-lo, ele estava absolutamente certo. Roland era egoísta e, se estivesse a fazer planos, não incluíam Clarissa. Estavam num barco a afundar-se e agora era cada um por si. Sem dúvida que era assim que Roland veria as coisas. Quais era, então, as opções de Clarissa? O que desejava ela que tivesse acontecido?

Ela queria apenas que a sua vida continuasse como sempre tinha sido, mas sem surpresas desagradáveis. Queria ficar em Greystone, deslizar pelos dias tranquilos, satisfeita com o seu destino e aliviada por estar a salvo e ter um abrigo.

O capitão insistia para que ela casasse, mas embora ela sempre tivesse tido a esperança de o fazer, imaginara um noivo bondoso e solícito, que a quisesse mesmo que não tivesse um tostão. Em todos os seus sonhos, nunca houvera um casamento frio e sem amor com um desconhecido despótico e intimidante. O seu anseio nunca implicara que traísse os primos, que os magoasse.

No entanto, será que os beneficiaria se fosse a mulher do capitão? Não se estaria a colocar numa posição em que os estaria a ajudar?

Parecia ser muito abastado. Se não fosse, não poderia ter oferecido a Roland dinheiro para acelerar a sua partida. Como poderia alguma vez ser má ideia uma mulher indigente ligar-se a um homem rico? A maior parte das mulheres haveria de a achar doida por recusar aquela proposta. Seria mesmo?

Estava tão confusa! Raramente sentia a falta da sua mãe leviana e irresponsável, mas, naquele momento, bem gostaria de ter tido um conselho, uma opinião.

- É tão infeliz - disse ele. - Será que a deixo assim tão miserável?

- Sim.

Ele soltou uma risadinha.

- Que idade tem, menina Merrick?

- Vinte e cinco.

- Gostava de se casar; disse-mo certa vez. Então, porque será que parece que estive a comer pickles amargos?

- Quero um marido que goste de mim, que fique contente por me ter.

- Eu ficarei contente por a ter - afirmou ele.

- Como pode dizer isso? Nem sequer me conhece.

- Conheço o suficiente.
- Nem sequer tenho a certeza se lhe interessa casar. Interessa?
- Não me há de matar.

Ela soltou uma gargalhada deplorável.

- Isso faz-me sentir muito especial.
- Se está à espera de palavras e sentimentos floreados, devia arranjar um poeta.
- Será que podia ao menos aparentar que gosta de mim? Não podia fingir-se apaixonado?
- Mas não estou. Preferia que eu lhe mentisse?
- Não, mas você próprio o disse. É o solteirão mais cobiçado de Inglaterra. Podia ter qualquer mulher deste reino, mas escolheu-me a mim. É bizarro.
- As mulheres não são grande mistério para mim, menina Merrick. A menina serve.
- Quais são as suas intenções?
- Sabe quais são. Sinto um conflito interno devido ao que me foi ofertado, e tudo às custas da sua família. À minha modesta maneira, estou a tentar corrigir a situação. Na verdade, estou a fazer-lhe um favor. Não percebo porque não se sente grata.
- Um favor!
- Sim. É pobre como um rato de igreja e, mesmo assim, estou disposto a casar consigo.
- E se eu for uma bruxa horrenda?
- Tem tendências para a bruxaria? Se tem, estão escondidas. Parece-me ser uma pessoa de temperamento ameno.
- Sim, sou muito modesta e dócil. Vai comer-me viva.
- Provavelmente - concordou ele.

Fitou-a com os seus olhos azuis inescrutáveis, e ela fez um esforço para se imaginar sua noiva, mas não conseguia formar mentalmente uma imagem focada.

Se ela fosse mulher dele, dormiriam na mesma cama e ser-lhe-ia pedido que executasse à noite deveres matrimoniais. Como não fazia ideia do que implicavam tais deveres, não conseguia conceber que consentisse naquela situação.

A acrescentar a essa dificuldade, não tinha informações acerca dele, exceto que era oficial e órfão. Embora aparentasse ser um homem abastado, não tinha qualquer pista acerca da origem da sua riqueza. Ela não tinha pai nem irmão a quem indagar sobre tais assuntos e Roland não se queria aborrecer com isso, de modo que estava sozinha.

Havia mulheres que casavam sem conhecerem muito bem os maridos, mas será que desejava ser uma delas?

- Se eu casasse consigo magoaria os meus primos. Eles veriam nisso uma traição. - Começava, finalmente, a chegar ao cerne da questão.
- Compreendo o conceito de lealdade, menina Merrick, mas a sua está deslocada. Caso os papéis fossem inversos, não consigo imaginar nenhum dos seus primos a levantar um dedo para a salvar. Consegue? Seja honesta.

Ela olhou para o regaço, demasiado humilhada para responder, pois ambos sabiam qual seria a sua resposta. Roland e Angela nunca agiriam altruisticamente, nunca ajudariam Clarissa. Mas será que ela devia agir do mesmo modo hediondo? Porque haveria de querer ser como eles?

Ele levantou-se e ficou à frente dela. Estendeu a mão e, quando ela não estendeu a sua, inclinou-se e agarrou-lha.

- Venha comigo - disse ele.

- Para onde?

Ele acenou para o quarto.

- Tenho de lhe mostrar uma coisa.

- De que se trata?

- Quero *mostrar-lhe*, não dizer-lhe.

Ela recordou vividamente a visita dele ao seu quarto, quando a beijou perdidamente. Tinha sido tão bom, e ela participara com muito prazer.

- Não vou para aí consigo - insistiu ela.

- Porque não?

- Sabe bem porquê.

Ele abriu um sorriso.

- Ora, menina Merrick, será que gostou mais de me beijar do que quer admitir?

- Não me importei de o beijar, e admito-o.

- Vamos repetir.

- Não creio que deva.

- E porquê? Estamos noivos e casaremos dentro de uns dias. Pouco importa que nos portemos mal.

- Está tão iludido. Ou talvez seja simplesmente surdo.

- Não estou iludido, nem sou surdo, e continua a esquecer-se de um facto que devia recordar quando lida comigo.

- De que se trata?

- Eu consigo sempre o que quero.

Matthew aninhou-a nos seus braços e marchou até ao quarto. Embora ela se tenha debatido e lhe tenha chamado monstro arrogante, foi leve como uma pena e incapaz de fazer parar os avanços dele.

Ele atirou-a, e depois a si próprio, para a cama, estendendo-se em cima dela para que não se pudesse escapar. Ela preparava-se para lhe dar uma descompostura, mas ele estava farto de ouvir as suas queixas, de escutar a lista dos seus defeitos. Disse-lhe que ela lhe devia estar agradecida, e era essa a sua convicção, absolutamente.

Podia ter casado com qualquer mulher do mundo e escolhera-a a ela, e não estava a ser vaidoso quando lhe dizia que era um excelente pretendente. Era rico por direito próprio, pois Rafe dera-lhe algumas propriedades depois da morte do seu pai e Matthew era agora proprietário de Greystone. Além disso, graças à sua dúbia bravura aquando do naufrágio do *Tempestade Real*, tinha sido bombardeado com dinheiro e presentes demasiados valiosos para serem mencionados. Subitamente, era tão rico como o rei Crespo.

Ela devia estar contente! Devia estar a celebrar! Em vez disso, lamentava-se, com receio de que a sua boa sorte pudesse incomodar os primos. Bom, os primos que fossem para o diabo!

Ela valia mais do que cem deles.

Ele mergulhou nela e prendeu-lhe os lábios num beijo tórrido. Pela maneira como ela estivera a resmungar, ele partiu do princípio de que se oporia ou tentaria fugir, mas retribuiu sem protestos, e ele sorriu.

Ela podia queixar-se, criticá-lo e fingir-se desinteressada, mas gostava mais dele do que pensava. Já tinha vinte e cinco anos, era uma solteirona na prateleira e ele desconfiava de que ela gostaria de ficar noiva. Com aquele seu mau feitio e insolência, haveria de se regozijar com os seus deveres matrimoniais, e ele mal podia esperar para lho ensinar.

Ela foi abrandando gradualmente e afastou-se. Fulminava-o com o olhar, uma expressão feroz e selvagem, qual deusa amazona marchando para a batalha. Ele nunca haveria de se entediar com ela, isso era um facto.

- Não é melhor assim? - perguntou ele.

- Melhor do que o quê?

- Melhor do que ficar sentada nessas cadeiras desconfortáveis no outro quarto, enquanto discorre sobre a sua infelicidade.

- Eu não sou infeliz.

- Não é? Fantástico.

- Simplesmente, detesto que me dê ordens.

- Vai habituar-se.

- Duvido. - Deu-lhe um pontapé nas canelas, mas faltou-lhe balanço para provocar danos. - Não posso ficar aqui. Deixe-me levantar.

- Já vai.

- Agora!

- Não.

- A porta está aberta. Pode passar alguém e ver-nos.

- E depois? Casaremos em breve. Ninguém pensará duas vezes no assunto.

Ela preparava-se para lhe lançar mais uma tirada sobre ele ser surdo e ela não se casar com ele, e... e... e...

Era inútil repreendê-lo, porquê continuar a tentar?

Ele beijou-a de novo, desta vez mais profundamente, com a língua na boca dela e as mãos no seu cabelo. Ela já o deixara caído, portanto, com um movimento rápido do pulso, ele tirou-lhe a fita que lhe amarrava o rabo-de-cavalo. Passou os dedos pelos caracóis suaves e compridos.

Tocou-a em toda a parte, com carícias e ternura, mordiscando-a e esfregando o rosto nela. Abandonou a sua boca e traçou um caminho ardente sob o seu queixo, pelo pescoço, até ao peito. Para seu deleite, ela não usava espartilho, tendo portanto os seios empinados, soltos, cobertos apenas pelo tecido fino do vestido.

Os mamilos eram visíveis, os botõezinhos duros pressionando o material. Sugou um deles, mas ela afastou-se antes que ele tivesse oportunidade de desfrutar.

- O que está a fazer? - exigiu ele saber.

- Estou a beijá-la.

- Mas no meu... no meu...

Era tão inocente que não tinha vocabulário impudico para descrever aquele folgado, e claro

que uma senhora nunca diria a palavra *seio* na presença de um homem.

Teve de recordar que geralmente se entretinha com prostitutas, com mulheres perdidas e seguidoras dos aquartelamentos, como Penelope Bernard. Penelope tinha sido montada muitas vezes antes de si, não havendo portanto necessidade de seduzir ou cortejar. Avançaram simplesmente.

- Tem ideia do que fazem os homens e as mulheres quando estão juntos? - perguntou ele.

- Não.

- Há muitas atividades a que nos podemos entregar como marido e mulher. Aposto que vai gostar de todas.

- Não vou casar consigo - disse ela a fumar, mas ele ignorou-a.

Tornou a beijá-la, enquanto lhe esfregava os mamilos entre o polegar e o indicador. Continuou até mais abaixo, as ancas dela começaram instintivamente a reagir, e embalarem juntos os seus corpos a um ritmo suave.

Ele ansiava por elevar o encontro até ao nível seguinte, subir-lhe a bainha da saia e desapertar-lhe o vestido para se poder banquetear nos seus encantos desnudos. Porém, ainda não a convencera de que seria uma noiva feliz e, se a empurrasse numa direção para a qual não estava mentalmente preparada para ir, ela ficaria ainda mais relutante.

Limitou-se a beijá-la, uma e outra vez, sem lhe libertar os mamilos por um segundo que fosse e sem retirar a pressão constante que aplicava.

Finalmente, quando o seu próprio ardor atingiu um cume incontrolável, ele afastou-se. Fitou-a, à beira do êxtase, o que era estranho.

Ele era sempre muito controlado, especialmente nas suas aventuras sexuais. Nunca desejava uma mulher mais do que o necessário, nunca sentia um apetite desmesurado. Agarrava o que queria e seguia em frente, de modo que era fascinante sentir-se espicaçado até um limite tão perigoso.

- O que se passa? - perguntou ela. - Porque parámos?

- Se avançarmos mais, não haverá razão para termos uma noite de núpcias.

- Seu monstro arrogante. Escuta o que lhe digo? Nós não...

- Eu sei, menina Merrick. Ouvi-a de todas as vezes. Não vamos casar.

- Precisamente.

- Não pode ter esquecido que eu consigo sempre o que quero.

- Não esqueci, mas pode ser que tenha finalmente encontrado alguém à sua altura.

- Não é possível.

- Talvez eu seja mais dura do que pareço.

Não era, mas ele iria deixá-la entregar-se a essa pequena fantasia.

- Imagino que me pudesse impedir - disse ele -, mas seria a primeira pessoa a fazê-lo.

- Veremos quem tem razão no fim - explodiu ela.

- Sim, *veremos*.

O capitão deslizou até à porta, agarrou-a pelo braço e arrastou-a até si. Ela sentou-se na berma da cama, e parecia tão jovem, tão perdida e tão... mas tão bonita.

- Sinto-me estranha - disse ela -, como se tivesse as veias abertas.

- É o desejo. Despertei-o em si.

- Desejo? - desdenhou ela. - Não me parece.

Oh meu Deus, como ela era ingênua! Como iria ser quando fossem marido e mulher? Naquele momento, com o falo duro como pedra, não conseguia imaginar.

Acenou com a cabeça para a porta.

- Vamos lá, de volta para o seu quarto.

- Mas... não decidimos nada.

- Falamos amanhã. Esta noite, estou exausto. - Ela ia recomeçar, mas ele disse: - Por favor, Clarissa. Poupe-me.

- Muito bem, mas não me chame Clarissa. Para si, é *menina Merrick*.

- Como queira.

Ela desviou-se dele e afastou-se. Ele seguiu-a até ao corredor.

- É muito tarde - disse ele. - Quer que a acompanhe?

- Eu sei o caminho, capitão.

- Claro que sabe, mas não tem de ir sozinha.

Devia tê-la deixado ir embora, mas, no último instante, percebeu que não conseguia. Puxou-a para si para um beijo de despedida rápido. Ela não protestou nem se debateu, mas, quando ele a libertou, disse:

- Não devia ter feito isso.

- Mas gostou. Não seja tão resmungona.

- Lá por eu ter gostado, não significa que devesse tê-lo feito.

- Vá... antes que eu mude de ideias e não a deixe ir.

Pôs a mão no traseiro dela e empurrou-a para fora.

Ela deixou-se ficar durante um momento, como se houvesse mais alguma coisa que quisesse dizer. Mas felizmente não o disse. Saiu batendo os pés e ele ficou a vê-la, o traseiro formoso bamboando sob o tecido do robe e do vestido, até dobrar a esquina do corredor e desaparecer.

Ele fechou a porta e deixou-se cair de costas contra ela, a esfregar o pénis, perguntando-se se alguma vez afrouxaria. Provavelmente só depois de terminada a noite de núpcias.

- O que estou a fazer? - perguntou à sala deserta.

Estava confuso, pela primeira vez na vida inseguro se teria escolhido o melhor caminho.

O que devia ele aos Merrick? Devia-lhes alguma coisa? Sentia-se mal com os problemas deles, mas conseguiria consertar alguma coisa casando com a menina Merrick? *Deveria* consertar alguma coisa?

Nunca pensara em casar, não se achava preparado. Deveria Clarissa Merrick ser a sua noiva? Nunca julgou que escolheria alguém como ela, mas talvez afinal fosse exatamente aquilo de que precisava. Talvez viesse a gostar mais dela do que pensava.

Além disso, já anunciara os seus planos, por isso nunca recuaria. Anunciara a novidade, que ela seria sua, a todos os da casa e aos seus parentes desprezíveis. E sua seria.

Ao final, a pobre rapariga não teria escolha.

9

- Menina Edwards? - murmurou Rafe no jardim escuro. - Onde está?

- Estou aqui, estou aqui.

Seguiu o som da voz dela, continuou por entre os arbustos ajardinados até a localizar num banco recolhido. Estava aninhado numa treliça natural que seria difícil de ver a quem passasse por ali, sendo portanto o lugar perfeito para um encontro.

- Julguei que não vinha - disse ela quando ele se sentou ao seu lado.

- Também julguei que não viesse - disse-lhe ele. - Porque veio?

- Não podia deixar passar a oportunidade de estar sozinha com o *capitão* Harlow.

- Mas não sou o capitão.

- Sim, eu estava lá quando o seu irmão deu a notícia.

- Está desiludida.

- De todo.

Estudou-o com uma atenção feminina que ele quase esperava de todas as mulheres que conhecia. Estava habituado, gostava e nunca recusava o que lhe fosse oferecido.

- Porque veio? - perguntou ela. - Diga-me a verdade.

- Gosto de namorar.

- Não pode ser essa a sua resposta - protestou ela. - Tem de dizer que ficou completamente cativado por mim e incapaz de resistir.

- Está bem. - Abriu um sorriso. - Cativou-me completamente, menina Edwards.

Na verdade, desde a sua chegada a Greystone, não pensara muito nela. Tinha cabelo castanho, quando ele preferia as loiras, e olhos castanhos, em vez dos azuis que eram os prediletos dele, mas eram uns olhos castanhos enormes, que brilhavam com humor. Como era roliça e bonita, reparara nela, claro, mas daquela maneira vaga com que reparava em todas as mulheres.

Nas poucas interações que teve com ela, pareceu-lhe alegre e agradável, e ele gostava de mulheres felizes. Ele próprio era uma pessoa solar e não tolerava provocações ou desdém. Já lhe bastava esse comportamento por parte do pai quando era pequeno.

- Chamam-me Eddie - disse ela. - Toda a gente me trata assim.

- Eddie?

- É muito mais divertido do que Edwina, não concorda?

- Sim, muito mais divertido.

- Não estou a ser muito direta, pois não?

Ele soltou uma risadinha.

- Dado que me convidou a vir ao jardim, e sem uma companhia, temos assuntos mais prementes com que nos preocupar do que se lhe chamo Eddie ou menina Edwards.

- Como o devo tratar? O que será adequado? Senhor Harlow? Ou soldado Harlow?

- Pode chamar-me Rafe. Não me importo.

Ela fez um sorriso tão bonito que ele foi tomado de surpresa.

- Ainda bem que não vai casar com a Angela - disse ela. - Tive tanto medo que isso pudesse vir a acontecer.

- Nunca houve a mínima hipótese.

- Ela está muito zangada.

- Eu sei.

- Foi horrível da sua parte tê-la conduzido nesse sentido.

- *Eu* conduzi-a? - Encolheu os ombros. - Foi o contrário. Tentei ignorá-la, mas ela não deixou.

- Tinha esperança de vir a ser a noiva do capitão, e não lhe disse que não era o capitão.

- Bom, ela nunca me *perguntou* se eu era o capitão.

- Se tivesse perguntado, ter-lhe-ia dito?

- Não.

Ela riu-se.

- É tão mau, Rafe.

- A charada foi ideia do meu irmão. Achou que o ajudaria a descobrir como eram os moradores de Greystone.

- E ajudou.

- Mas é claro. O Roland é egoísta e vaidoso. A Angela é uma bruxa e irritante. A Clarissa é pragmática e sensata.

- Então e eu? Como sou eu?

- Não chegámos a uma decisão.

- Oh, que diabos. Queria uma descrição sumarenta.

- Não tenho uma.

- O seu irmão é de confiança?

- Mais do que qualquer outra pessoa que já conheci.

- Ele disse que posso ficar aqui depois da partida do Roland. Falava a sério?

- Se o Matthew diz alguma coisa, é porque é verdade.

Matthew era o melhor irmão mais velho do mundo e, depois de Rafe ter matado a mãe no leito do parto, Matthew tinha sido a influência equilibrante na vida de Rafe. Durante os primeiros anos de Rafe, o seu pai estivera ausente do país como soldado durante a maior parte do tempo.

Depois de os ter levado com ele, depois de ter declarado que tinham de aprender a ser homens - embora não passassem de rapazes -, Matthew tinha sido a força dominante. O pai de Rafe era demasiado cruel e bêbedo para exercer uma autoridade genuína.

Matthew era inteligente, rijo e decente. Tinha rédea curta com Rafe, mantinha-o longe de sarilhos e no caminho certo, apesar dos piores impulsos do rapaz. Mas Rafe tinha vinte e dois anos, era um solteiro abastado com tendências para a malícia, e muitas vezes desejava que Matthew não fosse tão diligente.

- O seu irmão vai mesmo casar com a Clarissa? - perguntou ela.

- Está a planear fazê-lo, e ele consegue sempre aquilo que quer.

- E se ela não quiser casar com ele?
- Ele convence-a. É difícil ir contra a vontade dele, e está muito determinado.
- Que espécie de marido será para ela?
- Não lhe vai bater... se é isso que a preocupa.

Matthew testemunhara muitas vergastadas dadas pelo pai de Rafe, por isso nunca castigava ninguém que não fosse merecedor. Matthew podia ser um homem impetuoso e dado à vingança, mas não faria mal a ninguém que não pudesse lutar também.

- Não estava preocupada que ele lhe batesse - disse ela. - Estava mais a pensar se o casamento seria romântico.
- Romântico! O casamento pode ser romântico?
- Parece tão enérgico. Por favor, diga-me que ele lhe vai tirar os pés do chão.
- Não me apreço que o meu irmão a vá levar a lado nenhum.
- Fico tão desiludida ao ouvir isso. Porque não pode haver um final feliz?
- É uma sonhadora, Eddie? Parece ser.
- Sim, estou sempre a sonhar.
- Com que sonha?
- Com o mesmo que todas as raparigas, creio. Persuadirei um homem maravilhoso a casar comigo.

Olhou-o com uma expressão astuta e engenhosa, não deixando dúvida de que o via como material para casamento. Ele não tinha contudo intenção de se prender sendo tão novo e, mesmo que o desejasse, Matthew nunca lho permitiria.

- Tem esperança de que esse homem seja eu? - perguntou ele.

Esperava ouvi-la negar, mas ela respondeu ousadamente:

- Pode ser que sim.
- Não pode, não.
- Tenho dote. O Roland não lhe pode mexer, por isso continua lá e é uma maquia considerável.
- Eu próprio sou rico, portanto não preciso de uma herdeira.
- É rico? - O ceticismo dela era evidente.
- Sou.

Os familiares dele eram produtores de lã no Norte, vivendo absorvidos por ovelhas, teares e tecidos. O pai detestava o negócio da família, por isso ficara com a sua parte em dinheiro, investira em terras e numa comissão no exército. Depois do *acidente*, astutamente concebido por Matthew, Rafe herdara tudo.

- Se me está a dizer a verdade, porque é soldado raso? - questionou ela. - Porque não comprou uma comissão para si próprio para poder ser oficial?
- O Matthew comprou a comissão e vai deixar-me ter uma quando eu provar que sou capaz de persuadir homens a seguirem-me.
- Não sabe como fazê-lo?
- Não. Sou demasiado frívolo. Quem arriscaria a vida ao meu serviço?

Calculava que outros homens haveria que teriam contestado aquela situação, mas não era o seu caso. Matthew sabia vangloriar-se, dar ordens e lidar com as dores de cabeça geradas pela autoridade. Rafe gostava de beber, jogar e de andar atrás das mulheres.

- Quando termina a sua licença? - perguntou ela.

- Dentro de umas semanas.

- Regressará ao exército.

- Mas é claro. Que mais haveria de fazer?

- E se ficasse aqui?

- Em Greystone?

- Sim. Seria assim tão mau?

- Seria entediante até às lágrimas.

Gostava de ser soldado, gostava de viajar, da camaradagem e da ação. Não se imaginava a ir para a Inglaterra rural e a assentar como marido e agricultor.

- E o seu irmão? - inquiriu ela. - Demitiu-se da comissão ou também está de licença? Partirá consigo?

- Sim, partirá.

- Vai casar com a Clarissa, para depois cavalgar em direção ao sol posto?

- Sim.

- Ah, vocês, os homens! - bufou ela, e o brilho alegre dos seus olhos esmoreceu. - Se não está interessado em casar, de que me serve?

- Não de muito, infelizmente.

- Trata-se do comentário mais sincero que fez desde que chegou. - Fez uma careta. - Importava-se de me deixar ir para Londres à caça de marido?

- Não vejo porque não.

- O Roland nunca mo permitiria, e é tão unhas-de-fome que nunca me daria fundos para tal. Bem que ele gostaria de casar comigo... para deitar as mãos ao meu dote.

- Coitada.

- Pois, é assim a minha vida, desgraçada. Estou presa no campo, numa área destituída de homens solteiros e tendo em Roland o único pretendente disponível.

- Foi por isso que me convidou a vir ao jardim? Planeava encantar-me para que lhe implorasse que se tornasse minha noiva?

- Bom, não seria propriamente *implorar*. Não o imaginava a fazer isso, mas julguei que talvez o conseguisse tentar. - Acenou para a casa. - Não se importa de ir embora? Gostava de ficar sozinha.

- Porquê? Para se poder lastimar e ter pena de si própria?

- Sim.

Ele riu-se.

- Não deveria eu receber pelo menos um beijo pelos meus esforços?

- Porque haveria de o beijar se não tem qualquer intenção de vir a ser meu marido? Qual seria o objetivo?

- Se praticar comigo, talvez consiga aliciar melhor o próximo candidato.

- Começo a desconfiar de que não haverá aliciamentos no meu caso. Provavelmente, morrerei solteirona.

Ele riu de novo, bem-disposto com aquela graça melodramática que ela tinha.

- Que idade tem?

- Dezoito.

- Alguma vez foi beijada?

- Nunca.

- Então, devia experimentar. Se o seu destino é morrer solteira, pode muito bem ser a sua única oportunidade.

Olhou para ela, vencendo-a com aquele sorriso a que as mulheres nunca resistiam.

- Talvez lho permita, mas provavelmente não vou gostar - acabou ela por dizer.

- Acha que podia ser beijada por mim e não gostar?

- Bom, não tenho ninguém com quem o comparar.

- Acredite em mim, a partir daqui é sempre a descer.

- É tão vaidoso.

- Não é isso que adora em mim?

Ela estudou-o, absorvendo aquela estrutura magrizona, o cabelo louro e os olhos azuis.

- Sim, creio que é isso que adoro em si.

Puxou-a para si, levantando-a e cingindo-a, de modo a sentá-la no seu colo. Ela ficou com os joelhos no banco, a saia e o saiote puxados para cima, e ajeitou-a para que ficasse com as partes privadas encostadas às dele.

- Ponha os braços à volta do meu pescoço - disse ele.

- Assim?

- Sim, e feche os olhos.

Ela era exatamente o tipo de rapariga de que ele gostava, obediente, submissa, ávida por agradar.

Tocou com a boca na dela, começando gradualmente, depois foi aumentando a pressão. A princípio, foi tudo um pouco desajeitado, mas ela aprendia o jogo. Não tardou a que participasse com um entusiasmo desenfreado.

Quando empurrou a língua para os lábios dela, Eddie percebeu imediatamente o que lhe era pedido. Abriu os lábios e acolheu-o. Quando lhe retirou as travessas do lindo cabelo castanho, ela não proferiu nenhum lamento. Quando lhe acariciou os seios com a palma da mão, ela não se queixou nem tentou impedi-lo.

Era uma pérola roliça e curvilínea. Enchia-lhe as mãos e ele ficou surpreendido por gostar tanto dela. Geralmente, preferia mulheres esguias, mas adorou aquele peso adicional, a sensação de solidez que ela lhe dava, como se fosse constante, verdadeira e capaz.

Beijou-a demoradamente, o tempo suficiente para que a Lua seguisse o seu trajeto no céu e as estrelas deslizassem para novas posições. Quando ele se afastou, sorriu, e ela também, mais uma vez com uma expressão astuta e feliz com o que gerara.

- Beija bem - disse ela.

- Tenho imensa prática.
- E eu? Sou boa?
- É espetacular.
- Não está só a ser simpático? Fala a sério?
- Sim, Eddie, é excelente.

Ela suspirou de alívio e caiu sobre Rafe, com o peito colado ao seu, o queixo pousado no ombro dele. Abraçou-a demoradamente, apreciando o intervalo calmo em que ela parecia não esperar nada dele.

- Vamos entrar – acabou ele por dizer.
- Acho que é melhor. – Ela sentou-se. – Podemos vir aqui amanhã? Podemos repetir?

Ele tinha na ponta da língua as palavras: *Não, não podemos repetir isto*. No entanto, abriu a boca e o que saiu foi:

- Podemos. Que tal depois das onze, quando todos estiverem deitados?
- Às onze está ótimo.

Deslizou para fora do banco e foi-se embora à pressa. Ele deixou-se ficar no escuro a ouvir os passos dela esmagarem a gravilha e depois esbaterem-se.

O que estava ele a fazer? Em que estava a pensar?

Uma coisa era certa, estava a induzi-la a algo. Podia ter apenas vinte e dois anos, mas compreendia as mulheres muito melhor do que devia. Ela passara a noite num delírio de êxtase, a contemplar o casamento, instituição e cerimónia, e um quarto cheio de crianças.

Mas ele queria regressar ao exército. Não tinha qualquer vontade se ficar preso a uma casa repleta de miúdos aos guinchos. Só de pensar nisso, ficava encharcado em suor frio.

Por fim, quando teve a certeza de que não se iria deparar com ela, esgueirou-se para o interior de casa, com o cuidado de não esbarrar em Matthew. Se o irmão o apanhasse a entrar de mansinho, seria um belo sarilho, e não era nada disso que ele queria.

Matthew ordenara-lhe que se mantivesse afastado de Eddie, mas Rafe não via razão para obedecer à austeridade do irmão. Afinal, o que sabia Matthew?

* * *

- Não é justo – lamentou-se Angela, e Roland revirou os olhos, enfadado.
- Desde quando tivemos um único minuto de *justiça* nos últimos anos?
- Julguei que ele era o capitão. Apliquei todos os meus esforços a seduzi-lo... para depois ficar a saber que ele não é ninguém.
- Fica grata por teres feito a descoberta antes de ires longe demais com ele. Imagina que tinhas de casar com aquele sacana irritante.
- É isso que ele é, um sacana! Brincou com os meus afetos!

Na verdade, Roland concordava com o capitão Harlow – Angela não tinha afetos – mas não o disse. Ela estava num estado de aflição incrível, mas ele não suportava ouvi-la lamentar-se.

- O capitão Harlow prepara-se para casar com a Clarissa! – disse Angela, a ferver.
- Eu sei.
- Não podes permitir uma coisa dessas, Roland. Não podes!

Tendo em conta a reação de Clarissa quando o capitão Harlow anunciou o seu plano, ela não

parecia muito interessada. Roland duvidava que, ao final, Clarissa tivesse grande escolha. O capitão Harlow era um tirano imperioso, e Roland não conseguia imaginar dissuadi-lo. Tinha, portanto, de usar a situação da melhor maneira possível.

Mas como?

Fulminou a irmã com o olhar.

- Podes parar com essa choradeira e ouvir-me?

- Em relação a quê? Se me vais dizer que... tu... *concordas* que ela seja a noiva, não mo digas, Roland. Nem sei o que te digo!

- Deixa-te de cenas, Angela. Temos assuntos importantes a tratar e não podes ficar assim tão histérica.

- Eu ainda nem sequer comecei a ficar histérica. Diz-me que pretendes deixar que a Clarissa se case com ele e aí sim, vais ver o que é ser histérica!

Ele e a irmã nunca tinham gostado de Clarissa. A antipatia de Roland nascera do facto de ele não gostar de partilhar, especialmente agora que as finanças tinham ruído. Porque tinham de a sustentar? Além de que ele era um snobe, filho único de Harold Merrick, que em tempos fora um influente latifundiário. Em comparação, o que era Clarissa? Filha de uma atriz.

Sempre insistiu que os pais se tinham casado, mas não se sabia se a história era verdadeira. Era um ultraje que tivesse sido criada com ele e com Angela. Um insulto. Uma ofensa grosseira ao estatuto e dignidade dos dois.

Quanto a Angela, ela nunca o admitiria, mas detestava Clarissa por ela ser mais inteligente, mais bonita e mais cativante do que ela em todos os sentidos. Angela não suportava ficar na sombra de ninguém, especialmente da prima pobre.

- Se o capitão Harlow está decidido a casar com a Clarissa - disse Roland -, teremos de aceitar e pensar em como podemos beneficiar dessa união.

- Estás a brincar. - Ela fervia. - Se tem de acontecer alguma coisa, devias informá-lo de que ou ele *me* escolhe ou bem se pode ir atirar de um penhasco.

- Põe isto nessa cabeça dura, Angela. Ele não te quer. Viu-te atirares-te ao irmão.

- E de quem é a culpa? Mandaste-me namoriscar com o Rafe Harlow.

- Sim, e agora o capitão acha que és uma vadia, e ele é muito teimoso. Nem que eu argumentasse durante um mês inteiro conseguiria convencê-lo a ficar contigo.

- Vais deixá-lo casar com a Clarissa sem oferecer luta? A Clarissa, Roland? A sério?

- Achas que estou contente?

- Não faço ideia do que achas.

O mordomo bateu à porta nesse momento. Estavam fechados numa sala das traseiras, escondidos do capitão Harlow. Roland passara a noite em branco, esforçando-se por esboçar um plano de ação adequado. Tinha de persuadir Angela e Clarissa para o ajudarem, mas nunca conseguira que nenhuma das duas lhe obedecesse.

- A menina Clarissa - disse o mordomo.

- Ela que entre.

Angela ergueu-se, respirando pesadamente.

- Se vais discutir aquilo que eu acho que vais discutir, não vou ficar aqui a ouvir.

- Ótimo. Vai. Falamos mais tarde.

Ela saiu batendo os pés com força no chão, afastando com o braço Clarissa, que entrava.

Angela fez uma pausa a meio do seu passo, exalando malícia.

- Se casares com o capitão Harlow, mato-te.

Clarissa ficou lívida de desgosto, mas, antes que pudesse responder, Angela saiu a marchar. O mordomo fez Clarissa entrar e fechou a porta.

- Senta-te, Clarissa, por favor. - Roland apontou para a cadeira que Angela acabara de vagar.

Clarissa avançou e instalou-se. Roland sentou-se na cadeira em frente.

- Querias ver-me? - perguntou ela.

- Estava a pensar se terias considerado a proposta de Harlow.

- Não foi uma proposta. Foi uma ordem.

- Seja o que for que lhe chames, ontem parecias muito incomodada.

- E estava.

- Agora que já tiveste algum tempo para refletir, tenho curiosidade em conhecer a tua opinião.

- Eu nunca me casaria com ele - insistiu ela.

- Porque não?

- Para começar, porque é um tirano dominador.

Tão estupidamente bondosa!

Era tão palerma, tão idiota. Não sabia que não se vencia na vida sendo-se altruísta e boa? Porque não ia para o convento?

- Quero que cases com ele - disse ele.

- O quê? - Fez uma careta e abanou a cabeça. - Não posso ter ouvido bem.

- Na verdade, tenho esperança de que aceites.

- Não podes estar a falar a sério.

- Ah, mas estou. Quero-o muito.

- Mas porquê? Não faz sentido.

Roland compreendia o mundo muito melhor do que Clarissa. Tinha de tomar o controlo do que estava a acontecer. De outro modo, tudo ficaria seguramente perdido.

O capitão Harlow nunca casaria com Angela, portanto a única outra mulher Merrick disponível era Clarissa. Se Clarissa casasse com ele, Roland recuperaria a ligação à propriedade. Conseguira manipulá-la no passado e, depois de ela ficar noiva de Harlow, Roland continuaria com essa manipulação.

Se Clarissa não casasse com Harlow, ele casaria com alguém fora da família. Era esse o maior medo de Roland. Circulavam muitas histórias sobre o capitão Harlow. Todas as mulheres do reino o almejavam e, aparentemente, ele já tinha uma amante, Penelope Bernard, uma rameira famosa com a moral mais baixa que se podia imaginar.

E se Clarissa rejeitasse o capitão e ele se casasse antes com a menina Bernard? E se levasse a menina Bernard para Greystone? Só de pensar num ultraje desses, ficava tão zangado que se lhe formavam pontinhos vermelhos na vista, como se estivesse à beira de uma apoplexia.

- Se eu me casar com o capitão a Angela mata-me - disse Clarissa. - Ouviste o que ela disse.

- Não te preocupes com a Angela. Preocupa-te *comigo*. Preocupa-te com o que te imploro que faças.

- Estás a implorar? Oxalá não o fizesses.

- Porque não? É muito irritante que tenhamos tido de entregar Greystone. Pelo menos, se fores noiva dele, teremos uma ligação à propriedade. Se recusares, ele casa com outra pessoa qualquer e instala-a aqui. Tenho a certeza.

- Não sabes - insistiu ela.

- Prevejo que ele pegue no cavalo, vá à procura e se prenda à primeira debutante que o consiga atrair para uma situação comprometedora.

Ela sorriu, irritada.

- É esperto demais para se deixar prender numa situação assim.

- Mas apanhaste-o, sortuda, e nem sequer tiveste de te esforçar!

- Não me sinto nada sortuda, Roland. Sinto-me intimidada, pressionada e extremamente ansiosa com toda esta questão. Ele pode ter qualquer mulher que queira. Porque haveria de me escolher a mim?

- Estás a desvalorizar-te, Clarissa. És muito bonita. - Ela levantou uma mão para o fazer parar, e ele apressou-se a acrescentar: - Não, és mesmo! Podes admiti-lo. Tu és linda e ele quer ser generoso connosco. Quer fazer correções a esta situação. Vamos deixar que assim seja.

- Seria sua mulher uma vez terminada a cerimónia, e talvez durante muito tempo. Esse homem ofensivo pode muito bem viver até aos cem anos só para meu despeito.

Se eu tiver algo a dizer, não será assim!

Se Clarissa casasse com o capitão Harlow e acontecesse ele morrer, seria viúva e a única proprietária de Greystone. Precisaria de um marido que a ajudasse a gerir aquela propriedade extensa. E quem melhor do que Roland?

Ele deslizou para fora da cadeira e ajoelhou-se junto de Clarissa.

- Por favor, Clarissa.

- Levanta-te, Roland. Estás a deixar-me constrangida!

- Por favor!

- Não sei - murmurou ela. - Não consigo decidir o que é melhor.

- Então ouve-me, como chefe varão da família. Casa-te com ele por mim. Retribui a minha generosidade ao longo dos anos.

Ela levantou-se e, com um ar sofrido e atribulado, passou por ele e foi até à porta. Roland virou-se para ela, com uma expressão suplicante.

- Tenho de pensar - murmurou ela.

- Não tens muito tempo. Já é terça-feira.

- Deixa-me... ah... falar disto com a Eddie.

Se essa maldita rapariga não te impelir a avançar, dou-lhe uma chibatada!

Ele anuiu, sorrindo.

- Sim, fala com a Eddie, mas tenho a certeza de que ela te dirá que tenho razão. Que outra opção tens, senão casar com o capitão?

- Quando partires, dentro de duas semanas, eu podia ir contigo?

- Não posso levar ninguém, Clarissa. Não tenho meios para isso.

- Não há nenhuma hipótese?

- Não.

Ela suspirou.

- Dou-te a minha resposta hoje ao meio-dia.

- Não me deixes ficar mal, Clarissa. Eu sei que não deixarás.

Ela não lhe deu uma resposta positiva, mas disse:

- Saberás ao meio-dia.

10

- O que devo eu fazer?

- Estás a brincar? Deves casar imediatamente com o capitão Harlow!

Terrivelmente desiludida, Clarissa franziu o sobrolho a Edwina. Tivera a certeza de que Eddie seria uma aliada, de que iria compreender e sentir empatia. Mas evidentemente enganara-se no seu juízo. Claro que Eddie só tinha dezoito anos e, portanto, não seria provavelmente justo esperar uma avaliação adulta.

- Como podes dizer isso? - perguntou Clarissa.

- Haverá alguma mulher que não quisesse casar com ele?

- Eu.

- Deves ser a única mulher do reino que pensa assim.

- Tu casarias?

- Sem pensar duas vezes - disse bruscamente Eddie. - É tão galante e fino.

- O capitão Harlow? Galante? Fino?

- Não finjas que não.

- Há muitas palavras que eu poderia escolher para o descrever, mas seria mais na linha de rude, dominador e ditatorial. Ele haveria de me oprimir de morte.

- Só se o deixares.

- Como posso impedi-lo? É um tirano.

- As mulheres controlam sempre os maridos. Vais arranjar maneira e, num piscar de olhos, tê-lo-ás na palma da mão.

- Se isso fosse verdade...

Estavam a passear pelo jardim, com Clarissa a tentar transmitir uma sensação de calma, de compostura, mas depois da conversa com Roland, estava num frenesim.

O capitão Harlow tinha uma atitude intempestiva, passava por cima das pessoas que se metiam no seu caminho, e Clarissa acabaria atirada à sarjeta.

Quem escutaria as suas preocupações? Quem tomaria o seu partido?

Queria casar por amor, queria sentir-se especial e estimada. Quando o capitão Harlow rosnasse as suas ordens e comesse a impor-se, ela seria esmagada sob o peso do seu desdém. Ela ficaria exausta e miseravelmente infeliz.

Lá fora, no caminho, dois cavaleiros aproximavam-se da casa e ela estudou-os, viu que se tratava do capitão e do seu irmão. Conversavam, e o seu afeto era evidente.

Puxou Eddie para que parasse e ficaram as duas atrás dos arbustos, para que ele não a visse. Provavelmente, saltaria do cavalo lançando-se sobre ela. Aquele homem não tinha maneiras nenhuma e ela só queria falar com ele quando tivesse certeza do que iria dizer.

O encontro amoroso da noite anterior deixara-a mais confusa do que nunca. Parecia gostar mais dele do que julgava e tinha medo de que ele - se continuassem a confraternizar - vencesse pela exaustão e ela mudasse de ideias, quando não tinha desejo nenhum de o fazer.

- Vem aí o capitão - disse Eddie.

- Estou a ver.

- E disseste que ele não era distinto! Olha só para ele! Alguma vez viste um espécimen do sexo masculino mais belo?

- É muito belo. Isso não nego.

- Falei com o irmão dele sobre ti.

- Com o Rafe Harlow? Oxalá não o tivesses feito. - Clarissa fez uma careta. - Não... não foste sozinha com ele, pois não?

- Achas que eu teria essa ousadia?

- Espero que não. Pode ser um bocado sofisticado demais para ti.

- Eu sei como agir. Eu não sou a Angela.

- Graças a Deus.

Os Harlow desapareceram na curva da cavalaria e ela e Eddie recomeçaram a andar.

- Porque estavas a conversar com o soldado Harlow? - perguntou Clarissa.

- Tinha curiosidade em saber que espécie de marido seria o capitão.

Clarissa preferia morder a língua a fazer essa pergunta.

- O que disse ele?

- Que o capitão nunca te bateria.

Clarissa tropeçou e falhou um degrau, vendo-se obrigada a agarrar o braço de Eddie para se firmar.

- Nunca foi comportamento que me preocupasse minimamente.

- As mulheres têm de se preocupar com estas coisas.

- Sim, imagino que sim.

- Disse também que o irmão é leal, decente e honrado. Quando dá a sua palavra, cumpre-a.

- É uma vantagem.

- E também pode ser que sejam ricos.

- Claro que são. Ou *serão*. Greystone pertence-lhes. Não se trata propriamente de uma terra de pobres.

- Não, o que quero dizer é que parece que já eram ricos antes de o capitão ter recebido Greystone.

- O que te leva a pensar isso?

- Alguns comentários do soldado Harlow.

- Discutiram as finanças dele?

- Não foi propriamente uma discussão. Ele disse que era rico.

- Que conveniente.

- Não foi? - Eddie era inocente como um anho.

Clarissa perguntou-se se o capitão Harlow também seria rico. Fora criado pelos Harlow, mas não era filho deles, e ela não os imaginava a oferecerem-lhe dinheiro da família. Fosse como fosse, o capitão Harlow - conseguisse ele gerir habilmente Greystone - tornar-se-ia extremamente abastado.

Eddie leu os pensamentos de Clarissa.

- Se te casares com ele, Clarissa, também serás rica. Não terás de te preocupar com a tua situação e nunca mais ficarás presa ao Roland e à Angela.

- Não, fico apenas presa ao meu despótico marido.

- Mas não é esse o destino de todas as mulheres na vida? E se ele afinal for maravilhoso?

- O capitão Harlow? Maravilhoso?

- Pode acontecer. - Eddie virou Clarissa para a olhar de frente. - O que se passa, Clarissa? Nem parece teu, seres tão melodramática. Porque se apoquentas tanto?

- É tudo tão inesperado e peculiar. Fui elevada acima de todos e ordenada a casar com um desconhecido...

- Um desconhecido belo e rico...

- Que acabou de chegar, de quem não sabemos nada.

- É o herói de Inglaterra. A informação é algo pertinente.

- É verdade.

- Conhecemos o irmão dele e ouvimos a sua opinião de que o capitão é decente e honrado.

- Sim, mas se eu casar com ele... torno-me a senhora de Greystone, o que me parece... *errado*. Porque haveria eu de receber tanto? Porque deveria eu acabar com tanto e os meus primos sem nada?

- Clarissa - Eddie soltou uma risadinha -, tem um pouco de fé em ti mesma. És inteligente e bonita, e serás uma fantástica senhora de Greystone. Pela parte que me toca, acho que já é tempo de receberes um golpe de sorte.

- O Roland quer que eu case com o capitão. *Suplicou-me*.

Eddie franziu o sobrolho.

- Isso é estranho.

- Não é? Se ele está tão ansioso para que eu avance, deve haver factos que eu desconheço. Deixa-me preocupada. E se eu avançar e perceber que me meti numa confusão de que nem me dei conta?

- Não podes ficar pior do que agora. Pelo menos, terás um marido, que terá jurado proteger-te e cuidar de ti. É mais do que eu tenho.

Recomeçaram a andar, Eddie refletindo, Clarissa apoquentando-se. Por fim, Eddie disse:

- Vê as coisas desta maneira, Clarissa. O Roland pode estar a arquitetar algum dano, e depois? Quando fores a senhora de Greystone, o Roland bem pode engolir o sapo. Não te poderá fazer mal.

- Provavelmente, tens razão - murmurou Clarissa.

Aproximava-se o meio-dia, a hora em que prometera a Roland que tomaria uma decisão. O que devia ela fazer? Teria outra alternativa senão aceitar?

Eddie acreditava firmemente que Clarissa devia casar com o capitão, mas Eddie era uma sonhadora e romântica que não fazia ideia da natureza penosa do casamento, de como as duas partes podiam ser infelicitíssimas se cometessem um grande erro. Mas seria um erro? Como podia ela saber? Alguma noiva poderia estar segura?

Estavam quase a chegar a casa quando os irmãos Harlow apareceram no caminho. Também

eles se aproximavam da casa e o capitão Harlow parou, fulminando Clarissa com o olhar. Tinha uma expressão vaidosa e segura, como se lhe recordasse visualmente que acabaria por conseguir o que queria. Ela queria fugir daquela expressão pomposa, mas ele já lhe provara que, se o fizesse, a perseguiria.

- Ali estão eles - disse Eddie. - Vamos cumprimentá-los.

- Vai tu. Eu tenho de me ir deitar um pouco.

Eddie bufou, desdenhosa.

- Clarissa Merrick, eu declaro que és uma tolinha assustada. Nunca pensei isso de ti.

- Nestas circunstâncias? Sim, estou completamente aterrorizada e já é meio-dia, portanto dá-me licença? Tenho de encontrar o Roland.

- Porquê?

- Disse-lhe que ia passar a manhã a pensar sobre o assunto e que depois lhe daria a minha resposta.

- O que decidiste?

- Continuo sem fazer ideia.

Clarissa percorria os corredores à procura de Roland, mas ele não se encontrava em lado nenhum. Estava quase a desistir quando ouviu o som de um cravo, alguém que tocava o instrumento na sala de música.

Não conseguia imaginar quem seria. Ninguém na sua família tinha tendências musicais, embora devesse ter existido talento no passado dos Merrick. O salão estava repleto de todos os instrumentos apropriados e, nos tempos em que recebiam visitas, estas usavam-nos. Mas agora estavam abandonados e cobertos com tecido para afastar o pó.

A curiosidade arrastou-a para as traseiras de casa, até à sala de música e, quando espreitou para dentro, o capitão Harlow estava sentado no banco a arrancar uma melodia ao instrumento. Ela não reconheceu a música, mas parecia ser uma canção de marinheiro.

Estava espantada. Era um músico tão improvável e ela não resistia à oportunidade de o olhar furtivamente. Ele não tinha reparado nela, e Clarissa devia ter saído em bicos de pés, mas não o fez. Ele era magnético e intrigante e ela sentia-se tão cativada como os demais.

De repente, os dedos dele pararam nas teclas e espreitou para a parede do fundo, quase como se tivesse entrado em transe. Ela tinha a certeza de que, se o chamasse, ele não a ouviria.

O mais encantador dos sorrisos franziu-lhe os lábios. O que via ele? E porquê? Teria uma ponta de loucura? Seria dado a crises de demência? Muitas histórias circulavam sobre ele, mas nenhuma delas referia insanidade.

Ela sabia que devia partir e fez menção de se afastar quando ele suspirou e estremeceu, depois virou-se no banco, ficando de frente para ela.

Pestanejou uma e outra vez, como se ela pudesse ser uma alucinação. Mas não, ela estava mesmo ali, e se ele se sentia envergonhado por ela ter presenciado o seu estranho estupor, escondeu-o bem.

- Menina Merrick! Que bom vê-la aqui!

- Como está, capitão.

- Andava à minha procura?

- Não.

- Tem a certeza? Pode admiti-lo, se for esse o caso.
 - Eu *não* estava à sua procura. - Apontou para o cravo. - Ouvi alguém a tocar e vim saber de quem se tratava.
 - Porque estão todos os instrumentos tapados?
 - Porque nenhum de nós tem, de facto, talento. Temo-los para as visitas, mas desde que começaram os problemas de Harold que não socializamos muito.
 - Ouvi dizer que os vizinhos vos puseram de parte.
 - Sim, é verdade. Isso entristece-me.
 - Trataremos facilmente da situação depois de nos casarmos. *Eu* sou o capitão Matthew Harlow, herói de Inglaterra. Quando descobrirem que é minha esposa, virão a correr para serem os seus melhores amigos. Vai ter de os afastar à paulada.
- Levantou-se, fechou a tampa do instrumento e puxou o lençol por cima dele.
- Não precisa de o tapar - disse ela. - Se quiser usar esta sala, pode fazê-lo. Basta pedir à governanta e as criadas virão limpá-la.
 - É escusado terem esse trabalho. - Descartou a ideia com um gesto. - Sou demasiado ocupado para ficar por aqui.
 - Tem talento musical? - perguntou ela. - Não consigo imaginar.
 - Não. Simplesmente gosto de tocar uns acordes ocasionalmente.
 - Teve aulas em pequeno? - Era um passatempo tão pouco viril. As raparigas aprendiam, mas geralmente os rapazes não.
 - A senhora Harlow tentou ensinar-me, e eu tinha alguma aptidão natural, mas carecia da paciência necessária para me sentar enquanto ela me instruía.
 - Deve ter sido uma criança difícil.
 - Sem dúvida que fui.
- Fez-se um silêncio embaraçoso e ela acenou com a mão.
- Foi um prazer vê-lo. Talvez possamos falar depois de jantar.
 - Vamos dar um passeio.
 - Neste momento, não posso. Tenho de falar com o Roland e...
- Antes de conseguir terminar a frase, já ele atravessara a sala e lhe agarrara o braço. Inclinou-se e roubou-lhe um beijo, e ela nada fez para se esquivar.
- Capitão Harlow - disse ela, bufando -, não pode vir aqui e... e... beijar-me.
 - Não posso?
 - Não.
 - Está muito bonita hoje, menina Merrick, mas detesto vê-la de cinzento. O que tenho de fazer para deixar de usar esses seus vestidos velhos?
 - Tenho vários outros, mas são todos de cores horríveis.
 - Porque escolhe essas cores que não a favorecem nada?
 - São os vestidos que a Angela põe de parte. Ficam-lhe bem, mas a mim não.
 - Depois do casamento, vou mandá-la à cidade para poder comprar um guarda-roupa novo. *Eu* escolherei as cores que a favorecem. Quero-a vestida de violeta e azul para fazer sobressair o

tom safira dos seus olhos.

A oferta da roupa, assim como o elogio, foi tão surpreendente que ela não conseguiu formular uma resposta adequada.

Aparentemente, ele era rico, tal como insistira Edwina. E pelos vistos também era generoso. Como seria ter um marido abastado que a inundaria de presentes? Não conseguia imaginar.

Era sua intenção dar-lhe uma resposta, mas ele virou-a e conduziu-a pelo corredor até à porta.

Ela podia ter protestado, mas talvez fosse benéfico passarem algum tempo juntos. Estava determinada a conhecê-lo melhor. Se dessem um passeio descontraído, e ela fosse astuta nas suas perguntas, ele podia revelar todo o tipo de informações úteis.

Levou-a para o jardim e, depois de umas voltas e reviravoltas no caminho, ela dirigiu-se para um banco.

Deu uma palmadinha no espaço vazio ao seu lado.

- Não se quer juntar a mim?

Ele estava junto a uma árvore, e encostou-se a ela.

- Prefiro ficar de pé. Assim, posso olhar para si enquanto conversamos.

- Porque haveria de querer olhar para mim?

- Já lhe disse que está muito bonita esta manhã. Não se importa de soltar o cabelo? Ou será um pedido muito escandaloso?

- Não, não vou soltar o cabelo.

Estava preso num carrapito apertado e ela nunca se atreveria a expor-se daquela maneira.

- Não é difícil prendê-lo com todas essas travessas? Doi-lhe o pescoço?

- Sim.

- Depois de casarmos, se gostar de o usar num simples rabo-de-cavalo, não me oponho.

- Sem o apanhado? Está louco?

- Adoro o seu cabelo. Ficaria feliz de o ver caído nas suas costas e sei que ficaria mais confortável.

Ela fitou-o boquiaberta, como se lhe tivesse nascido mais uma cabeça, e ele abriu um sorriso.

- O que foi?

- É um homem muito estranho.

- Porquê? Por não me importar que use o cabelo solto? Imagina que casar-se comigo será uma coisa aborrecida e entediante?

- Bem... sim.

- Não sou um ogre o tempo todo.

- Não?

- Não.

- É um alívio ouvir isso.

Trocaram um olhar alegre e cordial, que a assustou imensamente. Ela *não* queria gostar dele!

- Posso fazer-lhe umas perguntas? - pediu.

- Sobre o quê?
- Sobre si. Sobre o seu passado e a sua família.
- Está curiosa em relação a mim.
- Claro que estou curiosa, seu tonto. Que mulher na minha posição não estaria?

As suas faces enrubesceram e ele riu-se.

- Pode perguntar o que quiser, menina Merrick. Conto-lhe o que puder.
- Quem eram os seus pais?
- Chamavam-se Anne e Julian Blair.
- O seu apelido é Blair, não Harlow?
- Sim, mas nunca usei outro nome que não Harlow.
- Os Harlow adotaram-no legalmente?
- Não.
- Os seus pais morreram no incêndio, mas tem alguma informação acerca deles?
- Porquê? Tem esperança de que o meu pai fosse da nobreza e que se esteja agora a ligar a um bando de aristocratas?
- Não – disse ela com desdém. – Eu não queria uma coisa dessas... mesmo que fosse uma possibilidade. Mas creio ser justo que eu o interrogue acerca do seu passado. Não lhe parece?
- Desconheço pormenores sobre o mesmo.
- O seu pai pode ter sido um lorde?
- Duvido. Segundo me disse a senhora Harlow, os meus pais eram criados.

Clarissa era muito britânica na sua visão de legado e linhagem. Considerava que o sangue podia elevar uma pessoa acima das outras e tinha a certeza, fosse qual fosse a história dele, de que os seus pais não eram criados. Ele era tão vibrante e imperioso. Se acabasse por descobrir que o pai dele era príncipe ou duque, não ficaria nada surpreendida.

- De onde vem o seu talento para a música? Poderá ter sido herdado de um parente?
- É o mais provável.
- E a sua capacidade de liderança e comando. Também herdada?
- É o mais provável – repetiu ele.
- Não se recorda?
- Não. Tinha apenas três anos quando fiquei órfão. A senhora Harlow procurou a minha família, mas nunca a conseguiu localizar.
- A Edwina diz que possui recursos financeiros.
- Se não possuísse, não teria podido comprar a minha comissão no exército.
- Possui outras propriedades para além de Greystone?
- Sim, em Yorkshire. O meu irmão, Rafe, é abastado. Deu-ma.
- Ele *deu-lhe* uma propriedade? Foi muito generoso da parte dele.
- Sim, muito generoso.

- E porque faria ele uma coisa dessas.

O capitão encolheu os ombros.

- Fiz-lhe em tempos um favor.

- Deve ter sido um grande favor.

- Foi.

Olhou-a com uma expressão inescrutável, que não dava qualquer indício sobre aquela ajuda ao irmão e ela pensou que seria exasperante casar com ele. Teria sempre segredos, mas não era assim com todos os casamentos?

- Mesmo que perdesse Greystone por alguma razão... - começou ela.

Ele interrompeu-a.

- Não sou um palerma, como o Harold Merrick. Nunca perderei Greystone.

- Não é pobre.

- Menina Merrick, preocupa-a que, na qualidade de minha esposa, se veja obrigada a usar farrapos e a cantar para conseguir comer?

- Não me provoque. Estou a tentar perceber se vale a pena ficar consigo.

- Se vale a pena ficar *comigo*? - Rugiu uma gargalhada de espanto. - Dado ser uma mulher que não tem nada de nada, nem sequer um vestido decente, acho isso especialmente hilariante. Creio que a pergunta devia ser o inverso. Valerá a pena ficar *consigo*?

- Não - respondeu ela com firmeza -, não para um homem do seu estatuto e renome. Pode ter a noiva que quiser, porquê escolher-me a mim?

- Porque não?

- Podia escolher *qualquer mulher*.

- Eu sei, menina Merrick, mas fico satisfeito em tê-la a si. Pare de se apoquentar com essa questão.

Porque não consiga fazê-lo entender as suas reservas?

Ela estudou-o, e uma vozinha dizia-lhe que deixasse aquilo, que *não* levantasse a questão seguinte, mas, mesmo assim, prosseguiu.

- Quando estava a tocar no cravo, a sua mente divagou.

- Sim?

- Sim. Parecia estar... bem... vou dizer e pronto, está bem?

- Por quem é. Diga o que pretende.

- O senhor é... tem algum problema de cabeça?

Colocou a questão com ligeireza, como se fosse uma brincadeira, mas ele respondeu com toda a seriedade.

- Provavelmente, sim.

- Oh!

- Às vezes, um homem fala comigo dentro da minha cabeça.

- Na sua mente?

- Sim. Quando eu era pequeno, achava que era o meu anjo da guarda. Agora... não sei o que

pensar. Tem a mesma idade que eu, e somos iguaizinhos. Podíamos ser... gémeos.

A palavra *gémeos* prendeu-lhe a atenção e, por um instante, ele divagou de novo. Depois, a sua visão desanuviou e ele abriu o seu sorriso diabólico.

- Ele estava a falar consigo, na sala de música? - perguntou ela, hesitante.

- Estava.

- O que dizia ele?

- Disse: *Encontrei a Sissy. É tão bonita. Parece mesmo a mãe.*

Olharam-se, Clarissa inquieta com a confissão e, por fim, perguntou:

- Quem é a Sissy?

- Não faço ideia. Portanto... aqui tem, menina Merrick. O meu segredo mais negro e profundo é revelado. Sou um pouco louco. Está cheia de medo? Vai chorar para o seu lenço e correr para Roland a dizer-lhe que não pode ser minha mulher?

- Tem de admitir que é uma tendência estranha.

- Sem dúvida, mas é a única tendência estranha que tenho. - Endireitou-se e fez um gesto indicando o seu tronco. - Passei a inspeção? Já gosta mais de mim?

- Não.

Ele soltou uma risadinha, como se ela fosse pateta e ridícula.

- Agora é a minha vez - disse ele.

- A sua vez de quê?

- De lhe fazer a *si* algumas perguntas. Posso?

- Certamente.

- Quem eram os seus pais?

- Eram atores, capitão. A minha mãe era de uma família perfeitamente respeitável, os Merrick, e quando ainda era rapariga, fugiu com uma trupe itinerante. Casou muito jovem e, praticamente ainda antes de ter a aliança no dedo, o meu pai desapareceu e nunca mais o vimos.

- A sua infância foi difícil.

- Muito difícil.

- Que idade tinha quando a sua mãe morreu?

- Dez. Um vigário convenceu Harold Merrick a trazer-me para Greystone, o que me salvou de ser posta num orfanato.

- Está grata aos seus primos.

- Absolutamente. Quem não estaria?

Para grande afronta dela, ele mostrou-se inamovível e nada preocupado com as suas origens dúbias.

- Por certo compreenderá agora, capitão Harlow, porque não se pode casar comigo.

- Quem disse que não posso?

- Os meus pais eram atores!

- Pelo menos sabe quem eram e o que eram. Os meus eram serviçais. Não será um pouco

baixo na pirâmide social, mesmo segundo os seus padrões exíguos? Não se deveria perguntar se não estarei muito abaixo de si?

Ela lançou as mãos num gesto de frustração.

- Porque me dou a este trabalho consigo? É louco.

- Diz o roto ao nu, não é verdade? Pelo que me contou sobre a sua mãe fugir para se tornar atriz, também tem demência no seu sangue.

- Quer parar de fazer piadas?

- Quem está a fazer piadas? Eu acho-a insana, mas prometo passar por cima dos seus inúmeros defeitos. Até mesmo da sua loucura.

- Oh! - resmungou ela. - Não se pode falar consigo.

- Pois não.

Ela levantou-se e começou a dirigir-se a casa, mas teve de o contornar para conseguir escapar. Claro que ele não a deixaria ir.

Agarrou-a, e ela fulminou-o com o olhar. Tentou mostrar-se feroz e ameaçadora, mas ele era o capitão Harlow e ela era Clarissa Merrick, e não havia como fazê-lo *perceber* o que queria que ele percebesse.

Aproximou-a de si, de modo que a parte da frente do corpo dela tocasse na dele. Olhou-a como um vilão, como um demónio, como o homem mais belo do reino. Havia um brilho de alegria no seu olhar, tão sedutor que nem dava para acreditar.

- Porque tem tanto medo? - perguntou ele.

- Não tenho medo - mentiu ela.

- Tem, sim, mas não se enerve tanto. A escolha é minha, e eu escolho-a a si. Não tente perceber. Aceite o que lhe ofereci e dê-se por feliz.

- Mas... mas...

- Podia ter sido a Angela. Não se sente aliviada por não ser?

- Sinto.

- Ou podia ter-me recusado a comportar-me de forma honrada. Podia ter-lhe ordenado que fizesse as malas e se fosse embora. Teria sido melhor?

- Não, mas nada disto faz sentido.

- Tem de fazer sentido?

- Para mim? Sim. Eu nunca quis...

- Clarissa! Por favor, fique feliz. Eu estou.

Ouvir o seu nome nos lábios dele era emocionante... Fitou os seus olhos tão azuis e sentiu-se perdida, como se estivesse a afogar. Ele baixou-se e beijou-a, cingindo-lhe a cintura com o braço, pressionando os seios dela contra o seu peito de maneira excitante.

Ele enchia-a tão facilmente de emoção, convencia-a a esquecer-se de si e do seu propósito. Podia ficar ali o dia inteiro, a receber as atenções dele mas felizmente - ou não, dependendo do ponto de vista -, um homem falou nas suas costas.

- Ora, se não são os noivos.

Viraram-se e deram com o Rafe Harlow a sorrir como um tolo. Era evidente que testemunhara todos os segundos daquele tórrido espetáculo, e Clarissa nunca se sentira tão envergonhada.

- Tens o péssimo hábito de interromper quando menos queria que o fizesses - disse o capitão

Harlow ao irmão.

- Foi uma coisa boa que fiz - retorquiu Rafe Harlow. - Não posso deixar que apressem a noite de núpcias, meninos.

O capitão continuava a abraçar a cintura dela, e ela sibilou:

- Largue-me.

- Não.

- Largue-me!

Ela conseguiu soltar-se e saiu a correr, provavelmente com um ar tão demente como o capitão a acusara de ser. Ouvia-os rir, ouvia o murmúrio das suas vozes que falavam dela, mas não conseguia decifrar os seus comentários.

Sentia um conflito maior que nunca. Mas porque seria? Como referira bruscamente o capitão, ela era uma mulher que nada tinha, nem sequer um vestido de jeito, e o capitão Harlow era um herói rico e estabelecido, determinado a casar com ela. Tinha de ser completamente louca, para recusar um acordo daqueles.

Só que... ele não a amava. Nunca haveria de a amar, e esse facto era a mais triste das conclusões que ela podia imaginar.

11

Edwina inspirou fundo e esgueirou-se para o interior dos aposentos de Rafe. Era muito tarde, quase meia-noite. Deviam ter saído sorrateiramente para o jardim às onze horas, mas, embora ela tivesse ido para o seu banco e ficado à espera muito tempo, ele não viera.

Considerou aquela atitude extremamente descortês. Ele era um cavalheiro, um soldado do exército do rei e irmão de um herói. Ela achava que também ele se devia comportar como um herói e ajudar uma donzela atormentada.

Sentia-se triste e sozinha, e a visita dele a Greystone era a coisa mais empolgante que lhe acontecera, sem contar com a condenação e morte de Harold. E ela não contava com isso. Não tinham nada que ver com ela, apenas sublinhavam ainda mais a ideia de que precisava de fugir de Greystone.

Porque não podia Rafe Harlow ser o homem que a salvaria?

A sala de estar estava deserta, mas ele deveria estar no quarto. Fechou a porta em silêncio e rodou a chave na fechadura. Achou que estava a ser furtiva, mas ele ouviu-a, mesmo assim. De repente, assomou à porta. Devia ter acabado de sair do banho, tinha o cabelo molhado e estava em tronco nu, com uma toalha em redor do pescoço.

- Matthew, isso é... - Ele viu-a, e a sua voz esmoreceu. Abanou um dedo repreendedor para ela. - Não devia estar aqui.

- Eu sei.

- Saia. Estou a falar a sério.

O seu tom era feroz, mas os olhos não. Tinha uns olhos alegres, que sorriam para ela, indicando que não estava, de facto, zangado.

- Não foi ao meu encontro no jardim - queixou-se ela.

- Não pude.

- Porquê? Andei empolgada o dia todo, só de pensar nisso.

- Desculpe.

- Podia ter-me dito que não iria.

Encolheu os ombros.

- Teria ficado aborrecida, e eu odeio discussões.

Ela dirigiu-se a ele, aproximando-se até as biqueiras dos sapatos de ambos se tocarem. Ele pediu-lhe que partisse, mas não a empurrara. E estava a sorrir.

- Quero que seja grandioso e esplêndido. Por favor, seja essa pessoa para mim, eu não suportaria que não o fosse.

- Eu estava a tentar comportar-me.

- Eu pedi-lhe que o fizesse?

- Não, mas eu devo fazê-lo.

- Porquê?

- Porque sou convidado em Greystone e o meu irmão matava-me se eu não me comportasse bem consigo.

- O seu irmão não precisa de saber. Quem lhe vai contar? Você? Eu de certeza que não.

- Não, eu nunca lhe contaria.

- Falou em se comportar mal comigo. Que espécie de mal estava a pensar?

- Está a ver? É precisamente por isso que não devia aqui estar. Se fosse o tipo de rapariga disponível para um homem como eu, saberia no que eu estava a pensar. Não teria de lhe explicar.

- Aprendo depressa.

- Aposto que sim. - Apontou para o quarto de vestir. - Estava a lavar-me, e tenho de terminar. Vem comigo?

- Vou.

Virou-se e foi-se embora, com ela atrás de si. Passaram pela cama dele e Eddie teve oportunidade de a observar bem. Sentiu um nervoso miudinho no estômago ao perguntar-se o que poderiam fazer ali se ela o conseguisse convencer a deitarem-se.

Oxalá fosse mais experiente! Quando andava na escola, uma colega sua disse ser liberal com os seus favores e gabou-se de ter tido encontros amorosos com um rapaz da sua vila natal. Eddie nunca soube se a história seria verdadeira, mas, se fosse, essas relações pareciam implicar nudez e toques íntimos.

Bom, ela não excluiria um pouco de nudez. Sem a camisa, Rafe já ia a meio caminho disso. Poderia ela ser persuadida a despir alguma roupa? Achava que sim.

Quando entraram no quarto de vestir, havia uma candeia acesa, que iluminava bem o espaço. Ele esfregava o cabelo na toalha e, quando estendeu a mão para a camisa para a vestir, ela arquejou, desanimada.

As costas dele eram um rabisco de cicatrizes, como se tivesse sido violentamente chicoteado... e mais do que uma vez.

- O que é isso?

Ele espreitou por cima do ombro e perguntou:

- O quê?

- Nas suas... costas.

- Ah, isso. Não é nada.

- Tem cicatrizes em toda a parte. Foi castigado como soldado?

- Não, o Matthew é o meu oficial de comando. Nunca permitiria que alguém me fizesse mal.

- Então... quem?

- O meu pai era bêbedo, e violento. Tinha a mão leve com o cinto quando eu o fazia zangar-se.

- Riu-se, para descartar aquilo. - Não é nada, Eddie. A sério.

Tentou enfiar a camisa, mas ela adiantou-se-lhe e deteve-o. Ficou atrás dele e pousou a palma da mão entre os seus ombros. Deixaram-se ficar assim durante um minuto, depois ela inclinou-se para se aninhar no corpo dele, pousando a face na cicatriz pior.

Ele afastou-se e virou-se.

- Não devia ter deixado que as visse - disse ele. - Tenho-as há tanto tempo que me esqueço delas.

- Odeio pensar que alguém foi cruel consigo.

- Foi há muito tempo, e o Matthew vingou-me.

- Como?

Fitou-a durante muito tempo, depois disse:

- Agora não importa.

Vestiu a camisa e levou-a para fora do quarto.

- O que vou eu fazer consigo? - perguntou ele. - Tenho a voz do meu irmão a gritar na minha cabeça, ordenando-me que a leve à porta.

- Não pode ignorá-la?

Ele sorriu.

- Posso, mas, sempre que o faço, acabo metido em grandes sarilhos.

- Gostaria de se meter num sarilho comigo?

- Isso depende do tipo de *sarilho* que tem em mente.

Eddie apressou-se a dizer:

- Não do género «estou desgraçada e vai ter de casar comigo».

- Ótimo, porque vai ter de compreender, desde logo, que não me casaria consigo. Se o Roland Merrick entrasse por aqui agora a exigir um casamento, eu iria rir-me na cara dele.

- E eu também. Se ele tivesse uma gota de interesse pelo meu bem-estar, eu desmaiava de choque.

Ela ergueu os olhos para ele, desejando ser perita no amor, saber como seduzi-lo. Era o único homem que beijara e, se ele não a beijasse de novo, e muitas vezes, antes de partir, ela enlouqueceria.

- Não se aborrece em Greystone? - perguntou ela.

- Aborreço.

- Deve ser chatíssimo depois de ter vivido num aquartelamento militar.

- Pois é.

- Eu podia tornar a sua estada mais agradável.

- Tenho a certeza de que sim - concordou ele. - Só não tenho a certeza se o deva permitir. - Ele estudou-a, os seus olhos descendo pelo tronco dela, depois tornando a subir. Por fim, murmurou: - Mas que raio. Não será a primeira vez que me porto mal.

- E tenho a certeza de que não será a última.

- Tem de jurar que não fala disto a ninguém.

- Não falo. Juro.

- Não conta à sua criada. Nem à menina Clarissa. A ninguém.

- Os meus lábios estão selados. - Passou os dedos pelos lábios, como se os trancasse com chave.

- Sem amarras - lembrou-lhe ele. - Sem grilhões quando terminarmos. Só aventura e diversão.

- Aventura e diversão - repetiu ela, embora estivesse a mentir.

Se jogasse bem as suas cartas e lhe mostrasse a pessoa maravilhosa que era, sabia-se lá o que podia acontecer. Faria com que ele a amasse. Não sabia como fazê-lo, mas haveria de conseguir. Planeava ser sua esposa quando ele deixasse Inglaterra para regressar ao exército.

Sem se dar conta do que Rafe queria, sentiu o braço dele cingir-lhe a cintura, erguê-la do chão e atirá-la para a cama. O movimento rápido tomou-a de surpresa, e ela guinchou de alegria quando ele também saltou para o leito e se estendeu em cima dela.

Pressionou a palma da mão contra a boca dela e advertiu:

- Fique calada, minha rameirinha, ou terá a casa inteira aqui para ver o que se passa.

Começou a beijá-la, e ela participou alegremente. Ele era largo, pesado e tão masculino, e ela mal conseguir conter a excitação. De bom grado entrava numa qualquer atividade maliciosa, desde que isso o trouxesse de volta à procura de mais.

Acariciou-lhe os seios, a barriga, as coxas. Ela seguiu as orientações dele, movendo as mãos como ele movia as suas. Tocou-lhe em toda a parte, mas era como se nunca conseguisse aproximá-lo o suficiente. Agarrou-lhe a camisa, indicando que queria que ele a despisse, e ele ajudou-a com todo o prazer.

Num piscar de olhos, estava novamente despido da cintura para cima e ela podia banquetear-se em toda aquela pele suave.

Ele desabotoou-lhe o vestido, abrindo a parte da frente para revelar o espartilho e a combinação, depois desapertou-lhe os laços e puxou o tecido para baixo para lhe expor os seios. Era bastante roliça, avantajada, e ele fez uma pausa para olhar para o que ela considerava ser o seu melhor atributo feminino.

O que pensaria ele? Ouvira dizer que os homens adoravam um bom par de mamas. Como esperava que fosse verdade!

- Que bela, Eddie - murmurou ele.

- Fala a sério?

- Sim, falo muito a sério.

Baixou-se e sugou-lhe o mamilo, ao que ela engoliu um grito - embora não estivesse realmente alarmada. Estava apenas surpreendida... e constrangida... mas não o deixaria perceber isso. Era belo e elegante... ela tinha a certeza de que tivera mulheres de todos os cantos do mundo. Desejava que ele a visse como alguém sofisticada e experiente, tão adepta da coqueteria como qualquer outra das suas companheiras.

Acariciou-lhe os seios durante muito tempo, lambendo-os e mordiscando-os. Mexeu-lhos para trás e para a frente, até os mamilos tenros ficarem em carne viva e inflamados. Estava em agonia, no limiar de algo, o seu corpo queria que acontecesse algo que nunca surgia.

Por fim, afastou-se, e a sua voz estava tensa:

- Temos de parar.

- Porquê?

- Porque se não o fizermos, não posso ser responsabilizado pelo que acontecer.

- O que pode acontecer?

- Posso libertá-la da sua virgindade.

- É nessa parte que entra em mim com as suas partes viris?

Ele riu-se.

- Bom, é uma maneira de descrever as coisas.

Sentindo-se imprudente e muitíssimo corajosa, engoliu em seco e insistiu:

- Se quiser, pode fazê-lo. Eu não me importo.

- É o que diz agora, mas, se avançarmos, nunca poderá ser remediado. Mais tarde, não

poderia casar.

- Não quero saber do que acontecerá mais tarde.

Mentia de novo. Na verdade, queria muito saber do que aconteceria no futuro. Planeava arrancar-lhe um pedido de casamento antes que ele se fosse embora de Greystone, e porque não haveria de trabalhar nesse sentido? Porque não sonhar em grande?

Era bonita, esperta e instruída, e tinha um dote considerável. A vida apresentara-lhe algumas curvas recentemente, mas não estaria prestes a ter boa sorte? Ele ainda não se dava conta disso, mas era exatamente a rapariga que devia ficar com ele para sempre.

Sentou-se e puxou-a também para a mesma posição, e depois moveu-se de forma a ficar equilibrado no colchão, com os pés assentes no chão, com ela empoleirada entre as suas pernas.

Apertou-lhe as fitas e abotoou-lhe o vestido, exibindo excessiva habilidade com os acessórios femininos, o que só podia advir de missões frequentes. Mas ela não o referiu. O cabelo dela soltara-se e ele remexeu debaixo dos lençóis à procura das travessas que tinham caído. Espetou-as em diversos lugares, empurrando com força bastante para lhe prender as madeixas compridas até ela conseguir ir para o seu quarto.

Foi um momento de intimidade glorioso. Ela inclinou-se e beijou-o, e ele retribuiu, mas apenas por um segundo, depois soltou-se e pô-la em pé. Também ele se levantou, e levou-a para a porta.

- A Eddie vai ser a minha perdição - provocou ele.

- Não pode ser - respondeu ela. - Preciso de si robusto e saudável.

- Para podermos repetir?

- Sim. Amanhã à noite. Esgueiro-me até ao seu quarto e, mesmo que me diga que não posso, vou na mesma.

Ele estudou-a e encolheu os ombros.

- Bom. Porque não? É melhor do que visitar uma rameira da taberna, creio.

- Melhor do que uma rameira!

Deu-lhe uma palmada no braço, mas ele riu-se e disse:

- Estava a brincar. É muito mais divertida do que qualquer rameira.

Empurrou-a para o corredor e ela deixou-se ali ficar, ansiosa por fazer uma observação humorística e certa, para que ele ficasse a pensar nela. Ou queria que *ele* dissesse alguma coisa... que ela era linda, que gostava da companhia dela ou... *uma coisa qualquer*.

Mas ele limitou-se a piscar o olho e a fechar a porta.

- Tens uma carta.

- Porque ma apresentas como se se tratasse de uma serpente venenosa?

Magdalena - Maggie - Wells Scott Blair sorriu ao marido, Michael, e agitou a carta debaixo do queixo dele.

Estavam na sua propriedade de Cliffside, a comer na sala de jantar. Ele era dono de um clube de jogo famoso em Londres, assim como de vários outros negócios duvidosos, e era para ter regressado à cidade na semana anterior, mas não se conseguia arrastar dali. E ela não tinha pressa nenhuma em deixá-lo ir.

Tinha bastantes gerentes e empregados capazes para olharem pelos seus negócios enquanto ele se demorava no campo.

- Pela letra floreada é evidente que foi escrita por uma mulher - disse ela.

- Uma mulher, hum... - Ergue as sobrancelhas, com uma expressão lasciva e vaidosa.

- Se for uma das tuas anteriores amantes, esfolo-te vivo.

- Nenhuma sabe onde estou.

- Oh, canalha! Esperava que desmentisses que uma antiga paixoneta te podia contactar. Esperava que garantisses que todas as rameiras do teu passado foram esquecidas quando me conheceste.

- E foram mesmo. Agora, não me deixes aqui na expectativa.

Arrancou-lhe a carta da mão e quebrou selo, mas, embora ela se tivesse inclinado sobre o ombro dele, desesperada por uma espreitadela, não a deixou ver.

- É definitivamente de uma mulher - disse ele, quando ela o olhou furiosamente e se instalou na cadeira à frente dele. - Eu não lhe chamaria propriamente rameira, embora seja perita em embonecar-se e exhibir-se. - Ela estava prestes a dar-lhe uma descompostura desalmada, quando ele disse: - É da minha irmã. É da Evangeline.

- Que rato. Tentavas fazer-me ciúmes?

Ele bufou, divertido.

- E resultou.

Ele era um matulão belo e elegante que antes tinha sido órfão nas ruas de Londres. Era duro e impetuoso, o tipo de arruaceiro que vivia da violência, da vingança e da intimidação. Quando atravessava uma sala, as pessoas saíam da sua frente e murmuravam comentários acerca dele, depois de ter passado.

Essas características tinham-na em tempos aterrorizado, mas agora já não. Estava a treiná-lo depressa e bem e, para ela, ele era doce como um gatinho.

- Quer que vamos a Fox Run - explicou ele.

Evangeline e Maggie tinham andado no colégio juntas, muito antes de o caminho de Maggie se ter cruzado com o de Michael, muito antes de se terem apaixonado e casado. Em adultas, ela e Evangeline tinham perdido contacto e, quando Maggie surgiu de novo no seu caminho, ficou espantada por saber que Evangeline se casara com um visconde. Era agora Lady Run, e Fox Run era a propriedade rural do marido.

- Fomos convidados para a festa que ela vai dar? - perguntou Maggie.

- Sim, mas também quer que eu conheça a pessoa que mora perto dela.

- É bom que seja um homem.

- É um homem.

Tinha uma expressão estranhíssima no rosto, e ela fez uma careta:

- O que foi? Más notícias?

- Não, ela diz... ah... que ele é parecidíssimo comigo.

- Parecidíssimo *contigo*? O que significa isso?

- Diz que podíamos ser gémeos.

Maggie levava uma garfada de ovos à boca, mas deixou cair o garfo, batendo no prato com estrondo.

Quando Michael era pequeno, o seu pai tinha sido morto num acidente de caça e depois a mãe foi acusada de um crime e levada para as colónias penais, na Austrália. Ele tinha três irmãos, um deles era seu gémeo e chamava-se Matthew.

A mãe providenciara para que um amigo da família, um tal senhor Etherton, cuidasse deles por ela. Era um homem solteiro e não tinha sido grande figura paterna, de modo que a sua ajuda não fora muito competente. Dois dos irmãos, Evangeline e Bryce, tinham sido mandados para o colégio interno, onde foram criados sem grandes dificuldades. Mas os gémeos, Michael e Matthew, tinham desaparecido e, embora Etherton se tenha fartado de procurar, nunca os conseguiu localizar.

Tinham passado a noite com criados numa hospedaria, mas deu-se um incêndio e os serviços morreram. No caos daí resultante, Michael acabou num orfanato, a viver sob o nome de Michael Scott. De Matthew nunca houve sinal.

Michael cresceu sem se lembrar de que tinha um gémeo, mas sempre teve visões estranhas em que conseguia ver o mundo através dos olhos do irmão. Às vezes, sonhavam o mesmo.

Michael deduziu ser um pouco louco durante a maior parte da sua vida, até Evangeline lhe falar da existência do seu gémeo. Andavam os dois à procura dele.

- Ela deve estar a imaginar se poderá ser o Matthew - murmurou Maggie. - Porque estará a considerar essa possibilidade?

- Passou por ela a cavalo e ela julgou que era eu. Chamou-o, achando que eu tinha ido a Fox Run por algum motivo.

- Falou com ele?

- Sim. É convidado de uma propriedade ali perto.

- Sabe o nome dele? É Matthew?

- Não, é Rafe. Olharam-se, e Maggie disse por fim:

- Não quer necessariamente significar alguma coisa. Tu mudaste de nome. O dele também pode ter mudado.

Ele abanou a cabeça.

- Não pode ser assim tão fácil. O mistério não será resolvido com ele a passar por acaso a cavalo.

- Porque não? Desde que conheceste a Evangeline e se deram conta do vosso parentesco, sinto a presença da tua mãe. Talvez ela os tenha conduzido a esse encontro.

Ele também sentia a presença espectral da mãe, tão forte que às vezes olhava por cima do ombro e ali estava ela. Maggie não ficaria nada espantada se Matthew fosse encontrado com tão pouco esforço.

- Então... vamos a Fox Run? - perguntou ela

- Imediatamente. De quanto tempo precisas para fazer as malas?

- Fico pronta em meia hora.

Enquanto respondia, agarrou no garfo e engoliu uma grande quantidade de ovos mexidos. Sentiu logo uma náusea. Estava de esperanças e os enjoos matinais chegavam depressa e agressivos.

- Oh! Oh! - murmurou ela.

- Estás um bocadinho verde, minha querida esposa.

- Com licença.

Levantou-se de um salto e saiu a correr, sem precisar de ir muito longe para encontrar uma

bacia. A governanta arrumara-as em locais convenientes por toda a casa.

Esvaziou o estômago e, quando se endireitou, Michael estava junto dela com um pano fresco para a testa, um copo de água para beber e uma mão carinhosa para lhe acariciar as costas.

- Anda, vem deitar-te - disse ele.

- Não quero ir para a cama - queixou-se ela. - Quero ir a Fox Run contigo.

- Não podes viajar até Fox Run. Não nessas condições.

- Mas eu *quero*.

Quando os enjoos começavam, prolongavam-se durante horas a fio. Estava indisposta há semanas e a situação não dava mostras de melhorar. Não era só de manhã que ficava maldisposta. Acontecia-lhe sem aviso, de dia ou de noite.

- Como é aquele ditado, Maggie? A mente quer, mas o corpo é fraco?

- Odeio ditados - respondeu ela com petulância.

- Eu escrevo-te de Fox Run. Conto-te tudo.

- Não é justo que eu tenha de ficar em casa.

- Quem disse que a vida é justa?

- Se descobrires que é o Matthew, vais trazê-lo a Cliffside?

- Estás a brincar? Se for o Matthew, nunca mais o perderei de vista. Até ao meu último suspiro.

* * *

- É uma honra, Lady Run.

- Muito prazer, menina Merrick.

Clarissa fitou Evangeline Drake. Estavam na sala principal de Greystone, com Lady Run a fazer uma visita inesperada, e Clarissa esperava que a outra mulher não se apercebesse do seu espanto.

Lady Run era de uma beleza gloriosa, com cabelo louro dourado e grandes olhos azuis, uma figura curvilínea e de temperamento alegre. Cantora talentosa, que punha a assistência de pé para a aplaudir loucamente a meio de uma canção.

Clarissa tivera a sorte de a ver atuar uma vez. Estivera num serão em Fox Run antes de Lady Run estar sequer noiva de Lord Run. Era espantosa, e Clarissa sentia-se na companhia de uma celebridade.

- Conheci-a em Fox Run - disse Clarissa -, há vários anos. Cantou para todos.

- Tive uma corte alucinante com o meu marido e fui apresentada a muitas pessoas desde então.

- Claro. Não esperava que se lembrasse de mim. Eu estava lá atrás e, quando terminou, senti-me demasiado impressionada para a abordar.

Lady Run riu-se.

- É muito amável.

- Os meus primos não estão. Vão ter pena de não a ver.

- Os seus primos são a Angela e o Roland?

- São.

Lady Run entregou um envelope a Clarissa. Enquanto Clarissa o analisava, Lady Run explicou:

- É um convite. Vamos dar a nossa festa anual no jardim.

Clarissa abriu o selo e leu as palavras escritas, fingindo calma enquanto se perguntava se Lady Run sabia que os Merrick estavam a ser postos de parte por todos. Clarissa temia que Lady Run pudesse estar a cometer uma terrível gafe social, mas não fazia ideia de como abordar o assunto.

Ergueu os olhos e Lady Run fez um sorriso caloroso.

- Estou ciente das dificuldades da sua família - disse Lady Run. - Não posso evitar que a menina e os seus primos estejam a ser ostracizados. Parece-me que foi o comportamento do pai deles que causou problemas.

- Foi.

- Não vejo porque devam ser culpabilizados pela situação.

- Tem a certeza, Lady Run? Os seus convidados podem... falar.

- Que falem. Se tiverem problemas com a minha lista de convidados, podem discutir o assunto com o meu marido. Ele sabe ser intimidante.

Sorriu, com uma expressão de malícia e muito mais dura do que Clarissa pudesse esperar. Clarissa riu, depois ficou sóbria.

- É muito amável da sua parte, Lady Run. Isto significa muito para o Roland e a Angela.

- Trata-se de um pequeno gesto, mas espero que ajude a sarar os sentimentos mais duros que se desenvolveram na vizinhança.

- Tenho a certeza de que assim será.

Com Lady Run a dar um passo para ajudar os Merrick, as pessoas não poderiam insultá-los nem denegri-los. Pelo menos, à frente deles. Teriam de esperar até chegar a casa para poderem trocar mexericos.

- É o evento anual de Lord Run? - perguntou Clarissa.

- Sim, é uma tradição em Fox Run e, como sou recém-casada, é a minha primeira vez como anfitriã. - Lady Run apontou para Clarissa. - O convite inclui-a a si e à menina Edwards.

- Ah, mas que maravilha. A Edwina só tem dezoito anos, de modo que está especialmente aborrecida por não poder socializar.

- Além disso, conheci no outro dia um cavalheiro na estrada. Disse-me que era convidado em Greystone. Também gostaria de o incluir. Senhor Harlow? Continua aqui convosco?

- Sim, ele e o irmão estão cá.

- Por favor, informe-os de que também devem vir.

- Assim farei.

Clarissa obrigou-se a sorrir, procurando esconder o seu desânimo. Era evidente que Roland não informara ninguém da mudança de proprietário. Sentia que devia esclarecer a situação, mas seria uma história sua para que a pudesse contar? Mas Roland partiria em breve e, quando o capitão Harlow assumisse o controlo da propriedade, a notícia haveria de se espalhar.

Não seria melhor disseminar a notícia, em vez de especulação e insinuações? Além disso, não deveria Lady Run ser informada de que era o *capitão* Harlow quem ali morava? Parecia desconhecer o estatuto dele e definitivamente haveria comoção quando a sua identidade fosse revelada.

- Na verdade - começou Clarissa, hesitando -, talvez eu devesse explicar a situação.
- De que se trata?
- Ah... oh, isto é tão difícil.
- Diga - instou Lady Run. - Tenho a certeza de que aguento.
- Greystone já não está na posse dos meus primos. Reverteu para a Coroa como recompensa pelas vítimas que Harold Merrick enganou.
- Não ouvi falar disso - murmurou Lady Run.
- Ninguém sabe, mas deduzo que brevemente será do conhecimento geral.
- Concordo. Não é o tipo de informação que se consiga manter escondida. O seu primo Roland não tem hipótese de recuperar a propriedade?
- Não, ele bateu-se em tribunal, mas os recursos foram recusados.
- O que vos acontecerá?
- Essa é a parte mais importante que devo partilhar, para que não corra por aí como sendo um mexerico. Aquele senhor Harlow que conheceu. Tinha cabelo escuro ou louro?
- Cabelo escuro.
- Não é o senhor Harlow. É o *capitão* Harlow. Sabe de quem se trata?

Lady Run endireitou-se.

- O capitão Harlow? Como aquele herói do naufrágio do *Tempestade Real*?
- Sim, esse mesmo. Greystone foi-lhe oferecida como recompensa pelo seu heroísmo.
- É o novo proprietário?
- É. O Roland vai sair muito em breve.
- Não fazia ideia.
- Ninguém sabe. Quando o capitão Harlow apareceu, foi um choque enorme. Não compreendo por que razão não se vangloriou junto da senhora sobre quem era. É um sujeito muito vaidoso.
- Que rato! - bufou Lady Run. - Nem uma palavra disse.
- A senhora terá uma celebridade de renome na festa.
- Os vizinhos ficarão encantados. - Lady Run refletiu durante um momento, depois franziu o sobrolho. - O nome próprio do capitão Harlow não é Matthew?
- É.
- Ele disse-me que se chamava Rafe.
- Rafe Harlow é o irmão mais novo. Deve ter falado com ele quando chegaram. Pregaram-nos uma partida, trocaram de casaca para que não soubéssemos qual deles era o capitão.
- *Matthew* Harlow - disse Lady Run. - Tem a certeza de que é esse o nome de batismo?
- Tenho. Capitão Matthew Harlow.
- Ele está aqui?
- Não. Saiu esta tarde.

Lady Run fitou Clarissa, que quase conseguia ver o cérebro de Lady Run numa roda-viva de

perguntas a que não dava voz, como se tentasse resolver uma complicada equação matemática.

- Espero que isto não lhe pareça muito ousado, mas será que ele lhe revelou alguma coisa da sua história? - perguntou Lady Run.

- Fiquei a conhecê-la um pouco.

- Terá ficado órfão muito novo, ou talvez tenha sido criado num orfanato?

Clarissa não julgava que o passado dele fosse secreto.

- Sim, ficou órfão. Deu-se uma tragédia quando era pequeno que lhe matou os pais e foi criado pelo senhor e pela senhora Harlow.

Lady Run arquejou.

- Que tragédia foi essa?

- Um incêndio.

Lady Run pestanejou uma vez, e depois outra.

- Terá por acaso ocorrido numa hospedaria?

- Sim. Como sabe?

- Oh, meu Deus... - Lady Run levantou-se de um salto, parecendo empolgada e nervosa. - Peço desculpa, mas tenho de me ir embora. Tenho de... ah... escrever a uma pessoa acerca disto.

- Do capitão Harlow?

- Sim. E pode dar-lhe um recado da minha parte?

- Mas é claro.

- Diga-lhe que eu *tenho* de falar com ele imediatamente. Ele *tem* de me visitar em Fox Run logo que possível.

- Sim, sim, eu digo-lhe.

- Por favor, deixe bem claro que, se ele não me visitar imediatamente, vou importuná-lo até estarem todos fartos de mim.

- Duvido de que nos fartássemos de si. - Clarissa também se levantou, sentindo-se perplexa com a abrupta partida de Lady Run. - Posso perguntar se existe... um... um problema com o capitão Harlow?

A forma como Lady Run se apressou a sair deixou Clarissa muito inquieta, com receio de que tivesse revelado algum facto escondido e tenebroso acerca dele. Clarissa estava muito ansiosa com aquele homem. Só lhe faltava receber más notícias além de tudo o resto.

- Não, não - disse Lady Run. - Não há problema nenhum. Simplesmente, talvez conheça alguém do passado dele. Diga-lhe isso por mim, diz? Diga-lhe que anda alguém à procura dele.

Clarissa lembrou-se que ele lhe dissera que, depois do incêndio, ninguém o procurara, o que a Clarissa pareceu o pior final imaginável. E se ele tivesse uma família algures?

- Falo-lhe assim que ele chegar - disse ela.

- Obrigada, e vem à nossa festa, não vem?

- Vou, sim.

- Creio que teremos a mesma idade. Espero que nos tornemos amigas.

- Eu também.

Lady Run saiu à pressa, e Clarissa ficou sozinha no silêncio.

Estava desesperada por falar com alguém, por informar Roland e Angela de que o ostracismo social a que tinham sido votados podia ter terminado, por pedir ao capitão Harlow que fosse logo a Fox Run, por informar alguém – uma pessoa qualquer – que Lady Run queria ser sua amiga. Há tanto tempo que Clarissa não tinha uma amiga; sentia-se emocionada, elogiada e muitíssimo feliz.

O capitão surgiu, por fim, no caminho e ela deixou-se ficar a vê-lo passar no acesso dos estábulos. Tinha várias caixas presas à sela, como se tivesse ido às compras, o que lhe pareceu estranho. Era tão magnífico e extraordinário... Ela não conseguia imaginá-lo envolvido numa tarefa vulgar como seja negociar com um mercador.

Demorou uma eternidade a entrar, e fê-lo pela porta das traseiras. Ela percorreu apressadamente o corredor, ansiosa por detê-lo antes que desaparecesse no quarto. Tinha os braços carregados com as caixas e ela acorreu a ajudá-lo.

Ele sorriu.

- Como está, menina Merrick.

- Capitão.

Parecia tão grandioso, com o cabelo alisado pelo vento, as faces rosadas pelo ar fresco.

- Viu a Lady Run lá fora, na estrada? – perguntou ela.

- Não.

- Veio fazer uma visita.

- Que amabilidade da parte dela.

- Ela e o marido vão dar a sua festa anual Fox Run. Convidaram-nos.

- Que bom.

- Não fique aborrecido, mas eu contei-lhe da sua verdadeira identidade. É tão aclamado que eu não quis que ela ficasse surpreendida.

Ele revirou os olhos.

- Ficou impressionada?

- Ficou, seu pateta vaidoso. Ficou extremamente impressionada. Insistiu para que fosse imediatamente a Fox Run.

- Porquê?

- Pode ser que conheça alguém do seu passado e está ansiosa por discutir o assunto consigo.

O sorriso dele esmoreceu.

- O que a leva a pensar isso?

- Apresentou-se como sendo Rafe Harlow.

- Sim.

- Mas quando se apercebeu de que o seu nome de batismo é Matthew, ficou em choque. Foi tão estranho.

- Tenho a certeza de que não é nada.

Clarissa estava em pulgas, impaciente por partilhar as novidades, mas ele não parecia minimamente interessado.

- E se tiver uma família desejosa por conhecê-lo?

Ele bufou, desdenhoso.

- Se eu tiver família, onde estiveram durante todos estes anos? Sem dúvida demoraram muito tempo a ir à minha procura.

Clarissa ansiava por uma família grande, extensa, repleta de primos e irmãos, tias e tios. Adoraria celebrar aniversários, casamentos e datas importantes. Como é que ele não via que seria maravilhoso?

- Podem ser os seus parentes! Porque não está mais empolgado? - Peço desculpa pelo meu ceticismo, mas é do conhecimento geral que eu sou rico e, tal como disse, muito aclamado. Fico desconfiado de quem anuncia uma ligação repentina.

- Não pode imaginar o que aconteceu quando era pequeno. Talvez tenham ido à sua procura, mas não o tenham encontrado, pura e simplesmente, por alguma razão.

- Não seria bonito pensar assim?

- Porque não vai a Fox Run falar com ela? Eu disse-lhe que iria.

- Estou ocupado.

- Por favor.

Ele deixou cair as caixas e puxou-a para mais perto. Ela podia ter tentado escapar, mas era inútil lutar contra ele. Haveria de a soltar quando estivesse pronto.

- Quando olha para mim assim, é-me difícil recusar - disse ele.

- Vai a Fox Run?

- Vou, Clarissa, mas tem de ser neste preciso momento?

- Creio que pode lavar-se e mudar de casaco.

- Obrigado, queridíssima noiva.

- Não sou sua noiva - protestou ela.

Ele ficou espantado, como se tivesse acabado de saber que ela não aceitara ser sua noiva.

- Não é? Ia jurar que vamos casar na quinta-feira de manhã.

- Não me pediu que casasse consigo.

- Oh, esqueci-me. Sente que foi uma ordem minha.

- E *foi* uma ordem sua.

- Então e assim: *Casa comigo, Clarissa?* Está melhor assim?

- Não.

Ele riu-se.

- *Não*, não está melhor? Ou *não*, não casa comigo?

- Não, não caso consigo, e não, não está melhor assim. Podia pelo menos fingir que está contente por me ter. Assim, podia conseguir a resposta certa da minha parte.

- Porque está sempre a dizer que eu não estou contente por tê-la? Estou sempre a dizer-lhe que sim. Porque não acredita em mim?

- Não confio em si, nem consigo imaginar por que razão me escolheria de entre todas as mulheres do mundo.

- Tem um problema de autoestima terrível, não tem? Depois de casarmos, vamos trabalhar nisso. - Inclinou-se para pegar na caixa maior. Estendeu-a. - Isto é para si. Na verdade, estas

caixas todas são para si.

Ela fez uma careta, quase com medo de aceitar.

- O que é?

- É um vestido para o casamento. Mandeí vi-lo de Londres.

Ela repetiu, como que apalermada:

- Um vestido para o casamento?

- Sim, não ia deixá-la usar um desses trapos cinzentos, e é azul, por isso vai fazer sobressair a cor dos seus olhos.

- Capitão...

Ela queria ralar com ele, queria chorar. Era um gesto tão doce. Porque a surpreendeu assim? Fazia-a gostar dele. Deixava-a confusa e perplexa.

- Não tratou da festa do nosso casamento, por isso tomei a liberdade de pedir à governanta que preparasse o evento por si. A cerimónia irá realizar-se na igreja da vila. Ela achou que preferisse que fosse lá, em vez de em casa.

- Sim, eu... gostava... que fosse lá. - Estava a concordar? Ele tinha-a finalmente convencido?

- Bom, eu hoje estou muito ocupado. Deixe estas caixas, vou pedir a um criado que lhas leve ao quarto.

- Eu posso levá-las.

- Eu *disse* que mandava alguém.

- Está bem, está bem.

- Vemo-nos ao jantar.

Ele beijou-a na face e foi-se embora, desaparecendo rapidamente no corredor.

Ela afundou-se no chão e abriu a caixa maior, descobrindo no seu interior um lindo vestido azul. Era no seu tom preferido, de decote redondo, cintura subida e saia fluída. Era lindo e discreto, o vestido perfeito, aquele que teria escolhido se tivesse tido essa oportunidade.

Agarrou nas outras caixas e encontrou acessórios: um leque, luvas, uma capa e um chapéu. Sentou-se no chão, rodeada de uma pilha de presentes preciosos, e pôs-se a chorar.

12

Roland marchou pelo corredor da ala deserta da casa onde ficava o quarto de Clarissa. Não sabia ao certo qual era a suíte dela, e levava Angela consigo para lha mostrar.

Quando Clarissa era pequena, vivia com o resto da família, mas mal teve maturidade para afirmar a sua independência, afastara-se. Ele nunca refletiu acerca da sua decisão, mas perguntava-se agora se ela não gostaria deles, tal como eles não gostavam dela. Seria possível?

Tinha-se em tão boa conta que lhe era difícil pensar que talvez Clarissa não gostasse dele. Nunca lhe ocorrera tal ideia, e ficou muitíssimo incomodado.

- É este - disse Angela, puxando-o para que parasse diante de uma das muitas portas que eram todas iguais.

Roland analisou o corredor deserto, curioso por saber como seria estar tão só, manter-se afastado como fizera Clarissa. Os seus aposentos seriam um refúgio ou uma prisão? A sua escolha fê-la parecer mais interessante do que ele alguma vez supusera, como se tivesse segredos que ele devia desvendar.

Bateu vigorosamente e, lá dentro, ela perguntou:

- Sim, quem é?

Roland inclinou-se para Angela e sibilou:

- Diz-lhe exatamente o que eu pedi que dissesses:

- Sacana - disse Angela entre dentes.

- Se não o fizeres, dou-te uma chibatada quando terminarmos.

- Sim, sim - disse Angela -, ouvi-te de todas as vezes que me ameaçaste.

- É para que não te esqueças.

Roland estendeu a mão para a maçaneta e, sem se fazer anunciar, abriu a porta e entrou na sala de estar de Clarissa. Angela não se mexeu, e ele puxou-a consigo.

- Roland, Angela. - O desagrado de Clarissa era evidente. - Que surpresa.

- Ele obrigou-me a vir - disse Angela com arrogância.

- Tenho a certeza que sim.

Havia um sofá ao pé da lareira, e Clarissa fez um gesto para ele.

- Querem sentar-se?

- Não - disse Roland. - Não ficamos muito tempo.

Clarissa suspirou.

- Pareces aborrecido. O que se passa?

- Acabei de falar com o capitão Harlow.

- Que bom - respondeu ela com sarcasmo.

- É quarta-feira e amanhã será quinta, mas ele diz-me que não aceitaste o seu pedido.

- Não, não aceitei.

- Porque não?

Clarissa encolheu os ombros.

- Não consigo decidir o que fazer.

A sua resposta deixou Roland tão zangado que se sentia quase a sufocar.

- Não conseguiste *decidir*? O que há para pensar?

- Todos insistem para que me case com ele. Tu. A Edwina. O capitão Harlow. E se eu não quiser?

- Que rapariga estúpida. É a oportunidade de uma vida!

- Ele não me ama - disse ela sem rodeios. - Não quer saber de mim.

Se Roland nutrisse sentimentos de afeto por ela, que não era o caso, podia ter sentido pena. Ela parecia tão infeliz. Era evidente que lhe fazia falta uma mãe ou uma amiga para ter um ombro onde chorar, mas infelizmente não tinha nem mãe nem amiga por ali.

- Clarissa, desde quando é que uma mulher se casa por amor?

- Algumas casam.

- Bom, não será o teu caso. Não te podes dar a esse luxo.

- Não, creio que não - murmurou ela.

Ele apontou para a irmã.

- A Angela gostava de te dizer uma coisa.

- O que se trata? - perguntou Clarissa.

Angela estava calada, e ele deu-lhe uma cotovelada.

- Diz-lhe.

- Quero que te cases com o capitão Harlow. - Angela tossiu as palavras, como se lhe tivessem sido arrancadas do fígado.

Clarissa bufou.

- *Tu* queres?

- Quero. - Angela fulminou Clarissa com tanto ódio que Roland teve vontade de a esbofetear.

- Angela - disse ele bruscamente -, não estás a ajudar.

- Não é justo! - Ela fumegava, como já fizera mil e uma vezes.

- Pois não, não é - concordou Roland. - Mas tens de ultrapassar isso. O capitão escolheu a Clarissa e não a ti, e não vai mudar de ideias. Agora explica à Clarissa porque deve ela aceitar.

Angela hesitou e disse:

- Estou ansiosa por ficar em Greystone, Clarissa. Na qualidade de mulher do capitão, serás aqui senhora e estarás à frente do governo da casa. Eu gostaria de ficar na minha casa e imploro-te que cases com o capitão Harlow para que me deixes ficar.

- Porque haverias de querer isso? - perguntou Clarissa. - Nada será como dantes. Eu estarei à frente da casa, não tu, e eu sei que nunca lidarás bem com isso.

- Eu não teria de ficar na mansão - disse-lhe Angela. - Quando o Roland se for embora, posso mudar-me para a cabana do couteiro. Ou talvez o capitão abra a Casa do Dote para mim.

- Provavelmente, eu poderia convencê-lo a isso - disse Clarissa, hesitante.

- Se não casares com ele... - Aquilo eram lágrimas nos olhos de Angela? - terei de abandonar Greystone. Para onde vou, Clarissa? Vais obrigar-me a morar num apartamento esqualido em Londres? É isso que queres?

- Não! Eu nunca *quis* que nada disto acontecesse.

- E tu? - perguntou Angela. - Também terás de te ir embora. O Roland e eu não te podemos ajudar mais. Vais acampar na sarjeta? Vais a cambalear até ao asilo dos pobres para pedir que te aceitem?

Clarissa também tinha lágrimas nos olhos.

- Como foi que chegámos a este ponto?

Roland não permitiria que aquele encontro desabasse numa sessão de lágrimas feminina.

- É muito simples, Clarissa - disse ele. - Podes resolver muitos problemas casando-te com ele.

- Achas que não sei isso?

- Quantos anos viveste connosco? Catorze? Quinze?

- Faz quinze em setembro.

- Demos-te abrigo e apoio. Demos-te de comer e de vestir.

- Ficarei para sempre grata.

- Durante todo esse tempo - continuou Roland -, alguma vez te pedimos algo em troca?

- Não, nada.

- Alguma vez *eu* te pedi algo?

- Não.

- Peço-te agora, Clarissa. Faz isto pela minha irmã. Por favor! Pouco me importa o que me acontece. Arranjarei maneira de seguir em frente na vida. Mas, por favor... por favor!... não permitas que a Angela seja posta na rua.

- Não o faria - declarou Clarissa leal e ridiculamente.

- Como podes ter a certeza?

No silêncio que se seguiu, ele e Clarissa fitaram-se, os dois muito cientes de que não conseguiam prever como o capitão Harlow se comportaria. Era um desconhecido, uma carta fora do baralho, completamente volátil em atitude e conduta.

Angela interrompeu, parecendo desesperada:

- Fazes isso por mim, Clarissa?

- É isso que queres, Angela? - perguntou Clarissa. - A sério? Estás a dizer-me que vais tolerar as mudanças que isso trará?

- Eu juro - insistiu Angela. - Aquilo que eu *não* poderia tolerar seria ser obrigada a partir. Tu podes salvar-me.

Seguiu-se outro silêncio demorado, com Clarissa a estudá-los, a debater-se.

Roland compreendia as suas reservas. Quem não as teria? Era *ela* que seria a noiva do capitão Harlow. *Ela* teria de sofrer as suas atenções viris. Roland bem gostaria de lhe poder dizer que não se preocupasse. Se tivesse êxito, o casamento de Clarissa com o capitão Harlow seria breve e ela não tardaria a ficar viúva, mas não podia dizê-lo.

Clarissa expirou profundamente.

- Muito bem. Ganharam.

- Obrigado. Obrigada - responderam Roland e Angela em uníssono.

- Mas Angela, tens de me prometer, aqui e agora, com o teu irmão como testemunha, que nunca te queixarás do meu estatuto elevado - disse Clarissa.

Angela teve de engolir um enorme sapo de orgulho, tão grande que Roland ficou surpreendido por ela não se engasgar. Mas lá conseguiu cuspir as palavras:

- Nunca me queixarei. Prometo. Vou sempre lembrar-me de que me ajudaste numa hora de aflição.

As palavras de Angela pareciam sinceras, o que era hilariante. Jamais fora sincera, seja em que assunto fosse, mas Clarissa anuiu, aceitando a promessa de Angela e esquecendo por um instante como a prima realmente era.

O encontro tornou-se constrangedor. Roland obtivera a garantia que procurava, por isso podiam partir. Disse a Clarissa:

- Eu apareço às dez e meia para te acompanhar até à carruagem.

- Estarei pronta.

- Iremos juntos para a igreja.

- Ótimo.

- Tens alguma coisa adequada para vestir? - perguntou Roland.

Clarissa corou.

- Ah... O capitão Harlow comprou-me um vestido.

Angela engoliu um guincho de indignação, e Roland suavizou aquele som abafado dizendo:

- Ótimo, ótimo. Tenho a certeza de que vais ficar linda. - Empurrou Angela para fora do quarto, depois disse a Clarissa: - Vemo-nos amanhã.

- Estarei pronta.

Angela estava prestes a explodir, e Roland empurrou-a e fê-la seguir pelo corredor. Depois de contornarem a esquina, Angela lamentou-se:

- Ele comprou-lhe um vestido! Comprou-lhe um vestido para o casamento! Oh, não suporto isto!

- Fica calada, Angela. Por favor. Tenho a cabeça a latejar.

- Será assim a minha vida de agora em diante - lamentou-se. - Tu vais para Londres mergulhar em pompa e *glamour*, enquanto eu vou passar os meus dias na Casa do Dote a ver a Clarissa passear com vestidos bonitos! É um ultraje!

Roland já tinha ouvido todos os protestos que conseguia aguentar. Ela achava que era a única a ser prejudicada, a única a lamentar aquela perda. Nunca pensava na vergonha de Roland, na sua desgraça.

Ele conduziu-a marchando pela casa até chegarem à sua ala, parou junto da suíte dela e fê-la entrar.

- Porque não se deitas? - sugeriu ele. - Manda chamar a criada, para que te ponha uma compressa fresca na testa. Vai acalmar-te.

Ela abriu a boca para despejar mais alguns insultos. Ele bateu com a porta e continuou pelo corredor, perguntando-se quantas mais atribulações poderia suportar. Estava ansioso por chegar à casa do coureiro e tomar um *brandy*. Toda aquela cena sórdida o deixara abalado.

Desceu as escadas pesadamente e estava a atravessar à pressa o átrio quando o capitão Harlow entrou, vindo da outra direção. Fez-se uma pausa desconfortável, com o desagrado de ambos a ferver. O capitão foi o primeiro a pestanejar, acenando uma saudação.

- Senhor Merrick.

- Boa tarde, capitão. - Roland mostrou-se imediatamente obsequioso e bajulador. - Peço desculpa pela intromissão, mas estive a falar com a Clarissa.

- Sobre o quê?

- Quando me disse que ela ainda não tinha acedido a casar, fiquei espantado. Tinha partido do princípio de que estava tudo assente entre vocês.

O capitão fez um gesto com a mão, descartando aquelas palavras.

- Assente quanto baste.

- Eu queria *certificar-me*, e achei que merecia uma resposta definitiva. A Clarissa às vezes é obstinada.

O capitão soltou uma risadinha.

- Sim, já me dei conta.

- Ela deu-me a sua palavra de honra em como aceitaria o compromisso. Vou buscá-la às dez e meia e acompanhá-la à igreja. Encontramo-nos lá.

- Perfeito.

A conversa parecia estar terminada, e Roland deixou-se ficar ali, sem se dar conta de que o capitão estava à espera de que ele se fosse embora da sua maldita casa.

Roland esboçou um sorriso tenso, passou pelo capitão e saiu - como se aquela propriedade nunca tivesse sido sua.

Matthew estava no altar, com o vigário e Rafe junto dele. A vila era pequena, por isso a igreja também era e os bancos estavam vazios. A governanta tinha-se oferecido para convidar uns vizinhos e os criados adoravam Clarissa e teriam gostado de assistir, mas Matthew decidiu que não haveria convidados.

O nome Merrick era ridicularizado por todos e ele não deixaria que os vizinhos fossem arrogantes com Clarissa. Depressa viriam, quando soubessem quem era o seu marido. Quanto à criadagem, Matthew era um homem orgulhoso, e Clarissa não estava feliz com o casamento. Não permitiria que ninguém assistisse ao casamento, pois a angústia da noiva seria bem patente.

Os mexericos espalhar-se-iam pelos criados, de que Clarissa se opusera ao casamento e, como era o novo proprietário de Greystone, precisava de os conquistar. Não os queria a bisbilhotar na cozinha.

As portas da igreja estavam abertas e eles olharam para os degraus da entrada, com a tensão palpável na atmosfera. Passavam cinco minutos das onze e não havia sinal de Clarissa. O vigário espreitara discretamente o seu relógio e pigarreou, desesperado por se referir ao atraso da noiva, mas sem coragem para o fazer.

Mas Matthew tinha fé nela. Não o deixaria ficar mal. Também não falharia ao seu primo, Roland, que parecia tão empenhado em fazê-la avançar.

O comportamento de Roland deveria provavelmente ter preocupado Matthew, mas tal não aconteceu. Não havia nada em Roland que fosse difícil de imaginar. Ele esperava usar Clarissa para manter o dedo na contabilidade da propriedade.

Se ela recusasse o casamento, o primo não teria ligação duradoura àquele lugar. Roland deduzia que, desde que Clarissa estivesse a morar lá, ele poderia manipulá-la, mas estava a esquecer-se de um pormenor importante.

Ela era muito leal. Era a sua característica mais forte. Fora leal aos primos, mas, mal proferisse os seus votos a Matthew, era demasiado honrada para os quebrar. Roland podia imaginar que teria influência sobre Clarissa, mas isso nunca aconteceria.

Rafe quebrou o silêncio constrangedor.

- Já passa das onze, Matthew.

- Eu sei as horas, Rafe.

- Será que te deixou especado? Se teve a temeridade de te rechaçar, nunca mais hei de parar de rir.

- Clarissa vem aí em breve. Está só ansiosa demais.

- Não se pode dizer que não compreenda. - Rafe sorriu maliciosamente. - Eu também não me quereria casar contigo.

O vigário pigarreou quando a carruagem dela chegou. Roland tinha-a trazido. Angela não se via em lado nenhum, mas Edwina Edwards acompanhava-os. Roland e Edwina desceram primeiro, depois Roland ajudou Clarissa a descer.

- Afinal, sempre veio - disse Rafe entre dentes. - Achei que não fosse aparecer.

- Eu não duvidei nem por um segundo - respondeu Matthew.

Na verdade, ele *tinha* duvidado, mas se ela tivesse continuado recalcitrante, ele tê-la-ia obrigado a ir à igreja, portanto, estava satisfeito por não terem de começar mal. Era um homem duro e arrogante e não tinha dúvidas acerca do tipo de marido que ele próprio seria: não muito afável. Enfrentariam imensos obstáculos, portanto, ele não precisava de exacerbar as coisas arrastando-a para a cerimónia.

Edwina entrou dizendo:

- Lamento o atraso. Deveu-se ao facto de eu ter amarrado umas fitas à carruagem. Não suportava a ideia de regressarem a casa sem um toque festivo.

- Obrigado - respondeu Matthew.

Roland e Clarissa estavam no átrio e o vigário disse:

- Entrem, entrem. Vamos começar, sim?

Matthew não esperava que Clarissa quisesse uma grande cerimónia, de modo que não havia organista a tocar um hino, nem coro a cantar. A menina Edwards atravessou a igreja e sentou-se no banco da frente. Seguiram-se-lhe Roland e Clarissa. Clarissa agarrava o braço do primo como se fosse um bote salva-vidas, como se, se o libertasse, ela fosse levantar voo dali.

Usou o vestido que Matthew lhe comprou, e ele sorriu. Era tão teimosa que ele teve receio que ela recusasse fazê-lo por princípio e, se ela aparecesse com um dos vestidos cinzentos velhos e desbotados, achava que a teria mandado a casa obrigando-a a trocar de roupa. Quando ela pensasse no casamento, queria que se lembrasse de que teve um vestido lindo, e que ele se preocupara o bastante para insistir.

Roland agia como se os Merrick fossem uma família normal e Roland fosse o pai que entregava a noiva. Matthew escondeu qualquer indicação de que não gostava de Roland e tinha a certeza de que Clarissa, depois da partida do primo, ficaria aliviada. Precisaria de algum tempo para o compreender, mas chegaria lá.

- Está bem? - murmurou para ela.

- Sim, estou bem.

Levou-a até ao vigário e prendeu-lhe a mão na sua. A pele dela era gelo, dando mostras de que ela estava aterrorizada. Estremecia, todo o seu corpo tremia como varas verdes.

- Ainda bem que veio - disse-lhe ele.

- Tinha escolha?

- Não.

O vigário ouviu as suas observações em voz baixa.

- Menina Merrick, não parece feliz por estar aqui.

- Estou feliz - disse ela, mas estava pálida e parecia prestes a desmaiar.

O vigário franziu a testa.

- Não gosto nada de fazer esta pergunta, mas sinto que tenho de a fazer. Tem a certeza de que deseja prosseguir? Não houve coação, pois não?

- Não, não - apressou-se ela a dizer. - Estou encantada. Podemos começar? Gostaria de... ah... acabar com isto.

Alguma vez teria havido noiva mais tristonha? Era como se estivesse na cadeira do barbeiro prestes a arrancar um dente, e ele foi varrido por uma fortíssima onda de afeto.

Roland pressionou-a incessantemente, e ela provavelmente acreditava estar a ajudar os primos. Quem não estimaria um gesto tão grandioso? Se ela conseguia ser tão dedicada a um palerma como Roland Merrick, que a tratava abominavelmente, imagine-se como seria maravilhosa para com Matthew.

Não era o melhor dos homens, mas sempre se mostrou amável com ela, seria sempre generoso e apreciava o facto de ela fazer tanto por Roland. Como esse era o seu genuíno carácter, bem lá no fundo, o que poderia vir a fazer por Matthew?

- Não se apoquente - murmurou ele.

- Não estou apoquentada.

- Vai acabar num piscar de olhos.

Apertou-lhe a mão, e ela retribuiu o gesto, dando a clara impressão de que era à vida que se agarrava.

O vigário estudou-a e perguntou uma última vez:

- Tem a certeza, menina Merrick?

- Toda a certeza. - Fez um sorriso inseguro.

Matthew ficou desfeito com aquele sorriso. Que linda ela era! Achava-o desde o primeiro momento, quando ela apareceu no seu caminho nos bosques.

Algumas pessoas - a sua amante, Penelope, por exemplo - podiam achá-lo louco por casar. Outras pessoas podiam considerar que, com a sua crescente notoriedade, podia ter casado mais alto, talvez com a filha de um duque, ou até com uma princesa. Mas ele odiava a aristocracia. O seu desdém era quase uma doença do sangue, como se a nobreza lhe tivesse feito mal no passado.

Havia quem pensasse que não era preciso mostrar compaixão pelas agruras dos Merrick, que não havia necessidade de se unir a uma mulher da família. Talvez tivessem razão, mas, na cabeça dele, era um gesto honrado e adequado e ele nunca viria a questionar a sua decisão. Avançaria e faria o melhor da situação.

- Caríssimos irmãos... - O vigário passou rapidamente pelos votos, como se percebesse que Clarissa podia ter um colapso se ele não se despachasse.

Matthew disse *Sim* em todos os momentos certos. Quando chegou a vez de Clarissa, ela tropeçou um pouco no *Sim*, mas quando ele sorriu e ela forçou as palavras a sair.

Depois...

O vigário declarou-os marido e mulher, e tudo terminou. Embora estivessem na igreja, Rafe gritou de alegria e bateu nas costas de Matthew. A menina Edwards beijou Clarissa na face e deu um abraço rápido a Matthew. Roland não os congratulou, pois saíra a meio da cerimónia, o que foi um alívio. Matthew não queria falsos clichés de um sujeito que não suportava.

O vigário conduziu-os ao átrio, para que assinassem a Bíblia da igreja, assim como a certidão e outros documentos legais. Rafe e a menina Edwards assinaram como testemunhas. Riam e sorriam, Rafe dizendo piadas picantes, mas os seus comentários eram como um mosquito a zumbir-lhe ao ouvido.

Clarissa mal se conseguia manter em pé, e Matthew tivera de a amparar enquanto percorria a igreja. Aquela ansiedade nervosa não o incomodava. Gostava de sentir que ela era mais fraca do que ele próprio, que era forte e rijo, que conseguia ampará-la quando ela estava mal.

O vigário olhava com tensão para Clarissa, com evidente preocupação, mas não podia intervir. Ela concordara em avançar, dissera os votos. Além disso, Rafe dera-lhe uma bolsa cheia de dinheiro, uma maquia suficiente para que, quando visse quanto Matthew lhe pagara, nunca mais se preocupasse com Clarissa.

Matthew desceu com ela os degraus em direção à carruagem. Todo aquele evento estava imbuído de uma estranha sensação de desorientação. Já não era um homem solteiro. Estava casado, e aquele momento não parecia real. De repente, *ele* teve um ataque de ansiedade.

E se Clarissa nunca mudasse de ideias? E se ela nunca viesse a ser feliz? E se para sempre o culpasse de a ter pressionado, de a fazer infeliz?

Mas conseguiu afastar esses pensamentos agitados. Nunca vacilou. Nunca se arrependeu nem desejou seguir um caminho diferente. Casara com ela, para o bem e para o mal. E esperava que fosse tudo pelo melhor.

- Vamos para casa, senhora Harlow? - perguntou-lhe.

Ela olhou-o boquiaberto por um instante, depois olhou em redor como se não soubesse a quem ele se dirigia.

Riu-se e abanou a cabeça.

- Oh, *senhora* Harlow. Refere-se a mim.

- Sim. Está pronta?

- Estou pronta.

Ajudou-a a entrar na carruagem, e depois à menina Edwards. Rafe saltou a seguir, depois Matthew subiu e sentou-se ao lado de Clarissa. Ela continuava a tremer, mas não se notava, e ele anuiu com satisfação.

Estavam a fazer progressos.

13

Clarissa ouviu um barulho e, embora odiasse ficar nervosa, sobressaltou-se. Era a noite de núpcias e, apesar de ter dito a si mesma para não se apoquentar, que todas as noivas viviam o mesmo, não conseguia manter-se calma.

Enquanto estiveram na igreja para o casamento, os criados transportaram eficazmente os seus pertences para o quarto principal, no centro da casa. Sem lhe perguntar a opinião, o capitão ordenou que isso fosse feito, de modo que, de repente, se encontrava na melhor suíte da mansão. O capitão ficava na porta ao lado, havendo um quarto de vestir que os ligava.

Ela podia ter protestado, podia ter exigido regressar ao seu antigo quarto, mas esse tempo havia acabado e ela tinha de se habituar às mudanças. Concordara em casar com o capitão Harlow. Lutara contra isso, mas, por fim, acedera. Estava *casada*.

Nada daquilo parecia real e, durante aquele dia entediante, sentiu-se como que fora do corpo a ver uma outra mulher viver as festividades.

Unira a sua sorte com a do capitão Harlow, e levava os votos a sério. Seria a melhor esposa possível, e tudo correria bem. *Tinha* de correr bem. Com a aliança no dedo não havia volta a dar, e já há muito tinham ultrapassado o tempo em que ela se podia questionar.

Ainda assim, tinha de aguentar a noite de núpcias. Tinha tido uma conversa rápida, murmurada, com Edwina em que partilharam os poucos pormenores que sabiam sobre aquele acontecimento. A amiga não tinha muita informação, mas disse que seria uma coisa física, com muitos toques e carícias e que podia implicar alguma nudez.

Também disse a Clarissa que a sua falta de experiência não importava, que o capitão seria habilidoso fosse o que fosse que tivesse de acontecer, mas que a única maneira de ele poder ser formado nas artes da paixão era tendo praticado muito com amantes. Clarissa não achava refúgio na ideia de ele ser um mulherengo e libertino.

Teria ele amantes? Lidaria com rameiras? Não fazia ideia, não sabia como lhe perguntar e pensava como seria que as mulheres se moviam em situações tão tensas, de confusão e esperanças frustradas.

A velha casa rangia, com a madeira a assentar, e ela sobressaltou-se de novo. Esperava pela chegada do capitão, para que pudessem resolver o assunto, mas ele era mole como papas. Se ela não estivesse tão aterrorizada, teria ido ter com ele para lhe dizer que se despachasse.

Estava de camisa de dormir e robe, e Edwina dissera-lhe que provavelmente o capitão Harlow lhos despiria, deixando Clarissa nua. Só de pensar nisso, a sua pulsação acelerava tanto que ela teve medo que o coração lhe explodisse no peito.

Levantou-se da cama e foi para a sala de estar. Havia um aparador repleto de garrafas de vinho e decantadores e, embora ela geralmente não bebesse, a ocasião pedia um pouco de álcool.

Pegou naquilo que parecia ser *whisky* e serviu-se de um copo. Engoliu o conteúdo, encheu um segundo copo e bebeu esse também. O álcool fez imediatamente efeito, e os tremores começaram a sucumbir.

Servia-se de uma terceira dose quando ele falou da porta. Depois de toda a agitação, aquele rato entrara sem ela se dar conta.

- Bebe às escondidas, senhora Harlow? - perguntou ele.

Ela virou-se.

- Não, mas a ocasião pede-o.

Ela hesitou, sem saber ao certo se devia continuar ou pousar o decantador.

- Não pare por minha causa - disse ele.

- Muito bem, não pararei.

- E sirva-me também um, sim?

Ela encheu dois copos quando ele se aproximou e ficou junto a ela. Deu-lhe um e olharam-se, e o ar agitava-se com tantos comentários por dizer que ela se sentiu tonta.

Ficou grata por ele estar vestido. Depois dos comentários vagos de Edwina, Clarissa esperara que ele entrasse por ali despido. Caso isso tivesse acontecido, ela teria caído redonda, mortificada.

Ele despira, contudo, o casaco e usava roupa descontraída, com a camisa aberta a mostrar demasiado peito. Ao ver toda aquela carne masculina exposta, ela sentiu um nervoso miudinho.

- Foi um longo dia - disse ele. - Estou exausto.

- Eu também.

- Está nervosa?

- Um pouco.

- Acreditava em mim se eu lhe dissesse que também estou um pouco?

- Não. Duvido que alguma vez na vida tenha ficado nervoso com alguma coisa.

- Pode ser que tenha razão.

Fez aquele seu sorriso, aquele que o fazia parecer o maior rufião do reino. Como podia uma mulher evitar aquele sorriso? Como podia fugir da sua força e encanto?

Ela começou a engolir o *whisky*, e ele firmou-lhe a mão.

- Quantos bebeu? - perguntou ele.

- Por enquanto, dois.

- Bom, abrande, está bem? Não a quero em coma. Seria um golpe para o meu orgulho viril. Posso nunca vir a recuperar.

- Seria preciso mais do que a minha embriaguez para ferir o seu enorme orgulho.

- Sim, mas não gostava nada de dizer aos outros que a minha noiva passou a noite de núpcias a dormir.

Ela ficou boquiaberta, horrorizada.

- Contaria às pessoas?

Ele riu-se, depois sossegou-a.

- Não, Clarissa, não contaria. Eu estava a brincar. Dê-me um pouco de crédito.

Ele estava tão perto, e aquela proximidade agitava-a. Sentia-se toda ela a ferver, mas também gelada. Estava ansiosa e desconfiada, ansiava por agarrá-lo para lhe exigir que acabasse com aquilo de uma vez. Queria que ele *nunca* acabasse com aquilo.

Ah, mas em que belo caos que eu sou!

- Oxalá me tivesse deixado ficar no meu antigo quarto - disse ela. - Só esta noite. Eu teria ficado mais confortável.

- Eu sei disso, mas aprendi há séculos que é preciso usar os truques da autoridade... se se quiser ter alguma. E eu quero. Esta casa sempre pertenceu aos Merrick, e os criados estão habituados a receber ordens de Roland e Angela. Não de mim nem de si. Temos de mostrar

que as coisas mudaram.

- Sim, creio que sim.

- Se eu a deixasse ficar nos seus anteriores aposentos, o pessoal nunca lhe daria ouvidos. A primeira vez que dissesse à cozinheira o que queria que ela servisse ao jantar, iria a correr ter com a Angela para saber se podia.

- Deus queira que não. A Angela faz ementas horríveis.

- A comida aqui é atroz. É culpa dela?

- É.

- Então espero que, pelo menos, me alimentem um pouco melhor do que até aqui.

- Vou dar o meu melhor.

- Claro que sim. Se eu desconfiasse que não seria assim, nunca lhe teria pedido que casasse comigo.

- Mas não *pediu* - lembrou-lhe ela.

- Pedi sim. Estávamos na porta das traseiras e eu tinha ido à vila a cavalo e regressado com o seu vestido de noiva. Sem dúvida que pedi. Lembro-me nitidamente.

O sorriso dele abriu-se mais e ela anuiu.

- Pois pediu. Como pude eu esquecer-me?

Também ela sorriu. Gostava dele assim, quando brincava, provocava e se mostrava tão cheio de si.

- Hoje estava muito bonita - disse ele.

Ela corou, com as faces ardendo.

- Obrigada.

- Ainda bem que usou o vestido que lhe comprei.

- Não tinha propriamente muitas escolhas.

- É tão teimosa.

Ela interrompeu-o, bufando.

- Não sou teimosa.

- É sim! É muito teimosa. Julguei que pudesse recusar só por princípio.

- E que princípio seria esse?

- Mostrar-me que eu não posso mandar em si.

- Ainda pensei nisso, mas nós os dois teremos muitas oportunidades para esbarrar cabeças no futuro. Não imaginei que a nossa primeira discussão fosse sobre se eu deveria ou não usar um vestido bonito.

- É assim tão fácil ganhar o seu acordo? - perguntou ele.

- Geralmente não, mas pareceu-me um disparate discutir por isso. - Ela não queria importuná-lo, mas a pergunta estava ali e ela não conseguiu retê-la.

- Onde esteve? Quase tinha desistido de esperar por si.

- Escrevia aos meus advogados.

- Sobre o quê?

- Sobre o nosso casamento. Mudei o meu testamento e atualizei alguns registos fiscais.

Aquele tipo de questões não lhe ocorrera, e ele era um soldado tão endurecido. Ela não o via como um homem com pesadas preocupações de negócios, mas a verdade é que lhe tinha dito que era rico, por isso devia ter alguma habilidade com as finanças.

- Mudou o seu testamento? - perguntou ela.

- Ou *estou* a mudar. Vão ser precisas umas semanas para tratar de tudo, mas ficará protegida antes da minha partida.

- Partida para onde? - perguntou ela estupidamente.

- Para o exército. Estou de licença.

Ela tentava interiorizar aquele anúncio, tentava perceber as implicações. Esforçara-se por imaginar como seria a sua vida com ele. Nessas imagens, ele estava em casa a enlouquecê-la com a sua arrogância pretensiosa.

Em nenhum desses cenários imaginou que ele *não* estaria em casa. Devia ter ficado contente, mas, estranhamente, ficou desiludida e um pouco triste. Ia-se embora para a Europa? Quando partiria? Dentro de um ou dois dias? Ela era assim tão insignificante?

- Vai *regressar* ao exército?

- Vou. - Ele estudou-a, depois soltou uma risadinha. - Ficou surpreendida. Não se deu conta de que continuo a ser oficial? Viu-me muitas vezes de uniforme.

- Creio que nunca pensei realmente no que iria fazer.

- É uma das razões por que casei consigo.

- Qual?

- Sabia que ia ser uma boa dona de casa enquanto eu estiver ausente.

- *Eu* serei boa dona de casa?

- Sim. Será fantástica e manterá o Roland e a Angela bem longe, por mim.

- Como assim, longe?

- Vão esforçar-se incessantemente por cair nas minhas boas graças, por se manterem agarrados ao que em tempos lhes pertenceu. A Clarissa e eu iremos impedi-los.

- Eu não quero impedi-los. Gostava apenas que houvesse uma maneira de eles se sentirem contentados com a situação.

- Nunca ficarão contentados e haverão de a assediar violentamente.

- Não duvido disso.

- Mas não lhe vai permitir isso, porque, quando mais tempo estiver a cargo de tudo, melhor perceberá como é benéfico não os ter a cargo de tudo.

Aquela ideia parecia-lhe tão desleal.

- Talvez.

- Nunca a trataram muito bem.

- Pois não - admitiu ela.

- E agora, com o seu estatuto superior, devem tratá-la com o respeito que merece ou então podem ir atirar-se de um penhasco.

- Se forem rudes, posso expulsá-los?
- Sim, ou pode vir ter comigo, e eu faço-o por si.

Ela soltou uma risadinha e abanou a cabeça.

- Eu não devia dizer mal deles. Faz-me sentir horrível, e já tenho um grande sentimento de culpa.

- Não se sinta culpada. Vai correr tudo bem.

- Sim, tenho a certeza que sim.

Sentiu uma súbita onda de ternura. Por uma vez, a arrogância dele foi cuidadosamente camuflada e olhou-a como se gostasse dela, como se estivesse contente por tê-la escolhido. Seria possível? Dissera-lhe que sim em diversas ocasiões, mas ela não acreditara nele. Deveria ter acreditado?

Estavam a começar uma vida nova juntos, e acendeu-se uma chama de otimismo. Talvez acabasse por ser esplêndido e todas as preocupações dela tivessem sido vãs.

Ele terminou o seu *whisky*, depois pegou no dela e bebeu também as últimas gotas. Entrelaçou os dedos nos dela, como se fossem namorados adolescentes.

- Vamos lá, então - disse ele. - Quando isto estiver fora do nosso caminho, já não terá tanto medo e as coisas não serão tão desconfortáveis entre nós.

- Eu não tenho medo.

- Não? - Estudou-a atentamente e riu-se. - Mentirosa.

- Talvez um pouco... sobre aquilo que desconheço.

- É normal da parte da noiva, o não saber.

- Sabe... ah... aquilo que tem de acontecer?

- Oh, sim!

- É um libertino, capitão?

- Tenho reputação de ser - afirmou ousadamente - e, como estou prestes a despir a minha roupa... e a sua também... podes tratar-me por Matthew?

- Posso tentar.

Conduziu-a até ao quarto e, durante um brevíssimo segundo, ela não conseguiu fazer avançar os pés. Mas ele puxou-a ao de leve e ela seguiu-o tropeçando um pouco. O álcool deixara-a um pouco atordoada, mas não o suficiente. Tinha a pulsação novamente acelerada.

Ele parou junto da cama e pousou as palmas das mãos nas faces dela, dando-lhe um beijo muito doce e muito meigo.

- Pareces tão assustada - murmurou ele. - Não estejas, por favor. Vai ser rápido e indolor. Prometo.

- Indolor! - Arquejou, chocada. - Vai doer?

- Não, não - apressou-se ele a dizer. - Talvez não tenha escolhido a melhor palavra.

- Podes dizer-me o que vai acontecer?

- Fazes alguma ideia? Alguém te explicou?

- Bem, a Edwina ouviu uns murmúrios no colégio, mas só tem dezoito anos, por isso não é certo que deva acreditar nela.

- Vamos deitar-nos, beijar-nos e tocar-nos até já não estares tão nervosa.

Ela anuiu.

- Isso sou capaz de fazer.

- Depois, despimos gradualmente a roupa.

- Tem de ser?

- Não tem de ser, mas é muito mais agradável... especialmente para o homem. Para a mulher, pode ser mais uma tarefa.

- Mas não é difícil de realizar?

- Não. É uma conduta meramente física e eu tentarei torná-la o mais agradável possível para ti.

- Agradável? Pode ser? De verdade? - Com toda aquela sua preocupação fervente, não considerara sequer que lhe pudesse dar prazer.

- Sim. De facto, aposto que quando dominares isto, vais gostar muito. Vais estar sempre a implorar-me que venha aqui ter contigo.

- És muito vaidoso, se pensas assim.

- Claro que sou vaidoso, mas também sou excelente neste assunto. Prevejo que acabes por te tornar lasciva de coração.

- Lasciva! - Ela sabia que ele a estava a provocar, e riu-se. - Que grande elogio.

- Não há nada de mal numa mulher com tendências um pouco mais abertas. Mantém o marido feliz.

- Achas que eu te farei feliz?

- É esse o meu plano... senão não te teria escolhido.

Voltava aquela sensação de afeto e ele sorriu-lhe de novo, como se fosse sincero. Ele achava que ela o podia fazer feliz. Achava que seriam felizes juntos.

Essa perspetiva deixou-a quase tonta de alegria. Talvez a união deles se pudesse tornar algo onde houvesse confiança, estima e uma ternura evidente. Decidiu parar de se apoquentar e de esperar o pior. A partir daquele momento, esperaria o melhor. Se trabalhasse muito nesse sentido, talvez ele aprendesse a amá-la. Porque não ter essa expectativa?

Ele agarrou o cinto do robe dela e desapertou-lho, depois puxou a peça até cair no chão. Ela continuava de camisa de dormir, mas, agora sem o robe, sentia-se sem a armadura. Estremeceu, e não conseguiu escondê-lo.

Ele fez um aceno de cabeça para a porta.

- Deita-te para mim.

Era o momento mais horrível até então, o momento em que o casamento parecia finalmente real. Ela hesitou, e ele pôs uma mão no seu traseiro, impelindo-a a avançar para o colchão.

- Vai correr tudo bem, Clarissa. Juro-te.

- Eu sei. Acredito em ti.

Ela deitou-se, como ele instruiu, observando-o em silêncio a chutar as botas para um canto e a despir a camisa, arremessando-a também. A visão do peito dele era, na verdade, muito excitante e ela tinha o maior desejo de passar as palmas das mãos pela pele dele para se inteirar do seu calor e suavidade.

Ele tinha o corpo bronzeado, os seus ombros eram largos e a cintura estreita, os braços esculpidos de músculos. Tinha um ar robusto, em forma e... maravilhoso. Pronto! Ela admitia. Era elegante e extraordinário, e pertencia-lhe. Escolhera-a de entre todas as raparigas do

mundo e ela deixou-se levar por um pouco de vaidade própria. Ganhara-o. Pertencia-lhe e *ele* a ela.

Também ele se deitou na cama, estendendo-se por cima dela; o seu sorriso estava de volta, de um modo que parecia maroto e cheio de malícia.

- Passei o dia inteiro à espera de fazer isto - disse ele.

- Passaste?

- É a parte mais ansiada pelo noivo no dia do casamento.

- Tecnicamente, é a *noite* de núpcias.

- Precisamente. É a parte mais ansiada pelo noivo de toda esta maldita coisa.

- E a noiva? Qual é a sua parte preferida?

- Creio que não será a noite de núpcias. - Estudou-a. - Não estás aborrecida, pois não, por termos tido uma cerimónia tão pequena?

- Não.

- Eu podia ter convidado os vizinhos, mas não sabia se tu aprovavas.

- Adivinhas-te bem o meu desejo. Estava perfeito.

- Se mudares de ideias mais tarde e quiseres repetir os nossos votos com cem convidados, podemos fazer isso.

- Não quero.

- Seja o que for que queiras, e que esteja em meu poder proporcionar-te, tê-lo-ás.

- Obrigada, mas nunca quis grande coisa. Apenas um teto por cima da cabeça e comida. Para mim, isso é imenso, tendo em conta a minha infância errática.

- Vais ser fácil de agradar, minha queridíssima esposa. A tua lista de necessidades é tão limitada que nunca me apoquentarás para que te ofereça presentes e ornamentos.

- Provavelmente não.

- Então, vou poder estar sempre a surpreender-te... quando menos esperares.

Foi um comentário tão doce. A vida dela fora escassa em presentes e surpresas, e ele rechaçava os seus sentimentos de medo e de deveres terríveis. O seu papel de noiva podia ser divertido.

Começou a beijá-la e ela retribuiu avidamente, encontrando ali a oportunidade perfeita para ocultar a vaga de emoção gerada. As observações dele foram tão encantadoras que ela teve medo de rebentar em lágrimas, algo que detestaria fazer. Iria parecer uma menina piegas e ele já a via como incrivelmente tola. Não havia motivo para oferecer uma confirmação da sua atitude masculina e vaidosa.

Ele já a beijara antes, por isso não foi estranho nem assustador. Ela gostava de o beijar. Gostava muito.

Ele rolou ficando deitado de costas, e ela rolou com ele, ficando de repente por cima e ele por baixo. Ele interrompeu o beijo e fê-la agachar-se, montada no colo dele, com as coxas abertas entre as suas. A camisa de dormir foi arregaçada, deixando as suas partes púbicas pressionadas contra as dele, tendo como única barreira a separá-las o tecido dos calções dele.

- Seja o que for que aconteça neste quarto, está tudo bem - disse ele.

- Compreendo.

- Não tens de te sentir envergonhada ou tímida.

- Então, não me sentirei.

- Ótimo.

Ele pegou nas mãos dela e pousou-as no seu peito, e ela arquejou, espantada.

- A tua pele é tão quente - disse ela.

- Podes tocar-me em toda a parte. Eu gosto.

- Posso?

- Claro. Quando estiveres assim comigo, podes ser tão maliciosa e selvática como queiras.

- Eu nunca quis ser maliciosa e selvática.

- Veremos como te saís. Julgo que vamos ficar os dois chocados, depois de eu te ensinar uns truques.

Ela esperava o mesmo. Admitira ser um libertino, o que significava que era muito experiente com mulheres no sentido carnal. Ela estava determinada a aprender o que ele lhe mostrasse, a praticar até ficar competente. Se ele alguma vez considerasse pular a cerca, como muitas vezes faziam os maridos, nunca seria por ela não se ter entregado de alma e coração à condição matrimonial.

Passou o dedo pelo peito dele, depois pelos braços, ombros e rosto. Era um misto de suavidade e aspereza, de polido e tosco. Tinha cócegas e era muito sensível em vários pontos. Ela deliciou-se com tudo isso.

Ele começou a beijar novamente Clarissa, de língua na boca dela e mãos no seu cabelo. Mais abaixo, as ancas de ambos moviam-se juntas a um ritmo excitante. Começou a subir-lhe gradualmente a bainha do vestido, puxando cada vez mais para cima até lhe passar as coxas e depois a cintura.

Enfiou a mão por baixo do tecido, tocando-lhe nos seios, e a agitação produzida foi tão excitante que ela se sentiu eletrizada, como se lhe saíssem faíscas das pontas dos dedos se ela os apontasse.

Agarrou-lhe os mamilos, beliscou-os e brincou com eles, e o balanço das ancas aumentou.

Isto é o desejo! Eu desejo o meu marido!

A ideia deliciou-a. Tivera tanto medo de não o sentir, mas agora já não conseguia parar. Algures pelo caminho, os medos dela sucumbiram. *Ele* conquistara-os, e ela haveria de o adorar para sempre por isso mesmo.

Quase sem se dar conta disso, ele subira-lhe a camisa de dormir e fizera-lha passar pela cabeça, deixando-a nua. Aconteceu tão depressa e pareceu tão natural que ela não se tentou cobrir nem esconder.

Matthew inclinou-se e agarrou-lhe um mamilo com os lábios, sugando-o e provocando uma aflição nunca sentida, o que fez agitar e mover o seu ventre. Entre as pernas dela, o sexo estava relaxado e húmido.

Ele continuou, passando de um seio para o outro, até os botõezinhos duros estarem doridos e esfregados. Mas ela não queria que ele desistisse e nem em mil anos haveria de sugerir uma coisa dessas.

Matthew fê-la rolar novamente, deixando-a por baixo e a ele por cima. Espantou-a ao enfiar os dedos abaixo da barriga dela, onde descobriu um botãozinho invulgar, que estava inchado e inflamado. Passou nele o polegar, uma e outra vez, e ela foi perpassada pela mais estranha onda de prazer.

Podia estar a elevar-se aos céus, como se nunca mais descesse. Ao longe, alguém gemeu e ela reconheceu vagamente tratar-se da sua própria voz, que gritava com um tipo de alegria

feroz.

Perguntou-se se aquilo poderia continuar eternamente, se poderia nunca parar, mas acabou por atingir uma espécie de pico e cair. Quando atingiu o fundo, estava nos braços dele. Ele sorria, ria, ajeitava-se.

- Meu Deus - disse entre dentes quando conseguiu tornar a falar. - O que foi aquilo?

- *Aquilo* foi luxúria feminina... e um exemplo espetacular, ainda por cima.

- Como me aconteceu? - perguntou ela.

- Tens uma natureza muito sexual. Eu bem desconfiei. Com todo aquele mau feitio e petulância, calculei que fosses uma lasciva feroz.

- Eu? Uma lasciva feroz? Confundiste-me com outra pessoa.

- Não - insistiu ele com firmeza. - Sei exatamente aquilo que tenho aqui e estou tão empolgado por ter tido razão... e logo à primeira. Sou um cão com sorte.

- Isto pode acontecer mais do que uma vez?

- Sim, pode acontecer vezes sem conta. É um dos segredos do leito matrimonial.

- Foi espantoso. Porquê manter isto em segredo?

- Nunca percebi porquê, mas provavelmente será porque se as mulheres descobrissem como isto é divertido, não manteriam a castidade para os maridos.

- Eu ainda... eu... ainda sou...

Nunca na vida dissera a palavra *virgem* em voz alta, e não era capaz de a dizer agora. Ele salvou-a.

- Sim, ainda és virgem, mas trataremos em breve disso.

A conversa esmoreceu e havia um novo brilho nos olhos dele. Parecia mais determinado do que o normal, se é que isso era possível. Parecia também angustiado, como que sobrecarregado de tensão corporal. Acaso o teria excitado? Esperava que sim. Esperava ter acendido nele um fogo que nunca mais seria extinto.

- Vamos acabar isto - disse ele.

- Sim, vamos.

A parte inicial tinha sido extraordinária, e estava ansiosa por aprender o resto. Ele recomeçou a beijá-la enquanto, lá em baixo, desabotoava os calções, puxando-os depois para baixo. Abriu-lhe bem as pernas, ao que ela sentiu um toque de alarme e quase protestou, mas ele enfiou-lhe um dedo naquele invólucro feminino e esse gesto era tão estranho e tão cativante que qualquer ideia de queixume foi imediatamente esquecida.

O dedo entrava e saía e, passado algum tempo, adicionou um segundo. Estava a alongá-la, a descontrai-la. As ancas dela estavam novamente eletrizadas, num crescendo de desejo. Tocou-lhe por fim naquele botãozinho sensível e ela foi invadida por uma nova onda de prazer glorioso.

Quando a alegria esmoreceu, e ela desceu em espiral, Matthew substituiu os dedos por outra coisa, algo maior e mais duro. Introduzira a ponta, o que lhe deu uma sensação peculiar e perigosa. Ela mexeu-se, subitamente ansiosa por fugir.

- O que estás a fazer? - perguntou.

- As nossas partes íntimas são diferentes - explicou ele.

- Ouvi dizer que sim, mas não compreendo o que significa.

- Unirei o meu corpo ao teu.

- Não percebo – repetiu ela.
- É mais fácil se eu mostrar. Põe os braços à volta do meu pescoço.
- Assim?
- Sim. Agarra-me com força. Não me soltes.

Começaram novamente a beijar-se, mas, desta vez, quando as ancas dele balouçaram com as dela, o movimento já não era lento nem suave. Ele empurrava-a, empurrava para dentro dela, e deu-se um rasgar, uma dor aguda e rápida, e então ele estava completamente nela.

Baixou os olhos para ela, com uma expressão desesperada e... dolorosa. Era a única maneira de a descrever.

- Sentes-te bem? – perguntou.
- Sim, sim, estou bem.
- Está quase. Não me largues.
- Não largo.

Moveu-se com ela, as ancas laborando em conjunto, e a princípio foi algo desajeitado, mais estranho do que ela podia ter imaginado. Mas, gradualmente, começou a ficar mais interessante.

Ela ia ao encontro dele, investida a investida, e justamente quando ela lhe estava a tomar o jeito, ele enterrou-se tão fundo, gemeu e ficou muito parado. Durante um longo intervalo, ficaram imóveis, depois ele estremeceu e caiu sobre ela, todo o seu peso pressionando-a contra a cama.

Depois afastou-se e fê-la rolar, ficando de frente para ele. Os seus narizes quase se tocavam, e sorriam como dois palermas.

- Sobreviveste? – perguntou ele.
- Sobrevivi. Não sou mesmo... não sou uma...
- Não, perdeste a virgindade para sempre. Não foi assim tão mau, pois não?
- Não.
- Melhora com a prática.
- Desta vez foi excitante.

Para horror de Clarissa, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

- O que é isso? Não chores. Não podes estar triste.
- Não, não estou triste. Sinto-me exacerbadada.
- Claro que sim. Sou um sujeito exacerbadador.

Ela expeliu uma gargalhada.

- Haverá algum momento em que ficas sério?
- Sou sério como a morte. Sou *muito* exacerbadador.
- Pois és.
- Gostas de mim. Admite.
- Pode ser que goste. Mas só um bocadinho.

Beijou-lhe uma pálpebra, depois a outra. Foi um gesto tão doce que alguns tijolos do seu muro

de reserva caíram por terra.

- Não te atrevas a ficar triste - murmurou ele.

- Não estou.

- És minha para sempre. O que te parece?

- Também és meu para sempre - disse, por sua vez. - O que *te* parece?

Ele ponderou, depois sorriu.

- Parece-me grandioso, Clarissa. E a ti?

- Também me parece grandioso, capitão.

- Matthew, lembra-te?

- Sim, Matthew, lembro-me.

Puxou-a mais para si, aninhando-a no seu peito. Ficaram em silêncio e ela achou que foi essa a melhor parte daquele encontro, aquela intimidade terna em que se abraçavam. Ouvira muitos rumores acerca de maridos e mulheres, acerca do ato matrimonial e de como era executado, mas nunca ouvira falar daquele momento delicioso, em que as emoções eram tão fortes que ela até podia ter chorado - mas de alegria, não de tristeza.

- Sempre me quis casar - disse ele.

- Não quiseste nada. Eras um solteiro convicto.

- Não, parti do princípio de que... não sei... de que me faria feliz, creio.

Ela espreitou-o.

- Tens sido infeliz?

- Geralmente não. Sentia apenas que me faltava algo importante, algo que perdi e que não conseguia recuperar.

- Achas que o casamento te vai ajudar a reencontrar isso?

- Espero que sim... ou pelo menos que me sinta mais satisfeito de futuro.

- Estou certa de que assim será.

- E tu? - perguntou ele. - Ficarás mais satisfeita?

Ela soltou uma risadinha.

- Deduzo que me vás enlouquecer com a tua arrogância e o teu mau feitio.

- Hás de aprender a lidar comigo.

- Sim, provavelmente sim, e depois também eu ficarei satisfeita.

- Estás a ver? Já começou a funcionar.

- Pois é, parece que sim.

Ela suspirou e, quando ele a deitou aninhada a si, a intimidade recomeçou a crescer. A fadiga instalava-se, aquela atividade física deixara-a exausta. O dia também fora carregado de tensão. Sentia-se extenuada e estafada e bocejou de forma nada feminina.

- E agora?

Rezou para que ele não estivesse prestes a saltar da cama para regressar ao seu quarto.

Depois daquela união esplêndida, de cortar a respiração, não queria ficar sozinha, não queria estar deitada no escuro, a refletir acerca do sucedido. Queria o tronco amplo e quente dele aninhado no seu e ocorreu-lhe que, se ele tentasse ir-se embora, ela tentaria dissuadi-lo e, se não fosse capaz, ficaria com muitas saudades dele.

- Agora - disse ele - descansamos, e depois repetimos.

Ela ergueu-se e sorriu para ele.

- Outra vez?

- Se não estiveres muito dorida.

- Não estou muito.

- Então dorme um bocadinho, senhora Harlow.

- Também vais dormir? Não vais... embora, pois não?

Ela esperou pela resposta, muito nervosa, ansiosa. Ele abanou a cabeça.

- Não, Clarissa, não me vou embora. Nem que me desses um pontapé, eu não iria.

- Não te vou dar um pontapé, Matthew. Escusas de te preocupar.

14

Rafe estava sentado no seu quarto, a olhar para a porta, à espera de que Edwina entrasse sorrateiramente.

Devia ter batido o pé com ela, mas não tinha juízo nenhum, como lhe dizia constantemente o seu brutal pai e lhe tentara meter na cabeça à força do chicote. Matthew era o único que conseguia dizer alguma coisa a Rafe e se ele soubesse do seu atual mau comportamento ficaria sentido e desiludido.

Mas Matthew estava muito ocupado com a sua esposa e, desde que Rafe não pusesse um bebé na barriga de Edwina, ela ficaria bem. Rafe achava que lhe estava a fazer um favor. Quando acabasse por se casar, mergulharia no matrimónio já com alguma informação. Não seria um mistério assustador.

Rafe estaria a ajudá-la a tornar-se uma mulher e não se importunava com quaisquer conceitos erróneos que ela pudesse ter. Avisara-a de que não se entregaria a ele em compromisso e ela lidava com ele por sua conta e risco.

Dentro de algumas semanas, ele e Matthew iriam para Espanha, e aquilo que Eddie pensasse depois disso pouco importava. Haveria de o esquecer bem depressa e, antes de partir, ele daria uma palavrinha a Clarissa, para lhe dizer que Eddie devia ir para Londres à caça de marido. Era o que a rapariga precisava e, mal tivesse uma aliança no dedo, ficaria bem. Não seria a aliança *dele*, mas não havia dúvida de que algum outro tomaria de bom grado o lugar de Rafe.

Ouviu-a aproximar-se; ela bateu e depois esgueirou-se para o interior. Como sempre, estava alegre e sorridente, e ele também sorriu.

- Quase esbarrei num criado - disse ela, ofegante, enquanto rodava a chave na fechadura.

- Ele viu-a?

- Não, mas andam por aí criados. Imagino que para o caso de Matthew e Clarissa precisarem de alguma coisa.

Rafe bufou, desdenhoso.

- O meu irmão não chamará os criados. Tenho a certeza de que estará demasiado ocupado.

- É um grande Romeu?

Rafe pensou na resposta enquanto ela se aproximava e se aninhava no colo dele. Tinha um coração romântico. Sempre que falava assim, ele ficava desgostoso consigo próprio.

- Não é um Romeu. É mais um canalha e libertino.

- Isso é por ser solteiro. Agora é um homem casado e não terá necessidade de mulheres da vida.

Rafe quase engoliu a língua, num esforço para não se rir daquela ingenuidade.

Penelope Bernard estava em Londres à espera de Matthew como um abutre. O seu casamento com Clarissa ocorrera demasiado rápido, e Rafe tentara em vão convencer Matthew a não casar. Rafe gostava de Clarissa, mas sentia que Matthew devia ter adiado a decisão. Com a sua recente notoriedade, podia ter agarrado a filha de um duque para noiva, mas ele não era do tipo que quisesse elevar-se acima dos outros.

Rafe perguntara-lhe quais eram as suas intenções com Penelope - agora que estava casado -, mas Matthew não respondeu. A irritante mulher era sedutora, mas dominadora e muito ciumenta, e tinha grandes planos para Matthew.

Como reagiria aquela bruxa às notícias do casamento de Matthew era algo que Rafe não conseguia adivinhar, mas calculava que toda a situação rebentasse numa grande confusão, e

Clarissa seria arrastada no dilúvio.

Clarissa era muito boa pessoa, mas estaria fora de pé a lidar com Penelope. Matthew era muito inteligente e astuto, mas às vezes revelava-se deveras idiota.

Rafe não podia, contudo, confidenciar nada daquilo a Edwina, por isso mentia.

- Sim, os seus tempos de loucura provavelmente chegaram ao fim.

- Mas é claro que chegaram. Ele é *casado*.

Ela disse-o como se os votos de casamento pudessem fazer um homem comportar-se, e Rafe não queria ter essa discussão. Passara grande parte da vida em aquartelamentos do exército, onde os maridos estavam longe das mulheres por grandes períodos de tempos e as prostitutas mostravam-se ansiosas por conseguir lucros no seu negócio. Pelo que lhe era dado ver, o casamento não mudava nada.

- O que se passa no leito matrimonial? - perguntou ela.

- É suposto ser surpresa.

- Posso bem sem esse tipo de surpresas. A Clarissa perguntou-me, mas eu não fazia ideia do que lhe dizer.

Eddie fitou-o, na esperança de que ele lhe explicasse, mas Rafe não se imaginava a dar-lhe pormenores verbalmente. Era difícil descrever a situação e, fosse como fosse, ela não acreditaria nele. Talvez fosse melhor mostrar-lhe um pouco.

Pô-la de pé, e também ele se levantou.

- Vamos deitar-nos - disse ele.

- Porquê?

- Quer saber o que se passa, por isso vou fazer uma demonstração.

Ela não hesitou, dirigiu-se ao outro quarto e subiu para a cama. Deitou-se de costas, a rir e a acenar-lhe para que se apressasse.

- Não gostava nada de chegar ao ponto em que Clarissa se encontra neste momento.

- A Clarissa vai ficar bem. O Matthew não é nenhum animal.

Eddie fez uma careta.

- O que diz? Pode ser rude e horrível?

- Sim, com um homem que não saiba o que está a fazer, mas o Matthew sabe, definitivamente. Ela vai gostar.

- Tem a certeza?

- O Matthew é um sujeito lascivo e há de arrastá-la para o quarto bastantes vezes. Se não achasse que ela lhe vai tomar o jeito, nunca a teria escolhido.

- É bom que isso seja verdade. Durante a maior parte da minha vida, foi a minha única amiga. Se o capitão Harlow for horrível para ela, torço-lhe o pescoço.

- Eu digo-lhe.

Rafe revirou os olhos, divertido com aqueles disparates femininos. Como se uma mulher pudesse dizer fosse o que fosse a Matthew. Como se o irmão ouvisse.

Rafe despiu a camisa e atirou-a ao chão, apreciando a avidez com que ela o olhava, a sua curiosidade e diversão. Com ela, nunca houve drama de virgem. Dizia-lhe, pura e simplesmente, o que queria, e ia atrás disso descontraidamente. Era uma loucura agir assim, mas não ia tentar convencê-la de que não devia fazê-lo.

- Eu também me dispo? - perguntou ela.

- Ainda não decidi.

- Se quiser, eu dispo-me.

- Eu sei disso.

Rafe temia que, se ela se despisse, ele cometesse pecados que não devia. Se ela mantivesse a camisa de dormir, seria uma barreira contra uma conduta censurável. Não era grande barreira, mas mesmo pequena podia fazer toda a diferença.

- Nunca vi um homem em tronco nu - disse ela. - É o primeiro, por isso eu não sabia que podia ser tão... emocionante.

- Emocionante?

- Sim.

Eddie bateu no espaço vazio da cama ao seu lado, e ele juntou-se a ela, esticando-se.

- Geralmente, não deixo que as mulheres me vejam em tronco nu.

- Porque não? Não é um libertino?

- Não gosto de ter de explicar as cicatrizes.

- Então, quando mas mostrou... foi um momento privado?

- Muito privado.

- Vou tomar isso como um elogio.

- Por favor, não toque nelas nem faça alarido. Não gosto de ser lembrado de que estão aí.

- Não farei nenhuma observação.

Ela sorriu, com um ar feliz, mas podia ser perigoso confiar nela. Quando abandonasse a Inglaterra, e a deixasse ficar para trás, ela podia zangar-se, podia querer vingar-se. Seria fácil denegri-lo, e não queria que as pessoas discutissem as suas cicatrizes, pois não queria que pensassem no seu pai. Matthew corrigira a situação, e pronto. Não fazia sentido ir buscar histórias do passado.

Puxou-a para si e beijou-a. Ela participou avidamente, acariciando-o de maneiras de que ele tanto gostava. Era uma rapariga avantajada e, lá em baixo, o seu pénis estava tão duro como um bastão. Provavelmente, devia ter ido à taberna da vila procurar a rameira que lá trabalhava, mas não o fizera, de modo que Eddie teria de lhe proporcionar um qualquer alívio.

Embora ele tivesse noção de que não devia fazê-lo, começou gradualmente a desabotoar-lhe o vestido, desapertando os laços, puxando o tecido para baixo. Não tardou a que ela ficasse despida da cintura para cima, tal como ele.

Ele rolou ficando de costas e com ela em cima, para poder acariciar-lhe os seios. Eram redondos e cheios, com mamilos duros que o enlouqueciam. Ficou a sugá-los durante uma eternidade, e a sua excitação atingia um pico a cada movimento da língua, o que o deixava cada vez mais alarmado, perguntando-se, agitado, como a tiraria do quarto antes que o verdadeiro dano fosse feito.

Abandonou os seios e virou-a, de modo a ficarem frente a frente.

- Porque parou? - perguntou ela.

- Sinto-me arrebatado.

- Por mim?

- Sim.

- Perfeito, mas só nos beijámos... como já fizemos antes. Devíamos experimentar algo novo, e prometeu que me ensinava o que o capitão Harlow está a fazer à Clarissa.

- Não sei se deva.

- Porquê? Tem medo?

- Se tenho. Não há casamento no meu futuro, por isso não vou desflorá-la.

- O que significa *desflorar*? Sempre quis saber.

- Será o seu marido a explicar-lhe.

- Tendo em conta a minha sorte, nunca terei um marido, e não suporto a ideia de nunca vir a aprender os factos. Não me pode dar, pelo menos, uma pista?

Ele fulminou-a. Estava numa guerra entre as suas piores e melhores tendências. Antes da chegada dela, achara que era melhor avançar, não foi? Ou estaria só a pensar com a pila? Matthew acusava-o muitas vezes de agir assim.

Quando tinha o falo duro, Rafe fazia péssimas escolhas.

- Já ouviu dizer que os homens e as mulheres têm uma constituição diferente? - perguntou Rafe.

- Sim, nas partes públicas. Mas porquê?

- Para acasalar. Colocou a mão na parte da frente das calças, onde o falo estava prestes a rebentar para fora do tecido. - Tenho um grande pau aqui dentro.

- Para que serve?

- Cabe dentro de si.

- Onde?

- Entre as suas pernas.

- Oh! - murmurou ela -, agora compreendo.

Ele não achava que ela entendesse. Nenhuma virgem podia de facto saber.

Levantou-lhe a bainha da saia e fez deslizar um dedo pelas cuecas dela. Não lhe perguntou se podia, não lhe deu um momento para pensar. Enfiou e tirou o dedo algumas vezes para lhe dar uma ideia do que acontecia, e as ancas delas começaram instintivamente a mover-se contra a palma dele.

- Espetava-o aqui - disse ele, recuando e baixando-lhe a saia. - Dá prazer aos homens.

- E às mulheres?

- Pode dar... se o homem souber o que fazer.

- E sabe o que fazer?

- Sei, o Matthew certificou-se disso.

- Como?

- Levou-me à sua puta preferida e pediu-lhe que me instruisse.

- O capitão Harlow fez isso?

- Fez.

- Que... irmão *interessante* tem.

- Não fique tão chocada. É bastante comum no nosso mundo.

- No meu não é. Estou a descobrir muitas coisas em que nunca pensei. É como se tivesse aberto uma porta secreta e me deixasse espreitar lá para dentro. - De repente, disse: - Quero ver.

- O quê? A minha pila?

- Sim. Deixe-me ver.

Ele não suportaria. Se ele consentisse, ela podia já não ser virgem quando terminassem. Mas ela era curiosa... e tão ousada. Como podia recusar?

- Creio que pode ver - concordou, cauteloso. - Só por um minuto, e tem de fazer o que eu lhe disser e nada mais.

- Porquê?

- Porque tenho de me controlar.

- Não tem nada de se controlar.

- Um de nós tem de nos manter dentro dos eixos, senão seremos levados aonde definitivamente não queremos ir.

Desabotoou os calções, agarrou-lhe de novo na mão e colocou-a no falo. Quando os dedos dela se fecharam em redor dele, os olhos de Eddie abriram-se de surpresa.

- Cabe dentro de mim? - perguntou admirada.

- Cabe, sim.

- Ponha-o lá.

- Não! É assim que se fazem os bebés.

- Como assim?

- Enfio-o em si, esfrego-o para dentro e para fora, criando uma fricção que faz sair um líquido da ponta. Entra no seu ventre e começa a crescer um bebé.

- Isso é o comentário mais estranho que já ouvi.

- Eu sei. As raparigas nunca acreditam.

- Tire-o dos calções - pediu ela.

Ela baixou-se e puxou o tecido até ter o dito em frente da cara. Ele devia tê-la feito parar, mas a sua fortaleza moral fugira pela janela.

Ela estava em silêncio, de queixo caído, depois ergueu os olhos com uma expressão descarada e perigosa para o equilíbrio dele.

- Pode esfregá-lo, se quiser.

- Posso?

Ela hesitou, sem saber ao certo como fazê-lo, e ele ajudou dizendo:

- Beije a ponta. Os homens gostam.

- Beijá-lo? A sério?

- Sim, e chupe-o na boca. É um truque de puta e não uma coisa que esposa nenhuma tivesse de fazer, mas os homens adoram.

- É por isso que visitam as putas?

- É uma das razões.

Aquela vadiazinha desgraçada queria experimentar tudo. Sem uma pausa, comportou-se exatamente como ele lhe dissera, e ele ficou tão espantado que uivou de surpresa e veio-se. A sua semente acumulava-se nas partes íntimas e não havia como prevenir o jorro. Virou-se de estômago para baixo e despejou-se na roupa da cama, como se fosse um rapazola.

Era humilhante, mas ela era virgem, por isso não podia imaginar o embaraço dele. Ele espreitou-a e começou a rir.

- O que foi? - perguntou ela.

- É perversa demais para o seu próprio bem.

- Sou? Mas gosta de raparigas perversas, não gosta?

- Sim, gosto de raparigas perversas. - Fez um gesto para a porta. - Agora, vá-se embora daqui.

- Não quero ir. Julguei que ficava consigo a noite toda.

- A noite toda?!

- Sim. Está toda a gente ocupada com a Clarissa e o capitão Harlow. Quem saberia se eu ficar aqui?

- *Eu* saberia.

- Porque tenho de me ir embora? Fiz as coisas mal? Está aborrecido comigo?

- Não, não estou aborrecido, mas se aqui ficar mais um segundo que seja, vamos acabar a fazer um bebé juntos.

- Oh! - Ela sorriu, compreendendo por fim. - Posso visitá-lo amanhã?

- Sim, sim. - Estava ansioso que ela se fosse embora, antes que se tornasse ainda mais inconsequente.

- Então, eu vou. Desde que me prometa que posso voltar.

- Pode, eu prometo.

Ela beijou-o na face, depois deslizou para fora da cama. Ele limpou o sexo com o cobertor e também se levantou.

- Aperte-me as fitas, sim? - pediu ela.

Ele ajeitou os calções, depois a roupa dela. Quando ela estava quase decente, ele acompanhou-a à porta e espreitou para o corredor, em vez dela. Descarada como era, era provável que saísse exatamente quando fosse uma criada a passar. Sem dúvida que adoraria ser apanhada com Rafe.

Mas ele já jogara aquele jogo com outras e conhecia as regras melhor do que ela. Não se deixaria apanhar.

- Sinto-me toda a tremer - disse ela.

- Isso é porque a excitei, mas não lhe dei verdadeiramente prazer.

- Dará da próxima vez? Estou terrivelmente desconfortável.

- Veremos o que decido - disse ele entre dentes, como se fosse uma ameaça. - Veremos o que acontece.

Empurrou-a para fora, fechou a porta e trancou-a, para que ela não pudesse espreitar e tentá-lo de novo. E, não fosse ela dizer alguma coisa, foi a correr para o quarto de vestir, fechando

todas as portas entre os dois e tapou os ouvidos com as palmas das mãos.

Se ela batesse ou o chamasse, não ouviria.

Matthew estava sentado no gabinete do intendente que ficava nas traseiras da mansão e a janela dava para o jardim. Era um belo dia de verão e Clarissa caminhava por entre os trilhos ajardinados. Usava o vestido cor de lavanda de que ele gostava, aquele que lhe conferia aos olhos um intrigante tom violeta.

Ocorreu-lhe que surgira um desconfortável silêncio e sacudiu-se para olhar para o senhor Beasley, do outro lado da mesa, que era o intendente dos Merrick há três décadas.

- Peço desculpa - disse Matthew. - Esta tarde estou distraído.

- É compreensível, capitão - replicou Beasley.

- O que me dizia?

- Sinto-me honrado por me ter pedido que permanecesse com as minhas funções, irei servi-lo com o maior prazer.

- Obrigado. Fico-lhe grato.

A atenção de Matthew divagou de novo, com o seu olhar desviando-se para Clarissa. Gostava de a olhar quando ela não tinha consciência disso. Tinha o belo cabelo louro caído, num rabo de cavalo. Será que o soltara para ele?

Beasley falava e falava sobre a propriedade, sobre a organização das contas, o que era semeado, as colheitas.

Matthew e Rafe regressariam ao exército dentro de duas semanas e Matthew estava extremamente preocupado com a propriedade e com o que se passaria na sua ausência. Planeava acelerar a saída de Roland, mas não era tolo e sabia que ele haveria de importunar Clarissa. E Angela também.

A governanta, o mordomo e o senhor Beasley ficariam de olho em Clarissa, iriam auxiliá-la e protegê-la. Se os primos se tornassem muito insistentes, Matthew contrataria guarda-costas para os manter à distância, mas não queria que as coisas se deteriorassem.

Queria que Clarissa tivesse a vida facilitada quando ele se fosse embora. Queria que se sentisse contente por ter casado com ele e, se os primos lhe causassem problemas quando ele partisse, ela ficaria incomodada.

Deu-se conta de que o senhor Beasley aguardava uma resposta sua, e disse:

- As minhas desculpas novamente, senhor Beasley. Estou distraído.

Beasley riu-se e apontou para o jardim, onde Clarissa se aproximava da casa.

- É o dia a seguir ao seu casamento, capitão. Talvez tenha coisas mais importantes a fazer do que falar sobre números e cabeças de gado.

- Tenho tantas tarefas para tratar antes de partir. Estou a andar em círculos.

- Os livros de contabilidade não vão a lado nenhum. Estarão aqui amanhã. Porque não vai ver ter com a sua noiva?

Beasley lançou um olhar maroto a Matthew, o olhar de um homem mais velho casado a outro muito mais jovem, e Matthew sorriu e anuiu.

- Um passeio pelo jardim pode muito bem ser aquilo de que preciso para desanuviar a cabeça.

Sentindo-se tonto e pateta, saiu sem se despedir, como um adolescente a sofrer com a sua primeira paixoneta. Quando chegou à porta, ela já tinha entrado e subido as escadas para o seu quarto. Foi a correr atrás dela, apanhando-a no corredor.

Tinham dormido até ao meio-dia, com ele a acordá-la várias vezes de noite para fazerem amor, mas também para a abraçar e conversar, com o escuro a permitir todos os assuntos.

Quando se levantaram já as criadas tinham posto a mesa no quarto dele, para poderem tomar o pequeno-almoço lá, depois separaram-se, com Matthew a dizer que tinha mil e uma coisas a fazer. E era verdade. Ele só se ausentara durante umas horas, mas parecia que tinham passado cem anos.

- Olá, senhora Harlow. - Cada vez gostava mais do som daquelas palavras.

- Olá, senhor Harlow. Mantemos esse nome? Não me disseste que o apelido do teu pai era Blair?

- Sempre fui um Harlow. Imagina as explicações que teria de dar se o mudasse.

- Seria uma maçada, não é?

- Sem dúvida, e assinámos todos os documentos na igreja como senhor e senhora Harlow.

- Harlow será, então.

Sorriu, e a alegria desse sorriso foi um estímulo para ele. Ocorreu-lhe que se sentia muitíssimo feliz.

Ela entrou na sua suíte, com ele a bambolear-se atrás dela como um cachorrinho ávido. Ela tinha apanhado flores, trazia o cesto cheio, e ele pegou nele, pousando-o na mesa enquanto Clarissa tirava o chapéu.

O momento podia ter-se tornado embaraçoso, mas ele inclinou-se e beijou-a. Ela envolveu-lhe a cintura com os braços, e aquele abraço cresceu em intensidade e tempo. Quando, por fim, ele se afastou, ambos suspiraram.

- Tens o cabelo solto - disse ele.

- Só para ti.

- É tão bonito! Espero que o uses sempre assim.

- Usarei em casa, mas, se tivermos convidados, terei de atentar nas boas maneiras.

- Sim, que Deus não permita que mais ninguém veja o teu lindo cabelo.

- Sim, que Deus não permita.

Estavam ao pé de um sofá, e ele desabou nele e puxou-a para o seu colo.

- O que fizeste a tarde toda? - perguntou ele.

- Caminhei. Pensei.

- Em quê?

- Em ti.

- Em mim? Espero que coisas boas?

- Sim.

- Dir-me-ias se não fossem?

- Não.

- Hoje estás um pouco menos agitada? - quis ele saber.

- Bastante menos.
- Não sou assim tão horrível, pois não?
- Não.
- Bem te disse.
- Não te vou dar uma medalha de mérito, mas serves muito bem.
- *Sirvo?* - bufou, divertido. - Que grande elogio, senhora Harlow.
- O que fizeste?
- Estive a rever os livros de contabilidade com o senhor Beasley.
- Mas que tamanho aborrecimento.
- Pois foi. Ele parece ser competente.
- Sim, é muito competente. Fico contente por teres mantido os seus serviços. Ele estava com medo de que o despedisses.
- Não, investiguei-o. É exatamente a pessoa de que preciso.

Beasley tivera um grande aumento de salário com Matthew. A propriedade vingaria ou colapsaria sob a sua gerência, e Matthew tinha de assegurar que se mantinham do lado do vingar, em termos financeiros. Com algum incentivo, Beasley confidenciara que se sentira aliviado, tal como toda a gente, por Roland se ir embora de Greystone. Será que Roland Merrick fazia ideia de como era detestado?

Beasley protegeria Clarissa, e seria essa a sua principal tarefa. Mas Matthew não informaria Clarissa disso. Não a faria saber que todas as criadas ficariam de olho nela quando partisse.

- Porque és tão competente? - perguntou ela. - A senhora Harlow mandou-te estudar?
- Ensinou-me em casa até à chegada de Rafe. Ela era muito inteligente e instruída, mas infelizmente morreu no leito de parto.
- Não sabia isso. O Rafe foi criado sem mãe.
- Eu fui a sua mãe.
- Coitado.
- Sim, comigo como orientador, mal sobreviveu. O senhor Harlow pagou-me uns anos de escolaridade, mas, quando Rafe teve idade, fomos com ele para o exército.
- O exército? - Ela fez uma careta. - Cresceste nos aquartelamentos militares?
- Cresci. Vivi toda a minha vida rodeado de homens violentos e pouquíssimas mulheres.
- Isso explica tudo.
- Explica o quê?
- Não és muito afável com o sexo mais delicado.
- Estou demasiado habituado a gritar ordens e a vê-las obedecidas.
- Percebe-se isso - disse ela. - Mas continuo sem perceber porque és tão excecional. És órfão e foste instruído pela senhora Harlow, depois viveste nos aquartelamentos militares. O que te torna tão notável?
- Achas-me notável?
- Acho.

- Nasci assim. Já em pequeno era um tirano autocrático. Gosto de mandar nas pessoas e de estar no comando. A senhora Harlow apoiava-me e julgava-me precoce, mas o senhor Harlow não gostava nada. Ele e eu andámos muitas vezes às turras.

- Tens a certeza de que os seus pais eram mesmo criados?

- Foi o que toda a gente deduziu, mas não faço ideia. Porquê?

- Aposto que é filho de um rei!

- De um rei!

- Sim, comportas-te como um déspota real. É-te natural e, se alguma vez vieres a saber que te corre sangue nobre nas veias, não ficarei nada surpreendida.

- Se o meu pai for um rei, isso significa que um dia também serei um, e tu serás rainha. Posso chamar-te Regina?

- Não, não me podes nada chamar Regina.

Riu-se muito, e o som banhava-o como chuva fresca.

Puxou-a para si e beijou-a demoradamente. Ela exercia um fascínio incrível sobre ele e cada vez gostava mais de Clarissa - nunca tinha pensado que esses sentimentos pudessem florescer na sua vida. Casara com ela por conveniência, porque sentiu que devia fazê-lo, porque lhe pareceu bem.

Gostava, contudo, muito dela. Quem teria imaginado tal coisa? Aonde os levaria? Aonde acabaria?

Ela aninhou-se no peito dele, onde descansou enquanto ele lhe passava uma mão tranquilizadoras pelas costas.

- Achas que vamos ter filhos, Matthew? - perguntou ela.

- É a consequência normal quando duas pessoas fornicam como coelhos.

- Mas *queres* ter filhos?

Ele não pensara no assunto - toda a questão do casamento acontecera tão depressa -, mas agora que ela levantava essa possibilidade, a ideia era muito apelativa.

A vida com os Harlow nunca foi muito agradável, e o seu único irmão era Rafe. Tinham primos, mas o pai de Rafe era tão desagradável e ausentava-se tanto de Inglaterra que Matthew e Rafe nunca passavam tempo com os seus familiares. Não tinha, portanto, a experiência de uma família grande.

Mas ele acreditava, bem lá no fundo, que podia em tempos ter tido uma família, que podia ter tido uns pais que o adoravam e irmãos chegados. Não sabia porque acreditava nisso, ou porque podia ser verdade, mas o seu desejo mais secreto era recuperar isso, rodear-se daquilo que tinha a certeza de ter perdido algures pelo caminho.

- Espero que venhamos a ter uma dúzia de filhos - murmurou ele.

- Eu também - concordou ela. - É uma afirmação chocante, vinda de mim.

- Porquê?

- Nunca pensei que viesse a ter oportunidade para ser mãe.

- Então, estás encantada por poderes vir a ser.

Aninhou-se mais nele, e nenhum dos dois tinha pressa em terminar aquele momento íntimo. Por fim, ele abriu a boca, de onde saiu a mais estranha das perguntas.

- Vens comigo a Londres na próxima semana?

Ela sentou-se.

- A Londres? Adorava!

- Alguma vez lá estiveste?

- Sim, mas há muitos anos. Porque vais lá? Negócios ou lazer?

- Definitivamente, não é lazer. É mais uma cerimónia em minha honra.

- Pelo seu heroísmo no *Tempestade Real*?

- Sim, e já disse a uma importante anfitriã que iria ao baile que se segue. Gostarias de vir comigo?

- Sim. Nunca fui a um baile de gala, mas não tenho um vestido próprio.

- Vou arranjar-te um. Talvez enquanto lá estivermos possamos encomendar um novo guarda-roupa para ti.

- Não preciso de mais vestidos – protestou ela.

- Eu sei que não *precisas*, mas quero que os tenhas. Deixa-me comprar-tos. Tenho dinheiro parado. Gosto de o gastar de uma maneira que te faça feliz.

Ela sorriu e suspirou.

- Muito bem. Vamos até à cidade, às tuas galas, conhecer os teus amigos ativos e gastar o dinheiro todo. Que tal?

- Bom, talvez não o gastemos todo.

- Vou tentar conter-me.

Bateu as pestanas, e ele deitou-a de novo pensando no que lhe teria passado pela cabeça para a convidar. Tinha tantas coisas a fazer em Londres, nomeadamente o problema de ter de lidar com Penelope. Esta deduzira que ele a levaria para Greystone, mas, em vez disso, Matthew casou-se e apareceria na cidade de esposa no braço.

Embora nunca tivesse falado de casamento com Penelope, ela esperava secretamente que ele lhe fizesse o pedido, o que nunca viria a acontecer. Portara-se mal e ela ficaria danada. Ele detestava cenas e discussões. Tinha de evitar discórdias, mas duvidava de que fosse esperto o bastante para chegar a uma conclusão pacífica.

Clarissa interrompeu aquele devaneio miserável.

- Vamos jantar lá em cima, como fizemos hoje de manhã ao pequeno-almoço.

- Posso ter-te toda para mim?

- Sim, e não teremos de nos sentar na sala de jantar com a Angela a amuar e a queixar-se.

- Eu sabia que tinha casado contigo por uma boa razão. És esperta como um rato.

- Só tenho um pedido a fazer.

- Tudo o que quiseres, Clarissa. Já te disse. Terás tudo aquilo que estiver ao meu alcance oferecer-te.

- Tenho de ter um quarto separado do teu?

- Como assim?

- Será que posso... eu... - As faces dela ganharam um lindo tom rosado. - Posso partilhar o teu, para podermos estar sempre juntos à noite? Especialmente agora, que partirás tão brevemente.

- Ora, sua marota. As criadas vão ficar escandalizadas.

- Deixa lá. - Afastou a ideia com um gesto da mão, como se fosse ridícula. - Ainda estou cheia de emoção de ontem à noite.

Ele tomou-lhe as mãos, beijou-lhe uma palma, depois a outra.

- Eu também estou emocionado.

- Estás?

- Estou.

- Não acredito que o admitas, macho viril. Se deixares que os outros percebam que tens tendências humanas, o verniz dessa tua *persona* tão masculina pode estalar.

- Não há nenhuma possibilidade de a minha *persona* masculina estalar.

- Provavelmente não.

- E eu *adorava* que partilhasses o quarto comigo.

- Tens a certeza?

- Não há nada de que eu gostasse mais. Vou pedir às criadas que mudem as tuas coisas imediatamente.

15

- Capitão Harlow! Que surpresa maravilhosa.

- Como está, Lady Run.

Matthew dirigiu-se a ela, que estendeu as mãos num gesto de saudação. Acariciou-lhe os dedos e fez uma vénia de cortesia.

Ela sorriu para ele.

- Já não era sem tempo. Esperávamos que viesse a Fox Run.

- A Clarissa avisou-me que era melhor eu vir aqui falar com a senhora, senão haveria de me perseguir eternamente.

- E tem razão.

Tinha sido escoltado até ao belo salão onde ela trabalhava nos preparativos para a festa. O espaço estava uma confusão, com decorações e listas de convidados espalhados por todo o lado. As criadas entravam e saíam, a pedir-lhe opinião, conselhos.

Ele não tivera intenção de ir ali. Quando disse a Clarissa que desde a sua elevação a herói nacional as pessoas apareciam aos magotes com ofertas e propostas, não estava a brincar. Todos queriam ser seus amigos. Todos queriam que ele se lhes juntasse nalguma ideia de negócio.

Já ouvira dizer insistentemente a uma dúzia de charlatães que eram seus familiares. Lá por Lady Run ser aristocrata, isso não significava que fosse mais sensata. Não tentaria adivinhar os seus motivos, mas Clarissa incitara-o a visitá-la e ele estava a descobrir depressa que era difícil dizer-lhe *não*.

Olhou para Lady Run, estudando as suas bonitas feições, o cabelo louro dourado e os grandes olhos azuis. Quando passaram um pelo outro naquele dia na estrada, o encontro foi efémero, mas agora, tão perto dela, apercebeu-se de que ela emanava uma energia e um vigor que lhe lembravam o seu próprio temperamento flagrante. Ela mandava até no próprio ar à sua volta, e era difícil desviar os olhos.

Mas eram os seus olhos azuis que mais o impressionavam. Eram uma réplica exata dos seus e procurou um sinal de reconhecimento, de uma ligação e de uma história passadas. Seria possível haver um laço entre eles? Poderia ser uma prima ou uma tia há muito perdida?

Levou-o para a sala, onde atirou uma das suas muitas listas para o chão, para que ele se pudesse sentar.

- Peço desculpa pelo caos - disse.

- Não estava à minha espera. Se for má altura, posso regressar mais tarde.

- Não, não. Será *má* altura até esta festa insana terminar. Nunca planeei um evento tão grande. Receio estar um pouco fora de pé. Se não tivesse uma governanta tão competente, não sei como faria.

Havia uma bandeja de chá numa mesa e, claro, bebidas alcoólicas no aparador. Fez um gesto para os dois:

- Gostaria de tomar alguma coisa, capitão? Prefere chá ou outra coisa mais forte?

- Não me importava que fosse algo mais forte. *Whisky* seria bom.

O mordomo estava perto, agindo como se não estivesse pasmado com Matthew, e ela fez-lhe um aceno com a mão.

- Sirva, por favor, um *whisky* ao capitão Harlow, e eu também tomo um. - Olhou para

Matthew. – Não vai desmaiar, se eu ficar ébria, pois não? Deverei proteger a sua sensibilidade masculina e beber antes água com limão?

– Não me incomoda nada que beba *whisky*. Até prefiro. Não me vou sentir tão alcoólico.

– Ótimo. Cada vez gosto mais de si. – Apontou para o mordomo. – Dois *whiskies*, por favor, e não se atreva a incomodar o capitão Harlow. Tenho a certeza de que ele está farto de ouvir que é maravilhoso.

Matthew sorriu.

– Sim, às vezes é assoberbante.

O mordomo movia-se rapidamente, com as mãos a tremer enquanto lhes entregava as bebidas. Era bizarro ver aquele cavalheiro de mais idade a ter uma crise de nervos, e Matthew achou hilariante que tivesse esse efeito. Nunca haveria de se habituar.

A sua fama espalhara-se tanto que, até naquele cantinho do país, podia fazer tremer um mordomo. Coitado. Mas o homem serviu o *whisky* sem incidentes e, embora fosse evidente que desejava ficar por ali à escuta, comportou-se e saiu.

Uma vez a sós, Lady Run estudou Matthew, que retribuiu, nenhum dos dois com pressa de quebrar o silêncio.

– Em primeiro lugar – acabou Lady Run por dizer –, gostava de falar do dia em que nos conhecemos.

– Lembro-me bem.

– Foi horrível da sua parte pregar-me aquela partida.

– Que partida?

– Disse-me ser o seu irmão mais novo, Rafe Harlow.

– Ah, sim. Tinha-me esquecido.

– Só quando visitei os Merrick fiquei a saber que a sua grandiosa pessoa estava ali instalada.

– Não estou habituado aos elogios que agora me inundam. Por vezes, é mais fácil fingir que sou outra pessoa. Poupa-me imensos sarilhos.

– Percebo isso muito bem. Fui professora antes de conhecer o meu marido. O nosso namoro alucinante elevou-me às camadas mais altas da sociedade, e ainda continuo atordoada com todo este alarido.

– Sim, até ao naufrágio do *Tempestade Real*, eu era apenas um militar normal. É estranho ter as pessoas a olharem para nós e a trocarem mexericos. Na maior parte das vezes, preferia que não reparassem em mim.

Aquele comentário era, na verdade, mentira. Ele nunca tinha sido *normal* nas suas atividades, quanto a que reparassem nele, isso não começou a acontecer depois do seu feito heroico. Sempre se destacou em todos os grupos de homens. A sua altura fazia-o elevar-se acima de todos, mas era o seu carácter dominante que os fazia desejar segui-lo fosse aonde fosse.

– A menina Merrick explicou-lhe porque quero falar consigo? – perguntou ela.

– Explicou, e talvez eu devesse esclarecer uma coisa.

– De que se trata?

– Ela já não é a menina Merrick. Casámo-nos. Agora é a senhora Harlow.

– Oh! Não informou ninguém. Não me convidou para o casamento.

Encolheu os ombros.

- Com as dificuldades que os Merrick tiveram, decidimo-nos por uma cerimónia simples. Apenas com a família chegada.

- Como chegou a Greystone há pouco tempo, não pode ter sido uma união de amor.

Ele soltou uma risadinha.

- Definitivamente, não foi. Terá de visitar a Clarissa para que ela lhe conte como ficou furiosa quando a pedi em casamento.

Lady Run fez um sorriso endiabrado.

- Não queria casar com o herói de Inglaterra?

- Não me achou grande partido.

- Aposto que a fará mudar de ideias.

- Espero que sim, ou serão longas as décadas que nos esperam.

Ela estudou-o novamente, os seus olhos azuis fixos nos dele.

- Estava a ser generoso, foi?

Detestava discutir as razões para aquele procedimento, mas, face às indagações de Lady Run, estava ansioso por conversar como um pateta. Ela tinha aquele efeito, e Matthew ficou com pena do marido. Quando um homem se casava com uma mulher tão poderosa e fascinante, como exerceria qualquer poder sobre ela?

Matthew encolheu de novo os ombros.

- Deram-me a propriedade deles como recompensa, mas eu não fiz de facto nada para a merecer.

- Não fez nada? Não se apouque, capitão. Permita-nos que tenhamos os nossos heróis. Precisamos deles.

- Pareceu-me apropriado reparar o mal por que passaram.

- O senhor é muito nobre, não é?

- Eu não diria *nobre*. Néscio, talvez. E um pouco louco.

- E escolheu a Clarissa Merrick. Não a Angela.

- Clarissa era mais bonita - disse a brincar, mas era verdade.

- É tudo o que pretende dizer sobre o assunto? - Fartou-se de rir. - É nobre e galante. Creio que seremos amigos.

Uma agradável intimidade desabrochava entre eles, mas ele continuava pouco à vontade e ansioso por acabar com o encontro. Levou a conversa de volta aonde devia.

- A Clarissa contou-me que Lady Run pensa que podemos ser parentes.

- Sim, lembra-se de quando nos conhecemos? Julguei que fosse o meu irmão Michael.

- Sim, todo o encontro foi muito peculiar.

- Ouviu alguma coisa sobre mim?

Ele sorriu.

- Se tivesse ouvido, nunca o admitiria.

Ela fora para Fox Run para casar com o vigário da paróquia, mas acabara com o prémio bem maior de um visconde. Matthew nunca confessaria as diversas histórias sumarentas que circulavam pela vizinhança.

- Provavelmente, não fiz bem a pergunta. - Soltou uma risadinha alegre. - Não me referia às histórias sobre a minha vinda para Fox Run. Falava de histórias sobre o meu passado. Ando à procura dos meus irmãos perdidos.

- Anda? - perguntou ele cautelosamente.

- Fomos separados quando éramos muito pequenos e, até há uns meses, eu não me lembrava da minha história, nem se tinha irmãos. Deduzi que era uma órfã sozinha no mundo.

- Não sabia disso.

- Quando visitei a sua mulher, ela falou-se de um pormenor do *seu* passado que me deixou curiosa.

- De que se trata?

- Também ficou órfão muito novo e foi criado pelo senhor e pela senhora Harlow.

- Sim.

- Os seus pais morreram num incêndio.

- Ah... sim, creio que foi o que aconteceu. Pelo menos, foi o que me contaram.

- Então, o seu apelido de nascimento não era Harlow.

- Não.

- Sabe qual era antes de ter ido viver com os Harlow?

- Não.

Matthew não fazia ideia do que o levava a mentir, mas ouvia uma campainha a soar nos ouvidos e tinha o coração acelerado, como se estivesse aterrorizado.

Foi tomado por um dos seus estranhos episódios, aquele em que flutuava até uma visão que não compreendia, e não seria aquele o pior momento possível para aquilo acontecer?

Desta vez, estava aninhado a um canto da casa, com o outro rapaz que estava sempre lá e que podia ser o seu anjo da guarda, e havia um homem enorme e jovial à porta.

Pai! O pai está em casa!

O homem agarrou um menino louro e atirou-o ao ar.

Como está hoje o meu pequeno lorde? Como está o meu lordezinho? Olha só como crescestes enquanto estive fora!

Houve um interlúdio de felicidade. Matthew estava a rir, ele e o outro rapaz - aquele que era a sua imagem chapada - davam as mãos, observando a alegre cena que se desenrolava. Havia uma sensação de enorme contentamento, de o mundo ser perfeito.

- Então... estava a pensar nesse incêndio.

Matthew deu-se conta de que Lady Run estava a falar, e obrigou-se a sair do transe e a concentrar-se.

- Como disse?

- Sente-se bem, capitão?

- Eu... ah... tinha-me esquecido, mas há uma coisa importante que tenho de fazer. Tenho a sua licença?

- Sim, claro, mas antes de ir, pode falar-me do incêndio?

- Não, não tenho informações sobre o acontecimento.

Uma vez mais, não percebia porque mentira. Trazia a velha sacola castanha - por alguma razão, era-lhe cara e ele nunca se separava dela - que lhe fora atirada quando fugiu da hospedaria. No seu interior tinha a certidão de nascimento que revelava a sua verdadeira identidade. Porque não admiti-lo?

Mas sentia-se assoberbado por ela e pela visão que acabara de ter.

- Encontrei o meu irmão Bryce - continuou ela, ignorando a evidente desorientação de Matthew -, mas tenho outros dois irmãos que são gémeos. Foram separados aos três anos de idade.

- Gémeos? Tem a certeza?

- Tenho.

Ao ouvir a palavra *gémeos*, era como se ela lhe tivesse espetado uma faca. Era possível que tivesse arquejado em voz alta, mas com aquela campainha nos ouvidos, não tinha a certeza.

- Chamavam-se Matthew e Michael Blair, portanto pode ver por que razão fiquei interessada quando soube que o seu nome de batismo era Matthew. É igualzinho ao meu irmão Michael. Podiam ser... bem... gémeos.

Ele sentiu novo sobressalto, e o seu corpo foi sacudido como se ela o tivesse esfaqueado.

- Alguma vez lhe disseram que tinha um irmão? - perguntou ela. - Tem alguma memória de um irmão gémeo?

Matthew ficou siderado.

- Um gémeo... um irmão gémeo...

- Sim. Viajavam com criados e pararam numa hospedaria para passar a noite. Houve um incêndio que destruiu a hospedaria e os criados faleceram.

- Os *criados* faleceram?

- Sim, os gémeos sobreviveram, mas perderam-se naquele caos. Houve quem os procurasse durante anos, mas não havia rasto deles e nunca foram localizados.

Ele não podia acreditar!

- Havia pessoas à procura?

- Sim, durante anos. O meu caminho cruzou-se com o do Michael há algum tempo e ele não se lembrava de ter um irmão gémeo. Será possível que o Matthew tenha tido a mesma experiência?

Matthew estava espantado. Ela despejara tantos pormenores que se sentia ferido e desorientado. Precisava de se levantar e ir embora, mas era como se a Terra tivesse saído do seu eixo. Se ele se pusesse de pé, não conseguiria manter o equilíbrio.

- Tenho de ir andando - disse ele entre dentes.

- Tem? Não me parece com robustez para ir de cavalo para casa.

- Estou ótimo.

Estava contudo muito longe de *ótimo*.

- O meu irmão Michael vem a Fox Run. Permite-me que lho apresente?

- Vem aqui?

- Vem.

Por alguma razão, a notícia foi absurdamente inquietante. Ele queria recusar, mas ela

mostrou-se tão desejosa. Além disso, que mal faria falar com o outro homem? Matthew tinha a certeza de que seria inútil.

- Qual era o seu nome de solteira, Lady Run? Não me disse que era Blair?

- Disse. Cresci a pensar que era Evangeline Etherton, mas desde então descobri que era Blair. Nasci Anne Blair, em honra da minha mãe. Os meus irmãos chamam-me Sissy.

Matthew ficou muito parado. Lembrava-se vividamente do seu sonho recente, aquele que Clarissa testemunhara. A voz masculina na sua cabeça dissera: *Conheci a Sissy, e é tão linda*. Quando se acalmou o suficiente, perguntou:

- E o seu pai? Como se chamava?

- Julian Blair.

Matthew fez uma careta.

- Mas não eram criados? Tem a certeza?

- Os meus pais? Meu Deus, não. A minha mãe era uma atriz e cantora de certo renome e o meu pai teria acabado por ser o conde de Radcliffe.

- Conde de Radcliffe - murmurou ele, e a palavra *Radcliffe* infundiu nele uma estranha sensação de satisfação, quase como se sempre tivesse conhecido esse lugar.

A visão passou novamente por ele, o homem enorme e vibrante lançando o menino louro ao ar. *Como está o meu lordezinho? Olha só como cresceste!*

Matthew sentia-se tão assoberbado que tinha medo de se desfazer em lágrimas e começar a chorar como um bebé. Seria Lady Run sua irmã? Teria em tempos feito parte de uma família? Teria um irmão gémeo de que não se lembrava?

O pesadelo do fogo tentou imiscuir-se na sua cabeça e ele viu-se a estender a mão por entre o fumo, tentando agarrar alguém que estava a ficar para trás. Será que o seu irmão gémeo se chamava Michael?

Onde estava a verdade?

Não conseguia decidir no calor do momento, e tinha de fugir do olhar astuto de Lady Run, tinha de se afastar dela e de pensar no que ela partilhara com ele. O pai dele tinha sido aristocrata? Aquela viscondessa bela e cheia de *glamour* seria sua irmã?

Tinha de ser, mas era demasiado rebuscado, como se um anjo tivesse descido dos céus para lhe sussurrar um segredo.

- Tenho mesmo de ir - sussurrou ele.

- Mas tem de me prometer que volta. Logo que o Michael chegue, mando chamá-lo.

Matthew dirigiu-se à porta a cambalear, passando por um cravo que tinha sido colocado a um canto. Em circunstâncias normais, teria seguido o seu caminho, mas havia uma estatueta na caixa do instrumento. Era uma escultura de marfim, tão pequena que cabia na palma de uma mão.

Foi obrigado a parar quando a viu, ficando a olhá-la de boca aberta como se fosse tolo. Conhecia aquela estatueta de algum lado. Por o mais breve dos instantes, enquanto a fitava, pareceu-lhe ver uma mulher - parecidíssima com Lady Run - sentada no banco, com os dedos nas teclas do cravo. Seria um fantasma? Tinha de ser, mas de quem?

Pestanejou, e o fantasma desapareceu, deixando atrás de si um encantador perfume de rosas.

- Toca cravo, capitão? - perguntou Lady Run.

- Só o suficiente para ser um aborrecimento. - Apontou para a estatueta. - Que bela figura.

- Era da minha mãe. Tinha-a sempre consigo.

Ah... é por isso que me lembro...

- Viu-a? - disse entre dentes, como um idiota.

- Vi quem?

- Há um momento, havia uma mulher no cravo.

- A mãe esteve aqui? - Lady Run não reagiu como se ele fosse louco, embora seguramente fosse esse o caso. - Agora que fala nisso, cheira-me a rosas.

- Rosas?

- Sinto sempre o perfume a rosas quando ela está por perto. Se se fez mostrar, é porque gosta de si. O fantasma dela tem aparecido recentemente. Fui separada dela quando tinha dois anos e gosto de pensar que ela está a olhar por mim.

- Lady Run. Creio que está em muito boas mãos.

Afastou-se e, embora ela o tivesse acompanhado, conversando amigavelmente enquanto ele saía, montava o cavalo e se afastava a galope, ele não se lembrava de um só comentário. Tal como não se lembrava de como chegara a Greystone. De alguma forma, lá conseguiu chegar e, se havia fantasmas a segui-lo, felizmente ele não deu por nada.

- Alguma vez sentes a falta do teu pai?

- Não. E tu?

Clarissa atravessava o corredor, e aproximava-se do quarto quando ouviu aquele excerto de conversa masculina. Abrandou, sabendo que se devia fazer anunciar, mas quem conversava era Matthew com Rafe, e ela tivera tão poucas oportunidades de os observar juntos. Sentia-se fascinada pelos dois homens, mas especialmente pelo marido, e Rafe Harlow era seu cunhado.

Era encantador e cortês, mas ela nem trocara uma dúzia de palavras com ele. Estava sempre a montar ou a caçar, sendo um rapaz de vinte e dois anos típico, habituado à atividade física e que raramente ficava por casa. Edwina dizia que Rafe era rico, que tinha tendências desvairadas, mas que Matthew lhe mantinha a rédea curta, para que nunca ficasse verdadeiramente em risco de se envolver em situações danosas que depois não pudessem ser reparadas.

Era horrível escutar conversas, mas ela não se conseguiu obrigar a ir embora. Deixou-se ficar atrás da porta.

- Não, nunca sinto a falta dele, nem por um segundo - respondeu Matthew à pergunta de Rafe. - Alguma vez desejaste que não tivéssemos avançado?

- Se esqueceste a minha resposta a essa pergunta, Matthew, posso mostrar-te as cicatrizes nas minhas costas.

Clarissa fez uma careta, perguntando-se o que queria Rafe dizer com aquilo, e Matthew disse:

- Devíamos ir a Yorkshire antes de partirmos para Espanha.

- Yorkshire! Porquê?

- Devias conhecer os teus primos. Deviam ser amigos.

- Eles nunca se interessaram.

- Sim, mas não seria simpático seres mais chegado à tua família?
- Tenho-te a ti. De que mais *família* preciso eu?
- Não estás farto de que seja só eu?
- Ainda não.

Deram uma risadinha, e pareciam estar a beber. A tarde estava a acabar e ela andara atrás de Matthew, pois aquele grande patife era especialista em esconder-se quando não queria ser encontrado. Tinha ido visitar Lady Run, e Clarissa estava morta por saber de que tinham conversado.

- A Clarissa e eu vamos amanhã para Londres - disse Matthew.
- Para a cerimónia de entrega dos prémios?
- Sim. Vens connosco?

Fez-se uma pausa, após o que Rafe disse:

- Fico aqui. Estou farto de celebrações. Não suporto aqueles snobes pretensiosos a bajularem-no. É nauseante.
- Isso é. Sem dúvida.
- Se te conhecessem tão bem como *eu te* conheço, não perderiam o seu tempo.
- Talvez pudesse publicar uma carta nos jornais para lhes dizer que não mereço estes esforços.
- Será que ajudava?
- Provavelmente não.
- Como foi a noite de núpcias? - perguntou Rafe. - Ainda não tive oportunidade de te perguntar.

Clarissa engoliu um arquejo de espanto, lembrando-se de um velho aforismo: quem escuta atrás da porta nunca ouve nada de bom acerca de si. Não suportava conhecer o que o marido tinha a dizer. Como podia ir-se embora sem os alertar da sua presença?

- E também não me vais perguntar agora - ralhou Matthew, e chamou: - Clarissa, queres juntar-se a nós, por favor?
- Como sabias que eu estava a ouvir? - Com as faces a arder de vergonha, espreitou para a porta. Eles estavam sentados nas cadeiras junto ao lume, vestidos de forma informal, a beber *whisky*, como ela previu que estariam.

Matthew sorriu.

- Julgavas mesmo que me podias espreitar sem que me desse conta da tua presença?
- Eu estava a tentar não me fazer notar.
- No que te diz respeito, sou como um cão a cheirar a raposa. Era capaz de te detetar a cem passos de mim.

Fez-lhe um gesto com a mão e ela entrou hesitante, sentindo-se pouco à vontade e humilhada.

- O meu irmão às vezes é um palerma imaturo - afirmou Matthew, e acenou a Rafe. - Pede desculpa à Clarissa, Rafe.

Rafe estava ainda mais envergonhado do que Clarissa - se é que isso era possível.

- Peço desculpa, Clarissa - disse Rafe. - Eu nunca deveria ter colocado uma questão tão indiscreta e, seja como for, o Matthew nunca me teria contado. Estava a espicaçá-lo.

- Está bem - respondeu Clarissa.

- Não me consigo habituar a vê-lo casado, só isso - disse Rafe. - Nunca pensei que ele se casasse, portanto estava só a provocá-lo.

- Por hoje já chega - disse Matthew a Rafe. - Deixa-nos a sós, sim?

Com um ar bastante humilhado, Rafe fez menção de sair, e Matthew acrescentou:

- Vamos sair cedo. Tenho de falar contigo antes de ir.

Rafe olhou por cima do ombro.

- Sobre quê?

- Tens de ficar de olho no Roland Merrick enquanto eu estiver fora.

- Ele continua por aí? - perguntou Rafe.

- Continua - respondeu Matthew. - Ainda tem uns dias antes de se ir embora. Também temos de discutir outros assuntos.

Matthew deu especial ênfase à palavra *assuntos*. Rafe corou e fez uma saudação a brincar.

- Sim, senhor.

Saiu à pressa e, quando os seus passos esmoreceram, Matthew entrelaçou os dedos nos dela e puxou-a para o seu colo.

- Que *assuntos* vais discutir com ele? - perguntou ela.

- Está um bocadinho interessado demais na menina Edwards.

- Na Edwina? A sério? Como sabes?

- Conheço-o há muito mais tempo do que tu. Não consegue esconder os seus disparates de mim. E a menina Edwards? Estaria disponível para a coquetaria?

Clarissa quase disse *não*, que Eddie era demasiado ajuizada, mas isso não era verdade. Eddie esperava que todos os homens bonitos acabassem por ser o seu cavaleiro de armadura reluzente.

- A Edwina estaria muito disponível - confessou Clarissa. - Ele é exatamente o tipo de que ela gosta.

- Talvez a devêssemos levar a Londres connosco.

Clarissa ficou destroçada com a ideia. Via aquela viagem como uma lua de mel, provavelmente a única que teriam. Se Eddie se juntasse a eles, não seria horrível, mas seria diferente daquilo que Clarissa planeava.

- Posso perguntar-lhe - acabou por dizer.

- Vamos conhecer montes de pessoas, de modo que poderemos apresentá-la a muitos cavalheiros elegíveis.

- Mas se há um romance a desabrochar entre ela e o teu irmão...

- Eu não descreveria a situação como romance, Clarissa.

- Oh! - Estaria ele a dizer que Rafe seduziria Eddie com más intenções? - Será que o Rafe pensaria nela para uma situação mais permanente?

- Não.

- Ela é uma ótima rapariga, Matthew, e tem um belo dote que o Roland não esbanjou. Porque não haveria o Rafe de a considerar?

- O Rafe é muito rico, Clarissa. É provável que conseguisse casar com alguém da aristocracia, se quisesse.

- A Eddie referiu que ele é abastado.

- O que significa que já passaram muito tempo juntos, para ela ter ficado a saber tanto sobre ele. Imagino que algum conde de escassas terras adorasse ter um dia o Rafe como genro. Especialmente um conde que tenha muitas filhas para casar. A fortuna do Rafe vai abrir-lhe muitas portas.

- Ele sabe disso, não sabe?

- Sim, e temos de ter a certeza de que a menina Edwards também o sabe.

Lá se vai a minha lua de mel.

- Ela adoraria ir connosco a Londres.

- Afastá-la do Rafe é uma boa ideia. Diz-lhe que lhe compro roupa nova. Isso deve incentivá-la a fazer a viagem.

- Se não tiveres cuidado com a tua generosidade, vais acabar a pedir.

- Tenho meios para comprar uns vestidos.

- O que foi que fizeste ao pai do Rafe?

Matthew pestanejou, fitou-a e disse:

- Era também meu pai. Porque julgas que lhe fiz alguma coisa?

- Quando cheguei, falavas com o Rafe sobre as cicatrizes nas costas dele.

- O pai dele era um bêbado violento.

A expressão de Matthew era inescrutável, informando-a em silêncio de que não acrescentaria mais nada. Ela estava desejosa de o inquirir, de exigir pormenores que obviamente ele não tinha vontade de lhe dar, mas começava a compreendê-lo rapidamente. Se ele não quisesse que ela ficasse a saber, nem com uma pá conseguiria desenterrar a verdade nele.

- Como foi a tua visita a Lady Run?

- Ela é encantadora.

- Pois é, mas não te enviei lá para que pudesses enaltecer as suas qualidades estelares. O que revelou ela acerca dos teus parentes?

- Dos meus? Nada.

A expressão dele estava novamente fria e vazia, sem qualquer indicação do que tivesse descoberto.

- Não me provoques - disse ela. - Tenho estado em pulgas à espera de ouvir tudo.

- Não descobri grande coisa sobre mim. *Ela* anda à procura de um irmão perdido. Houve um acontecimento drástico quando era pequena e foi separada dos irmãos.

- Quantos tinha?

- Três, e um deles nunca foi encontrado.

- Desconfia de que tu podes ser esse irmão?

- Pensou nisso porque o irmão perdido se chamava Matthew, e tem um outro irmão, que se chama Michael, e parece que sou parecido com ele. O Michael e o Matthew eram... gémeos. - Gaguejou na palavra *gémeos*, o único momento em que a sua fachada estalou.

- Estava tão empolgada naquele dia que veio cá. Não me digas que deu em nada.

- Não é que tenha sido *nada*. Michael, o irmão dela, vem a Fox Run e ela quer que eu o conheça.

- E aceitaste? Por favor, diz que *sim*.

- Irei, mas não fiques tão esperançada.

- E porque não deveria ficar? E se forem teus irmãos ou primos?

Matthew franziu o sobrolho de uma maneira que parecia quase dolorosa.

- Sempre considerei o Rafe e os Harlow como sendo a minha família. E agora tenho-te a ti. Não preciso propriamente de desconhecidos a encherem-me a cabeça com disparates.

- Podem não ser disparates.

Fez-se uma pausa constrangedora, em que uma ferida antiga cintilou nos olhos dele. Ela teve um vislumbre do rapazinho que ele foi, aquele cujo passado estava enterrado e não podia ser lembrado, o menino que desapareceu num incêndio e que ninguém tentou encontrar – como se não houvesse no mundo uma única pessoa que quisesse saber dele.

Parecia-lhe que ele ansiava por confidenciar-lhe coisas, que talvez confessasse um segredo, mas aquele estranho brilho desapareceu com a mesma rapidez com que surgiu, como se ele o tivesse deliberadamente escondido onde não podia ser visto.

Fez um sorriso algo forçado.

- Vi um fantasma quando lá estive.

- Um fantasma!

- Sim. Estava sentado no banco do cravo de Lady Run.

- Estás a fazer pouco de mim?

- Não, e não sou viril ao ponto de dizer que não me assustou de morte.

- A Lady Run também o viu?

- Não, mas perguntei-lhe se tinha visto, ao que ela respondeu casualmente: *Ah, deve ter visto a minha mãe*. Muito serena ao dizer estas palavras, como se o fantasma da mãe aparecesse regularmente.

O sorriso forçado tornou-se genuíno, e ela ralhou:

- Nunca percebo se falas a sério ou se brincas comigo.

- Eu mentia-te?

- Sim.

Ele anuiu.

- Podes ter razão, mas só mentiria se fosse para o teu próprio bem.

- Porque deduzo eu que o *teu* conceito de bem é diferente do meu?

- Bom, sou homem e tu és mulher. Isso esclarece tudo.

- És homem, logo a sua opinião é superior?

- Absolutamente.

Pô-la de pé, e levantou-se também.

- Já fizeste as malas para a viagem de amanhã? – perguntou ele.

- Fiz. – Ela não tinha muita roupa, por isso fora rápido.

- Também fiz as minhas, por isso não estou ocupado.
- Eu também não.
- Se nos trancarmos aqui um bocadinho, ninguém dará por nada.

Matthew fez um gesto para o quarto deles e ela precisou de um minuto para perceber que ele lhe fazia uma proposta indecente. Ser casada era novo para ela, por isso nem sempre estava ciente das intenções dele e os seus comentários apanhavam-na muitas vezes desprevenida.

- Ainda é de tarde. Não escureceu. - Ficou levemente escandalizada com a ideia.
- Podemos fazê-lo à luz do dia. Não há nenhuma lei que diga o contrário.
- Não, não há.

Clarissa olhou para ele, para a cama e de novo para ele. Matthew sorria, mas tinha também uma expressão desconcertada que ela nunca lhe vira. Se ela tivesse de descrever o comportamento dele, diria que estava triste e só, desesperadamente a precisar de um abraço.

Ficou curiosa com o que teria realmente acontecido com Lady Run. Estava com um comportamento estranho, como se tivesse sido excessivamente afetado pela visita, e Clarissa iria falar com Lady Run mal regressassem de Londres.

- Dá-me um segundo. - Foi à porta rodar a chave na fechadura, depois deu uma volta pelo espaço. - Faltam várias horas para o jantar. Pergunto-me o quanto nos podemos divertir até lá.

- Eu diria que bastante.

Ela apontou para o quarto.

- O último a chegar à cama é um ovo podre.

Passou por ele a correr, fazendo-o rir. Estendeu o braço para a apanhar, mas ela foi demasiado rápida. Quando ele entrou no quarto já ela estava deitada, com os braços estendidos para o receber. Puxou-o para si, abraçando-o, fazendo-lhe saber que *ela* estaria ali sempre por ele.

16

- Divertiu-se, senhora Harlow?

- Tive uma noite maravilhosa, a melhor da minha vida!

Clarissa agarrou as mãos de Matthew e rodou num círculo, mas tinha bebido champanhe a mais, por isso sentia-se um pouco tonta e desequilibrada. Dirigiu-se a uma cadeira aos tropeções e deixou-se cair dela.

- A *melhor* noite? - provocou ele. - Como pode isso ser? A melhor noite tem de ser aquela em que me conheceste.

- Eu conheci-te de tarde.

- Não estás contente por eu ter ido para Greystone? Admite-o. Estás.

- Sim, sou tolo arrogante. Estou em êxtase.

- Eu bem te disse que assim seria - afirmou ele pomposamente.

- Não te vanglories. É ofensivo. - Estendeu o pé. - Tiras-me os sapatos? Se usar estes saltos durante mais um segundo que seja, cairei de cara no chão.

- Às suas ordens, minha senhora.

Agarrou-lhe o tornozelo, descalçando-lhe um sapato e depois o outro. Atirou-os por cima do ombro e foram cair no chão com um baque surdo.

Estavam em Londres, hospedados em casa de um amigo do exército que estava no seu posto na Europa e pagava a uma multidão de criados para lhe gerirem a casa enquanto estava ausente. Era uma residência grandiosa, com divisões amplas e luminosas, mobília confortável e pessoal competente.

Ele julgara que estava ansioso por voltar ao exército, mas agora já não tinha a certeza. Ao olhar para Clarissa, não se imaginava a ir embora deixando-a para trás.

Seria chegada a altura de desistir da sua comissão? Deveria retirar-se para o sossego da agricultura e da felicidade doméstica? Achava que não e o mero facto de considerar essa mudança enorme era alarmante.

- Assim está melhor? - perguntou ele, enquanto lhe massajava os pés.

- Muito melhor.

- A tua pele está gelada.

- Está frio lá fora.

- Devias ter dito alguma coisa, sua tolinha.

- Ter-me-ias aquecido?

- Sabes bem que sim.

Ela sorriu para ele, com uma expressão astuta e bonita, e ligeiramente embriagada. Ele nunca a tinha visto tocada. Não era grande bebedora, mas o champanhe era muito bom, e a noite parecia pedi-lo.

Tinham ido aos Jardins Vauxhall, onde fizeram uma ceia tardia, viram as pessoas a passear, assistiram ao fogo de artifício. Clarissa tinha ido à cidade há muito tempo, quando era rapariga, quando estava com a mãe e era muito pobre, de modo que não houve dinheiro para frivolidades.

Ele tratava-a como uma rainha, encantado para além da medida enquanto ela se deleitava com as vistas. Estava curiosa, interessada e empenhada em divertir-se, por isso era fácil mimá-la, fazê-la feliz.

- Vá lá. - Puxou-a. - Vamos preparar-te para te deitares.

- Chamo a minha criada?

- Não. *Eu* serei a tua criada, e o meu plano é ser exceccionalmente submisso, portanto prometo obedecer a todas as ordens.

- Não obedecerás nada.

Ele fez um sorriso.

- Bom, talvez não, mas prometo *tentar*.

Apertou-a nos seus braços e levou-a para o quarto de vestir. Sentou-a no banco do toucador e pôs-se atrás dela a retirar-lhe as travessas do cabelo. As madeixas loiras caíram-lhe nas costas com uma onda encaracolada.

Embora tenha agarrado na escova e começado a escovar-lhe o cabelo, não continuou por muito tempo. Depois de um ou dois minutos, pôs a escova de lado.

- Não consigo continuar com isto - protestou ele.

- Porque não?

- O seu cabelo deixa-me louco. Não me consigo controlar quando cai assim nos ombros.

- És a pior criada que eu já tive.

- Tens razão. A pior.

Puxou-a para lhe poder desabotoar o vestido e conseguiu despir-lho, embora os botões fossem muito pequenos e os seus polegares, grandes e desajeitados. Ainda assim, despiu-lhe rapidamente o espartilho e a roupa interior e desatou as fitas para lhe poder tirar a peça rígida e desajeitada.

- Não acredito na rapidez com que me tornei devassa - disse ela.

- Percebi que te podia corromper no momento em que te conheci.

- Pareces ter percebido o meu verdadeiro carácter sem qualquer problema.

- És folgada e devassa. Vi logo. Estavas apenas à espera do homem dos teus sonhos para trazer toda a ousadia carnal à superfície.

Clarissa pousou o pé no banco.

- Agora as meias, seu patife, e rápido.

- Estou aqui para te servir.

- Oh, por favor. Não mintas. Tira-me as meias e pronto.

Matthew ajoelhou-se à frente dela, ficando de frente para a sua parte preferida da anatomia dela. Sorriu, a pensar nas coisas marotas que ainda tinha de lhe ensinar. Ela era uma criatura tão sensual e fazia tudo para o satisfazer.

Não se podia esquecer desse facto, tinha de se lembrar de que ela nunca recusava nada, fosse o que fosse que lhe pedisse. Tinha de ter cuidado para não a conduzir a comportamentos que ela não estava preparada para tentar.

Os efeitos do champanhe ainda não tinham abrandado, por isso ela estava a ter dificuldade em equilibrar-se numa perna. Vacilava, agarrando o ombro dele para se firmar.

- Estou péssima, Matthew.

- Sem dúvida.
- Porque me deixaste beber aquele último copo de champanhe?
- Eu avisei, mas disseste-me para não ser tão mandão.

Clarissa fez uma careta.

- Disse, foi?
- Mas agrada-me que estejas inebriada. Vai ser fácil aproveitar-me de ti.
- Não precisas de me embebedar para te aproveitares de mim.
- Eu sei - disse ele entre dentes.

Tinham casado há poucos dias e faziam amor com um abandono inconsequente. Cada encontro crescia em paixão e intensidade, até que ele se começou a preocupar com o que estava a acontecer. Não compreendia.

Foram aqueles votos, desconfiava ele.

Havia uma ressonância naqueles votos, proferidos na igreja diante do irmão, do vigário e de Deus - se Ele estivesse a ouvir - que o perturbava muito. Ela era sua e ele estava ligado a ela e sentia-se cada vez mais deliciado por ser assim.

Era estranho. Era arrebatador. Era até um pouco aterrador, mas até ao momento tinha sido grandioso e ele começava a pensar se poderia ser sempre assim.

- Importas-te de parar com os devaneios e agir? - ralhou ela. - Se não te despachas, vou cair daqui.

- Nunca te deixarei cair.
- Não podes estar a tomar conta de mim todos os segundos.
- Posso tentar.
- Mas não quando estás a sonhar acordado.
- És muito insolente quando estás embriagada.
- Não sou insolente, nem estou embriagada.
- Não estás?
- Não, estou... feliz.
- Estás?
- Estou?

Mergulhou na barriga dela e mordiscou-lhe suavemente a pele, o que a fez guinchar e rir.

- Tens a certeza de que és a Clarissa Harlow? Terei trazido comigo a mulher errada? Ia jurar que me disseste que *nunca* serias feliz comigo e que eu destruiria a tua vida.

- Ah isso! - Fez um gesto que descartava as suas anteriores queixas. - Fui uma idiota.
- Pois foste.
- Não tens de concordar sempre comigo.
- Estou a tentar ser um marido solidário.
- Dizendo-me que sou idiota?

- Bem, mas és.

- És do piorio, Matthew.

- Eu sei.

- Mas estou feliz por seres meu. - Ela inclinou-se de modo a que os seus narizes quase se tocassem. - E agora, podes tirar-me as meias ou terei de ser eu a fazê-lo?

- Que se lixe - disse ele entre dentes.

Levantou-se, pegou nela e levou-a para a cama. Deitou-a no colchão e depois também se deitou. Assim tão perto dela, sentia-se esmagado, como se os seus sentidos estivessem em alerta máximo. Sentia o cheiro dela, sentia o calor do corpo dela. Ela era como uma doença no seu sangue, como um mosquito zumbidor que não conseguia ignorar.

Estava constantemente a pensar nela. Quando estava na sua companhia, agia como uma rapaz apaixonado, desejoso de ficar sentado a olhar para ela, de boca aberta como um palerma. Quando não estava com ela, ficava simplesmente a lamentar-se e preocupado com o paradeiro dela, com o que estaria a fazer e se também teria saudades dele.

Tinha de controlar as suas emoções. Nunca se deixava levar pelo sentimento e, para um homem do seu estatuto, que vivia de guerras e batalhas, não se podia dar ao luxo de se prender demasiado.

Tinha de aproveitar as ocasiões em que podia estar com ela. Tinha de ficar grato por ela lhe dar o lar e a família que sempre desejou. Os sentimentos sublimados eram para os poetas e os tolos e ele não sucumbiria a tal estupidez.

- As meias continuam nos meus pés.

- Eu tiro-tas, minha beldade. Espera só um minuto.

Beijou-a um pouco, percorrendo depois um caminho desde o seu peito, passando pela barriga até ao sexo entre as coxas. Também aí a beijou, através do tecido das cuecas, recebendo muitos ohs! e ahs! enquanto a provocava com o que estava para vir.

Desapertou-lhe as ligas, baixou as meias seis ou sete centímetros e esfregou o nariz na perna dela até ela começar a rir e a pedir-lhe que se despachasse. Mas ele não se despachou. Tomou o seu tempo, despindo-a o mais devagar que conseguiu.

Demorou uma eternidade até ela ficar despida, relaxada e estendida preguiçosamente debaixo dele. As suas pernas eram como borracha, o seu humor, meloso e sereno do champanhe e da dedicação física dele.

Quando ele despiu por fim a camisa, quando finalmente desabotoou os calções, ela estava pronta para ele. Apertou-o contra si enquanto faziam amor, e ele fez mesmo *amor* com ela. Não havia outra maneira de o descrever.

Tal como quando a despira, demorou o seu tempo, saboreando-a e dando-lhe prazer, exultando a sua beleza, a sua personalidade alegre e o comportamento sereno. Sentia-se tão satisfeito junto dela, tão aliviado por tê-la escolhido. Aonde os levaria? Nem conseguia imaginar. Oxalá a uma longa vida repleta de felicidade e alegria.

Conduziu-a delicadamente ao êxtase e à queda e, quando jorrou para o seu ventre, sentiu uma tal sensação de completude. Será que ela o tinha enfeitiçado? Perguntava-se muitas vezes se estaria sob o efeito de um feitiço. Como poderia quebrá-lo? Porque haveria de querer quebrá-lo?

- Estou tão feliz por ter casado contigo - disse ele.

- Estás?

- Estou, sinto-me muito feliz.

- Vai correr tudo bem com a nossa união, certo? - inquiriu ela.

- Estás a brincar? Será perfeita.
- Sim, creio que podes ter razão.
- Eu *posso* ter razão? Senhora Harlow, sou seu marido e estou a dizer-lhe que será perfeito.
- Então, quem sou eu para discordar?
- Precisamente.

Ele soltou uma risadinha e deslizou para fora dela, pondo-se ao seu lado, encaixado nas costas dela. Estavam em silêncio, e ele traçava círculos ociosos na coxa dela.

- Estás a sorrir? - perguntou-lhe ela.
- Estou.
- Eu também.

Ótimo.

- Nunca pares.
- Não vou parar.

Clarissa suspirou com o que parecia mesmo ser satisfação, e ele fez o mesmo.

Clarissa virou-se cuidadosamente para ficar de frente para o marido. Ele dormia, e ela não queria acordá-lo. Gostava de o observar quando ele não se dava conta disso. Parecia muito mais novo quando dormia, menos inquieto e imperioso. A máscara que geralmente usava era retirada, permitindo a Clarissa ver um pouco do homem que era no seu íntimo, o homem que ele escondia do mundo.

Ele sonhava, e ela rezava para que não fosse com o incêndio nem com o barco - os pesadelos que o atormentavam incessantemente.

Era evidente que sofrera episódios dolorosos em pequeno. Que acontecimentos teriam sido? Como poderia ela descobrir? Clarissa pensou que, se conseguisse revelar os pormenores, se conseguisse preencher os espaços em branco, talvez um pouco da angústia se dissipasse.

Lady Run andava à procura de um irmão e parecia achar que podia ser Matthew. E se fosse? Clarissa sorriu, contemplando como seria maravilhoso se ele conseguisse localizar a sua família.

Subitamente, ele ficou tenso e fez uma careta, murmurando um comentário irado e indecifrável, e ela aninhou-se junto dele, com a mão no seu coração.

- *Chiu* - murmurou ela. - Está tudo bem.

Ele descontraiu com aquelas palavras tranquilizadoras.

Não quisera casar com ele e convencera-se de que o fizera por Roland e Angela. Mas não o fizera por eles. Fizera-o por si, para se proteger, para assegurar segurança para o futuro. Era essa a razão pela qual todas as mulheres casavam, mas gradualmente ia-se tornando evidente uma razão mais importante ainda.

Desconfiava que estava apaixonada por ele. Nunca o admitiria a ninguém, mas se aquilo não era *amor*, o que era? Tinha experiências limitadas com homens, o vizinho que anos antes lhe suplicara que fosse com ele para a Índia fora a sua única oportunidade de amor. De modo que não tinha a certeza se reconheceria os sinais.

Ele era bom e generoso. Fazia-a rir e sentir-se especial. Quando estava longe de Matthew, estava sempre preocupada com ele, com o que estaria a fazer, e se também se preocuparia

com ela.

Seria isso amor?

Conheciam-se há umas semanas e eram casados há dias. Poderia o *amor* ter desabrochado tão rapidamente? Os poetas insistiam que sim, mas Clarissa nunca acreditou nisso. Partira sempre do princípio de que se tratava de uma emoção que se desenvolvia ao longo de uma relação com alguém, a partir de um esforço partilhado de um respeito mútuo. Nunca assumiu que pudesse surgir de forma imediata e poderosa, como um relâmpago. Teria sido atingida?

Estavam em Londres há dois dias e ele gerava agitação a todo o lado que ia. Até na Greystone rural já tinham ouvido falar dele, mas ela não compreendera como era admirado naquele mundo mais vasto. Era aclamado em toda a parte, o seu nome estava em todas as línguas. Se desciam a rua de carruagem, as pessoas paravam para o fitar, para aplaudir, e estendiam as mãos para ele como se fosse um santo.

Embora ele fosse incrivelmente vaidoso, e ela previsse que ele adorasse toda aquela admiração, ele ignorava-a, parecendo imensamente constrangido com as multidões obsequiosas. Em vez disso, gastara toda a sua energia a assegurar-se de que a fazia feliz, de que ela era tratada como uma rainha. Enquanto todas as pessoas de Londres estavam focadas nele, *ele* focava-se nela.

Não poderia ter-lhe oferecido presente mais magnífico. Apresentou-a avidamente como sua esposa, sentia-se orgulhoso de a ter ao seu lado e ela não conseguia deixar de pensar em como era estranho tê-lo ali a preocupar-se com ela, a mimá-la.

Desde o início que ela o achou de uma arrogância cega para com os demais, mas foi gradualmente aceitando que ele se casara com ela – como sempre alegava – porque a queria para sua noiva. Era uma ideia espetacular que a deixava ofegante de alegria.

Ele quisera-a! A ela, Clarissa Merrick Harlow, que nunca fora desejada por ninguém, que nunca teve casa nem família. Agora tinha-o, e talvez ele comesse a amá-la como ela começava a amá-lo. Não contava com isso, nem esperava que acontecesse, para não ficar desiludida.

Mas e se...

Muito baixinho, ela murmurou:

– Amo-te.

Nunca tinha dito aquelas palavras e gostou de como soaram, por isso repetiu-as.

– Amo-te. Obrigada por me teres escolhido.

Ele sorriu a dormir e puxou-a para si.

17

- Não estás contente por eu te ter convencido a casares com o capitão?

Clarissa olhou por cima do ombro para Edwina.

- *Tu* convenceste-me? Foi isso que aconteceu?

- Foi. Não te lembras? Estavas assustada de morte e eu disse-te para o agarrares antes que outra mulher o fizesse.

Clarissa riu.

- Sim, foram os teus sábios conselhos que me empurraram para o casamento, mas não devemos esquecer o Roland e a Angela, que me suplicaram que aceitasse. Os esforços deles tiveram algum impacto.

- Já percebeste o que eles querem? Têm sempre um motivo escondido.

- No caso da Angela, acredito mesmo que estivesse aterrorizada por não ter para onde ir. Quer ficar em Greystone, e toma por certo que lho permitirei.

- E deixarás?

- Desde que ela não me aborreça muito.

- E o Roland?

- Deduzo que imagine ser capaz, sendo eu a senhora de Greystone, de meter a mão na massa aqui na propriedade.

- Teria essa ousadia?

- Sim, mas o capitão é muito astuto, por isso o Roland nunca terá oportunidade de me pressionar. Se o tentar, direi ao meu marido, que porá fim à questão.

Estavam em Londres, num provador da loja Madame LaFarge. Era a costureira mais aclamada de Londres e, nessa manhã, Matthew entregara Clarissa e Eddie nas suas mãos competentes.

Matthew conversara previamente com a mulher mais velha acerca do que Clarissa precisava e do dinheiro que ele gastaria, portanto Clarissa não fazia ideia de quanto seria. Gostaria de lhe ter perguntado, pois tinha a certeza de que seria demasiado.

Madame LaFarge tinha uma lista extensiva de todos os itens que uma senhora abastada devia possuir: vestidos de dia e de noite, fatos de montar, roupa de dormir, assim como xales, capas e todos os adereços que dariam a Clarissa um ar polido. A Madame tinha também os seus comerciantes prediletos de sapatos, chapéus e luvas, que esperavam pela visita do capitão.

Matthew escolhera os tecidos que Madame deveria usar, que eram de cores e texturas ricas e deviam ter custado uma fortuna. Clarissa queria protestar contra aquela extravagância. Tendo em conta a sua vida tranquila no campo, poucas ocasiões teria para usar roupa vistosa.

No entanto, desde a chegada a Londres que recebia muitos indícios de que o seu estatuto se elevara ao casar com ele. Não podia ter uma mulher ao seu lado que fosse desengraçada e pouco elegante.

- O que achas? - perguntou Clarissa a Eddie, enquanto se virava à frente de um espelho num vestido de baile cor de safira.

- Estás linda, e o capitão Harlow foi um génio ao ter-te escolhido.

- Um génio? - Clarissa riu-se. - Não me vou esquecer de lhe dizer isso.

A cerimónia de Matthew era na noite seguinte. Clarissa não podia aparecer como se fosse

uma lavadeira e Madame salvou-a oferecendo-lhe um vestido que estivera a fazer para outra pessoa. Clarissa estava tão nervosa com o baile que não quis recusar o gesto e deu-se conta de que Madame também estava ansiosa por poder gabar-se de ter ajudado especificamente a noiva do capitão.

A ideia fez Clarissa sorrir. Gostava de saber que ainda podia existir um herói nos tempos modernos, que era reconhecido e louvado pelas suas ações. Ficaria sempre grata por tê-la escolhido.

Madame LaFarge irrompeu no provador. Era pequenina, severa, francesa sem paciência para disparates.

- Está perfeito, *non?* - perguntou.

- Está perfeito, sim - respondeu Clarissa.

- Vamos terminá-lo, e eu envio-lho.

- Obrigada.

- Incluirei um leque, um xaile e as penas para o seu cabelo.

- Penas!

- Tem criada que a penteie?

- Não propriamente - admitiu Clarissa.

- Mandarei uma assistente ao se encontro amanhã à tarde, às quatro horas.

- É muito amável.

Ao chegar, Clarissa percebeu que não deveria discordar daquela mulher. Matthew dera instruções a LaFarge para que ignorasse quaisquer queixas que Clarissa tivesse sobre excessos, portanto, não valia a pena.

- Vai comprar calçado? - perguntou Madame.

- Sim, quando sairmos daqui.

- *Bon, bon.*

Madame saiu apressadamente, levando Edwina consigo para discutir a escolha dos tecidos para os vestidos que o Matthew lhe ia comprar. Clarissa ficou no provador e várias raparigas da loja entraram para lhe despir o delicado vestido. Tinha alfinetes em muitos pontos e era difícil despi-lo sem rasgar as costuras.

Não tardou a ter a sua roupa de novo posta e amarrava o chapéu quando duas mulheres atravessaram o corredor e entraram na sala adjacente.

- Ela está preocupada, não o pode evitar.

- Claro que não - disse a outra. - E quem a pode culpar? Todas as mulheres de Londres estão a tentar agarrar o capitão Harlow. Se fosse você, perdia-o de vista?

Clarissa engoliu um arquejo. Estava ansiosa por sair em bicos dos pés, mas os provadores eram separados apenas por cortinas e sentia-se aterrorizada com a ideia de que pudessem vê-la.

- Quando se foi embora sem ela para aquela propriedade... como se chama, Greystone?... quase teve um colapso.

- Eu também teria. Não havia razão nenhuma para não ter ido com ele.

- Foi o que ela lhe disse, uma dúzia de vezes. Ele insistiu que ela podia ir ter com ele quando estivesse instalado, mas nunca a mandou chamar.

- E conhecendo a Penelope, terá inventado cem cenários horríveis para o explicar. Todos implicam ele tê-la trocado por outra.

- Quem podia ser mais bonita do que ela?

- Ou mais corrupta e dissoluta. Com aquelas suas tendências libidinosas, não percebo porque é que ele perde tempo com ela.

- Por causa das tendências *libidinosas*. Que homem não mergulharia na oportunidade de se envolver com uma rameira daquelas?

- O capitão é um patife tão formoso, e a sua fama espalhou-se por toda a parte. Todos ouviram falar dele, mesmo no mais minúsculo cantinho da velha Inglaterra.

- Então, as senhoras rurais também andarão atrás dele.

- A Penelope teme que ele tenha encontrado alguma viúva solitária para o entreter. Está segura de que é por essa razão que não voltou.

- Uma viúva! Está a brincar? É mais provável que se trate da filha de algum vigário, uma rapariga de pele fresca, toda ela inocência e beleza. Sabe que os libertinos gostam de virgens.

Soltaram uma risadinha, e Clarissa só queria um buraco que a engolissem.

- A Penelope conseguiu prendê-lo no seu ninho porque é uma desavergonhada, mas conseguirá mantê-lo lá? É essa a questão.

- Ela continua com esperança de que ele case com ela?

- A Penelope tem sido uma múmia nessa matéria.

- E a casa que ele alugou para ela? Continua a viver lá?

- Por enquanto.

Soltaram nova risadinha.

- A cerimónia dos prémios é amanhã à noite. Ele leva-a como convidada?

- Não disse nada, mas creio que se vá encontrar com ela amanhã à tarde. Julgo que saberemos mais depois da sua partida.

- Que rude da parte dele adiar isto. Como pode ela saber se deve ir à cerimónia ou não?

- Ela estará lá, sem dúvida... de braço dado com ele.

- E se ele levar outra mulher que não a Penelope? Não adorava estar lá para ver o fogo de artifício?

- Adorava, que delícia.

- A Penelope é tão melodramática. É o tipo de mulher que faria uma enorme cena.

De repente, a Madame percorreu apressadamente o corredor, chamando as assistentes para o provador das duas mulheres. Toda a discussão acerca do marido de Clarissa terminou, e começaram a falar em francês, com Clarissa a recordar-se dos tempos de escola o suficiente para saber que falavam sobre vestidos novos.

Clarissa estava tão angustiada que não sabia se conseguiria caminhar sozinha. Era como se os alicerces do seu mundo tivessem sido abalados, o chão parecia rachado e irregular.

Quem era Penelope? Qual a sua relação com Matthew? Era evidente que tinham um envolvimento romântico. Estariam também envolvidos carnalmente? Deviam estar. Seriam noivos? Teria Matthew prometido casar com ela? Aparentemente, eram próximos o suficiente para que Penelope tivesse intenção de ir a Greystone com ele.

Se ele estivesse ligado a Penelope de alguma forma, como podia ter casado alegremente com Clarissa? Que espécie de homem faria uma coisa dessas? Teria um código moral ou não?

E Clarissa? O que devia pensar? Se Penelope era uma amante, ou pior, uma noiva abandonada, Clarissa morreria mil e uma mortes de humilhação. As pessoas conheciam o capitão em Londres. Trocariam mexericos sobre Clarissa, contariam histórias e inventariam mentiras. Diriam que ela conquistara o capitão sob falsas pretensões, que o enganara ou seduzira para que se casasse com ela e, só de imaginar as histórias que se espalhariam, ficava tonta e nauseada.

A sua capa tinha capuz, e ela arrancou o chapéu e usou antes a capa, para esconder o rosto, ocultando a sua identidade. Depois esgueirou-se e foi à pressa até à porta.

Edwina estava ali, e estendeu-lhe uma amostra de tecido.

- Vê isto, Clarissa. A Madame achou que me ficaria melhor do que o vermelho.

- É bonito.

- Tens a certeza?

- Sim... ah... podemos ir embora? Foi um dia muito comprido e não me sinto bem.

- Ah, sim, claro. O que se passa? Estás cansada? Apanhaste uma constipação?

- Pode ser alguma coisa que tenha comido.

Clarissa saiu apressada, de rosto escondido para que Eddie não lhe pudesse ver a expressão abatida. A carruagem estava ao fundo da rua, com o pajem e o condutor pacientemente à espera delas. Clarissa acenou e correu para eles, praticamente caindo na carruagem, tal era a sua pressa de se sentir em segurança lá dentro.

Aninhou-se a um canto de olhos fechados e, quando Eddie subiu, Clarissa ignorou-a. Quando Eddie tentou falar, Clarissa fingiu dormir, mas a sua mente era um turbilhão.

O que fazer? O que fazer?

A cerimónia de Matthew tinha lugar na noite seguinte, imediatamente seguida do baile em sua honra. Supostamente ele iria ver Penelope durante a tarde. Seria o encontro em casa de Penelope - aquela que Matthew lhe pagava?

Convidaria Penelope para o baile? Ou pedir-lhe-ia que não fosse por Clarissa estar presente? Ou seria estúpido o suficiente para deixar Penelope ir? Nesse caso, qual seria o papel de Penelope? Ficaria a pobre mulher escondida na sombra, a ver furiosa a traição de Matthew? Ou conversaria com as amigas, dizendo que Clarissa era uma palerma e cega, que nem via a amante do marido?

Acaso confrontaria Penelope publicamente Matthew? Provocaria uma cena que esmagaria Clarissa de vergonha?

Que descaramento! Que infâmia! Ela e Matthew estavam sequestrados no campo, o que era muito conveniente para que Clarissa esquecesse que ele tinha toda uma vida sobre a qual ela nada sabia. Que mais não saberia? Que outros segredos teria ele escondido? Haveria outras amantes, outras casas, outros escândalos? De que formas revoltantes ficaria a conhecê-los no futuro?

Nunca na vida se sentira tão envergonhada e, estranhamente, era como se *ela* estivesse mal, como a culpa fosse *dela*.

Fechou os olhos com mais força, desejando poder dizer um feitiço que a fizesse sumir no ar.

Edwina foi até ao quarto, aquele que fora designado para ela durante a visita a Londres. A residência pertencia a um colega do exército do capitão Harlow. Era um lugar encantador e

Edwina devia estar a divertir-se, mas sentia-se triste por ter deixado Rafe em Greystone. Não conseguia pensar noutra coisa.

Quando Clarissa a convidou para ir a Londres, tentou recusar, mas Clarissa insistiu e Edwina não sabia como recusar de uma maneira plausível. Afinal de contas, quem não gostaria de ir às compras, de celebrar quando o capitão fosse homenageado pelo seu valor e de ir a um baile de gala?

Todos aqueles acontecimentos eram empolgantes, exatamente o tipo de aventuras que Edwina sempre disse estar a morrer por ter e estava entusiasmada por ter ido. Simplesmente, gostaria que Rafe também tivesse ido.

Não suportava a ideia de ele estar na propriedade sem ela. Reparara que várias criadas o desejavam dissimuladamente, até as mais velhas, até as casadas. Todas elas se atirariam avidamente para uma relação com ele, e claro que Angela continuava presente e ansiosa por casar com um Harlow.

Eddie não poria de parte a ideia de Angela seduzir novamente Rafe e, se Eddie regressasse a casa e visse que ela fora bem-sucedida, atirar-se-ia de um penhasco.

- Como está, menina Edwards.

Eddie teve um sobressalto e virou-se.

- O que faz aqui?

Ao entrar na sala, perdera-se de tal modo no seu devaneio miserável que não viu o que estava mesmo à frente dos seus olhos. Rafe estava numa cadeira a um canto, com o casaco despido e a camisa aberta; segundo parecia há já algum tempo que ali estava. Estava a beber, uma grande quantidade de álcool fora esvaziada do decantador.

- Greystone ficou muito aborrecido depois da sua partida - disse ele. Senti a sua falta.

- Quanto?

- O bastante para vir atrás de si para Londres, quando prometi ao meu irmão que ficaria no campo.

- Não vai ficar furioso quando souber que veio na mesma?

- Vai conseguir ultrapassar isso. Ultrapassa sempre.

- Quem ficou de olho no Roland?

- Ninguém, só os criados, mas ele está a fazer as malas e deve estar a ir-se embora, se calhar neste preciso momento. Eu regresso amanhã de manhã, depois da cerimónia, por isso só me ausento por um ou dois dias. Pedi-lhes que enviassem um mensageiro rápido se houvesse problemas, mas o que poderia acontecer em tão pouco tempo?

- Posso ir consigo quando partir?

- Podemos pedir. - Fez um gesto para ela, que se apressou a ir sentar-se no colo dele. - Estou à sua espera há horas. Onde esteve?

- A Clarissa e eu fomos às compras, mas ela sentiu-se adoentada. Está a dormir uma sesta.

- Espero que não seja grave.

- Não é. Está demasiado emocionada, só isso.

- Bem, o Matthew é um homem emocionante.

- Sim, e ser casada com ele deve ser fatigante.

- Pode muito bem ter razão.

Rafe riu-se e beijou-a, e ela juntou-se a ele de bom grado. Ele ensinara-lhe toda a espécie de

comportamentos maliciosos, e Eddie adorava qualquer oportunidade de praticar as suas competências no amor, para as poder melhorar.

- Vamos estender-nos na sua cama - disse ele.

- Ora, soldado Harlow, mas que sujeito escandaloso é o senhor. Estamos a meio da tarde.

- E depois? Vim vê-la, e sabe bem como eu sou no que toca a ser recompensado pelos meus esforços.

- Tenho de trancar a porta e você tem de ficar em silêncio. - Levantou-se para rodar a chave. - O quarto de Clarissa fica ao fundo do corredor. Não quero que ela o ouça.

- *Eu* tenho de ficar em silêncio? - Rafe fez uma careta. - A barulhenta é você.

Eddie pegou na mão dele e conduziu-o ao quarto. Subiram para a cama, como um par de crianças desinquietas a fazerem exatamente o que não deviam. Caíram um sobre o outro como animais selvagens, como se estivessem separados há anos, e não há dias. Agarraram-se e arranharam-se um pouco, e ele nunca tinha imaginado nada assim. Rafe desejava-a mais do que nunca, o que fazia decididamente com que a agitação dela parecesse ridícula.

Era evidente que ela não se devia ter preocupado, e sentiu um arrepio de emoção, deliciada com os seus progressos rápidos, encantada por ele se estar a embeijar por ela. Tinha de estar. Que outra explicação haveria?

Estavam a despír a roupa um do outro e ela acabou por ficar de combinação e cuecas, e ele de calções.

Rafe sorriu.

- Eu devia ter visitado o seu quarto há muito tempo.

- Ninguém o deteve.

- Você veio sempre ao meu e eu estava a tentar ter maneiras. Não me tinha dado conta de que era tão fácil despi-la.

- Eu não estou toda despida.

- Ainda não.

- Vamos... ah...

Embora ela tentasse ser descarada ao pé dele, continuava a ficar de língua presa quando falava de atos sexuais. Não conseguia fazê-lo com estilo. Pura e simplesmente, havia palavras que ela não se conseguia obrigar a dizer.

- Pode ser que sim, pode ser que não - respondeu ele.

- O que quer isso dizer.

- Gosto de ficar de calções vestidos.

- E se não gostasse? E se os despisse?

- Então, poderíamos seguir por esse caminho que tão ardentemente deseja seguir.

- Fá-lo-ia por si.

- Diz isso como uma ameaça.

- Talvez seja.

Arremessou ousadamente a provocação, mas não sabia ao certo porquê. Arrastava-o constantemente para mais longe do que ele desejava ir, mas e se o tivesse finalmente convencido a avançar? Hesitaria, virgem nervosa que era?

Ouvia campainhas de alarme nos ouvidos, instando-a a lembrar-se de todos os sermões que

ouviu sobre pecado e moralidade. Devia manter os joelhos bem juntos e a bainha da saia para baixo – a menos que tivesse uma aliança no dedo.

No entanto, todo o tipo de mulheres avançava, agarrando aquilo que queriam, e acabavam com o prémio que desejavam. Se um casal fornicava, tinha de casar. Era o caminho perfeito para empurrar um rapaz para o casamento. Resultava sempre e Eddie não sabia de um único caso em que não tivesse sido desse modo.

Ainda assim, e se estivesse enganada? E se o capitão Harlow não os deixasse casar? Ou se se desgraçasse, mas Rafe voltasse para o exército e a deixasse naquele estado maculado?

Não, não, achava que ele nunca faria isso. Era decente e honrado.

– Alguma vez casaria comigo? – disparou ela estupidamente. Porque não conseguia manter a boca fechada?

Este estivera a morder-lhe os seios, e ergueu os olhos de rosto franzido.

– Não. Eu disse-lhe que não.

– Agora parece gostar mais de mim.

– Eu gosto de si. É uma ótima rapariga.

– Uma *ótima* rapariga – disse ela entre dentes.

– Será que lhe devia dizer que *não* é uma ótima rapariga?

– E se me puser um bebé na barriga?

– Eu sei como ter cuidado.

– E se não tiver? E se eu acabar de bebé?

Ele ergueu-se e ficaram de narizes encostados.

– Isso não vai acontecer. Não faça tanto alarido.

– Não estou a fazer alarido. Simplesmente, sinto que tenho direito a algumas garantias da sua parte.

– Não lhe dou garantias nenhuma, exceto que nos divertiremos imenso, que vamos gostar e que, quando nos separarmos ficaremos para sempre felizes por nos termos conhecido.

– Comporta-se como se fôssemos desconhecidos a conversar num bar.

– Não pode ter a expectativa de que as coisas são diferentes do que são. Fui muito claro, desde o início. Não fui?

– Sim, mas não acreditei em si.

– As raparigas nunca acreditam. – Afastou-se e sentou-se. – É evidente que devo ser ainda mais claro consigo.

– Escusa de ser. Compreendo-o e não devia ter referido aquilo.

– Sou um cavalheiro abastado, com terras, Eddie. O Matthew nunca me deixaria casar consigo. Mesmo que lhe implorasse, ele nunca concordaria.

– Podíamos fugir.

– Porque haveria eu de fugir? Não quero ser algemado. Só tenho vinte e dois anos.

Ela não conseguia deixar aquilo passar.

– Mas se *quisesse* casar, pensaria sequer em mim? Mesmo que fosse só por um minuto?

Ele encolheu os ombros.

- Talvez, mas não seria mais do que isso. Eu, *a pensar*. Provavelmente, casarei com a filha de um conde. É esse o plano do Matthew. Arranjamos um conde enfadonho que esteja sem um tostão e eu tiro-lhe a filha das mãos com todo o meu dinheiro.

- Estou a ver.

- Não parece estar a *ver*. Parece estar a amuar.

- Não estou a amuar. Estou apenas... desiludida.

- Porque está irritada? Porquê estragar tudo?

- Foi um acidente. Fico preocupada e a minha cabeça enche-se de ideias patetas.

- É melhor ir-me embora.

- Não, não, não. Não tem de ir.

Rafe tentou sair da cama, mas ela agarrou-se com força ao pulso dele. Sorriu, para que ele soubesse que não estava amuada.

- Faço o que quiser - disse ela. - Sem amarras.

- Está sempre a dizer isso, mas, pela forma como reage, não pode ser verdade.

- Estava nervosa. - Descartou com a mão o ataque de despeito. - Não me preste atenção. Estou a ser ridícula.

Ele fitou-a, com uma expressão séria.

- Acho-a fantástica - disse ele por fim.

- Fala como se eu fosse um animal de estimação.

- É uma rapariga *fantástica*, e digo-o no melhor dos sentidos.

- Não pense em mim como rapariga. Gostaria de ser mais do que isso.

- Talvez não possa ser, quando temos visões tão divergentes da nossa amizade.

- Já lhe disse que faço tudo o que disser.

- Fala como se se tratasse de uma tarefa. Quero que o faça por ser divertido, porque gosta de estar comigo.

- E gosto!

Eddie levou a mão à combinação e arrancou-a, ficando nua da cintura para cima e apenas de cuecas. Achou que a nudez os tiraria daquele impasse, mas foi um gesto em falso.

Ele fez uma careta.

- Agora é tarde demais.

- Não é tarde demais! - insistiu ela.

- Ligo com pessoas desejosas de estar comigo. Não gosto de toda esta discussão e drama, especialmente quando é evidente que não me tem estado a ouvir.

- Tenho estado a ouvir - disse ela desanimada.

Era uma parva! O seu problema era que o amava desesperadamente.

Se tivesse simplesmente aberto as pernas e fechado a boca, já podia ter sido desflorada. Podia tê-lo prendido nas amarras do matrimónio, porque, independentemente das convicções dele, se fornicassem, ele *teria* de casar com ela. Tratava-se de uma conclusão honorável, moral e previsível, e o capitão Harlow não poderia recusar, uma vez que era casado com Clarissa.

Quando Clarissa soubesse de Eddie e Rafe, exigiria o casamento. O capitão amava-a. Forçaria a união só para deixar Clarissa feliz. Rafe seria de Eddie, e ela construía tantos cenários românticos na sua cabeça que, se não o conquistasse por fim, não sabia como continuaria com a sua vida.

- Desculpe - murmurou ela.

- Não peça desculpa. Só não fique histérica por minha causa. Eu não o mereço.

- Discordo. Merece, sim.

Ele afastou-se e pôs-se em pé.

- Tenho fome. Preciso de arranjar alguma coisa para comer.

- Posso ir consigo?

- Preferia que não o fizesse.

Rafe movimentou-se à pressa, agarrando na sua roupa. Em breve estava vestido, enquanto ela continuava sentada na cama sentindo-se uma palerma. Pegou na combinação e agarrou-a junto ao peito, usando-a para tapar os seios. Não que ele estivesse a olhar. Ele nem reparava nela.

- Falamos amanhã. - Virou-se e saiu.

Ela deixou-se ficar na sua infelicidade, enquanto os passos dele esmoreciam no corredor. Depois deixou-se cair na cama, a pensar em como era possível que tivesse lidado tão mal com a situação. Tivera tantas saudades que fora de cavalo de Greystone a Londres para estar com ela. Era evidente que gostava mais dela do que julgava e, se ela tivesse participado como ele queria, podia ter providenciado o seu futuro.

Eddie só conseguia ver uma solução. Esperaria pelo escurecer e depois iria entrar sorrateiramente no quarto dele. Iria para a cama dele e não se daria tempo de o aborrecer, não lhe daria tempo para hesitar. Agarraria aquilo que desejava.

E depois de o fazer, tudo ficaria bem. Ele perceberia que também a amava. Tinha a certeza de que seria assim.

Devia ter primeiro uma aliança no dedo, mas então e se uma rapariga não a conseguisse antes de avançar? E se o rapaz fosse tão cabeça dura que não reconhecesse o seu afeto? Não seria melhor agarrá-lo usando os meios necessários? Seria errado?

Rafe podia imaginar que a sua noiva seria a melindrosa filha de um conde, mas isso só aconteceria por cima do cadáver de Eddie. Ele nunca poderia ficar satisfeito com uma debutante choramingas e lamentosa. Precisava de uma mulher forte como Eddie, alguém que o adorava, alguém que passaria a vida a fazê-lo feliz.

Sim, ele precisava de Eddie, e ela tinha de assegurar que ele entendia isso, independentemente do custo - para ela ou para ele.

18

- Sentes-te melhor?

- Sinto.

Clarissa sorriu a Matthew. Era um sorriso frágil e trémulo, mas ela manteve-o e ele não reparou em nada de estranho.

Eddie acabara de descer para tomar o pequeno-almoço, enquanto ele terminava a sua refeição. Na noite anterior, depois da desastrosa visita à loja de Madame LaFarge, alegou ter uma forte dor de cabeça e deitou-se cedo. Matthew foi a um jantar com alguns colegas do regimento, que também estavam de licença na cidade, e ficaram até tarde.

A ausência dele deixou-a muitas horas sozinha, dando-lhe oportunidade de pensar nos mexericos que tinha ouvido.

Partiu do princípio que podia ir ter com ele para o interrogar, mas agora que estava de frente para ele à mesa de jantar, a sua ideia parecia frágil e cheia de armadilhas. Ele sorria e falava, queixando-se de uma ressaca e de se ter divertido muito com os amigos. Estava a ser extremamente solícito, servindo-lhe chá, enchendo-lhe o prato.

Clarissa parecia um autómato. Ria nos pontos certos e respondia quando tinha de falar, mas, na sua maior parte, limitava-se a observá-lo, pensando - com uma espécie doentia de medo - se realmente o conheceria.

E se ela despejasse tudo e pronto? *Tens uma amante chamada Penelope? Quais são as tuas intenções para com ela? Planeias continuar com esse relacionamento?*

Mas não fazia ideia de como começar aquela conversa. Provavelmente, havia muitas mulheres que conseguiam viver com esses assuntos espinhosos, mas Clarissa não era uma delas.

E se ela o interrogasse e descobrisse que os mexericos não eram verdadeiros? E se o acusasse de imoralidade com base numa informação errada? Como ultrapassariam um fiasco desses? E se levantasse a questão e estivesse certa? E se ele recusasse romper com Penelope? E se - ao longo das décadas seguintes - ele tivesse sempre amantes? E se tivesse segundas e terceiras famílias? E se tivesse filhos espalhados pelas cidades, cujas mães ele sustentaria com os recursos de Greystone?

Os homens ricos cometiam esses pecados. Os homens ricos comportavam-se dessa maneira sociável, e ele insistia que era rico.

Antes de casar, naquela época em que fora uma solteirona assolada pela pobreza, pensara muitas vezes na sorte de uma esposa. Houvera um caso notório de adultério na sua zona, em que o marido mantivera uma amante durante vinte anos, tendo doze bastardos com ela enquanto a mulher, que sabia, virava a cara para o outro lado.

Clarissa achara aquela mulher uma pateta. Gabara-se para si mesma que, se alguma vez se encontrasse nessa horrível situação, nunca se deixaria ficar de braços cruzados, com vendas nos olhos.

Era, contudo, tão fácil ser-se moralista quando se dissecava as escolhas de outra mulher. Ali estava Clarissa, muito provavelmente na mesma situação, e não suportava conhecer os factos. Se ela o questionasse e ele mentisse, o que faria? Se o questionasse e ele dissesse a verdade, o que faria?

- Então e esta noite? - perguntou-lhe. - Espero que te sintas bem para poderes ir à cerimónia. Não gostaria nada que a perdesse.

- Tenho a certeza de que o meu estado melhorará com o passar do dia.

- Tens de ir comigo. Estou ansioso por te apresentar à sociedade. Estou desejoso que todos vejam a bela mulher com quem me casei.

Era um comentário tão doce. Se tivesse uma amante escondida ao fundo da rua, diria uma coisa dessas? Poderia ser sincero quando dizia que queria gabar-se de ter Clarissa? Nada daquilo fazia sentido.

Para sua surpresa, ouviu-se o som de passos no corredor, e Rafe entrou logo a seguir na sala de jantar.

- Bom dia. - Trazia o seu habitual sorriso. - Isso é *bacon*? Pareceu-me cheirar *bacon*.

Matthew fez uma careta.

- Porque estás em Londres? Ia jurar que te pedi para permaneceres em Greystone, e que me prometeste que ficarias.

- Estava muito entediante lá, sem nenhum de vós por perto. - A expressão de Rafe era traquinas e inocente. - Além disso, não queria perder a tua grande cerimónia. Afinal de contas, eu *sou* o teu irmão. Devo estar lá contigo.

Matthew bufou.

- Mas que grande...

Deteve-se e trocou uma expressão de exaspero com Clarissa, cuja espinha foi percorrida por uma sensação de desconforto. Não imaginava nenhuma outra razão para Rafe ter vindo a cavalo até Londres, que não fosse estar com Edwina. Matthew mencionara a perspetiva de um jogo de corte entre os dois, mas Clarissa mostrara-se cética.

Era evidente que tinha de ter uma conversa longa e franca com Eddie, mas tendo em conta o humor tão negro de Clarissa, uma conversa daquele calibre estava para lá da sua capacidade.

- Quando chegou? - perguntou Clarissa a Rafe.

- Ontem à noite. A Clarissa estava a dormir e o Matthew tinha saído, por isso um pajem levou-me ao quarto.

Dirigiu-se ao aparador e encheu um prato, e Matthew fulminou-o com o olhar, que depois desviou para Clarissa. Encolheu os ombros, e ela também, indecisos sobre como haveriam de proceder.

- Quais são os teus planos para hoje? - perguntou Matthew a Clarissa.

- Vou ficar a descansar esta manhã e, se me apetecer, pode ser que trate de uns recados.

- Manda um criado.

- O ar fresco vai fazer-me bem.

- Provavelmente - concordou ele.

- O meu vestido de baile vai ser entregue hoje à tarde e vem uma pessoa pentear-me. Portanto, vou-me preparando.

Disse-o de cara séria, embora ela não tivesse a certeza se acabaria por ir à cerimónia ou ao baile. E se estivesse lá a amante dele? E se dançasse com a outra mulher, sendo o falatório de toda a Londres? Clarissa nunca aguentaria uma tal humilhação.

- Não exageres - disse-lhe ele.

- Não o farei. - Bebericou calmamente o seu chá, deixando abrandar o pulso. Depois perguntou:

- E vocês? Quais são os vossos planos?

- Oh, vou encontrar-me com vários amigos. Devo regressar por volta das cinco para me vestir.

Ela observou-o atentamente, mas não detetou nenhuns sinais de engano. Devia ter-lhe

exigido: *Que amigos? Com quem te vais encontrar?*

Mas ela não era uma chata, não se meteria nos assuntos privados dele e, como eram recém-casados, achava que não tinha esse direito. Sem dúvida que, se tentasse fazê-lo, ele acabaria por matraquear uma lista de nomes de homens que ela não conhecia. Aquela trepidação voltava e os seus nervos rodavam numa espiral de tal intensidade que se sentia zozza e indisposta.

Passou por ela, beijou-lhe o cimo da cabeça e continuou, resmungando para o irmão:

- Não sejas aborrecido.

- Desde quando o sou? - disse Rafe, bufando.

- E que tal desde sempre? - Matthew fez um ar zangado, sem produzir qualquer efeito, depois disse:

- Amanhã nós os dois vamos ter uma conversa interessante.

- Mal posso esperar - respondeu Rafe.

Matthew deixou-se ali ficar, à beira de um sermão ou de uma discussão, mas o relógio ao fundo do corredor bateu as onze.

- Estou atrasado - disse ele. Tenho de ir.

Saiu apressadamente e, quando se virou, ia a sorrir - como que empolgado com o seu destino. Ao sentir a sua felicidade, Clarissa sofreu uma tal fúria que se sentiu zozza. Mas era ridículo inquietar-se e preocupar-se. Quando se inquietava deixava de pensar racionalmente, ficava incapaz de tomar boas decisões.

Pediu licença a Rafe, mas ele estava tão dedicado à sua refeição que mal reparou na partida dela. Foi para as traseiras de casa em bicos dos pés, agarrou na capa e no chapéu, que estavam no cabide, e deslizou para fora de casa.

Pedira antes a um pajem que lhe alugasse uma carruagem, que devia ficar estacionada na esquina da rua. O condutor estava junto da porta.

- Um homem de casaca de veludo azul aparecerá montado dentro de uns minutos. Preciso que o siga, para ver aonde vai - disse-lhe ela.

Ele arqueou as sobrancelhas de surpresa, mas ela entregou-lhe uma bolsa cheia de moedas, e a curiosidade foi aplacada.

Tocou com um dedo no chapéu, e disse:

- Sim, minha senhora. Presumo que não queiramos que ele saiba que está a ser seguido.

- Correto.

- Serei muito discreto.

- Obrigada. Fico-lhe grata.

Ajudou-a a subir, depois içou-se para o seu lugar, fazendo balançar a carruagem quando se sentou. Espreitou pela cortina até o marido passar, depois bateu no teto e a carruagem foi a rolar atrás dele.

Viajaram durante um bom bocado, passaram por muitas ruas animadas e acabaram numa zona bonita, de ruas amplas e árvores imponentes. As casas eram refinadas, de bom gosto, dando mostras da riqueza dos seus habitantes, com criados, dinheiro e apelidos antigos.

O marido puxou as rédeas e entrou num caminho de acesso. O veículo onde Clarissa seguia parou e o condutor encostou-o de maneira a que ela pudesse olhar para a residência do outro lado da cerca. Um rapaz saiu a correr para levar o cavalo do capitão Harlow, que olhou boquiaberto para as janelas, lá em cima, para ver se alguém o observava. A porta da frente abriu-se e o coração de Clarissa quase parou quando a mulher mais bonita que ela alguma vez

vira na vida saiu para ir ter com ele.

Com o seu abundante cabelo acobreado e os grandes olhos azuis, tinha curvas voluptuosas e emanava um encanto sensual que Clarissa nunca conseguiria manifestar, nem em cem anos. Era quase tangível e Clarissa sentia-o claramente, ali sentada na sua carruagem.

A mulher usava um rico vestido cor de safira, com um corpete muito decotado por forma a exibir um decote enorme. Clarissa lembrou-se de que o capitão a levava *a si* às compras, que lhe comprara os vestidos mais elegantes, feitos com os tecidos mais dispendiosos. Teria feito o mesmo com aquela mulher?

- Como estás, Penelope. - Mostrou-se altivo e coquete.

- Cão maldito! - A voz de Penelope era sensual, com uma qualidade quase sexual que fez Clarissa ranger os dentes. - Julguei que nunca mais vinhas.

- Tenho andado ocupado. - Sorriu para ela, o mesmo sorriso diabólico que estava sempre a fazer a Clarissa.

Ela começara a adorar aquele sorriso, julgara que ele lho fazia por ela ser especial e por gostar dela. Mas, aparentemente, ele mostrava-o a qualquer mulher bonita que se atravessasse no seu caminho.

- Tens andado muito ocupado para *mim*? - perguntou Penelope em tom provocador, tentador.

- Sim - respondeu ele com arrogância, e riu-se.

- Nunca me mandaste chamar - queixou-se ela. - Enquanto estiveste no campo, esperei e esperei, mas nunca me convidaste.

- Também andei ocupado no campo.

- Sempre foste um homem ocupado, meu caro capitão, e estás com um ar exausto. Tenho a certeza de que te consigo reanimar um pouco.

- Podes tentar, decididamente.

- Aposto que quando te fores embora te sentirás muito mais feliz do que quando chegaste.

Ele riu e subiu os degraus e, para grande espanto de Clarissa, Penelope envolveu-lhe a cintura com os braços e beijou-o. Não é que ele tenha propriamente participado, mas não a impediu, nem se esquivou. Ficou simplesmente ali a deixar que acontecesse.

- Tive saudades tuas - murmurou Penelope.

- Tiveste? - Felizmente, ele não respondeu com o mesmo sentimento.

- Claro, seu patife. Vamos compensar o tempo perdido.

Penelope entrelaçou os dedos nos dele e entrou, fechando-se a porta atrás deles.

Clarissa estava em choque, com o coração partido em mil estilhaços, como se o tivesse arrancado do peito e saltado em cima dele, para lhe dar uma lição. Agora era casada, e ele era seu marido. Deixou que se formasse na sua mente uma visão ridícula de si mesma - altamente indignada - a marchar em frente, a bater à porta e a arrastá-lo para fora pela orelha.

Mas foi isso: uma visão ridícula.

Depois de passada uma eternidade, o condutor desceu. Abriu a porta da carruagem e espreitou para o interior.

- Já viu o bastante, minha senhora? Ficamos por aqui a ver quanto tempo ele se demora? Ou prefere ir-se embora?

O capitão Harlow prometera estar em casa por volta das cinco, por isso ela não precisava de se demorar por ali. Sabia durante quanto tempo planeava portar-se mal.

- Já vi o suficiente - disse ela. - Podemos ir.

Ele não se mexeu. Em vez disso, revirou nervosamente o boné nas mãos.

- Peço desculpa, minha senhora, mas aquele por acaso seria o capitão Harlow?

Oh, meu Deus, será que todos o conheciam?

- Não - disse ela com firmeza. - Não era o capitão Harlow. Nunca conheci esse homem tão enaltecido.

- Ouvi dizer que acabou de se casar.

- Não faço ideia.

Ele deixou-se ficar por ali, como se pudesse questioná-la ou discordar. Olhou de relance para a aliança dela e, por fim, reconheceu a sua penosa situação.

- Muito bem, minha senhora. Levo-a para casa num instante.

Felizmente, não disse mais nada.

Subiu apressadamente ao seu lugar, bateu com as rédeas no cavalo e começaram a rodar.

Matthew caminhou para casa, ciente de que devia estar mais apressado. Regressara muito mais tarde do que o esperado, mas não parecia estar com pressa.

Depois de visitar Penelope e de passar o resto da tarde a pensar e a beber, não estava em condições de ir a um baile em sua homenagem. As pessoas - sobretudo desconhecidos - passariam a noite inteira a fazer brindes em sua honra. Teria de dançar com as esposas de todos os dignitários, mas não conseguia reunir a energia que isso lhe exigia.

O cerne da questão é que era um simples soldado que gostava da sua vida dura e turbulenta. Detestava salas agitadas e multidões apinhadas, e se nunca mais na vida brindassem a si, isso seria um alívio.

- Mais um - murmurou entre dentes.

Atualmente, não havia mais festas planeadas e fizera espalhar palavra entre os seus conhecidos de que voltava para o seu regimento e não regressaria a Inglaterra tão cedo. Esperava que isso inibisse os seus admiradores entusiastas e - se tivesse sorte - não tardaria a que outro homem fizesse sem querer um ato de valor.

Matthew sairia daquele primeiro plano de herói nacional e de bom grado, e sem demora entregaria aquele posto perante os olhos do público.

A casa estava em silêncio, e nenhum criado o saudou. Quando atravessou o átrio, reparou vagamente que havia um baú de viagem junto à porta. Ignorou-o e prosseguiu, atirou o casaco para uma cadeira e subiu as escadas até ao seu quarto.

Ao aproximar-se, suavizou a sua expressão, pois não queria dar a Clarissa nenhum indício de que estava angustiado. Ela era tão astuta, e compreendia-o tão bem. Repararia em qualquer perturbação, e ele não podia explicar os sentimentos que o agitavam.

O seu casamento tomara-o de surpresa, e continuava a desconcertá-lo de formas que ele não previra. Teria entrado na união com demasiada ligeireza? Teria sido demasiado frívolo no seu procedimento? Como haveria de solucionar os dilemas que o casamento criara? Era seu desejo solucioná-los?

De momento, não se podia inquietar com isso. Sem dúvida que Clarissa haveria de andar de um lado para o outro, perguntando-se onde estaria ele e se chegariam atrasados à cerimónia. Inspirou profundamente, expirou, e depois entrou, tendo o cuidado de mostrar os seus habituais entusiasmo e arrogância. Parou imediatamente.

Partiu do princípio de que ela estaria pronta, com o seu vestido de baile e o cabelo meticulosamente penteado, de forma a ter uma aparência bela e cheia de *glamour*.

Mas Clarissa estava sentada numa cadeira a um canto, muito idêntica ao dia em que a conheceu nos bosques de Greystone. Usava um dos seus vestidos cinzentos e sem graça e tinha o cabelo preso num carrapito apertado. Podia ser a governanta da família, que vinha fazer um relato do dia dos filhos dele.

- Clarissa, sente-se bem?

- Não posso acompanhar-te esta noite. Tenho muita pena. - Fez uma pausa e disse: - Na verdade, retiro o que disse. Não tenho pena nenhuma.

Ele baixou-se para a beijar, mas ela virou a cabeça, fazendo com que os lábios dele lhe roçassem a face.

Matthew endireitou-se e fez uma careta.

- O que se passa? Aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu.

A pulsação dele disparou, alarmado.

- Foi o Rafe?

- Pelo que sei, ele está bem.

- O que foi, então?

Ela fez um gesto indicando uma cadeira ali perto.

- Importas-te de te sentar por um minuto? Tenho de falar contigo.

- Mas é claro.

Agarrou na cadeira e colocou-a exatamente à frente dela, tão perto que - quando se sentou - os pés e as pernas dos dois se misturaram. Ela tinha um rosto inexpressivo, como se tivesse sido gravemente ferida. Observou-o estranhamente, como se ele fosse um desconhecido.

- O que se passa? - perguntou ele.

- Quando saíste hoje de manhã, onde foste?

- A vários sítios. Tinha muitos amigos a visitar.

- Onde *foste*, Matthew? Não me mintas, por favor.

Ele franziu o sobrolho, com a cabeça a rodopiar e uma sensação aguda de perigo.

Agora era um homem casado, e estivera justamente onde não deveria ter estado. Mas era impossível que ela soubesse de Penelope. Ou não era? Quem lhe teria dito? Rafe era a única pessoa conhecida que lho podia ter dito, mas teria caído sobre a sua espada antes de dizer uma só palavra sobre o assunto.

- Sem mentir?! - disse ele. - O que me estás a tentar dizer? Nunca fui bom com enigmas, por isso, terás de me dizer abertamente.

- Ontem, quando estava na costureira, havia outras mulheres no provador ao lado do meu. Conversavam.

- Sobre o quê?

- Sobre ti.

- Oh! Mexericos? Eu devia-te ter advertido acerca dos londrinos. Adoram espalhar boatos. Não deves acreditar em grande coisa que ouças nesta cidade.

- Não era um boato, por isso repito: onde foste depois do pequeno-almoço? - Uma dúzia de respostas falsas passaram pela mente dele, mas ela ergueu uma mão sem lhe dar tempo de proferir nenhuma. - Não te dês ao trabalho de me contar histórias falsas. Eu segui-te.

Matthew ficou de queixo caído.

- Seguiu-me?

- Não tenho orgulho nisso, mas conheço o teu destino.

- Oh! - repetiu ele, e mexeu-se no assento. Como o pior marido do mundo, disse: - Eu posso explicar.

- Não é preciso. Eu vi o que precisava de ver com os meus olhos.

- Não, a sério, Clarissa. Eu posso explicar.

- Não quero que expliques. Quero saber o que estavas a pensar. Porque haverias de me trazer para a cidade com a tua amante aqui a viver na casa que alugaste para ela? Parece que toda a Londres o sabe. Porque me humilhas assim?

Raios!

O seu romance com Penelope começara na Europa e perseguiu-o até Inglaterra. Com a notoriedade de Matthew a promovê-lo por toda a parte, o seu nome aparecia constantemente ligado ao de Penelope. Era um segredo público que ele e Penelope estavam envolvidos. Quanto deveria ele contar?

Era evidente que Clarissa estava furiosa. Como podia evitar ficar ainda mais zangada do que já estava? Que manobras podia um marido fazer para se orientar numa situação tão difícil?

Ele fitou-a, com mil e um comentários a martelá-lo e, embora fosse tipicamente lacónico, não conseguia perceber como responder àquela pergunta. O que lhe passara pela cabeça? Não fazia ideia.

Quando chegou a Inglaterra, vinha sem intenções de se casar. Depois... conheceu Clarissa, e o matrimónio pareceu-lhe uma ideia incrível.

O casamento, contudo, acontecera demasiado depressa, e o seu estatuto de homem solteiro terminou abruptamente. Não tivera oportunidade de implementar mudanças e, quando ficaram retidos no campo, podiam muito bem ter-se encerrado numa bolha de alegria em que o mundo exterior não podia penetrar.

Penelope parecera-lhe tão distante. Nunca vira ao fundo do caminho este momento horrível, em que Clarissa descobria o romance e se sentia esmagada.

- Estás a dar demasiada importância a isto, Clarissa.

- Na minha opinião, não lhe estou a dar importância suficiente. Quanto tempo estiveste com ela?

- Não muito.

- Tiveram relações carnavais.

- Não - bufou ele, e era, na sua maior parte, verdade. Tudo dependia do que uma pessoa entendia por *carnal*. - Portanto... estiveste lá a maior parte do dia, a fazer o quê? A jogar às cartas? A beber chá?

- Eu não estive lá a *maior* parte do dia. Fui lá para a informar de que me tinha casado. Como podes imaginar, ela ficou desagradada com a novidade.

- Ficou?

- Depois de anunciar o meu casamento, não havia muito de que falar, e saí.

- Passaste muito tempo a *falar* com ela, não foi?

O seu tom era sarcástico, e ele ficou tenso.

- Foi. Ela é uma mulher interessante e instruída, uma excelente conversadora.

- Cala-te, Matthew. - Fulminou-o com olhar, como se ele fosse um palerma. - Diz-me uma coisa: se eu não tivesse ouvido aquelas mulheres a conversar, ter-me-ias dito alguma coisa acerca dela?

- Não.

- É o que eu esperava.

Clarissa tentou levantar-se, mas ele pousou as palmas das mãos nas coxas dela e fez força, para que ela não conseguisse fazê-lo.

- Deixa-me levantar - disse ela.

- Não. Agora ouve-me.

- Não temos mais nada para discutir.

- A mim parece-me que há muito para explicar.

- Ela vai ao baile esta noite? Planeavas que ela lá estivesse... comigo lá?

Ele mexeu-se de novo, como se fitasse o senhor Harlow, o homem prestes a pegar no cinto para lhe dar uma tarefa.

- Não sei o que planeava - admitiu ele.

- Terias dançado com ela? Ter-te-ias escapulado para beber um copo de ponche e para se rir da minha cegueira?

- Não, não me teria comportado assim.

Não podia, contudo, prever como Penelope agiria. Ela estava furiosa e ansiosa por continuar com o romance e, embora ele tivesse insistido que não, não era do tipo que desiste facilmente. A vaidade dela era tão inflada como a dele.

Queria que ele se recordasse das razões pelas quais começara uma relação com ela e haveria de se deleitar com a oportunidade de dançar com ele, de ter toda a Londres a ver e a falar da pobre Clarissa, a mulher enganada.

- Eu vi-te com ela, Matthew. Vi-te beijá-la à porta.

- Eu não a beijei! - Penelope beijara-o a *ele*, mas achou que isso era um pomenor.

Clarissa ignorou a negação dele.

- E não acredito em ti quando dizes que não a terias exibido em frente a mim. Vocês os dois poderiam fazer-me qualquer coisa.

- Isso não é verdade - disse ele com o sangue a ferver. - Eu nunca te magoaria.

- Não? Estás a brincar? Sinto-me ferida até ao âmag da minha alma.

Clarissa empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Fitou-o, fazendo-o sentir-se mesquinho e horrível.

- Clarissa, ouve-me.

- Não.

Matthew tentou agarrar-lhe a mão, mas ela afastou-se aos tropeções e ele não conseguiu.

- Quantas amantes tens? É a única? Ou tens dezenas? Quantas mais devo esperar encontrar no futuro?

- Quantas mais? - O temperamento dele começou a inflamar. - Tive uma, e agora nenhuma.
- Não acredito em ti - disse ela. - Vou-me embora.
- Para onde?
- Para Greystone. Nunca devia ter vindo à cidade contigo. Não deverias ter-me convidado.
- Não sejas ridícula. Não te vais embora. Vamos apressar-nos e vestir-nos, e depois vamos para a cerimónia. Resolvemos isto amanhã.
- Vamos para a cerimónia? - Ela exsudava ultraje. - A tua amante estará lá!
- E depois? Já não é minha amante. E vamos ignorá-la.
- Ignorá-la! E como, exatamente, conseguiremos nós fazer tal coisa?
- És a minha mulher, e quero-a ao meu lado. Ela é irrelevante, para ti e para mim.
- Estás doido?
- Não, estou simplesmente a tentar que ultrapassemos esta circunstância tão difícil.
- Eu estou a tentar o mesmo. É por isso que me vou embora.
- Vai anoitecer dentro de poucas horas. Não te vou deixar ir embora com a noite tão próxima.
- Tenho criados que irão comigo.
- Não te vais embora.
- Não mandas em mim.
- Não, Clarissa. Não posso deixar-te partir. Isso não vai acontecer.

Matthew agitou um dedo repreendedor para ela, mas sem efeito. Ela saiu como se ele fosse invisível, o que o enraiveceu. Era demasiado vaidoso para poder ser descartado e o casamento ainda era muito recente. Deduziu ser capaz de lhe dar ordens e de prevenir comportamentos imprudentes quando ela se comportava tolamente.

Clarissa estava junto à porta, prestes a sair para o corredor, e ele avançou e agarrou-a pelo braço.

- Solta-me. - Os seus lindos olhos estavam angustiados e condenavam.
- Ficas aqui em casa. Não tens de ir à cerimónia.
- Que bom ter a tua permissão, meu caro senhor marido.
- Falamos de manhã. Decidiremos então o que fazer.
- Eu já decidi.
- Não te deixarei partir tão tarde.
- Não me *deixarás*? - disse ela bruscamente. - Responde-me a isto. Porque não disseste à tua amante que ela não podia ir ao baile? Porque não mostraste respeito por mim? Porque não me protegeste nem lhe pediste que se mantivesse afastada?
- Eu disse-lhe que não podia ir! Ela insistiu que tinha convite, por isso não pude detê-la.
- Bom, capitão Harlow, parece que tens duas mulheres na tua vida que se recusam a receber ordens.

Com esse comentário altivo, habilmente proferido, soltou-se e saiu batendo os pés com força.

Ele deixou-se ficar ali, esforçando-se por controlar a fúria, mas não sabia bem como agir. Se ela fosse homem, ele conheceria perfeitamente bem as suas escolhas. Mas não era. Era uma

mulher, a sua esposa, a sua noiva. Naquele esquema de coisas, não conseguia perceber qual era o melhor caminho.

Informara Penelope do seu casamento, de que teriam de definir um acordo para que ela pudesse sair da casa que ele lhe arrendara. Também a informou de que a sua mesada estava prestes a acabar.

Não era contudo cruel, e não a mandaria para o olho da rua, tal como não o fizera a Clarissa e aos seus familiares de Greystone. Pensava que seis meses seriam suficientes para concluir uma separação. Isso dar-lhe-ia oportunidade bastante para encontrar uma nova situação. Era uma grande beldade e não teria problemas a agarrar outro infeliz idiota para a sustentar.

Claro que Penelope discordara dos planos dele com veemência e ele não tinha dúvidas de que ela se esforçaria ao máximo para mudar a decisão dele – quando a única coisa que ele queria era que ela se fosse embora.

Mulheres! Toda aquela confusão deixou-o com uma dor de cabeça tão forte que lhe parecia que estava prestes a explodir.

Clarissa perguntou-lhe porque a levava para a cidade, e era certo que ele se perguntava o mesmo. Devia tê-la deixado em Greystone, devia ter ido à cidade lidar com Penelope em privado. Clarissa nunca teria ficado a saber de Penelope, mas a sua decisão apressada apresentava problemas que ele não antevira nem queria ter de experimentar.

Lá em baixo, Clarissa falava com os criados, preparando-se para partir e ele correu atrás dela como um pedinte. Quando entrou no átrio, já ela estava de capa e chapéu. Um criado levava-lhe a mala de viagem para a rua e ele via a sua carruagem pela porta aberta, à espera de a levar dali.

Podia ter gritado ao criado que voltasse a trazer a mala para dentro. Podia ter ordenado ao condutor que levasse a carruagem, mas não faria ali uma cena. Se ela estava decidida a partir, que fosse para o diabo. Podia sair no escuro e pôr-se a si mesma em perigo. Se estava tão ansiosa por se comportar como uma lunática, porque haveria ele de tentar detê-la?

Fulminou-a com o olhar, desejando intimidá-la, obrigá-la a sentir-se mal, mas ela retribuiu o olhar de forma inexpressiva, com ar calmo e composto. Fosse qual fosse o estado de perturbação que ela sofrera no quarto, conseguira escondê-lo, e ele ficou irritado com isso.

Porque não estaria furiosa? Porque não estaria a chorar? Era uma mulher traída – bem, quase traída. Visitara Penelope para terminar tudo com ela e fizera asneira. Se tinha havido traição – e não estava a admitir que sim – tratava-se apenas de um pecado de omissão.

Não falara a Clarissa de Penelope. E porque haveria de falar? Que marido discutiria tal tema com a sua mulher? Porque seria Penelope um assunto para falar com Clarissa? Matthew teve uma vida inteira antes de conhecer Clarissa, e não pediria desculpa por nenhum acontecimento ocorrido antes do casamento.

Afinal, porque estava ela tão irritada? Opusera-se terminantemente a casar com ele, queixou-se, protestou e chateou-o. Agora, comportava-se como se o romance deles fosse o amor do século, como se estivesse de coração partido. Aquele ataque de despeito era absurdo.

– Eu não disse à Edwina que me ia embora – disse ela.

Aquele estranho comentário pôs-lhe a cabeça a andar à roda. Não fazia ideia do que esperara dela, mas aquilo não fora.

– Porque não?

– Odiava ter de lhe confessar o que se passou. Ela adora-te e eu não tenho qualquer vontade de rebentar essa bolha. – Amarrou a fita do chapéu e apertou bem o laço. – Manda-a para casa quando quiseres.

– Como? Não te preocupas com a virtude dela? Não te preocupas por ela ficar na cidade com Rafe e comigo?

– Deixei de me preocupar com tudo. Vou regressar a Greystone. Sei qual é o meu lugar lá.

Conheço as regras de lá.

Saiu e, embora ele não a devesse ter seguido, seguiu. Um criado ajudou-a a entrar na carruagem, depois pôs-se de lado. Matthew inclinou-se para a porta aberta, aliviado por ver que ela tinha uma criada consigo, que tinha uma acompanhante do sexo feminino para a viagem.

- Se tiveres problemas manda alguém à cidade buscar-me - aconselhou-a.

- Não terei problemas - replicou ela.

Olharam-se longamente, ambos magoados e zangados, com os comentários que ficaram por dizer praticamente a eletrizar o ar entre os dois. Ele não tinha dito o que queria dizer. Todas as frases lhe saíram mal e foram mal-interpretadas e a falta de empatia de Clarissa, assim como a sua incapacidade de ter em conta o ponto de vista dele, era enlouquecedora.

- Não tens de te ir embora - acabou ele por dizer.

- Eu sei disso, mas tenho de me afastar de ti.

- Podíamos lidar com isto amanhã de manhã. Porque estás a criar tanto alarido?

- É por isso que me vou embora. Porque tu não compreendes nada.

Ele queria gritar com ela, dizer-lhe que terminara tudo com Penelope, que o aluguer da casa estava a terminar, que Clarissa estava a ser horrível com tudo aquilo. Mas nunca diria nada daquilo em frente dos criados.

- Muito bem - disse ele, e acrescentou magoado: - Que seja. Foge para casa o mais depressa que puderes. Não quero saber.

- Isso sei eu. Diverte-te no seu *baile*.

Lançou a palavra *baile* como se fosse um epíteto, e ele odiou a forma como aquele denegrir o magoava.

Tivera tão poucas oportunidades no passado de ter alguém que amasse a vê-lo receber honras e sentira-se desesperadamente ansioso para que ela testemunhasse o seu triunfo. Foi essa a verdadeira razão para a levar a Londres, para que ela pudesse ver e sentir-se orgulhosa por ele ser tão admirado e estimado pelos demais.

Bem, tanta coisa para nada, e que importava se ela estava presente ou não? Ele sempre estivera sozinho, eram apenas ele e Rafe contra o mundo, e seria Rafe a estar com ele agora. Na verdade, o mais provável era divertir-se muito mais sem ela lá.

- Adeus - disse ela.

Por um brevíssimo momento, foi tomado por uma vontade terrível de cair de joelhos e lhe implorar que não se fosse embora, de insistir vezes sem conta que estava arrependido, até ela lhe perdoar.

Mas ele não era homem de súplicas, nunca procurara nem exigira a consideração nem a aprovação de uma mulher, e não precisava das dela.

- Adeus - disse também ela... e bem friamente.

Matthew fez um gesto ao pajem para que subisse para a frente e indicou ao condutor que partisse. Depois virou-se e entrou e, quando a carruagem começou a rodar, recusou-se olhar para trás.

19

- Não percebo nada disto.

- Nem devia tentar perceber.

Rafe e Edwina estavam juntos no salão de baile, e ele tentava divertir-se na festa. A música era animada, a multidão inspirada, a comida deliciosa. Havia imenso vinho e *whisky*, mas ele estava demasiado zangado com Matthew para se poder divertir.

Edwina estava linda, e Rafe também tinha um ar esplêndido. Dançaram duas vezes e eram um casal impressionante. As pessoas olhavam para eles a valsar, e Rafe sempre gostou de ser o centro das atenções.

Desde a zanga no dia anterior que ele a evitava, mas não fora capaz de se afastar completamente. Matthew deixara Rafe acompanhá-la, seguindo os dois sozinhos numa carruagem, embora *sozinhos* provavelmente não fosse a palavra mais adequada.

Havia um condutor, três pajens e uma criada para os acompanhar, de modo que não poderiam ter falado sobre o tempo sem que alguém fosse a correr contar ao irmão dele.

- O que julga que aconteceu à Clarissa? - perguntou Eddie.

- O Matthew diz que ela voltou para Greystone.

- Sim, mas porquê? Foi tão inflexível em relação a não me deixar sozinha consigo em Greystone, porque me deixaria sozinha consigo na cidade?

Rafe inclinou-se mais e murmurou:

- Discutiram, e a Clarissa fugiu a bufar.

- A Clarissa... uma discussão? Não acredito nisso. É a pessoa mais branda que eu conheço.

- Mas o Matthew não.

- Isso é verdade.

- Estavam a discutir com grande veemência - disse Rafe. - Ouvi os criados referirem-se a isso.

- Sobre o que discutiam?

- Não sei - mentiu ele.

Aparentemente, Clarissa apanhara Matthew num *peccadillo* com outra mulher, e Rafe não tinha de pensar muito para deduzir quem seria essa *outra* mulher.

Penelope Bernard era uma víbora venenosa e ele avisara o irmão para que tivesse cuidado ao pé dela, mas Matthew não dera ouvidos a Rafe e foi assim que acabou.

Matthew era habitualmente um excelente avaliador de caráter, por isso era um mistério que não visse quem Penelope realmente era. Mas a verdade é que ela se comportava como uma prostituta na cama e, como era tão bonita, que homem não gostaria de se passear de braço dado com ela?

Rafe perguntava-se como teria Clarissa descoberto aquela ligação. Matthew devia seguramente ter ficado surpreendido, e Clarissa esmagada. Ainda bem que ela tinha ido para casa, achava Rafe.

Matthew estava à porta da sala, e era mestre no controlo das suas emoções, a esconder o que não queria que os outros vissem. Aprendera esse truque lidando durante tantos anos com o pai de Rafe.

Matthew ria e brincava, aceitando alegremente todos os elogios que lhe eram destinados. Do outro lado da sala, Penelope estava com a sua corte, rodeada de amigos que queriam ver o que aconteceria quando ela se dirigisse a Matthew. Ele estava há uns dias em Londres com Clarissa e havia rumores de que trouxera uma noiva para a cidade, mas as pessoas não sabiam bem se seria verdade.

Todos estavam, portanto, ansiosos por saber de Matthew e Penelope e, pela forma como ela olhava para ele, Clarissa tinha imensa sorte em ter-se ido embora. Rafe também partiria logo que pudesse.

Como haveria Matthew de recompor as coisas com Clarissa? O mais provável era o seu casamento estar terminado quando ainda mal começara, e o seu comportamento tornaria difícil qualquer visita a Greystone no futuro, o que significava que Rafe não veria Eddie muitas vezes.

A ideia incomodou-o.

- Não imagino o que poderiam Clarissa e Matthew ter discutido que fosse tão horrível ao ponto de ela ter ido para casa por causa disso - disse Eddie.

- Nem eu - tornou ele a mentir.

- E porque haveria ele de permitir que ela fosse sozinha? É um homem tão complicado. Não o imagino a consentir uma coisa dessas.

- Imagino que tenha tentado detê-la, mas ela mandou-o passear e foi na mesma, apesar de ele lhe ter pedido que não fosse. - Encolheu os ombros. - Pelo menos, é o que diz a criada.

- A Clarissa desafiou-o abertamente? Não consigo imaginá-lo, pura e simplesmente.

- Veja o lado bom - disse ele.

- Que lado bom?

- A sua acompanhante desapareceu, por isso não tem uma guardiã a proteger a sua virtude.

- Dou-me conta disso, mas sinto-me culpada. Se eu fosse uma amiga verdadeira, teria partido com ela.

- Ela não lho pediu.

- Não, e estou curiosa quanto às suas razões.

- Estava com pressa.

- Assim parece, mas sem uma palavra de despedida? É tão estranho. Quanto tempo acha que vamos ficar em Londres?

Ele ergueu uma sobrancelha.

- Se ficarmos de cabeça baixa e longe do caminho do meu irmão, podemos ficar durante imenso tempo.

Rafe espreitou novamente para o salão e sentiu-se repugnado ao ver Penelope entrar finalmente em ação. O bando das companheiras maliciosas soltava risadinhas atrás dos leques, enquanto Penelope avançava, predadora, para ele. Desviou-se astutamente dos demais para se poder aproximar dele.

Ninguém ficou surpreso por vê-la ali. Quando os dois tinham regressado a Londres, Matthew e Penelope apareciam frequentemente juntos em público. Mas, com os rumores de que o capitão tinha uma noiva que não estava presente, as insinuações e desinformações por ali eram tantas que pareciam pingar das paredes.

Eddie aproveitou esse momento para olhar também para a entrada do salão. Em situações normais, seria demasiado baixa para ver por cima da multidão, mas os convidados tinham-se apartado, de modo que tinha uma vista desafogada.

Penelope colara-se a Matthew como uma pulga no dorso de um cavalo. Estava bem encostada a ele, com o corpo voluptuoso colado ao dele.

Como Matthew era o centro das atenções, foi demasiado cortês para a afastar. Eram um casal impressionante, e era impossível ignorá-los.

Eddie franziu o sobrolho.

- Quem é aquela mulher que está com o capitão Harlow?

- A amante - disparou Rafe, revelando acidentalmente o segredo do irmão.

- A... amante? - Eddie desviou bruscamente o olhar do par esplêndido e fulminou Rafe. - Como assim?

Rafe tentou recuar.

- Não devia ter dito isso. Vamos fingir que não disse.

Eddie fitou novamente Penelope.

- Como se chama?

- Penelope Bernard.

- Assenta-lhe bem. Está envolvido com ela há muito tempo?

- Há bastante - disse Rafe entre dentes.

- Durante todo este tempo que o capitão Harlow passou no campo, em Greystone, ela esteve aqui na cidade à espera dele?

- Sim. Começaram quando estávamos na Bélgica. Antes do naufrágio do *Tempestade Real* já ela tinha as garras nele. Eu detesto-a, se é que isso faz alguma diferença para o caso.

- Não faz diferença nenhuma, mas gosto que diga isso. - Eddie observou atentamente Penelope, e era fácil de ver por que razão Matthew estaria encantado. - Amam-se?

- O *amor* é coisa que não tem nada que ver com o que se passa entre eles.

- É um mero caso sensual?

- É isso.

- Foi por isso que a Clarissa se foi embora?

- Provavelmente.

- Não compreendo os homens. - As feições de Eddie foram perpassadas por uma expressão de intenso desagrado. - Explique-me uma coisa.

- Se puder.

- Porque haveria o capitão Harlow de meter a Clarissa numa situação tão sórdida?

- Não faço ideia, Eddie.

- É seu irmão, e o *meu* herói. Diga-me porquê.

- Não há como explicá-lo.

Rafe não falara com Matthew sobre o ocorrido. Estava a vestir-se para a festa quando o irmão enfiara o nariz no quarto de Rafe pedindo-lhe que acompanhasse Eddie, pois Clarissa não iria com eles e Matthew chegaria mais tarde.

Apressou-se a sair antes que Rafe o pudesse questionar. Depois... Rafe ouvira duas criadas a sussurrar, e tudo ficou claro.

Rafe sentia-se indisposto e horrorizado. Gostava da ideia de Matthew assentar com Clarissa, de considerarem Greystone o seu lar. Ele poderia viajar ocasionalmente até Inglaterra para ver Eddie, para passar tempo com ela. Agora, tudo estava destruído.

Penelope aninhou-se mais perto de Matthew e murmurou algum comentário coquete ao ouvido dele. Matthew soltou uma risadinha e ela afastou-se, dirigindo-se às portas que davam para a varanda. Tendo em conta experiências passadas, Rafe sabia que Matthew a seguiria mal pudesse escapular-se sem dar muito nas vistas – se bem que, à luz daquela atmosfera, provavelmente seria impossível disfarçar ou esconder o seu comportamento.

De repente, Rafe não conseguia respirar, e olhou para Eddie.

- Sei que este é o seu primeiro baile, mas importava-se que nos fôssemos embora?

- Para onde?

- Para a casa onde estamos hospedados. Só lá estão alguns criados. Teríamos a casa toda para nós, e eu não suporto este maldito baile nem mais um segundo.

Eddie olhou para o lugar de onde Penelope acabara de desaparecer em direção à varanda.

- Ele vai para o jardim com ela? Atrever-se-ia, consigo e comigo a olhar, assim como toda a Londres?

Rafe queria admitir que *sim*, o irmão correria atrás de Penelope como um cão com rédea curta, mas para quê dar-se a esse trabalho? Eddie bem via o que estava a acontecer.

- Podemos ir? – perguntou ele. – Importa-se?

- Não, não me importo.

- Vou ter consigo à entrada dentro de dez minutos.

- Está bem.

Ela afastou-se e Rafe ficou muito quieto, à espera, até Matthew observar atentamente a sala e o ver a fitá-lo diretamente. Rafe abanou a cabeça, repugnado, e, embora Matthew tenha recebido a mensagem de desdém de Rafe, o irmão fitou-o diretamente, com as emoções – se é que tinha algumas – bem escondidas.

Era excelente em manter tudo dentro de si. Rafe geralmente gostava da postura confiante do irmão, de emular o seu caráter ousado. Mas, por uma vez na vida, sentia-se simplesmente desiludido e triste.

Virou-se e saiu.

Penelope assegurou-se de que não seria difícil a Matthew encontrá-la. O seu perfume pairava muito tempo depois de ela ter passado por um homem, por isso só tinha de percorrer o caminho no jardim, seguindo o seu aroma, mas ela estava a ficar danada com o facto de ele não aparecer.

Matthew acabou por dobrar a esquina, e ela estava sentada num banco, com um ar ociosamente descontraído. Tinha um brilho de avidez nos olhos que não conseguia fazer abrandar. Também não conseguia ocultar completamente o seu interesse proprietário. Da primeira vez que se bamboleou junto de Matthew, ele ficou logo preso e incapaz de se libertar. Era tão bonita, tão esplêndida.

Embora nenhuma pessoa com a sua sanidade mental esperasse que ele se casasse com ela – a sua reputação era simplesmente horrível –, Penelope começara a prever que um dia poderia acontecer. O seu pai era um importante oficial do governo e vinha de uma família importante, portanto, na qualidade de seu marido, Matthew teria um grande passo na ascensão de estatuto. Seria uma sorte tê-la.

Penelope estava desvairada com a notícia de que aquele sacana egoísta fora para Greystone, onde se unira a um rato do campo. Não podia acreditar numa coisa dessas, não podia aceitar o que ele fez.

Desde que soube da sua perfídia que fingia não estar furiosa. Especialmente no salão de baile, com o bando de amigas barulhentas a olhar, agia como se não estivesse nada preocupada com o casamento dele com uma campesina que ninguém conhecia.

Penelope era vaidosa, mimada, e via a união dele como algo impetuoso que não mudava nada. Estava ansiosa por ouvi-lo declarar que o casamento era inconsequente e que a noiva não tinha importância nenhuma, e Penelope encontrava refúgio e força no facto de lhe ter exigido que não levasse a esposa, e ele ter obedecido.

Devia querer agradar a Penelope, mostrar-lhe que continuaria com ela. De que outra forma poderia interpretar aquilo?

- Julguei que não viesses ao meu encontro. - Falou com uma voz sensual que enlouquecia os homens, e mantinha o sorriso bem firme no rosto, não querendo que ele reparasse na sua irritação.

- Já gerámos demasiados boatos para uma noite. Não devemos exagerar .

Ela soltou uma risadinha.

- Permite-me discordar, meu querido. Não gerámos o bastante. Temos de recordar a estes londrinos emproados que somos livres enquanto casal.

- É isso que somos? Um casal?

- Mas é claro. Se optarmos por nos portarmos mal no jardim, assim faremos. Quem nos dirá que não?

Bem, havia a mulher dele, mas quem queria saber dela? A Penelope não.

Bateu no lugar vazio ao seu lado, mas ele não se mexeu. Estava com um humor estranho; por um lado, parecia demasiado alegre e animado com as festividades. Por outro, fervilhava de sentimentos cáusticos que ela não compreendia.

Crescia uma tempestade dentro dele, e ela estava decidida a trazê-la à superfície. Uma explosão de emoção conduziria a uma explosão de paixão, e quando ela o levava à luxúria, era sempre mais fácil manipular e controlar.

Penelope levantou-se, dirigiu-se a ele e envolveu-lhe a cintura com os braços. Tinha todo o corpo colado ao dele, os seios fabulosos contra o peito dele, para um efeito máximo.

- O que se passa? - perguntou ela. - Não estás feliz?

- Estou feliz quanto baste.

- A cerimónia foi um pouco entediante.

Ele encolheu os ombros.

- São todas muito idênticas. Quando se recebe uma medalha de mérito, todas as outras se fundem nessa.

- É bem verdade - murmurou ela. - Os discursos foram incrivelmente chatos.

- Não reparei.

Fez-se uma pausa desconfortável, em que ela ansiava por lhe ralhar por ser um frouxo, mas ele não era o tipo de homem que gostasse de ouvir como se devia comportar, portanto, teve de ignorar o desânimo dele.

- Queria agradecer-te - disse ela. Esperava que uma mudança de assunto lhes desse pé.

- Agradecer-me o quê?

- Teres deixado a mulherzinha em casa.
- Chama-se Clarissa.
- Seja quem for, fico feliz por não a teres trazido.

Penelope já estivera com ele em diversas cerimónias e, embora não tivesse estado no palco junto dele, aproximava-se o mais que podia, para que as pessoas reconhecessem que estava com ele.

- Não a deixei em casa. Ela recusou vir.

Graças a Deus!

- Porquê?
- Descobriu o nosso caso. Ficou muito incomodada.

Penelope comprimiu os lábios num amuo fingido, assegurando-se de que escondia o seu prazer. Murmurou com sarcasmo:

- Coitadinha. Deve estar arrasada.
- Sim, está.
- Mas já chega de falarmos dela - disse Penelope com ligeireza. - Este baile é tão aborrecido. Vamos fugir, que tal?

Matthew não respondeu à sugestão, mas murmurou:

- O meu irmão também está desiludido comigo. Detesto isso.
- Porque estaria desiludido? És o homem do momento. És o homem do ano. Aquele idiota não tem motivo para se queixar.

Odiava Rafe Harlow, desde que se conheceram. Ele também a detestava e Penelope não queria desperdiçar um segundo que fosse a falar dele.

- Ele gosta da minha mulher - disse Matthew. - Pensa que me portei mal com ela... por causa de ti.

Ela explodiu. Não conseguia evitá-lo.

- Podemos falar sobre outro assunto que não a tua mulher, por favor? Estou um pouco ofendida com o teu casamento.
- Bem vejo que sim.
- Não acredito que tenhas fugido para te casares sem ouvir a minha opinião.
- Porque haveria de a ouvir?
- Temos um envolvimento, Matthew, e feriste-me com o teu desrespeito.
- Feri-te?

Parecia duvidar, por isso ela acrescentou:

- Estou arrasada desde que me visitaste hoje.
- Não me pareces arrasada.
- Escondo bem.

Ao luar, os olhos azuis dele brilhavam como diamantes. Era tão elegante, tão viril, e ela pôs-se em bicos de pés para tentar beijá-lo, mas aquele parvalhão afastou-se, impedindo-a.

- Sou casado, Penelope. - O seu tom era desdenhoso. - Não me posso esconder mais contigo

no jardim.

- A tua mulher não está aqui, Matthew. Como poderia vir a saber do que fazemos?

- *Eu* saberia. - Fez um aceno de cabeça para o banco. - Há umas coisas que tenho de te dizer. Senta-te, por favor.

Penelope olhou-o, e o sentimento que ela percecionara esfriou e endureceu. Ele fitava-a gelidamente. A sua pulsação começou a latejar de medo.

- Se não te importas, prefiro ficar de pé.

- Muito bem. Não vai demorar muito.

Levou as mãos atrás das costas para tirar as dela da cintura, para que os seus corpos não se tocassem.

- O que se passa? - perguntou ela.

- Não fui suficientemente claro contigo esta tarde.

- Discordo. Foste extremamente claro.

- Não, não fui, por isso deixa-me explicar-me um pouco melhor.

Ela estava desesperada por evitar o inevitável.

- Não é preciso, Matthew, a sério. Bem vejo que estás incomodado, não precisamos de falar disso agora. Tenho a certeza de que pode esperar.

- Não, não pode. Tenho de to dizer agora, depois nunca mais nos falaremos.

Ela inspirou bruscamente, chocada. De todos os comentários que esperou ouvir quando saiu do baile, um rompimento não estava sequer no domínio das possibilidades.

- Como assim? - exigiu ela, alarmada.

- Julguei que devia ser generoso para contigo.

- Generoso? - perguntou, desdenhosa.

- Sim. Julguei que podia permitir que ficasses na casa durante seis meses e considere que deveria continuar a dar-te uma mesada até que encontrasses uma outra opção. Mas acho que não quero ser generoso.

- O que queres ser então? Horrível? Pois é exatamente isso que me estás a parecer.

- Magoei muito a minha mulher e não suporto isso, de modo que estou a cortar com a nossa ligação. Fecharei a casa no final do mês. A tua mesada também terminará nessa altura.

- Mas... mas... isso é dentro de duas semanas.

- Pois é.

- Para onde vou?

- Imagino que terás de voltar para junto do teu pai.

- Do meu pai!

O pai era um idiota pio e pomposo que estava sempre a apoucar Penelope e que nunca compreendeu a sua necessidade de se divertir e ser coquete. Ela não era a filha aborrecida e tépida que ele insistia para que fosse e recusava-se sequer a tentar ser.

- Nunca viverei com o meu pai. Preferia saltar de um precipício.

- Então, não sei o que farás.

- Disseste-me que poderia voltar contigo à Europa, e que aí continuaríamos.
- Eu nunca disse isso.
- Disseste! Disseste que eu podia ir contigo!
- Não, quando discutimos o assunto hoje à tarde, não te dei resposta, mas dou agora. Acabámos. Para sempre.

Uma outra mulher poderia começar a chorar, a suplicar, a implorar-lhe que reconsiderasse, mas ela não estava angustiada. Estava completamente enraivecida.

- Não podes estar a falar a sério, Matthew.
- Mas estou - disse ele estoicamente -, por isso não tornes as coisas mais difíceis do que são. Não me importunes. Não me sigas. Não me contactes. Se tentares fazê-lo, murmurarei às tuas amigas que te pus de parte, mas estás tão cheia de ciúme que não me consegues esquecer. Tenho a certeza de que não gostarias nada que essa história se espalhasse.
- Como se eu me entristecesse e desesperasse por tua causa.
- Eu não o mereço.
- Nisso tens razão - bufou ela. - Sinto-me impelida a perguntar: não te preocupam as histórias que *eu* possa espalhar sobre ti?
- Não. Não me importa o que possas dizer. Adeus.

Sem mais despedidas, virou-se e começou a dirigir-se para o salão, e ela estava quase espantada demais para o chamar:

- Matthew!

Olhou por cima do ombro.

- Não faças uma cena. Não estou para aí virado.
- Não faço uma cena? Estás a brincar? Deitaste-me fora como se não tivéssemos uma história, como se não gostássemos um do outro.
- E não gostamos.
- Mas eu *amo-te* - mentiu ela. Só se amava a si mesma, mas era o único comentário verdadeiramente forte que conseguia conceber que poderia afetá-lo.

Matthew revirou os olhos.

- Não sejas melodramática.
- Não estou a ser. Se me abandonares, morro!

Ele riu rudemente.

- Não morras por mim.

Recomeçou a andar e, em pânico, ela disse:

- O que direi a todos?
- Diz que sou um marido chato e que decidi comportar-me como tal.
- Serás motivo de chacota.
- Porquê? Por ser um marido fiel?
- Sim.
- Tens uma visão estranha do mundo, *menina Bernard*.

O facto de se referir a ela como *menina Bernard* fê-la perder as estribeiras. Qual bruxa demente, correu atrás dele e agarrou-lhe o braço.

- Porque fazes isto? Qual é a verdadeira razão?

- A *verdadeira* razão?

- Sim, estás a ser absurdo. Não podes querer separar-te de mim.

- Posso sim, Penelope, porque, está a ver, depois de ter saído de junto de ti esta manhã, passei horas a cavalo a pensar. Sabes o que percebi?

- O quê?

- Que *amo* outra pessoa e, ao contrário de ti, não estou a mentir.

- Quem? Quem amas?

- A minha mulher.

- Não podes estar a falar a sério - lamuriou-se ela.

- Posso, sim. Estou a falar mais a sério do que nunca. - Soltou-se da mão dela. - Pede desculpa ao seu pai por mim. Tenho muita pena que a minha conduta para contigo o tenha envergonhado. Informa-o de que não terá de se preocupar com a perspectiva de se envergonhar comigo no futuro.

Foi-se embora e ela disse bruscamente:

- Filho da puta.

- Não sou um filho da puta, *menina Bernard*. Tenho a mais elevada confirmação de que os meus pais eram casados.

Penelope julgou que aquele epíteto o magoaria, mas ele ignorou-o e, quando ela lhe gritou novamente, não parou. Chegou à varanda, subiu os degraus e entrou no salão de baile, onde foi engolido pela multidão.

Ela deixou-se ficar no jardim escuro a olhar para as janelas, na esperança de o ver uma última vez e perguntando-se como haveria de convencer o pai a deixá-la voltar a casa.

20

Edwina esgueirou-se pelo corredor, mas provavelmente não precisava de ser furtiva. Matthew continuava na festa, Clarissa tinha ido embora e os criados estavam a dormir. Não havia ninguém para a censurar nem para lhe dizer que se comportasse, e já deixara de ouvir a sua consciência.

Estava decidida a seguir o caminho da sedução, usando apenas um robe sem mais nada. O seu cabelo castanho estava solto e escovado, com as madeixas compridas encaracoladas até ao rabo. Esperava que Rafe não lhe conseguisse resistir.

Chegou à porta e, sem bater, abriu-a e deslizou para o interior. A caminho de casa, vindos do baile, Rafe estivera com um estado de espírito estranho, e se percebesse que ele não queria a sua visita, regressaria simplesmente ao seu quarto.

Fosse o que fosse que acontecesse, não agiria como uma palerma insultada.

Ele estava no quarto, estendido na cama. Estava quase nu, apenas de calções desabotoados, como se esperasse que ela chegasse e o despirasse.

Olhou e acenou para que ela se aproximasse. Estava tão excitada que se esqueceu de rodar a chave na fechadura. Mas que importância tinha isso? Quem ali havia para entrar?

- Achei que não viria ter comigo.
- Não sabia ao certo se queria que eu viesse.
- Porque achou que sugeri que saíssemos do baile?
- Bem, calculei que fosse esta a razão, mas não tinha a certeza.

O seu passo era hesitante, mas ele tornou a acenar, indicando-lhe que se devia apressar, e ela foi a correr e subiu para a cama. Rafe rolou os dois, deixando-a debaixo de si e começou a beijá-la. Ela estava em êxtase, sentindo-se salva de um afogamento.

Depois do último encontro, em que o aborrecera com a questão do casamento, não esperava que voltassem a estar juntos daquela forma. Sentia-se nas nuvens e cheia de sorte, perguntando-se o que o teria levado a mudar de opinião, mas não lho perguntaria.

Desapertou-lhe o robe e puxou-lhe as mangas dos ombros, deixando-a nua num abrir e fechar de olhos. Estava a ser bastante rude, muito viril, tocava-lhe, mordiscava-a e lambia-a em diversos pontos marotos.

Mergulhou nos seios dela e sugou-lhe os mamilos, beliscando-lhe os botõezinhos excitados até ela se contorcer de agonia. Os seus dedos desceram-lhe pela barriga, até aos pelos femininos, depois deslizaram pelo seu sexo. Fê-los entrar e sair, com o polegar a acariciar o ponto sensível onde se geravam todas as sensações.

De súbito, Eddie foi varrida pelo prazer, e riu-se e gritou. Gozou esse momento, a pensar, preocupada, que poderia nunca terminar e, durante algum tempo, pareceu que não terminaria mesmo.

Mas foi descendo gradualmente à terra e viu-o a olhá-la. Tinha uma expressão determinada, mas tensa, o que ela achou que podia ser preocupação.

- Vamos fazer amor, Eddie - disse ele.
- Estava com esperança que sim.
- Não lhe perguntarei se tem a certeza.
- Não precisa. Tenho a *certeza* desde o começo.
- É melhor que não se queixe depois.

- Não me queixarei.
- Não a quero ouvir dizer que gostava que não tivesse acontecido.
- Nunca pensaria tal coisa.

Estava convencida que fornicar os levaria à conclusão que desejava. Estava absolutamente convicta disso, mas, e se não fosse assim? Deixá-lo-ia repetir vezes sem conta e não duvidava de que, no fim, lhe traria o que procurava.

- Vai doer da primeira vez - avisou-a.
- Quanto?
- Não muito, creio. Nunca estive com uma virgem.
- Mas estive com outras mulheres? - Detestava o tom de ciúme na sua voz.
- Sim, e devia estar contente por isso. Não vacilarei como um rapaz verde.
- Graças a Deus.

Ela sorriu, mas ele não. Parecia zangado, e ela gostaria de lhe ter perguntado se estava zangado com *ela*, mas não se atreveu. Tinha medo de fazer o comentário errado e que ele a obrigasse a sair, mas ela não se iria embora até conseguir o que queria.

- Nada de arrependimentos, está bem? - disse ele.
- Consigo não há arrependimentos. Nunca.
- Não se esqueça de que concordou, porque eu certamente não me esquecerei.

Agarrou-lhe as coxas e abriu-lhas, afastando-as cada vez mais. A zona púbica estava completamente exposta e, menina que era, queria apertar as pernas uma na outra, mas não havia como escapar ao que estava prestes a acontecer. Pedira aquilo e em breve receberia exatamente o que pedira.

Rafe meteu a mão dentro dos calções e sacou da pila. Esfregou a ponta no sexo dela e, embora ela quisesse desesperadamente relaxar, era tudo tão estranho e ele agia com tanta frieza e distância.

Arqueou as costas, quase instintivamente, tentou escapar, embora na verdade não desejasse fazê-lo. Ele apertava-a com força, não a deixando libertar-se, mesmo que tentasse.

- Acalme-se - disse ele.
- Estou calma. É só estranho.
- Deixe-me entrar em si. Quando o pior passar, pode gozar comigo.
- Já estou a gozar - disse ela, e falava a sério.

Ficou aliviada por estarem a avançar, mas quando os imaginava nos braços do amor, via tudo muito mais romântico. Com ele tão sério e abrupto, tratava-se mais de uma experiência científica enfadonha, em que tinham de dar cada passo na ordem certa.

Rafe começou a movimentar as ancas, pressionando o falo contra ela, depois retirando-o, para novamente pressionar. Ela estava sempre a remexer-se, tentando afastar-se, tentando *não* se afastar, muito enervada com o que estava a acontecer.

- Só mais um bocadinho - murmurou ele.
- Estou aqui. Eu...

Rafe empurrou com força e entrou completamente nela, até ao ventre. E depois - finalmente! - sorriu para ela, e ali estava o seu Rafe, o Rafe que ela amava, o rapaz dos seus sonhos, que havia de se tornar seu marido.

Queria chorar, mas não estava triste. As suas emoções estavam confusas e caóticas, o seu corpo tentava adaptar-se à situação.

- Sobreviveu? - perguntou ele.

- Julgo que sim.

- Posso terminar? Aguenta?

- Se aguento? Mas é claro que sim. Tudo o que quiser está bem, Rafe.

Ele observou-a, como se pudesse estar a mentir, e ela retribuiu o olhar, fingindo-se serena e imperturbável. Era extremamente difícil, fingir compostura assim. Ansiava por bombardeá-lo com perguntas, por sugerir uma pausa até estar menos inquieta.

Não lhe diria, contudo, nada disso. Ansiava por que ele continuasse para ficar feliz, para que compreendesse que ela era perfeita para ele.

Já o tenho. Independentemente do que imagine, ou do que o que o capitão Harlow possa dizer, é meu.

- Aguenta - disse ele. - Vai acabar num minuto.

- Não deveria durar mais do que um minuto?

Ele bufou.

- Da próxima vez, apontamos para mais tempo. Neste momento, estou prestes a explodir.

- Porquê?

- Porque me deixa louco, Eddie.

Ela sorriu.

- Deixo?

- Deixa, por isso cale-se e deixe um homem fornicar em paz.

Embora ele lhe tivesse dito que duraria um minuto, acabou muito mais depressa do que isso. Empurrou três ou quatro vezes e depois saiu, com a pila molhada na barriga dela, a semente quente espalhada na sua pele.

Acabou por gemer e cair em cima dela, o que foi muito estranho, íntimo e emocionante. Ficaram assim algum tempo, depois ele afastou-se, tendo sido esse o momento mais assustador. E se ele não tivesse gostado? E se ela tivesse feito as coisas mal? Mas não podia ter feito, pois não? A sua única participação consistira em deitar-se de pernas abertas. Não havia muitas oportunidades para se ter enganado.

Rafe foi ao quarto de vestir e regressou com uma toalha. Inclinou-se sobre ela e limpou todos os vestígios do seu mau comportamento, depois colocou uma segunda toalha debaixo do rabo dela.

- Pode haver um pouco de sangue por ter sido desflorada - explicou ele. - Não quero que suje os lençóis.

- Porque não?

- Porque as criadas perceberiam o que andámos a fazer.

- Ah... - disse ela. - Não tinha pensado nisso.

Nesse preciso instante, decidiu que haveria sangue onde não deveria haver. Adorava deixar as criadas a trocar mexericos.

Ele estendeu-se ao lado dela e ficaram de narizes colados, a rir como crianças marotas.

- O que achou? - perguntou ele.

- Foi muito físico.
- A primeira vez é estranha.
- Concorde.
- Vai perceber, e depois fica mais divertido. Podemos fazer isto sempre que quisermos, mas não seremos estúpidos e não nos deixaremos apanhar.
- Não, isso não – disse ela. Esperava que *fossem* apanhados... e depressa.
- Não me consegui refrear. Desejei-a durante tanto tempo que não consegui abrandar.
- Desejou-me? De verdade?
- Sim, Eddie. Quer dizer, olhe só para si. – Fez um gesto para o tronco nu da rapariga. – Tem os melhores seios que eu já vi.
- Obrigada.

Eddie reconheceu naquilo um elogio, mas, pela forma como ele colocou a coisa, não parecia especialmente elogioso. Podia estar a olhar para uma prostituta, comparando-a às rameiras que usava para fins carnais.

- E agora? – perguntou ela.
- Agora dormimos, depois experimentamos de novo.
- Posso ficar aqui consigo esta noite?
- Pode, mas tem de ir para o seu quarto antes de os criados se levantarem.
- Sente-se melhor?
- Melhor do que o quê?
- Estava terrivelmente resmungão quando saímos do baile.
- Estava furioso com o meu irmão.
- Por causa da amante ou pela forma como tratou a Clarissa?
- Entre outras coisas, mas uma boa cambalhota melhora sempre a minha disposição.
- Também melhorou a minha.
- Não me dei conta de que a sua disposição tivesse de melhorar.
- Eu também não, mas nunca me senti tão feliz.
- É isso que eu gosto em si, Eddie. É uma rapariga tão alegre. Nunca mude.
- Não mudarei.

Ele virou-a e aninhou-se nas suas costas, com um braço preguiçoso caído sobre a cintura dela. Agora que o ardor esmorecia e a temperatura refrescara, Rafe tapou-os com a manta, aninhando-os num casulo quentinho.

Até agora, tinha sido a melhor parte, aquele intervalo depois da paixão. Estavam em silêncio, satisfeitos, e ela concentrou-se em todos os pormenores, imprimindo-os na memória para que nunca os esquecesse.

A dada altura, ela deve ter adormecido, porque passado algum tempo, alguém deu um valente pontapé na cama e disse cruamente entre dentes:

- Mas que porra!

Eddie fez uma careta, incapaz de regressar à consciência, depois a cama foi novamente sacudida e a mesma voz disse bruscamente:

- Acordem. Acordem os dois, imediatamente!

Eddie soergueu-se num ombro e descobriu o capitão Harlow junto deles. Ainda estava de uniforme, com as calças perfeitamente engomadas, as botas engraxadas, as medalhas a brilhar no escuro. Estava pronto para matar.

- Capitão Harlow? - disse ela debilmente. - O que faz aqui?

- A pergunta mais pertinente, menina Edwards, é o que faz *você* aqui.

- Eu posso explicar.

- Não precisa. Tenho dois olhos na cara.

Rafe não se mexera, e o capitão Harlow sacudiu-o pelo ombro. Ele acordou sobressaltado.

Ao ver o irmão furioso, murmurou:

- Ah, merda!

- Sem dúvida que colocaste o prego no teu caixão de solteiro - disse o capitão Harlow, furioso.

Rafe sentou-se a bocejar, e disse:

- Não é nada de especial, Matthew. Estamos só aqui num aconchego.

- É isso que lhe chamas, Rafe? É assim que a menina Edwards pretende descrever as coisas? Um aconchego? Por alguma razão, não me parece que ela veja assim as coisas.

Rafe franziu o sobrolho.

- A Eddie e eu temos um acordo.

- Ai têm?! - exclamou o capitão Harlow, desdenhoso. - Ela é donzela, Rafe. O que tens na cabeça?

Eddie interrompeu:

- Queria que acontecesse, capitão. Implorei-lhe.

- Implorar!

- Ele estava sempre a recusar... foi um cavalheiro nesta matéria... mas eu cansei-o. Por favor, não fique aborrecido e, por favor, não o culpe.

- Não consigo lidar com isto, com tudo o resto a acontecer. - Suspirou, exasperado, com uma expressão condenadora e repugnada. - Vou para Greystone.

- Mas estamos a meio da noite - disse Rafe.

- Estamos perto do raiar da aurora e eu tenho de falar com a Clarissa.

- Boa sorte com isso - adiantou Rafe.

- Guarda as suas observações espertinhas para ti - disse o capitão. - Vou partir imediatamente. Vim só avisar-te.

- Obrigado por nos dizeres. - Rafe estava a ser demasiado sarcástico.

- Vocês os dois vistam-se, tomem o pequeno-almoço, e façam-se a caminho para Greystone o mais depressa que puderem - disse-lhes Matthew.

- Sim, senhor capitão.

Rafe fez uma saudação militar trocista e o irmão bateu-lhe de novo, desta vez com mais força, de lado na cabeça.

- Juro por Deus, Rafe - o capitão deitava fumo -, quando trouxeres essa triste cara para Greystone, dou cabo de ti. És um idiota!

- Ei - retorquiu Rafe -, não fui eu que trouxe a minha mulher para Londres, com a minha amante a passear por aí. Afinal, quem é o idiota, hein?

O capitão parecia prestes a bater de novo em Rafe, mas, em vez disso, inspirou fundo, deliberadamente a acalmar-se.

- Isso não merece resposta.

Virou-se e saiu com passos ruidosos, que ecoaram pelo corredor até se calarem por completo.

- Merda - disse Rafe ao cair na almofada. - Oh, desculpe, Eddie.

- Concorde. Merda. - Era a única vez que dizia aquela palavra horrível em voz alta, mas a situação parecia de facto exigí-lo. - O que devemos fazer?

- Não vou decidir a meio da noite. Dormiremos um pouco e acordaremos a hora decente. E *depois* preocupamo-nos de manhã.

- O capitão ordenou-nos que fôssemos logo para Greystone.

- O capitão pode ir dar uma volta ao bilhar grande. Cale-se e volte a dormir.

- Onde está o capitão Harlow?

- Em Londres.

Clarissa espreitou para Angela. Estavam na sala da frente de Greystone, sentadas nos sofás à frente uma da outra, com Roland de pé a um canto.

Clarissa chegara muito tarde, quando os primos estavam deitados, e foi para o seu antigo quarto sem fazer anunciar a sua presença. Escusado será dizer que causou grande agitação entre as criadas quando apareceu para tomar o pequeno-almoço.

Como era mulher do capitão Harlow, e não fizeram alarido da sua chegada, deduziram tê-la deixado ficar mal. Mas Clarissa não suportava *alarido*. Queria apenas que as suas circunstâncias pudessem voltar a ser as que eram antes do casamento.

Quando não passava da parente pobre em Greystone, compreendia o seu lugar no mundo, compreendia o seu papel.

Agora não entendia nada.

- Por que razão o capitão não viajou contigo? - perguntou Angela.

Pelo seu sorriso, Clarissa calculou que Angela soubesse porquê, mas estava ansiosa pela resposta de Clarissa, para se poder vangloriar com a queda da prima.

- Estava muito ocupado com eventos na cidade. - Clarissa manteve um rosto cuidadosamente inexpressivo.

- Demasiado ocupado para acompanhar a esposa? É tão vaidoso. Nem parece dele, deixar-te viajar sozinha.

- Não é meu dono. Quis partir, e parti.

- Sem autorização do teu marido? Ora, ora, Clarissa, que ousada estás.

- Não estou?

Clarissa julgara-se ansiosa por voltar a casa, a Greystone. Quando a catástrofe aconteceu em Londres, Greystone parecera-lhe o único porto seguro, mas tinha-se esquecido de como era na realidade. Nunca fora um refúgio, e ela não tinha amigos ali.

Roland e Angela trocaram um olhar furtivo, que indicava esquemas traiçoeiros e confidências secretas, e Clarissa perdeu a paciência com os dois.

- Que troca de olhares são esses? - perguntou bruscamente. - O que se passa?

- Não são trocas de olhares - insistiu Roland. - Estamos simplesmente preocupados contigo. Se as criadas que te acompanharam à cidade dizem a verdade, tiveste uma discussão com o capitão Harlow, e aparentemente bem veemente. Os pombinhos já se separaram?

- E se nos tivermos separado? - respondeu abertamente Clarissa.

- Ele vai regressar a Greystone? Devemos esperar a sua presença?

Os primos eram tão convencidos, tão superiores, que era enfurecedor, e Clarissa queria dizer-lhes umas verdades. Mas para quê desperdiçar essa energia?

- Tenho andado curiosa com uma coisa - disse a Roland.

- De que se trata?

- Incentivaste-me a aceitar o pedido do capitão, mas conhecias bem a sua vida privada?

- O suficiente.

Angela riu-se, e Clarissa calou-a com um olhar fulminante, depois virou-se para Roland.

- Sabias da sua vida em Londres?

- Da sua vida? - perguntou Roland. - Referes-te à amante? Sim. Tinha ouvido falar dela. Toda a gente sabia. Porquê? O teu marido não te informou da sua predileção pelo deboche?

Portanto... Roland atirara deliberadamente Clarissa para a toca do leão. Estava demasiado cansada para se deixar incomodar com as notícias. Também não ficou espantada.

- Vocês sempre me detestaram - disse Clarissa. - O que vos fiz eu?

Angela deu a resposta.

- Quer dizer... para além de comeres a nossa comida, respirares o nosso ar e basicamente seres uma parasita durante os últimos quinze anos?

- Sim, para além disso - respondeu Clarissa. - O vosso pai convidou-me, e eu era uma menina órfã. Teriam morrido se fossem amáveis comigo?

- Para quê dar-me a esse trabalho? - desdenhou Angela.

Roland interveio.

- Ora, ora, Clarissa, não vamos discutir. Não te odiamos. Neste momento, és a nossa pessoa preferida.

- Porquê?

- Porque, sendo a mulher do capitão, trataste dos assuntos de uma maneira que nos satisfez.

Ela não fazia ideia do que ele estava a falar.

- Ainda bem que pude ser útil.

- Quando chega o teu marido? Tenho a certeza de que virá atrás de ti. É muito arrogante para não o fazer.

- Na verdade, não o espero.

Angela riu rudemente.

- Anda a dormir com a Penelope Bernard, não é?

O comentário enraiveceu Clarissa como nunca nada a enraivecera antes, e precisou de todas as gotas da sua fortaleza moral para não avançar e ir dar um estaladão a Angela.

Em vez disso, virou-se para Roland.

- Porque ainda continuas em Greystone, Roland? Ia jurar que já devias ter partido.

- Estou quase pronto - disse ele vagamente.

Angela acrescentou:

- Não vejo que os planos dele sejam da tua conta.

Não havia sinais de que ele se preparasse para partir, mas a verdade era que vivia na casa do couteiro. Talvez o átrio da cabana estivesse empilhado com malas de viagem até ao teto, mas ela duvidava.

- Não quero saber se parte - disse Clarissa. - Não quero saber se fica. Tenho a certeza de que o capitão Harlow vem a caminho de Greystone. Podes discutir isso com ele.

- É o que planeio fazer.

O comentário de Roland parecia uma ameaça, mas era o homem menos ameaçador que Clarissa alguma vez conheceu. Vaidoso, sim. Irritante, convencido, idiota, sim. Mas perigoso? Não.

Sentia-se exausta e doente, e não queria passar nem mais um segundo naquela vil companhia. Levantou-se e fez menção de sair.

- Onde vais? - perguntou Angela.

- Para o meu quarto. Mas vou abrir a Casa do Dote, portanto, depois de descansar, levarei algumas criadas para limpá-la. Vou mudar-me para lá.

- *Eu* é que me ia mudar para lá - queixou-se Angela.

- Podes ficar aqui na mansão.

- Que magnânimo da tua parte em autorizar-me tal coisa.

- Não te estou a autorizar - disse Clarissa. - Digo-te que não me *importo*. Tu e o teu irmão podem discutir com o capitão Harlow, e creio que ele terá muitas coisas a dizer-vos a ambos.

- Não creio que haverá muito para nos dizer - murmurou Roland.

Ele e Angela trocaram mais um olhar furtivo e conspirador, como se tivessem segredos que Clarissa nunca pudesse partilhar com eles. Quando era pequena, esses olhares e gestos tinham-na magoado. Mas já não, estava demasiado exasperada para se preocupar com os esquemas deles.

Na viagem para Greystone, pensara no futuro e acabara por decidir que queria simplesmente estar sozinha e reconstruir uma vida que não incluísse Angela, Roland, nem o capitão Harlow.

Viveria na Casa do Dote com Edwina - se Eddie assim o quisesse. Clarissa continuaria como sempre, como se fosse solteira, como se não pertencesse a lado nenhum nem estivesse ligada a ninguém. Ficaria contente assim e, como teria algum tempo para se recompor, estava confiante de que recuperaria o sentido de equilíbrio que desaparecera com a chegada do capitão.

Apaixonara-se estupidamente por ele. Deixara-se levar, deixara-se encantar e fascinar. Mas ela sabia, não sabia? Não dissera a si mesma que devia manter a distância, permanecer

desapegada?

Ele entrara disparado no seu mundo como um cometa, iluminando-o, acendendo-o e fazendo-o fervilhar, mas as chamas depressa se extinguíram. Encontrava-se nas cinzas do que podia ter sido, e era um lugar de partir o coração.

Quando chegou ao corredor, Roland disse:

- Onde estarás? Ficaria grato se me informasses sempre do teu paradeiro.

- E porque o faria? - murmurou para consigo, e olhou para trás. - Já te disse, Roland. Estarei no meu quarto, ou na Casa do Dote. Se precisares de mim, e não imagino porque precisarias, manda alguém buscar-me.

- Precisarei de ti muito em breve. Assegura-te de que te encontro.

- Sim, sim, estarei em pulgas.

Virou-se e saiu apressadamente.

21

Matthew cavalgou pela estrada, aproximando-se da curva que o levaria a Greystone. Embora estivesse preocupado com a resolução das coisas com Clarissa, apreciava a paisagem e refletia na sorte que tinha por ter recebido a propriedade.

Possuía a propriedade que Rafe lhe dera como recompensa quando Matthew...

Bem, não gostava de pensar nisso. Mas a terra era em Yorkshire, e era pedregosa e árida, cheia de ovelhas. Dava-lhe um rendimento estável, mas, embora tivesse uma certa beleza despojada, não se comparava a Greystone, que era frondosa, verdejante e bela.

À distância, ouvia-se o estrondo da tempestade e ele olhou para o céu, calculando que estaria prestes a chover. Esperava chegar a casa antes de ficar encharcado.

A visão de Rafe e da menina Edwards, nua na cama de Rafe, penetrou nas suas agradáveis rumações, mas ele afastou essa memória.

Teriam feito um bebé? Como suíno detestável que era, estava a pensar se deveria trancar a menina Edwards longe de todos até se saber se estaria. Se não estivesse, podiam alegar que nenhum mal tinha sido feito. Rafe poderia voltar ao regimento como se nunca tivesse estado com a rapariga.

Por mais que Matthew se tentasse convencer de que deveria seguir esse caminho, ele sabia que não. Estaria Rafe prestes a casar com a menina Edwards? Os seus dias de solteiro tinham chegado ao fim? Depois de todos os anos em que Matthew se esforçou para manter Rafe nos eixos, era uma situação difícil e, naquele momento, estava desconcertado demais para a resolver.

Ele tinha problemas maiores, muito maiores, e queria concentrar-se apenas em Clarissa e em como conquistar o seu perdão.

Os portões de Greystone agitaram-se e, quando entrou a cavalo neles, divagou, como lhe acontecia por vezes. Havia uma voz na sua mente, um homem que o chamava. O seu anjo da guarda? Um diabo? Um espírito maligno? Não, nunca sentiu nenhuma ameaça. Um anjo, decidiu.

Estou a ir ter contigo. Estou quase lá...

- Maldito fantasma - murmurou Matthew.

Vai correr tudo bem. Estou com a Sissy. Estou perto.

À menção de Sissy, que tinha de ser Lady Run, Matthew ficou surpreendido. Era o irmão que ela queria que ele conhecesse? Era Michael Blair? Ao perceber que poderia ser Michael, Matthew experimentou uma onda tão inesperada de alegria inexplicável que ficou totalmente perplexo.

Para grande irritação sua, o outro sujeito olhava o mundo através dos seus olhos, estudando o caminho, vendo o que Matthew via.

Estás em Greystone? É onde estás?

Matthew franziu a testa. O homem nunca tinha feito perguntas tão claras e profundas.

Sim, estou em Greystone, pensou Matthew, *como que a testar, agora tire-me esse rabo metediço da minha cabeça!*

O outro riu-se, uma gargalhada que era a cópia perfeita da de Matthew, o que o deixou ainda mais perplexo. Ainda bem que o seu cavalo conseguiu encontrar sozinho o caminho para a mansão. No presente estado de Matthew, não teria conseguido dar indicações à montada.

Estava a passar pelos portões de Greystone, vagamente ciente da sua localização, vagamente ciente do que o circundava quando, nas árvores atrás dele, ouviu um barulho que lhe

provocou pele de galinha. Conhecia aquele som. Era militar há muitos anos. Estava em perigo, em grave perigo, e os sinos de aviso soavam. Estava a ser armada uma espingarda, um gatilho era puxado. Aconteceu tão rápido, e ele estava tão aturdido e instável devido ao transe que era como se se arrastasse pela água. Tentou girar na sela, para sacar da pistola que trazia sempre consigo, mas estava muito lento, o seu estupor impedia-o de reagir com a velocidade e precisão típicas.

O tiro soou e atingiu-o nas costas, e ele não conseguiu evitá-lo. Sentiu-se como que atingido por um raio. Os seus braços voaram para cima, a pistola caiu ao chão. O cavalo recuou, os cascos raspando no cascalho e, quando este recuperou o equilíbrio, Matthew perdeu o seu.

Caiu da sela, e foi uma queda muito longa, a descida rápida, mas muito lenta também. Os membros não respondiam às suas ordens, portanto não podia ordenar que o seu corpo amortizasse a queda.

Aterrou com um baque muito sólido, o torso batendo na terra e, embora a dor fosse intensa, mal reparava nela. A sua visão diminuía, a copa das árvores acima da sua cabeça desaparecia rapidamente.

Aproximaram-se passos curtos, e ele tinha noção de que devia saltar e lutar, mas estava paralisado e não se conseguia mexer. Uma figura inclinou-se sobre ele, bloqueando a luz, e Matthew ficou espantado ao ver que era Roland Merrick. Nunca considerou Merrick uma grande ameaça, mas obviamente avaliou mal.

Ainda de espingarda na mão, Merrick olhou para Matthew.

- Sacana reles - cuspiu Merrick. - Agora, já não é um grande herói, pois não?

Arrancou a medalha de mérito de Matthew do casaco, abrindo um buraco no tecido, e deu um pontapé a Matthew para o lado, com força suficiente para lhe partir uma costela. Matthew estava consciente e compreendia que deveria estar furioso, mas a sua raiva afastou-se, e os sons da floresta também desapareceram.

A última coisa que ele viu foi Roland Merrick, malicioso, a sorrir, prendendo a medalha de Matthew no próprio peito. Depois não viu mais nada.

- Saíste-te bem, irmãzinha.

- Pois saí.

Michael sorriu para Evangeline. Ou Annie. Ou Sissy. Nunca soube bem como lhe chamar. Não lhe chamaria Lady Run, como seria suposto. Estavam em Fox Run, a propriedade do marido, e ela tinha acabado de fazer um passeio pela mansão. Foi muito grande, mas Michael não estava exatamente assoberbado. Começava a habituar-se a cenários ostensivos. O seu casamento com Maggie trouxera-lhe a bela propriedade de Cliffside, e ele começava a mergulhar em opulência, quase como se tivesse nascido rico. E tinha mesmo, claro.

Tivera uma infância de facilidades e afluência, com tutores e amas, frequentado a melhores escolas e tinha amigos ativos de famílias aristocratas. Mas os seus parentes desprezíveis haviam traído os pais de Michael, roubado o que deveria ter pertencido a ele e aos seus irmãos, e acabariam por pagar - e pagariam caro - pelos seus crimes. A irmã convocara-o a Fox Run para conhecer o misterioso capitão Harlow, que morava numa propriedade vizinha. Michael não podia acreditar que seria tão simples localizar o irmão, mas quem poderia prever como se passariam as coisas? Se ele ficasse cara a cara com Matthew, o que poderia acontecer? Será que se conheceriam? Seriam desajeitados e cautelosos? Julgava que não. Pensava que eles iriam retomar de imediato como se nunca se tivessem separado um único dia.

Essa ideia era eletrizante, como se o ar à volta dele estivesse carregado de energia. Seria por a irmã estar tão perto? Definitivamente, agitava o ar em qualquer lugar onde entrasse. Ou seria por Matthew estar perto e ele e Michael estarem prestes a cruzar os seus caminhos?

Michael desconfiava de que, quando ele e o irmão estivessem novamente juntos, todo o universo poderia explodir.

- Não me consigo habituar ao esplendor deste lugar - disse Evangeline. - Nunca esperei ter tanto na vida. Devias ver onde cresci.

- Devias tu ver onde *eu* cresci - disse Michael.

Ela crescera num colégio interno feminino e snobe. *Ele* crescera órfão nas ruas de Londres.

Ela revirou os olhos.

- Sim, meu querido irmão. Estou ciente de que as tuas circunstâncias foram muito mais horríveis do que as minhas.

- Sem dúvida que foram.

- Estava justamente a dizer que fiz um longo caminho num curto espaço de tempo.

- Pois fizeste.

- O meu marido salvou-me.

- É mais esperto do que eu julguei.

- Sim, é muito esperto. Conheceu-me e agarrou-se a mim como uma lapa a uma perna.

- Não foi isso que ouvi dizer. Disseram-me que quase foi tolo o bastante para te deixar escapar por entre os dedos.

- Bom, ele tinha de pensar no futuro que queria ter.

- Ainda bem que ficou contigo.

- Bom para ele *e* para mim.

Tinham planeado beber um copo de vinho na varanda, mas a tempestade rugia e uns borrifos molhavam-lhes os ombros, por isso estavam na sala de música. Era uma cantora excelente, tendo herdado os talentos da mãe que perderam e ele pretendia tê-la a cantar para si durante o máximo de horas que conseguisse.

Estava sentado no sofá e ela estava sentada no banco do cravo, mas não conseguia começar a tocar. Havia uma força ponderosa na atmosfera - ambos a sentiam - e, uma vez mais, ele não podia deixar de se perguntar qual seria a causa.

Talvez fosse a tempestade que se aproximava. Ou talvez, mas só talvez, o fantasma da mãe ali estivesse. Evangeline insistia que a mãe velava por eles, que até o capitão Harlow a vira. Quem era Michael para dizer que não se tratava da mãe deles?

- Mande um bilhete a Greystone - disse ela. - Convidei o capitão Harlow e a mulher para jantar.

- Ele respondeu?

- Não, e não tenho a certeza se já regressou de Londres. Mas devias ir até lá. Não nos atrasemos um segundo que seja.

- Isso não viola todas as leis complicadas que os ricos têm sobre visitas sociais? Não temos de o convidar, esperar eternamente se ele nos dará a graça da sua tão elevada presença?

- Geralmente, é assim que se faz. Mas ele não é rico. É oficial, e eu não lhe darei oportunidade de se esquivar de nós. Falei-lhe da história da nossa família e ele comportou-se tão estranhamente, como se não suportasse falar do assunto.

- Se bem me lembro, quando falaste pela primeira vez comigo, também eu não queria discuti-lo. A verdade é algo esmagadora.

- É precisamente por isso que devemos ir lá surpreendê-lo. *Eu* sou Lady Run. Se aparecer na sala de sua casa, ele terá de me vir oferecer uma chávena de chá. Poderás vê-lo bem.

- E se eu concordar que é o nosso irmão?

- Então, terás a minha autorização para te bateres com ele e o deitares ao chão até ele admitir quem é.

Ele soltou uma risadinha.

- Isso irá certamente ajudar o nosso relacionamento com ele.

- Não me importam os seus melindres. Tenho a certeza de que esconde a sua identidade. É uma grande coincidência que tenha estado num incêndio em pequeno. Quando eu lhe falava das nossas dificuldades passadas, fiquei com a clara impressão de não lhe estar a dizer nada que ele não soubesse já.

- Por favor, não eleves muito as esperanças.

- Não estão *muito* altas - disse ele a sorrir. - Apenas o suficiente.

Ela começou a tocar uma velha canção de embalar, uma que a mãe cantava para eles quando os deitava à noite na cama, e Michael deixou-se envolver pela melodia. Não tinha recordações da mãe, nem se lembrava de nenhuma canção em particular que ela lhes cantasse, mas aquela produzia nele a mais doce sensação de paz e alegria.

Descontraiu-se nas almofadas do sofá, e deixou-se divagar, sendo levado por um dos seus estados de estupor em que via o mundo pelos olhos de Matthew.

Enquanto cresciam, ele partiu do princípio de que tinha acessos de loucura, mas, depois de conhecer a irmã, descobriu que não era louco. Na verdade, experimentava uma ligação mental com o irmão gémeo.

Em pequenos, estavam tão em sintonia que nem precisavam de falar em voz alta. Conseguiram alcançar o pensamento um do outro, prever os seus desejos e necessidades. O incêndio na hospedaria separara-os mas, apesar da distância, não tinham perdido a ligação mental.

Naquele momento, Matthew seguia a cavalo por uma estrada rural. Michael ligou-se ao irmão. Lá fora, rugia a tempestade, mas na sua mente também. Matthew ouvia a tempestade aproximar-se e espreitou para o céu, perguntando-se se haveria um dilúvio prestes a encharcá-lo.

A pulsação de Michael batia de excitação. O seu irmão estaria tão próximo que ouviam a mesma tempestade? Seria possível?

- Michael, o meu canto é tão aborrecido que adormeceste a meio? - disse a irmã.

- Matthew - murmurou para ela, mas foi a única palavra que conseguir proferir.

Ela percebeu imediatamente o que se passava. Já estivera antes com ele nos momentos em que ele tinha um daqueles episódios e, com efeito, fora ela quem o ajudara a perceber que não estava louco.

- É o Matthew? - Os seus dedos pairaram sobre as teclas. - Consegues vê-lo? O que está ele a fazer? Onde está?

Michael levantou uma mão pesada, instigando-a ao silêncio.

Está em Greystone? É aí que está?

Sim, estou em Greystone. Agora tire esse rabo metediço da minha cabeça!

Michael riu-se, adorando o tom de ralhete do irmão, adorando saber que me breve estariam juntos.

Decidiu afastar-se, excitado por saltar para o cavalo e ir a galope até Greystone. Evangeline tinha razão. Michael precisava de se apressar a ir falar com o irmão imediatamente. Não

podia esperar.

Mas antes de se afastar, uma espingarda foi engatilhada nas costas de Matthew. O irmão ficou tenso e endireitou-se, tentando agarrar a pistola.

Sacana! Não julguei que tivesse esta natureza!

Quem, Matthew? De quem se trata? O que se passa?

Matthew tentou virar-se na sela, e, como se Michael fosse um fantoche, endireitou-se e tentou virar-se também. O transe continuou, ele levantou-se do sofá e ouviu mentalmente uma explosão de furar tímpanos. Lançou os braços ao ar e caiu como uma pedra, batendo com força no chão ao tombar no soalho polido.

- Michael! Michael! - ouviu a irmã gritar, depois não ouviu mais nada.

- Clarissa, tens de vir comigo.

- Estou ocupada, Roland. Bem podes ver.

- Sim, mas tens de vir.

Estavam na Casa do Dote, e Roland ficou irritado ao encontrar Clarissa a limpar o pó da prateleira sobre a lareira. Tinha um lenço amarrado à cabeça e as faces sujas de pó, o vestido com nódoas. Em todos os cenários em que se imaginava a chegar ao altar com a sua noiva, nunca imaginara *aquilo*.

No salão adjacente, as criadas conversavam e movimentavam-se e ele teve de levar Clarissa sem que reparassem.

Roland tinha o pulso acelerado, os pensamentos difusos, uma aguda confusão mental. Disparara contra as costas do capitão Harlow, conforme planeava há muito, mas tinha sido mais desorientador do que esperara. Roland não era assassino e não estava habituado a derramar sangue, por isso estava a reagir ao homicídio de forma estranha. Não pensava claramente, não conseguia dar os passos metódicos que planeava tão cuidadosamente com Angela.

Não havia tempo para pensar em todos os pormenores. Precisava de meter Clarissa na carruagem e partir, sem que ninguém soubesse do sucedido.

Ela ainda não parara de limpar o pó, portanto, ele avançou, sacudiu o pano e atirou-o ao chão.

- Sinceramente, Roland, não me podes deixar sozinha dois segundos? - queixou-se ela. - Quero ficar aqui esta noite. Ainda tenho muito que limpar.

- Tenho más notícias, Clarissa. - A sua expressão ficou impregnada do máximo de compaixão que conseguiu fingir, o que não era muito.

- Más... notícias?

Aquilo fê-la parar.

- Sim, vamos lá para fora. Digo-te lá.

- É a Edwina?

Ele combateu um sorriso. Ela estava mais preocupada com Edwina do que com o seu querido marido defunto. Aparentemente, não teria grandes saudades dele, e Roland ficou contente por isso. A falta de cuidado da parte dela fariam com que fosse muito mais fácil para ele controlá-la.

- Lá fora, Clarissa. Por favor. Explico lá fora.

- Está bem.

Ela saiu à pressa, ansiosa por ficar a conhecer os factos. Ele seguiu-a, espreitando rapidamente por cima do ombro e satisfeito por ver que as criadas preguiçosas do outro lado da sala ainda não tinham olhado para fora. Fechou a porta, protegendo Clarissa do olhar delas.

A carruagem dele continuava no caminho de acesso. Clarissa viu-a e virou-se.

- O que foi? O que se passa?

- É o capitão, Clarissa.

Ela arquejou, alarmada.

- Aconteceu alguma coisa ao capitão Harlow?

- Aconteceu.

- O quê?

- Chegou um mensageiro há pouco. Tens de ir imediatamente à cidade.

- Mas... mas... o que foi? Está doente? Está ferido?

- Há uma carta na carruagem. Podes lê-la, mas devíamos apressar-nos.

- Apressar-nos... para a cidade? Isto é tão inesperado. Ficaremos lá algum tempo? Eu devo... hã... ir à mansão fazer uma mala.

- Pois debes.

Clarissa tremia, a sua habitual autoconfiança tranquila desaparecera. O que indicava aquilo? Talvez tivesse um interesse maior pelo capitão do que deixava transparecer. Talvez sentisse mais afeto do que Roland julgara.

Agora não importava, mas seria muito mais difícil ganhar a cumplicidade dela. Ele não podia mesmo suportar aquela histeria feminina.

- O que foi, Roland? - Fitou-o. - Estás-me a deixar com tanto medo. O capitão está... vivo?

- O seu estado é muito grave.

- Grave!

O passo dela vacilou, e ele teve de a agarrar com mais força para que ela não caísse ao chão.

- O capitão Harlow não... - murmurou ela. - É demasiado dinâmico para ficar doente ou ser ferido. Nada o deita abaixo.

Só uma bala nas costas!

Tinha sido tão fácil. O capitão seguia a cavalo, com um ar tão distraído que podia estar em transe. Não verificara o espaço circundante, não se apercebera de Roland a sair das árvores. Não, a única coisa em que reparou foi na bala que o fez cair do cavalo.

Roland não percebia por que é que não começara a matar pessoas um ou dois anos antes, a começar pelo próprio pai e seguido de todas as pessoas que o enganaram, ignoraram ou castigaram. Devia ter-se vingado pelo que tinham feito ao nome dos Merrick.

Abriu a porta da carruagem para a ajudar a entrar, mas ela não precisava de muita ajuda. Apressou-se, ansiosa por ler o bilhete, mas claro que não havia bilhete nenhum. Quando ela disso se apercebeu, já ele trancara a porta.

Ela assomou à janela.

- Onde está o bilhete, Roland? Não o encontro.

- Tens a certeza de que não está aí?

- Tenho.

- Julguei que estava no assento, mas se calhar deixei-o na mansão. Chegamos lá num ápice.

- Conta-me do capitão. Por favor! Estás a assustar-me.

- Acalma-te, Clarissa. Eu explico quando chegarmos.

Mas a *chegada* seria à fronteira com a Escócia, em Gretna Green, para um casamento apressado. Ela agora era uma viúva rica, e Roland seria o primeiro na linha para se casar com ela. Greystone seria novamente sua quando se tornasse seu marido. Era mais esperto e mais astuto do que o seu pai fora e nunca entregaria Greystone a ninguém.

Virou-se e subiu para o lugar do condutor enquanto ela gritava:

- Roland! Para imediatamente. Isto não faz sentido. - Tentou abrir a porta, mas estava trancada e inclinou-se ainda mais para fora da janela, chamando-o: - Roland! Deixa-me sair!

- É só um minuto, Clarissa. Relaxa.

- Roland!

Ele bateu com as rédeas, e os cavalos saíram disparados.

- Onde está o meu irmão?

- O seu irmão? Não está em Londres?

Angela fitou Rafe Harlow e contou a mentira, na esperança de parecer inocente e perplexa, mas não se saiu muito bem. Encontravam-se no salão de Greystone e ela estava sentada à escrivaninha, a pôr a correspondência em ordem. Rafe estava do outro lado da divisão, um espectro materializado quando não devia.

Quando ela e Roland planejaram o homicídio do capitão Harlow, tiveram a preocupação de pensar em Rafe Harlow. Angela quisera que Roland matasse também Rafe, mas quando aquele palerma irritante partiu para Londres, ela e Roland mal tornaram a pensar nele.

Agora, regressava quando não devia e aquela aparição inconveniente deixou-a com os nervos em franja. Não estava preparada para responder às perguntas dele, não estava preparada para fabricar mentiras e enganos. Deduziu que teria mais tempo para pensar bem nas suas histórias.

- O meu irmão *não* está em Londres - disse Rafe. - Saiu para Greystone horas antes de mim. Já devia ter chegado.

- Não está. Não o vimos.

- Então, porque está o cavalo dele na cavalaria?

Raios! O que os denunciaria seriam sempre pormenores insignificantes!

- Não faço ideia. Tem a certeza de que é o dele?

Era um comentário estúpido. Rafe Harlow era soldado, de modo que praticamente vivia no lombo de um cavalo. Sabia distinguir os animais e conhecia especificamente o do irmão.

- Se tenho a certeza? - Rafe bufou. - Está a brincar, não está?

- Às vezes é difícil dizer. A mim, os cavalos parecem-me todos iguais.

- Tenho de falar com a Clarissa. Onde está ela?

- Provavelmente na Casa do Dote.
- Porquê?
- Decidiu abri-la e passar a viver lá.
- Na Casa do Dote?

Ficou espantado com as notícias e Angela disse:

- Concordo que é um plano louco, mas, quando ela regressou da cidade, parecia angustiada. O que a incomodou tanto?

Mordeu o interior da bochecha, tentando esconder a sua satisfação. De todos os finais que Angela pudesse ter pensado, a traição do capitão, e tão depressa, era o melhor de todos.

Rafe olhou-a furioso, agora a ferver, e, por um instante, ela julgou que ele pudesse confidenciar-lhe pormenores sumarentos sobre o capitão e Clarissa. Em vez disso, e com um tom imperioso e convencido, ele disse:

- Chame os criados.
- Os criados? Para quê?
- Quero interrogá-los.
- Sobre o quê?
- Quero perguntar-lhes se alguém viu o meu irmão chegar a cavalo.
- Já lhe disse que ele não está aqui.
- Não acredito em si.

Fitaram-se, com Rafe – que era homem e excessivamente pomposo – à espera de que ela recuasse. Mas ela não acataria ordens dele. Não tinha de o fazer. Os irmãos Harlow marcharam para Greystone para tomar aquilo que nunca lhes deveria ter pertencido. E já não pertencia.

O capitão Harlow estava morto e Clarissa era uma viúva que em breve casaria com Roland. Rafe não passava de uma irritante ponta solta. Com o irmão morto, e Roland prestes a adquirir a propriedade através do casamento, Rafe Harlow já não tinha autoridade nem influência sobre Greystone, e Angela adorou a oportunidade de ficar quites com aquele maldito homem com quem interesseiramente namoriscara.

- Reúna os criados, Angela – repetiu ele.

Ela levantou-se.

- Soldado Harlow, está a agir sob a impressão errónea de que eu tenho de lhe dar ouvidos.
- Dê ou não dê. Pouco me importa. Posso falar com os criados sem a sua ajuda ou autorização.

Ele virou-se e ela bateu com os pés.

- Proíbo-o.

Ele virou-se, com uma expressão sinistra e assustadora.

- Proíbe-me? Acha que pode?

- Não imagino o que terá acontecido ao seu irmão, mas, tal como referiu, parece não estar aqui em casa e espero que nunca regresses. Se não regressar, será com alegria que o informo que não é bem-vindo a Greystone. Insisto para que parta.

- Partir?

- Sim. Faça as malas e saia. Já.

Rafe revirou os olhos como se ela fosse uma criança, como se fosse um mosquito chato de que ele se pudesse livrar.

- *Partirei* quando o meu irmão me disser, e nem um segundo antes.

Ela queria gritar-lhe, dizer-lhe que o maldito capitão Harlow estava enterrado numa cova rasa atrás da cabana do couteiro. Queria expressar malícia, descrever como Roland era astuto e bravo, a inteligência com que tinham planeado tudo.

Ah! Que belo herói era o capitão Harlow! Com um tiro nas costas e desaparecido da face da Terra sem saber o que lhe aconteceu.

Não podia, contudo, dizer nada daquilo e, com Roland ausente, não tinha meios nem força para obrigar Rafe Harlow a ir-se embora.

- O Roland não tardará a chegar a casa - disse ela de rompante, tentando assustar Rafe, mas claro que não conseguiu.

Ele encolheu os ombros.

- E então?

- Obrigá-lo-á a partir.

- Estou a tremer como varas verdes. E porque continua ele aqui, já agora? Não devia já ter-se ido embora?

- O meu irmão e eu não lhe devemos explicações.

- Pode achar que não, mas se eu o vir por aqui de novo, vou atrás dele com um pau. Agora, se me dá licença, tenho de falar com o mordomo.

- Não falará com ele! - berrou Angela, com voz estridente. - Sou a senhora desta casa e ordeno-lhe que não o faça!

- Não é senhora nenhuma desta casa e o facto de deduzir isso é apenas um indicador da sua demência, da qual eu sempre desconfiei.

Angela preparava-se para lhe dar uma resposta furiosa, quando Edwina entrou, apressada.

- Não encontro a Clarissa - disse a Rafe.

Rafe apontou um dedo incriminador a Angela.

- Esta bruxa diz que ela está na Casa do Dote.

- Não, falei com a criada que acabou de voltar de lá. O Roland passou por lá e arrastou Clarissa para a sua carruagem. Discutiram. Os criados ouviram Clarissa gritar quando ele arrancou.

Com um olhar aterrador, Rafe avançou para Angela. Aproximou-se, tentando intimidá-la e ela tinha de admitir que ele estava a ser bem-sucedido. Parecia verdadeiramente feroz.

- Para onde a levou Roland? - perguntou sibilando.

- Como quer que eu saiba? - respondeu Angela alegremente.

Ninguém devia ter visto Roland raptar Clarissa. Tal como com o capitão, ela devia ter desaparecido sem que ninguém se desse conta de que ela não estava, até ser demasiado tarde e o seu destino já tivesse sido decidido.

Clarissa casaria com Roland, quer quisesse quer não. Roland quisera esperar, deixar os meses passarem e que o caso de Harlow fosse notificado, investigado, mas permanecesse insolúvel. Depois, quando as pessoas deixassem de se interessar pelo capitão, Roland pediria Clarissa em casamento.

Mas Angela compreendeu Clarissa, reconheceu que ela nunca consentiria em ser esposa de Roland, por mais que a tentassem convencer, portanto não havia motivo para esperas.

Roland fugira com ela e iria obrigá-la a casar com ele. Se ela não lhes causasse demasiados problemas, poderia ficar em Greystone e seguir com a sua vida como dantes. Mas se o chateasse, se queixasse ou fosse problemática, teria um acidente, tal como o marido defunto.

- Vou perguntar-lhe mais uma vez - ameaçou Rafe. - Onde está a Clarissa?

- E se eu não tiver resposta para isso?

- Bato-lhe, tranco-a no quarto e mato-a à fome até que me diga o que quero saber.

- Soldado Harlow, é evidente que está a tentar assustar-me, mas não consegue. Tenho de lhe relembrar que já não tem autoridade sobre Greystone. Tem de se ir embora.

- Não para de dizer isso, e eu tenho de me perguntar porquê. O que lhe dá tanta certeza de que o meu irmão não voltará?

Estreitou o olhar, e parecia mesmo que ia bater em Angela. Ela teria recuado, mas antes de poder fazê-lo, ouviu-se um estrondo no átrio. Havia gritos e exclamações de ultraje, seguidos de botas a percorrerem o corredor.

O capitão Harlow irrompeu bruscamente, com ar robusto, são e bem vivo. Para além de uma pequena nódoa negra na face, não havia sinal de ferimentos, de ter levado um tiro, de ter sido assassinado.

Não estava de uniforme, mas vinha armado até aos dentes, com pistolas nos coldres de ambas as ancas, uma grande faca na mão e uma espada às costas. Podia ser um bandido ou um pirata, decidido a cometer um massacre.

Dirigiu-se a ela, que gritou de susto.

- Matthew! - disse Rafe Harlow. - Onde estiveste? Julguei que esta bruxa tivesse dado cabo de si.

O capitão não olhou para Rafe, mas não respondeu. Limitou-se a seguir em frente, e Angela tropeçou. Tremia de desânimo.

- O que faz aqui?

- Espantada por me ver, não é? - perguntou-lhe o capitão.

- Devia estar morto! Porque não está morto?

- Morto! - berrou Rafe, horrorizado.

- Eu estou bem. - O capitão agarrou-o nos braços. - Nunca me senti melhor.

Estendeu o braço para ela, que se foi esconder atrás de um sofá, para o usar como barreira, mas que não lhe oferecia proteção. Seguiu-a.

- Não pode ser - lamentou. - Isto não pode estar a acontecer!

- Porque não? - exigiu saber o capitão. - Deixe-me adivinhar... quando se dá um tiro nas costas a um homem, espera-se que ele morra.

- Ela deu-te um tiro pelas costas? - Rafe engasgou-se.

Angela insistiu rapidamente:

- Foi tudo ideia do Roland.

- Você é um carneirinho inocente?

- Sou! Eu disse-lhe que era louco se achava que podia matá-lo e implorei-lhe que não tentasse fazê-lo, mas não consegui detê-lo.

Depois, embora fosse muito estranho, o capitão Harlow virou-se para Rafe e estudou-o como se não soubesse quem ele era, como se nunca o tivesse visto.

- Quem é o Roland? - perguntou o capitão a Rafe. - É o irmão dela? O que perdeu a propriedade para o Matthew?

Rafe fez uma careta.

- Bem... sim. Sentes-te bem, Matthew? Bateste com a cabeça? Tu sabes quem é o Roland. Não precisas de perguntar.

- Eu não sou o Matthew.

Todos arquejaram, com os olhos dilatando como pires. O capitão Harlow estaria doido? Teria a bala roubado o seu juízo? Sofreria de amnésia?

- Matthew... - Rafe falou calmamente, como se enfrentasse um animal selvagem - ... senta-te por favor. Creio que podes estar ferido.

- Não sou o Matthew - repetiu o capitão Harlow. Bizarramente, declarou: - Sou Michael Blair, o irmão gémeo de Matthew.

Rafe franziu o sobrolho.

- O Matthew não tem nenhum irmão gémeo.

- Tem, sim. Sempre teve. Quem é você?

- Sou Rafe Harlow.

- O irmão dele? Da família adotiva?

- Sim.

- Também sou irmão dele, mas de sangue. A minha irmã é Lady Run e temos andado à procura dele.

- Ele não pode ter mais família para além de mim. - Rafe parecia fulminado pelas notícias. - Não pode ser verdade.

- Acredite em mim, é verdade.

Aquele homem era igual ao capitão Harlow em tudo, na aparência, nos gestos, na maneira de falar, mas dizia *não ser* o capitão. Como era possível? Não havia nada nele diferente do capitão, exceto que não usava o uniforme de oficial.

Quando Roland disparou contra o capitão, estavam sozinhos no bosque e não havia testemunhas. Se aquele homem era Michael Blair, e não o capitão, como podia saber que Roland disparara contra o capitão Harlow?

Rafe e o senhor Blair olharam-se boquiabertos e, enquanto estavam distraídos era o momento perfeito para Angela fugir. Foi a correr para a porta, embora Edwina lhe bloqueasse o caminho. Angela tinha intenção de derrubar Eddie e fugir, mas o senhor Blair apareceu num abrir e fechar de olhos.

Agarrou-a e sacudiu-a com tanta força que os dentes dela bateram uns nos outros. Atirou-a para Rafe dizendo:

- Arranje qualquer coisa para a amarrar, depois podemos prendê-la à cadeira.

- Solte-me! - Angela estava a fumar, tentando escapar de Rafe, mas ele era muito forte e estava muito zangado, e não a largava.

- Adorava amarrá-la - respondeu Rafe. - Seria um grande prazer.

Mas aparentemente estava demasiado confuso e perplexo para continuar, por isso Eddie dirigiu-se aos cortinados e tirou os cordões. Empurrou Angela para uma cadeira e amarrou-

lhe os pulsos e os tornozelos, como Michael Blair ordenara.

- Como se chama? - perguntou o senhor Blair a Eddie.

- Edwina, senhor. Edwina Edwards.

- Pode tomar conta desta víbora por mim? Pode certificar-se de que ela não foge?

- Sim, adorava ficar a vê-la... hã... capitão... hã... senhor Blair.

Fez um gesto para Rafe e disse:

- Vamos.

- Para onde? - perguntou Rafe.

- Buscar Matthew.

Rafe estava espantado.

- Sabe onde ele está?

- Sei, sim. - Michael Blair lançou um olhar especialmente fulminante a Angela. - E não está morto.

Angela não suportava aquele sorrisinho de superioridade e respondeu:

- Está, sim! Está bem morto.

- Não está nada, mas pode pôr a conversa em dia com ele quando regressar. Tenho a certeza de que vai adorar discutir esse assunto consigo.

Angela ficou pálida, aterrorizada com a perspectiva de enfrentar o capitão Harlow, de ter de lhe explicar o que tinham feito. Como podia fazê-lo?

O senhor Blair e Rafe saíram, e os passos das suas botas foram esmorecendo rapidamente no corredor. A sala ficou depois estranhamente silenciosa. Angela queria chamar as criadas para que a ajudassem, mas elas tinham desaparecido. Que conveniente. Roland também não estava. Estava sozinha para enfrentar o seu destino.

Eddie fulminou-a, ameaçadora.

- Ora muito bem, Angela, por agora somos só nós as duas.

- Vai-te lixar, Eddie.

Mas Eddie não lhe deu ouvidos e, com Angela amarrada à cadeira, estava impotente. Dirigiu-se à lareira para ir buscar o espeto, depois veio agité-lo junto de Angela.

- Se tentares soltar-te - avisou Eddie -, bato-te com isto até parares.

- Não te atreves.

- Atrevo, sim. E bem gostaria de te bater, muitas vezes e com força, e deves saber que ninguém que te conheça se importaria com isso.

- Saia da minha casa.

- Em primeiro lugar, esta não é *tua* casa. É do capitão, que parece continuar bem vivo apesar dos teus esforços.

- Ele está morto - explodiu Angela. - Verás.

- Em segundo lugar, não me posso ir embora. Tenho de ficar aqui até que ele chegue para te perguntar a ti e a Roland porque tentaram matá-lo. É uma cena que me recuso terminantemente a perder.

22

Quando Matthew abriu os olhos, ficou completamente atarantado. Não conseguia perceber onde estava ou o que tinha acontecido. Estava completamente escuro. Seria de noite? Estaria cego? Tinha terra na boca e ele tossiu e cuspiu, o que apenas fez com que engolisse um grande pedaço de lama.

Levantou uma mão para limpar a terra, mas aquele gesto ínfimo provocou uma onda de dor tão intensa que quase o paralisou.

Ah... Roland.

Lembrava-se agora de tudo. Estava num estado de atordoamento e Michael, o seu irmão, distraía-o do perigo que se encerrava na floresta. Roland disparara contra Matthew pelas costas. A sensação que tinha era de que todos os seus ossos tinham sido estilhaçados, que todo o seu ser, até ao mais ínfimo poro, tinha sido espancado com martelos.

Mas... onde estava ele agora? Como tinha chegado ali?

Deixou-se ficar deitado e imóvel, tentando pensar. Doíam-lhe as costelas, o que trazia uma onda acrescida de agonia, pelo que inspirou em breves soluços, mas, ainda assim, cada inalação levava-lhe muco para os pulmões. Se não tivesse cuidado, sufocava.

Empurrou com o braço e agarrou-se com os dedos apara se conseguir sentar. O tronco protestou, os seus pensamentos estavam confusos, passaram-se alguns minutos até ele perceber na totalidade o que tinha acontecido.

Ele fora enterrado vivo!

Encontrava-se naquilo que restava de uma campa a céu aberto que devia ter sido cavada à pressa. Por entre as árvores, conseguia ver a casa do coureiro. Estava a chover ligeiramente, um fator que era capaz de tê-lo salvado, uma vez que lhe lavara alguma da terra que lhe cobria o rosto.

Sabia que devia levantar-se depressa e correr atrás de Roland, que devia entrar de rompante na casa do coureiro, encontrar Roland e torcer-lhe o pescoço escanzelado. Mas estava um tanto desorientado.

Tinha passado por muitas atribulações na sua vida. Quase tinha morrido num incêndio quando tinha apenas três anos. Na infância havia sofrido todo o tipo de acidentes habituais, quedas de árvores e de cavalos. Enquanto oficial fora sido ferido duas vezes e esfaqueado com um sabre.

Por isso, estava habituado à dor e aos ferimentos, mas nunca ninguém o tinha tentado matar deliberadamente. Sempre se considerara um tipo muito afortunado, como os gatos, mas com mais do que as costureiras sete vidas. Ele tinha no mínimo vinte ou trinta.

Tinha sido morto, enterrado e ressuscitado e, assim que ele conseguisse recuperar os sentidos e a força física, Roland Merrick podia-se considerar um homem morto.

Matthew interrogou-se acerca de quanto sangue teria perdido e quantas costelas estariam partidas. Enquanto tomava consciência da sua condição limitada, apercebeu-se vagamente de que alguém chamava pelo seu nome. Inicialmente assumiu tratar-se de uma alucinação, mas não era. Os chamamentos tornaram-se mais claros e começaram a aproximar-se. Não havia dúvidas de que andavam dois homens à procura de Matthew. Eles gritavam, calavam-se e voltavam a gritar.

Ouviu a voz de Rafe mas também ouviu a de outro homem e tratava-se de uma voz que ele reconhecia definitivamente. Uma voz da sua infância, da sua adolescência, dos seus anos adultos. Era a voz dos seus sonhos, a voz do seu anjo da guarda.

Sentia-se mal demais para conseguir gritar em resposta, por isso fechou os olhos e expandiu a mente, formando uma imagem mental do sítio onde se encontrava. O Michael havia de ver.

Ele saberia.

Encontraram-no rapidamente, mas quando passaram para lá da folhagem, detiveram-se. Tinham uma expressão chocada e Matthew conseguia perfeitamente perceber porquê.

Estava coberto de lama e as suas pernas ainda se encontravam parcialmente enterradas. Não tinha tido a força suficiente para se arrastar para fora do buraco, por isso, mais parecia um fantasma a arrastar-se para fora da sua sepultura – e era mesmo.

Ao vê-lo, Rafe murmurou:

– Credo, Jesus, Matthew...

Mas o outro homem – o irmão de Matthew, o seu gémeo – nem praguejou ou comentou. Cambaleou e caiu de joelhos e o homem pairou sobre ele até ficarem nariz com nariz. Pousou a mão na cabeça de Matthew e passou-a sobre o seu rosto, limpando a terra e a fuligem que a cobriam.

Durante uma eternidade limitaram-se a entreolhar-se e, se Matthew fosse do tipo chorão, teria rompido num pranto.

Por fim, como se estivessem satisfeitos um com o outro, acenaram a cabeça e esboçaram o mesmo sorriso arrogante. Havia uma tal sensação de completude, de destino a cumprir-se, que Matthew não conseguia pensar num único comentário pertinente. Aparentemente, Michael também não.

Perfeito, pensou Matthew.

Sim, agora está tudo perfeito, pensou Michael de volta.

Ouviu-se o ribombar de trovões à distância, como se todo o universo concordasse.

– És mesmo tu, não és? – Matthew transbordava uma espécie de espanto. – Passado este tempo todo, és tu.

– Sim, sou eu – retorquiu Michael. – Diz-me o nome do teu pai. Eu quero ouvir-te dizê-lo.

– Julian Blair.

– Sim, Julian Blair. E a nossa mãe?

– Anne. Anne Blair.

No momento em que Matthew mencionou os pais de ambos, os trovões voltaram a soar e o ar crepitou com energia, como se o universo tivesse ficado eletrificado com o anúncio, como se estivesse a tomar conhecimento.

Era tudo demasiado estranho, demasiado avassalador, e Matthew não conseguia tolerar pensar no que tudo aquilo poderia significar. Em vez disso, sorriu para Michael e disse:

– Caso não tenhas reparado, eu estou aqui num certo aperto.

– Eu reparei.

– Podia ter sufocado, seu trapalhão vagaroso. Porque é que demoraste tanto tempo?

– Atrasei-me para que quando chegasse ficasses todo contente por me veres.

Matthew soltou uma gargalhada que lhe doeu muitíssimo.

– Eu estou contente, seu patife convencido. Estou tão contente que estou a morrer por isso.

Rafe também entrou no buraco e ajoelhou-se. De súbito, Matthew estava rodeado pelos irmãos, o que tinha perdido e o que ele tinha criado. Sabia que estava em segurança. Sabia que ia ficar tudo bem.

– Estás péssimo – disse Rafe.

- Admito. Já estive melhor.

- Consegues levantar-te?

- Não tenho a certeza. Ainda não tentei.

Matthew olhou para Michael.

- Como é que me encontraste?

- Vi-te na minha cabeça. Estavas a chamar-me com a clareza de um sino.

- Acho que os anos todos em que me perseguiu deram fruto - disse Matthew para Rafe. - Foi o Roland Merrick que disparou sobre mim.

- Nós sabemos. Eu não posso acreditar.

Matthew fez uma careta.

- Sabem? Como?

- A Angela confessou. O Michael apareceu de rompante no salão de Greystone e pregou-lhe um susto tremendo. Ela pensou que era o seu fantasma e que tinha vindo reclamar vingança.

- Onde está o Roland? - perguntou Matthew. Rafe e Michael trocaram um olhar estranho que alarmou Matthew. - O que foi? O que se passa?

- O Roland partiu com a Clarissa - respondeu Rafe.

- Partiu... para onde? - inquiriu Matthew.

- Não temos a certeza, mas arranharemos maneira de obrigar a Angela a contar.

- Ele era capaz de fazer mal à Clarissa?

- Se me tivesses feito essa pergunta ontem, eu teria insistido que ele era demasiado covarde para ter tendências homicidas - respondeu Rafe. - Mas agora? Já não sei.

A notícia de que Roland se tinha escapado com Clarissa, e de que ela podia estar em perigo, atingiu Matthew de uma maneira que nada mais conseguiria.

- Ajudem-me a levantar - pediu aos irmãos.

Eles colocaram-se um de cada lado e, com um puxão rápido, puseram-no de pé. Cambaleou, depois recuperou o equilíbrio e decidiu que era capaz de conseguir andar, desde que eles caminhassem devagar e o mantivessem direito.

- Levem-me até à casa do couteiro.

Roland não estava lá, pelo que aquela parecia ser uma boa escolha.

- O que podemos fazer? - perguntou Rafe. - Do que é que precisas?

- De um banho, roupa lavada, um pouco de láudano e alguns cuidados médicos.

- Eu posso tratar do teu ferimento - disse Michael. - Já tratei de muitos.

Matthew ficou de boca aberta a olhar para Michael, a interrogar-se acerca do seu passado e de como teria ele experiência com ferimentos provocados por disparos de armas de fogo. Era oficial? Era médico?

Naquele momento, isso pouco importava. Haveria imenso tempo ao longo das próximas semanas e meses para ficar a saber todos os pormenores.

- Muito bem, podes tratar-me - concordou Matthew. - Mas promete-me que não me matas com a cura.

- Eu esperei vinte e sete anos até te encontrar, não vou permitir que morras.

- Acho bem que não – resmungou Matthew. – Enquanto me coses e me pões fino, o Rafe pode preparar-me a viagem.

- Onde é que vais? – perguntou Rafe.

- Vou salvar a Clarissa... e matar o Roland.

Michael fez um sorriso matreiro.

- Estava com esperança que dissesse isso. Se não o tivesses sugerido, eu tê-lo-ia feito. Agora vamos tratar de ti. Temos de nos pôr a caminho.

- Tu és louco, Roland.

- Tão louco como uma raposa.

Clarissa cravou o olhar no primo.

- Eu nunca percebi o que essa expressão significa, por isso, sê mais preciso, por favor. O que estás a alegar? Que foste astuto? Manhoso? Esperto? O quê?

- Astuto, manhoso, esperto e muito mais.

Ele tinha-se desviado da estrada para uma clareira deserta. Não tinha soltado os cavalos, mas os dois animais estavam a descansar, a recuperar o fôlego e a tentar beber alguma água num ribeiro estreito.

Clarissa encontrava-se sentada numa pedra, com Roland a fazer-lhe sombra, de chicote na mão e, para surpresa dela, com uma pistola no casaco. Ela nunca o tinha visto armado e todo aquele cenário era tão bizarro, com Roland a comportar-se de maneira tão estranha que ela parecia estar a sonhar. Se se beliscasse, acordava?

- Ainda que eu aceitasse casar-me contigo, o que nunca vai acontecer, tu esqueceste-te de algo importante – disse ela.

- O que é?

- Eu sou casada com o capitão Harlow.

- Sim, bom, em relação a isso...

Roland tinha uma expressão tão maliciosa e desonesta, que o coração dela começou a bater mais depressa. Ainda não tinha desacelerado desde que ele aparecera na Casa do Dote.

- O que se passa com o capitão Harlow? – inquiriu ela.

- Ele está morto.

- Morto!?

- Sim, e eu dar-te-ia os meus pêsames, mas não dou. Estou feliz que ele tenha desaparecido.

Clarissa não podia acreditar naquilo. Se o capitão tivesse morrido, ela não o teria pressentido? Ela amava-o tanto. Não sentiria a ausência dele no seu coração? Se bem que, depois da despedida amarga que tinham tido em Londres, estariam eles ligados nem que fosse superficialmente?

- Ele não pode estar morto – insistiu ela. – Está a mentir.

- Eu matei-o, Clarissa. Atingi-o pelas costas quando ele cavalgava pelo caminho de acesso a Greystone. – Enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma medalha de ouro. – Arranquei-lhe isto do casaco.

A medalha enervou-a. Era certo que podia pertencer a Matthew, mas ela declarou com

firmeza:

- Tu não lhe tiraste isso.
- Tirei sim, por isso estou bastante certo do que estou a falar.
- Onde está o corpo dele?
- Num sítio onde nunca será encontrado. Apesar de imaginar que o desaparecimento dele vá causar alguma comoção nas pessoas, ela vai acabar por se extinguir.
- Se o que estás a dizer é verdade, *eu* sei o que se passou. Vou gritar o teu crime aos sete ventos. Nunca me hei de calar.
- E incriminavas-te? Francamente, Clarissa, quando se descobrir o quão rapidamente voltaste a casar depois do desaparecimento do teu marido, não vais parecer assim tão inocente. As pessoas irão suspeitar de que tu e eu conspirámos contra ele, por isso, vais ficar calada.
- Eu repito, Roland. Tu és louco como um percevejo. Porque não vamos para Londres e eu alugo-te uma cama macia e confortável no hospital de Bedlam?

Ao longo de todos os anos em que se tinham relacionado, ele sempre fora vaidoso e egocêntrico, mas nunca tinha exibido traços de loucura. Estava num estado maníaco, com movimentos rápidos e agitados e as maçãs do rosto coradas, como se estivesse com febre. Decidira seguir para a Escócia e ela não conseguia convencê-lo a voltar atrás.

Não estavam muito longe de Greystone, talvez a apenas duas ou três horas de viagem. Ao longo dos muitos quilómetros, ele tinha puxado pelos cavalos até eles terem ficado demasiado exaustos para conseguirem continuar. Essa fora a única razão pela qual tinham parado e era mais um sinal da sua mania, estar a tratar mal os cavalos. Não era nada típico dele.

- Qual é o teu plano, Roland?
- Vamos casar-nos na Escócia.
- Eu não vou fazer isso. Nunca me irás conseguir obrigar.
- Vou obrigar-te, sim.

Ele tinha um brilho tão frio no olhar que a espinha dela foi percorrida por um arrepio.

- *Vais obrigar-me? Como?*
- Se não concordares, eu mato a Edwina.
- Não sejas ridículo.
- Julgas que não o faço? Julgas que não consigo. Matei o teu precioso capitão com a maior descontracção. Depois disso, a Eddie vai ser canja.
- O que é que te deu, Roland? É óbvio que não estás bem. Leva-me para casa, por favor? A Angela tem de ser informada do teu comportamento.
- A ideia foi da Angela.
- Que ideia?
- Quando o Harlow apareceu em Greystone e decidiu casar-se contigo, a Angela viu imediatamente como podíamos recuperar a propriedade.
- Por ele se ter casado comigo?
- Claro. És a mulher dele e, ele morrendo, és a herdeira. Agora *eu* vou ser o teu marido e a propriedade volta a ser minha.
- Mas o que te parece que vai acontecer, Roland? Casamo-nos, completamente contra a minha vontade, voltamos para Greystone... e depois? Vivemos juntos e fingimos que este segredo

horrendo não paira sobre as nossas cabeças?

- Sim. Podemos mudar-nos para a Casa do Dote e se tu estiveres calada e não me importunares, continuamos como estávamos antes de todos estes problemas terem começado.

- Acreditas mesmo que isso seja possível?

Clarissa lançou as mãos para o ar enojada e Roland estalou efetivamente o chicote no braço dela. Ela envergava um dos seus vestidos cinzentos, que tinha mangas compridas, por isso o chicote não atingiu a pele, mas o golpe foi suficientemente intenso para deixar o local a latejar e a arder.

- Não me denigras, Clarissa - advertiu ele. - Não me obrigues a ser cruel contigo.

Ela teve vontade de rir, desejou recordar-lhe que ele sempre fora cruel com ela, mas tinha de ser cuidadosa. O facto de ele a ter agredido tinha-a definitivamente abalado. Se a raptara e se lhe batera, que outras brutalidades podia ele tentar?

Alegava ter morto Matthew e provavelmente ela devia estar a fazer o luto, mas não ia sofrer. Ainda não. Simplesmente não conseguia aceitar que Roland o tinha matado e não ia acreditar, não até chegarem a Greystone e ficar claro que Matthew morrera.

Entretanto, ela tinha de decidir como conseguiria atrair Roland de volta a casa, a Greystone. Não podia deixar que ele a levasse para a Escócia ou permitir-lhe que a forçasse a casar.

- E se o teu plano correr mal, Roland? Há tantas possibilidades de isso acontecer. Não era melhor falarmos disto com a Angela? Gostavas de o fazer, não gostavas?

- Não me estás a ouvir? - sibilou ele. - A Angela deu-me a sua bênção. Tenho o seu apoio e aprovação totais.

Os olhos dele reluziam com um fervor quase religioso. Estava mais perturbado a cada segundo e Clarissa tinha de fugir. Mas como?

Até então ele não a tinha prendido ou amordaçado. Ela podia empurrá-lo e fugir, mas ele apanhava-a facilmente e a seguir ficava em alerta. E *iria* prendê-la e amordaçá-la para a impedir de gritar para os transeuntes. Não seria melhor mantê-lo a falar? Não seria melhor entender-se com ele?

- Vamos embora - disse Roland subitamente. - Já nos demorámos aqui demasiado tempo.

- Os cavalos precisam de um pouco mais de descanso.

- Os cavalos estão ótimos.

- Não estão nada.

- Não discutas comigo!

Ele içou-a e, sem que ele se desse conta, Clarissa pegou numa pedra grande que escondeu nos folhos da sua saia.

- Não tens de me maltratar - resmungou ela.

- As coisas mudaram, Clarissa. Eu fui gentil contigo no passado, mas esses dias acabaram.

- Sim, estou a ver.

- Se te portares como eu mandar, sais disto sem um arranhão.

- E se não o fizer ou se não conseguir fazê-lo?

- Haverá consequências.

A maneira como ele pronunciou a palavra *consequências* causou-lhe mais um arrepio na espinha. Ele teria sido sempre perturbado? A doença teria estado sempre a borbulhar debaixo

da superfície? Ou os acontecimentos dos últimos dois anos tê-lo-iam levado à loucura?

Independentemente da causa, era ridículo prosseguir a viagem como ele exigia, estando ele num tal estado de confusão. E ela não podia permanecer na esperança de que um estranho qualquer aparecesse para a ajudar. Tinha de se salvar a si mesma.

- Estás a importunar-me - disse ele.

- De que maneira?

- Não paras de gritar e de chamar a atenção para ti. Tentaste saltar pela janela da carruagem.

- Não podes esperar que eu te acompanhe humildemente, sem protestar.

- Eu espero que sejas humilde e me obedeças. Estás em dívida comigo, Clarissa. Eu não te alimentei e dei abrigo? Não te sustentei?

- Sim, Roland, tens sido extremamente generoso - disse ela, praticamente engasgando-se na sua mentira.

- Está na altura de me compensares. Está na hora de fazeres o que eu te digo.

- Eu obedeço. Prometo - disse ela, esforçando-se para soar humilde, mas duvidava que estivesse a conseguir. Nunca tinha estado tão furiosa.

- Eu não acredito em ti, por isso receio que tenha de te prender. Também te vou amordaçar, para não poderes gritar.

- Não, não sejas tonto. Eu já te disse que me porto bem.

- E *eu* já te disse que não acredito em ti. Estende as mãos.

- Porquê?

- Não me ouves? - perguntou ele, sacudindo-a violentamente. - Estende as mãos!

Ela inspirou fundo e expirou. Repetiu mais uma vez o gesto.

Meu Deus, dá-me força!

- Muito bem - murmurou. - Amarra-me, se tem mesmo de ser.

Ele olhou para a carruagem e ela afastou-se. Pegou na pedra que tinha apanhado e atingiu-o na têmpora com toda a força que conseguiu reunir.

Ouviu-se um estampido ruidoso, quando ela o atacou de forma certa e violenta. Os joelhos cederam e ele tombou no chão.

A violência daquele momento deixou-a petrificada e, por um instante, ficou demasiado congelada para se conseguir mexer. A sua hesitação deu-lhe uma oportunidade para ele a agarrar pelo tornozelo. Sentir o frio das mãos dele e o seu laço maldoso arrancou-a do seu estupor. Ela gritou por ajuda e, apesar de pontapear e debater-se, não se conseguiu libertar e fugir.

- Lembras-te da noite do incêndio?

- De pedaços soltos... sobretudo por sonhar com isso.

- Eu também.

Matthew e Michael cavalgavam estrada fora. Tinham deixado o Rafe em Greystone para manter a Angela fechada a sete chaves, por isso, iam apenas os dois atrás de Roland e Clarissa.

Estando finalmente junto de Michael novamente, tinha uma sensação de que toda aquela história era irreal. Não lhe parecia possível que eles se tivessem reencontrado. Apesar de terem passado vinte e sete anos separados, continuavam em perfeita sintonia, muito próximos. Parecia que não tinham passado um único dia separados.

- Como conseguiste fugir da hospedaria? - perguntou Matthew.

- Lembro-me de ir a cambalear às cegas por um corredor enfumado e de alguém me ter agarrado e empurrado porta fora. E tu?

- Estávamos a viajar com criados, penso eu.

- Sim.

- Com o senhor e a senhora Wilson.

- Era assim que eles se chamavam? Não me lembro.

- Ele levou-me lá para fora e tu e a mulher dele deviam estar mesmo atrás de nós. Saímos e procurámos-vos, mas vocês não chegaram a sair do edifício. Ele atirou-me para a relva e foi à vossa procura. Mas também nunca mais voltou.

Michael fingiu estremecer.

- Odeias o fogo?

- Sim, sempre odiei. Mal posso permanecer sentado numa sala onde haja uma lareira ateadada. Não consigo descontrair, porque fico aterrorizado com a hipótese de a sala de repente pegar fogo.

- Precisamente - disse Michael, olhando para ele. - Tens alguma memória do motivo pelo qual estávamos naquela hospedaria? A Sissy contou-te?

- Ainda nunca ouvi a história completa.

- Bom, primeiro salvamos a tua vida e a seguir eu conto-te os pormenores. Nós os dois temos uma vingança para levar a cabo.

- Sobre quem?

- Os nossos familiares. Temos de vingar os nossos pais.

- De que traição?

- É possível que eles tenham assassinado o nosso pai.

- Matthew inspirou com tal intensidade que as suas costelas latejaram.

- A sério?

- Alegam que se tratou de um *acidente* de caça.

Ah... o pai de Rafe tinha sofrido um acidente desses. Por vezes aconteciam.

- Mas tu não acreditas - disse Matthew.

- No que toca aos seres humanos, verifico, por norma, que a ganância traz ao de cima a pior conduta.

- Então, é provável que seja verdade?

- Muito provável. Eles detestavam a nossa mãe.

- Porquê?

- Era uma atriz de uma classe muito inferior e eles estavam decididos a que ela não herdasse o dinheiro ou as propriedades depois de o pai morrer.

- O que é que eles lhe fizeram?

- Ela tinha muitos bens do pai na posse dela. Insistiram que eles nunca se tinham casado e que ela tinha ficado com tudo. Acusaram-na de roubo e conseguiram que fosse levada para as colónias penais na Austrália.

- A nossa... mãe?

- Sim, cujos filhos pequenos ficaram na doca a chorar e a implorar-lhe que não os deixasse.

- Quem eram esses sanguinários? Porque eram tão poderosos?

- O nosso avô era o conde de Radcliffe. O pai teria sido conde.

Incrédulo, Matthew resfolegou.

- Está a dizer que nós somos dois lordes perdidos?

- Sim. Temos um irmão, o Bryce, que devia ser atualmente o conde.

- A Lady Run falou nele.

- Temos de recuperar aquilo que lhe pertence, que nos pertence a todos.

Michael possuía uma intensidade equiparada à de Matthew e era intrigante o quão parecidos eles eram, ambos resistentes e determinados. Seriam aqueles traços hereditários? O pai teria sido também assim? Como podiam Matthew e o irmão ter crescido em circunstâncias tão diferentes e mesmo assim serem tão parecidos?

Lançou um olhar de relance a Michael, mas aquele movimento ligeiro provocou-lhe uma onda de agonia nos flancos. Encolheu-se e segurou as rédeas, obrigando-se a manter-se direito na sela. Não iria desmoronar-se enquanto Clarissa não estivesse sã e salva.

Depois de Rafe e Michael o terem encontrado na floresta, eles tinham-no limpado e tratado, e, em seguida, ele e Michael fizeram-se à estrada num galope veloz. Antes de deixar Greystone, ele tinha emborcado a quantidade de láudano suficiente para lhe atordoar os sentidos e levava no casaco uma garrafa de *brandy* que ia bebericando para aliviar a dor, que ainda assim continuava a ser lancinante. A cada embate dos cascos do cavalo, o sofrimento dele tornava-se mais agonizante.

Michael havia posto um penso sobre o ferimento de bala e enfaixado as costelas de Matthew com um pano apertado, mas não tinha retirado a bala. Matthew tivera medo de perder a consciência, pelo que sentia constantemente a bala a roçar contra as suas omoplatas.

Dentro em breve teria de fazer uma cirurgia penosa, mas isso tinha de esperar. Ele ia prosseguir até encontrarem Roland e o matarem. Só depois, é que se permitiria sofrer.

Era fácil encontrar o caminho percorrido por Roland. A sua carruagem tinha uma fenda na roda que a tornava mais fácil de detetar do que se ele tivesse deixado um rasto de migalhas pela estrada.

Michael tinha revelado ser um indivíduo com muitos recursos e, quase sem esforço, havia conseguido que Angela admitisse que Roland estava a caminho da Escócia. Aquele demónio enlouquecido acreditava efetivamente que podia casar-se com Clarissa e deitar a mão a Greystone. Michael e Matthew estavam no encalce dele e alcançá-lo-iam em menos de nada.

- A Sissy está a investigar a viagem da mãe - disse Michael, puxando Matthew para fora do seu devaneio. - Está a tentar encontrar uma listagem dos passageiros que nos revele o nome do navio que a transportou.

- Com que propósito?

- Ela tem esperança de que ainda esteja viva.

Matthew franziu o sobrolho.

- Não me parece que esteja, Michael. Eu vi o fantasma dela em Fox Run.

- A sério? Onde?

- Na sala. Eu estava reunido com a Lady Run - Michael não conseguia chamar-lhe Sissy - e estava um fantasma sentado no banco do cravo. Pregou-me um valente susto.

- Eu não sei se ela sobreviveu ou não, e nunca fui um otimista como a Sissy. Mas não consigo desapontá-la, por isso ela está a pesquisar e eu encorajo-a.

Um lampejo de excitação acendeu-se no peito de Matthew e ele deixou-o reluzir. Que mal poderia fazer? Ele nunca tivera grande coisa com que sonhar. Ia ter esperança, juntamente com Lady Run, que a sua mãe estivesse viva. Porque não desejá-lo? Onde estava o mal?

- Isso é que seria um verdadeiro acontecimento, não é verdade? - refletiu Matthew. - Encontrar a nossa mãe, passado este tempo todo?

- Era definitivamente extraordinário. Era... era... - Michael calou-se, incapaz de pôr em palavras aquilo que *seria*. - Ela costumava cantar para nós. Lembras-te?

- Não.

- Eu também não, mas sempre que estou com a Sissy obrigo-a a cantar. Ela tem mais ou menos a idade que a mãe tinha quando foi levada e a Sissy possui todo o seu carisma e elegância.

- A nossa mãe era carismática?

- Nem imaginas quanto, meu irmão.

Os cavalos galopavam por um caminho particularmente áspero e cada pedra que pisavam parecia subir pelas patas do animal e martelar nas entranhas de Matthew. Doíam-lhe os ossos, os dentes, a cabeça. O suor despontava-lhe no sobrolho.

- Está bem? - perguntou-lhe Michael?

- Não.

- Encostamos? Descansamos um pouco?

- Eu descanso quando a Clarissa estiver a salvo do Merrick.

No entanto, Michael abrandou o passo do seu cavalo e Matthew fez o mesmo. Gradualmente, trotaram até se deterem e, quando pararam, Matthew sentiu o seu pulso febril latejar nas veias.

- Bebe um bocado de *brandy* - disse Michael. - Não podes desmaiar no momento decisivo.

- Não é a primeira vez que fui alvejado. Não vou morrer disto.

- É melhor que não. Acabei de te encontrar. Não vou deixar-te escapar assim com tanta facilidade.

- Parece que me estás a ameaçar.

- Espera só até me conheceres bem. Vais desejar que isso não tivesse acontecido.

- Ah! Eu já conheço todos os factos relevantes a teu respeito.

Matthew anuiu.

- Provavelmente tens razão.

Os dois sorriram e, quando Matthew levou a mão ao casaco para pegar na sua garrafa, ouviu-se de repente o grito de uma mulher a perpassar o ar. Eles congelaram ao ouvirem apenas uma vez, mas foi o suficiente. Matthew reconheceria aquela voz em qualquer lado.

- É a Clarissa - disse ao irmão. - É a minha mulher.

- Vamos matar aquele canalha nojento - disse Michael.

- Sim, vamos.

Cutucaram os cavalos para acelerarem a passada e galoparam estrada fora.

23

Clarissa pontapeou, mas Roland tinha o tornozelo dela agarrado com firmeza e não a soltava. Ele agarrou-a com muita força e ela tropeçou e caiu de joelhos, raspando as palmas das mãos no cascalho. Tentou levantar-se, fugir-lhe, mas as suas pernas prenderam-se na saia.

Ele gatinhou para cima dela e Clarissa não sabia como ele ainda estava consciente com a pancada que lhe tinha infligido. Lutou com toda a sua força mas, malgrado o seu esforço corajoso, ele manteve-a presa ao chão. O ferimento no couro cabeludo era profundo e estava em carne viva, com sangue a esguichar, cuspindo gotas para o peito e o rosto dele.

Eram os seus olhos que mais a assustavam. Reluziam num tom vermelho-vivo, como se tivessem sido possuídos por demónios e ela acreditava verdadeiramente que a sua vida corria perigo. Ele tinha perdido a razão e a sanidade.

Abriu a boca para gritar novamente, mas ele tapou-a com a mão e sibilou:

- Sua bruxa estúpida. Achas que me podes ferir sem que haja consequências?

Ela mordeu-o, cravando os dentes na pele dele. Ele guinchou de dor e bofeteou-a. Clarissa ficou petrificada com aquele golpe, completamente intimidada e desorientada pela agressão física dele.

- Não tens de passar por isto - disse ele. - Posso matar-te e falsificar uma certidão de casamento. - Ponderou naquela ideia por um momento e anuiu. - Sim, eu posso matar-te já. Porque é que não pensei nisto antes?

- Para, Roland! Eu caso-me consigo - mentiu ela. - Caso mesmo. A sério! Leva-me para a Escócia. Por favor!

- Não, eu prefiro afogar-me no rio Tamisa a casar-me contigo. Na verdade, não preciso de o fazer. Posso simplesmente *dizer* que me casei contigo. Alego que fizemos uma celebração e falsifico os papéis. Quem vai contrariar-me?

- Eu! Vou dizer que falsificaste tudo.

- Bom, não vais estar para dizer a verdade, pois não?

- Roland!

- Silêncio! - gritou ele, tão alto que os ouvidos dela retiniram. - Greystone vai voltar a ser minha, e nem tenho de me preocupar contigo por um segundo que seja.

Ele enrolou as mãos à volta do pescoço dela e começou a asfixiá-la. Iria assassiná-la? Iria abandonar o seu corpo no riacho? Quem ficaria a saber o que tinha acontecido? Quem saberia onde devia procurar? Quem saberia que *deviam* procurá-la.

Quando ele a levava da Casa do Dote, ninguém tinha dado pelo seu rapto. Ela desaparecera sem deixar rasto e com a Eddie, o Rafe e o capitão Harlow em Londres, quem iria aperceber-se de que ela tinha desaparecido? Alguém iria reparar? Se reparassem, iria alguém importar-se?

Era o final mais infeliz que podia imaginar, morrer num lugar estranho sem que a sua falta fosse notada. A injustiça acendeu uma chama que a encheu de raiva.

Lutou com todas as forças que ainda tinha, agarrando-lhe os dedos, desesperada por afastá-los da sua garganta, mas ele estava ainda mais frenético do que ela. Não era capaz de o deter, nem de aliviar a pressão que fazia. Rapidamente tornou-se difícil respirar. Na sua visão esvoaçavam pontos pretos. O seu batimento cardíaco latejava-lhe nas veias, como se estivesse a contar os últimos momentos na Terra.

E foi então que... de súbito, Roland foi puxado para longe dela e o seu peso considerável desapareceu num instante. Houve uma rixa, foram dados alguns murros, houve um corpo que

aterrou na lama com um baque surdo, mas ela não olhou para cima para descobrir quem tinha posto termo à agressão.

Rebolou para longe e enroscou-se em posição fetal, com os braços por cima da cabeça, como se esperasse mais golpes. Estava a tentar inspirar ar para os pulmões, mas ao mesmo tempo vomitava. Sentia-se maltratada e suja e queria correr e fugir, mas não conseguia levantar-se mesmo que alguém lhe pagasse bem para que o fizesse.

- Clarissa, Clarissa...

Quando ouviu o seu nome, franziu a testa. Ela conhecia aquela voz. Parecia ser Matthew. Parecia ser o seu capitão. Mas não podia ser. Ele estava em Londres com a amante. Ou - se acreditasse em Roland - estava morto e enterrado em Greystone.

Ela tinha medo de olhar para cima. E se estivesse a alucinar? Se ele tivesse morrido e fosse o fantasma dele quem estava a chamá-la do outro lado? Estaria ela prestes a perecer também? Estaria prestes a juntar-se a ele?

- Clarissa - disse ele novamente, pousando a mão nas costas dela. O toque dele era real e tangível.

Ela espreitou para cima e ali estava ele, debruçado sobre ela. Apesar de ainda estar furiosa com ele, apesar de ele lhe ter partido o coração e destruído as suas esperanças, ela nunca tinha ficado tão feliz por ver uma pessoa em toda a sua vida.

Tinha a garganta em carne viva e com nódoas negras, mas conseguiu dizer:

- Matthew?

- Clarissa, pregaste-me um susto de morte - disse ele, aninhando-a contra o seu peito.

- Matthew! Estás aqui!

- Tu estás bem?

- Estou dorida, mas estou bem.

Ele observou-a, reparando na face a latejar no local onde Roland a esbofeteara.

- Ele bateu-te?

- Foi só uma vez e eu ripostei. Dei-lhe com uma pedra na cabeça.

- Essa é a minha menina - murmurou ele.

- Ele está em muito pior estado do que eu.

Num tom sombrio e definitivo, ele declarou:

- Eu vou decididamente matá-lo por isto.

- Não estás morto? Como é que não estás? O Roland disse que te matou.

- Ele tentou, mas eu sou demasiado forte para morrer.

- Como é que me encontraste? Porque é que andavas à minha procura? Eu pensei que ninguém sabia que ele me tinha raptado.

- Estava de regresso a Greystone, quando o Roland me baleou, mesmo quando eu estava a chegar.

Ela susteve a respiração.

- Deu-te um tiro. A sério? Ele gabou-se de tê-lo feito, mas eu não acreditei.

- Tem uma excelente pontaria.

Ela procurou uma ligadura, um ferimento, mas não conseguiu encontrar nenhum. Mas quando

lhe pousou a mão na cintura, ele encolheu-se.

- Estás ferido - disse ela.

- Não é nada - insistiu ele, mas afastou-a.

Ela aproximou-se mais e percebeu que ele estava com dores e que se esforçava para parecer imperturbado. Não conseguia esconder isso dela.

- Obrigámo-nos a Angela a dizer para onde o Roland te tinha levado - respondeu ele. - Viemos logo para cá.

- Apesar de estares ferido?

- É só um arranhão - respondeu ele, desvalorizando a preocupação dela.

Ela espreitou por trás de Matthew, onde Roland estava de cara enfiada na lama, a ser amarrado com uma corda como se fosse um peru do Natal. Estava à espera que fosse Rafe a ocupar-se daquela manobra, mas quando o homem se virou, Clarissa ficou embasbacada.

Será que quando Roland a tentara estrangular isso tinha afetado a sua visão? Ou teria sido a sua bofetada violenta? Ela estava a ver a dobrar. Estava a ver dois Matthews. Ele estava no chão ao seu lado, mas também estava debruçado sobre Roland. Ela pestanejou repetidamente, mas os dois Matthews continuavam lá.

O que estava ao lado dela levantou-se e ela reparou que uma boa parte do seu vigor habitual tinha desaparecido. Não tinha a flexibilidade nem a agilidade do costume, nem de longe. Estendeu-lhe a mão e ela agarrou-a, usando o braço dele como apoio para se levantar. Podia tê-lo deixado levantá-la, mas não estava certa de que ele tivesse a força suficiente para levar o gesto a cabo.

Os joelhos dela estavam fracos e ansiava por se encostar a ele, mas tinha medo de lhe tocar, medo de que ele voltasse a contorcer-se com dor. Ele também estava invulgarmente reticente, como se não soubesse se devia apoiá-la ou não, como se não estivesse certo de que ela iria receber bem a sua ajuda.

A discussão que tinham tido em Londres deixara-os num lugar desconfortável. Sim, eles eram casados, mas da última vez que tinham falado, ela assumira que o casamento de ambos tinha terminado.

Porque tinham eles discutido em Londres? Porque se tinham separado? Depois daquele desastre, como podia isso importar? Parecia ter sido há tanto tempo e num lugar tão longínquo, mas ela não sabia como poderia atravessar a ponte que os separava.

A cabeça dela revolia com perguntas. Porque estava ele a caminho de Greystone. Tinha vindo despedir-se? Estava de partida para o exército? Estaria prestes a anunciar que ia separar-se de Clarissa para poder ficar com a sua amante?

Qualquer que fosse o motivo, ter-se dado a esse trabalho quase lhe custara a vida.

Havia muitos assuntos por resolver entre eles, mas ele tinha ido atrás de Roland. Salvara Clarissa. Naquele preciso instante, em que mais precisava ela de pensar? Em nada. Absolutamente em nada.

O outro homem acabou de amarrar Roland, que tinha sido espancado e estava inconsciente. A seguir, virou-se e dirigiu-se a eles. Exibiu um sorriso matreiro que era uma réplica perfeita do de Matthew.

Não havia a mínima diferença entre eles. Nem na altura. Nem no porte. Nem na postura, atitude ou modos. Até o cabelo era igual, profundamente negro, apanhado num rabo de cavalo e preso com uma tira de pele.

Mas eram aqueles olhos...

Eram de um tom de azul-safira deslumbrante, que Clarissa nunca vira em nenhuma outra pessoa. Como podiam duas pessoas ter uns olhos tão magníficos e hipnotizantes?

- Isto foi divertido - disse o homem, esfregando as mãos uma na outra, para sacudi-las. - Já havia pelo menos uma semana que eu não dava uma coça num pulha. Detesto desperdiçar os meus talentos.

Matthew fez-lhe sinal.

- Vem cá, arrogante de um raio.

Clarissa franziu o sobrolho e olhou para Matthew.

- Quem é ele?

- É o meu irmão gémeo.

Ela ficou pálida de espanto.

- Irmão... gémeo?

- Sim. Lembras-te da Lady Run e das histórias loucas dela?

- Claro, lembro-me - respondeu Clarissa.

- Parece que eram mesmo verdadeiras - disse ele, apontando para o irmão. - Clarissa, este é o meu irmão desaparecido há anos, Michael Blair. - Completou as apresentações dizendo: - Michael, esta é a minha mulher, Clarissa.

- Clarissa *Harlow*? - O senhor Blair cravou o olhar em Matthew. - Temos de ter uma conversa acerca desse teu apelido.

- Sim, sim - resmungou Matthew. - E sobre muitos outros assuntos.

- Como está, Clarissa - disse Michael Blair. - Posso tratá-la por Clarissa?

- Sim, por favor.

- Também me tem de tratar por Michael.

- Obrigada. Assim farei.

Naquele momento, Matthew desequilibrou-se e ela apercebeu-se de que estava a agarrar-se a ela e a usá-la para lhe dar equilíbrio. Olhou para ele e viu uma expressão de dor e o suor que tinha no sobrolho. Michael também reparou.

- Meu Deus, olha para ti - gemeu Michael. - Não tarda nada caís redondo no chão.

- Eu estou bem - declarou Michael, que obviamente não estava. - Tenho de tratar do Merrick.

- *Eu* trato do Merrick - disse Michael. - Não estás em condições de lidar com o assunto. Entra para a carruagem.

Os rostos dos dois irmãos iluminaram-se e, se não estivessem num impasse tão doloroso, ela ter-se-ia rido do quão incrivelmente parecidos eles eram.

Caramba!

Michael foi o primeiro a afastar-se e virou-se para Clarissa.

- O seu marido tem uma bala nas costas.

- Ele tem o quê?

- Estávamos tão apressados em a salvar que ele não me deixou retirar a bala.

- Oh, Matthew! - exclamou Clarissa, fazendo uma careta. - Tens de ser sempre um herói?

- E também tem umas quantas costelas partidas - acrescentou Michael.

- Como é que as partiu? - perguntou Clarissa.

- O Merrick pontapeou-o quando ele estava no chão.
- Eu estava inconsciente - resmungou Matthew, em sua defesa. - Se não estivesse, tinha-o matado ali mesmo.
- Ele bateu com a cabeça quando caiu do cavalo - prosseguiu Michael. - E nem imagino o que mais possa estar a incomodá-lo.
- Nada que um bom *whisky* não consiga resolver - retorquiu Matthew.
- Isso é o que tu pensas - murmurou Michael. - Clarissa, pode levá-lo na carruagem?
- Claro que sim.
- Eu não preciso de ir na porcaria de uma carruagem - reclamou Michael.
- Leve-o até à nossa irmã em Fox Run - disse Michael. - Eu vou ter lá com vocês para lhe retirar a bala.

Clarissa ficou enervada com aquela conversa toda.

- Nós não devíamos... hum... chamar um médico? Não seria melhor?

Michael alarmou-a quando admitiu:

- Eu tiro balas aos meus homens a toda a hora. Sou perito em fazê-lo, por isso não precisamos de nenhum carniceiro bêbedo. Agora vão-se embora, vocês os dois.
- Claro, sim - disse Clarissa, entrelaçando os dedos nos de Matthew. - Vamos subir para a carruagem, Matthew.
- Eu consigo montar um cavalo.
- Claro que consegues - concordou Michael -, mas a Clarissa está a tremer como varas verdes e *não* consegue. Tens de acompanhá-la. Ou preferes que seja *eu* a levá-la?
- Leva-a tu - respondeu Matthew. - Eu tenho de acabar a conversa com o Merrick. Tenho vários assuntos a discutir com ele, e a minha mulher não deve ouvi-los.

Michael examinou Matthew e anuiu.

- Muito bem. Trata tu do Merrick. Eu levo a Clarissa a casa sã e salva.
- Não podemos ir todos juntos? - sugeriu Clarissa.

Estava aterrorizada com a condição debilitada de Matthew. Estava fraco e ferido e, depois de tudo o que tinha acontecido, ela não queria perdê-lo de vista. As emoções dela oscilavam entre o júbilo e o desespero e sentia-se amedrontada como uma criança pequena, como se apenas estivesse protegida quando Michael se encontrava ao seu lado.

Os dois irmãos ignoraram-na e Michael acompanhou-a até à carruagem. Ajudou-a a subir, facto pelo qual ela lhe ficou grata. Estava cambaleante e zozna e não teria conseguido trepar sozinha.

Acomodou-se na carruagem e Michael juntou-se a ela. Quando ele pegou nas rédeas, Clarissa perguntou a Matthew:

- Vens já de seguida, não vens? Estarás atrás de nós?
- Sim - respondeu Matthew. - Isto só demora uns minutos.
- Tenho medo de te deixar aqui.
- Eu só estou ferido, Clarissa. Não estou morto. Consigo dar conta do recado.

Anunciou aquilo com uma confiança pomposa tal, dando largas à sua personalidade rude e irritante, que ela decidiu que não tinha de se preocupar com ele. O seu capitão ousado e convencido ainda habitava algures por ali.

Michael entregou uma faca e uma pistola a Matthew.

- Não me parece que vás ter algum sarilho - disse Michael. - Mas... nunca fiando.

- Eu tenho o humor de um urso - retorquiu Matthew. - Ninguém ousaria aproximar-se de mim com intenções maldosas. Mal olhassem bem para mim, punham-se a milhas.

- Sem dúvida - riu-se Michael. - Tens a certeza de que estás em condições de fazer isto?

- Absoluta - redarguiu Matthew.

- Fazer o quê? - inquiriu Clarissa, mas eles não lhe responderam.

Roland tinha recuperado a consciência. Fez uma careta e olhou em redor. Quando viu Clarissa cravou-lhe um olhar com tanto ódio que ela ficou perplexa.

De repente, a expressão estoica de Matthew incomodou-a.

- O que vais dizer ao Roland que não queres que eu oiça?

- Isso é entre mim e ele. Nós já vamos lá ter.

Clarissa fez um gesto na direção do interior da carruagem.

- Não podias atirá-lo cá para dentro e trazê-lo agora? Não seria mais fácil?

Matthew e Michael trocaram um olhar furtivo, partilhando uma mensagem secreta, como se conseguissem ler a mente um do outro.

- O Matthew e o senhor Merrick ficam bem - insistiu Michael. - Não se apoquente em relação a nenhum dos dois.

- Eu já vou ter convosco a Fox Run - disse Matthew. - Preciso de tratar da minha ferida.

- Mal posso esperar - respondeu Michael, num tom que parecia ser genuinamente radiante.

- Eu posso - resmungou Matthew, esboçando um esgar.

Michael estalou as rédeas, gritou para os cavalos e eles arrancaram. Clarissa espreitou por cima do ombro, vendo Matthew enquanto dobravam a curva, para depois perdê-lo de vista.

Ela remexeu-se e gemeu, todos os seus ossos começavam a doer e a latejar.

- Sinto que fui espezinhada por uma manada de cavalos selvagens - confessou ao seu novo cunhado.

- É provável que se sinta mal durante várias semanas.

- Estou preocupada com o Matthew. Ele não me parecia assim tão forte e vigoroso. Ele fica bem, não fica? Vai conseguir lidar com o Roland e ir para casa?

- Claro que ele fica bem.

- Acaba de conhecê-lo. Como pode ter assim tanta certeza?

Michael sorriu.

- Ia ficar surpreendida com tudo o que eu sei a respeito dele. É duro como eu e isso é ser mesmo muito duro.

Matthew esperou que Clarissa desaparecesse. Ela estava em choque e não estava a pensar com clareza. Se estivesse, teria percebido que não devia permitir que Matthew ficasse sozinho com Merrick e Matthew esperava que Clarissa não sentisse demasiado a falta do

primo.

Ela era demasiado bondosa, demasiado clemente. Naquele momento, estava muito abalada e zangada, mas com o passar do tempo a memória daquele incidente iria esvanecer. Ela iria recordar o rapto como não tendo sido assim tão perigoso. Sentiria pena de Merrick.

Mas ela não chegaria a atingir esse ponto no futuro. Matthew não ia permitir que esse momento chegasse. Teria de voltar para o seu regimento e, se Roland Merrick estivesse vivo e a passear-se por Greystone, Clarissa nunca estaria segura.

Quando ela desapareceu do seu campo de visão, ele dirigiu-se a Merrick. Michael tinha-lhe atado os pés e as mãos e Matthew soltou a corda que ele tinha à volta dos tornozelos.

- Levante-se, Merrick - ordenou-lhe.

- Vá bugiar, Harlow.

- Levante-se - repetiu ele. - Não volto a dizer-lhe isto.

- Estou todo a tremer.

Merrick estava a demonstrar muito mais coragem do que Matthew tinha antecipado. No entanto, como não tinha nada a perder, o que mais podia ele fazer a não ser reclamar e armar-se em forte?

Estava em péssimo estado. Tinha o cabelo, a cara e o casaco ensopados com sangue. Clarissa tinha-o atingido de forma certa e ele tinha uma ferida aberta no couro cabeludo. Aquilo devia doer imensamente. Michael tinha causado ainda mais danos. Merrick estava espancado, maltratado e tinha um olho quase fechado, tal era o inchaço.

- Você saiu-me cá um herói - provocou Merrick. - Eu dei-lhe um tiro pelas costas e você nem sequer o antecipou.

- É um demónio ardiloso - concordou Matthew, com sarcasmo.

- Ah, pois sou. Não se esqueça disso.

- Nunca me irei esquecer. O mais certo é pensar em si quando der o meu último suspiro.

As costelas dele iriam queixar-se sempre daquele pontapé brutal. Já tinha partido muitos ossos na sua vida e em dias de chuva e frio o corpo doía-lhe incessantemente. O ferimento que Merrick lhe infligira seria mais um de uma longa lista de ferimentos que nunca iriam sarar por completo.

Atualmente era o ombro e as costas que o incomodavam. A bala tinha de ser extraída e em breve. A cada minuto que passava ele perdia energia, perdia força. Mal conseguia levantar o braço, mas conseguia erguê-lo o *suficiente* para fazer o que tinha de fazer.

Enfiou a mão no casaco e bebeu um gole lento de *brandy* da sua garrafa, a seguir inclinou-se e puxou Merrick para cima.

Merrick virou-se para os cavalos como se assumisse que os montariam e seguiriam Clarissa. Era possível que ele fosse assim tão burro? Não percebia o que motivava Matthew? Merrick não entendia porque era Matthew tão poderoso?

- Não vamos montar os cavalos - disse Matthew. - Caminhe na direção do bosque.

Merrick apercebeu-se, finalmente, de que estava em sarilhos.

- O que quer dizer?

- Quero dizer que deve caminhar em direção do bosque.

- Porquê?

- Porque prefiro cortar-lhe o pescoço a coberto das árvores, longe da estrada, mas podemos acabar com isto aqui. Pouco me importa.

- Cortar-me o pescoço!

- Você pôs essas patas nojentas na Clarissa. O que é que pensou que iria acontecer quando eu o apanhasse?

- Eu nunca achei que me fosse apanhar. Era suposto você estar morto. Eu enterrei-o! Porque é que não está a apodrecer debaixo da terra?

- Estou precisamente o oposto disso.

O olhar de Merrick tornou-se nervoso, os seus olhos começaram a disparar para um lado e para o outro, à procura de uma saída. No entanto, ele tinha as mãos atadas e não havia como escapar.

- Mas... mas... você disse à Clarissa que íamos já atrás dela.

- Menti.

- Ela vai estar à espera que eu chegue consigo.

- Eu digo-lhe que foi para Londres e que eu corri consigo, com ordens expressas para não voltar para Greystone. Digo-lhe que lhe dei uma hipótese de partir e que a aceitou.

- Ela não vai acreditar em si.

Matthew encolheu os ombros.

- E?

- Ela vai ficar zangada se me acontecer alguma coisa.

- Há de ultrapassar isso.

- Não vai. Nós somos muito chegados. Ela vai ficar devastada.

- Não vai não. Para além disso, eu não lhe vou *fazer mal*, vou matá-lo.

- Não seja absurdo - bufou Merrick. - Você não pode simplesmente... simplesmente... matar alguém.

- É a minha vida. Sempre fiz isso. Não me vai custar nada.

Por um instante, Merrick parecia estar prestes a fugir e Matthew desejou que ele não o fizesse. Não se sentia com energia suficiente para perseguir aquele tolo. Em vez disso, Merrick tentou gritar e Matthew deu-lhe um murro por baixo do queixo com tanta força que ele caiu com um ruído de ossos a partir. Ficou zonzo e atarantado, mas não tentou levantar-se. Se calhar não era capaz.

- Levante-se - disse Matthew.

- Largue-me - retorquiu Merrick, cuspidando uma posta de sangue. - Exijo que me entregue às autoridades. Exijo que me leve para a prisão e me mande prender e que me seja permitido contratar um advogado.

- Nenhum advogado o pode ajudar. Você cavou um buraco para si mesmo e eu tenciono enterrá-lo nele.

- Era *você* que devia estar enterrado. - Merrick olhou para o céu e gemeu. - Porque é que nunca nada corre bem?

- Você está fadado com um mau destino, Merrick. Toda a sua vida foi uma sequência de resoluções péssimas e a sua decisão de raptar a Clarissa foi a pior de todas.

- Não, foi genial - alegou Merrick. - Se você tivesse morrido, como era suposto, eu ficava ótimo.

- Você está louco, Roland Merrick. Agora levante-se e morra como um homem. Odeio executar

um tipo que se está a arrastar pela lama.

- Você não tem tomates para me matar.

- Acha mesmo que não?

- Acho.

Matthew estendeu os braços e voltou a levantar Merrick. Ele cambaleou e balançou e Matthew teve de segurá-lo.

- Você cometeu um erro grave, Merrick - disse Matthew.

- Como assim?

- Em primeiro lugar, não confirmou se eu estava morto.

- Parecia estar.

- Em segundo, ninguém magoa as pessoas que eu amo. Nem o Rafe. Nem a Clarissa. Ninguém pode magoar a Clarissa.

- Você *ama* a Clarissa? - Merrick riu-se, num cacarejo arrepiante que fez levantar os pelos da nuca de Matthew. - Esse é o comentário mais ridículo que eu alguma vez ouvi.

- Tendo em conta a sua perfídia, só há um fim possível.

- Qual é?

- Você sabe qual é.

Os dois homens fitaram-se, com um silêncio letal a empestar o ar. Até àquele momento, Merrick não tinha pensado que fosse sofrer quaisquer consequências. Pensara que podia escapar-se ou que conseguiria fugir da punição através do diálogo, mas não conseguia perceber que erro tão grave tinha cometido quando fora atrás de Clarissa.

- Quer dizer as suas últimas palavras? - perguntou Matthew.

- Está a ser ridículo. Você *não* me vai matar.

- Vou, sim. Quer dizer as suas últimas palavras?

- Você não me vai matar!

- Quer dirigir as últimas palavras à sua irmã?

- Claro que não. Sempre a odiei.

- Eu digo-lhe isso por si.

Matthew já tinha matado muitos homens na sua vida. A morte de Roland Merrick não era nem mais fácil nem mais difícil do que nenhuma outra. Matthew empunhou a sua pistola e atingiu Merrick bem no centro do seu frio coração negro.

Merrick caiu como uma pedra, quando Matthew lhe soltou o casaco, deixando-o cair. Ficou a observá-lo durante alguns minutos, para ter a certeza absoluta de que Merrick tinha morrido, que o tiro fora certo. Mas Matthew era perito em matar e era muito melhor a fazê-lo do que Roland Merrick algum dia podia ter sonhado ser.

Agarrou Merrick pelo casaco e arrastou-o para o bosque. Vasculhou os bolsos dele e ficou encantado por encontrar a sua medalha de mérito. Enfiou-a no seu próprio bolso e a seguir murmurou uma breve oração pela alma perversa de Merrick.

Se Matthew fosse mais bondoso ou mais atencioso - ou se não se sentisse tão horrendo - ele teria cavado uma sepultura e tratado Merrick com a mesma cortesia que ele lhe tinha dirigido.

No entanto, Matthew não era bondoso nem atencioso e Merrick seria deixado à mercê dos

elementos. Os corvos comer-lhe-iam os olhos.

Matthew saiu dali apressadamente e foi ter com os cavalos. A sua energia estava a desaparecer e foi precisa uma certa manobra para o içar. Agarrou nas rédeas dos dois animais, olhou em redor para verificar que não se tinha esquecido de nenhum pormenor, e a seguir partiu a trote, a precisar de chegar a Fox Run enquanto ainda conseguia manter-se em cima da sela.

Clarissa tinha sido deixada na sala da frente de Fox Run. Estava nervosa, deslocada e confusa em relação ao seu papel e a como devia comportar-se.

Lady Run não estava em casa e um dos lacaios tinha sido enviado à procura dela, para trazê-la de volta. Michael Blair tinha assumido o comando da situação e gritava ordens aos criados, pedia que fosse servido láudano e *whisky*, que se esterilizassem facas e que se preparasse uma sala para uma cirurgia.

A seguir, havia saído novamente a correr, para ir ao encontro de Matthew na estrada e escoltá-lo durante o resto do caminho, o que Clarissa tinha considerado uma ótima ideia. Matthew não devia estar sozinho e Clarissa devia ter batido o pé e insistido para que ele viajasse com eles na carruagem. Mas como teria ela conseguido isso?

Matthew estava decidido a falar com Roland a sós e, se havia alguma coisa que Clarissa tinha aprendido a respeito do capitão Harlow era que ele fazia apenas aquilo que decidia e nada mais.

Aparentemente, Michael Blair tinha competência para tratar o ferimento de Matthew. Ainda assim, Clarissa interrogou-se novamente se não deveriam ter chamado um médico. Falara nisso uma vez quando tinham chegado, mas Michael desdenhara e alegara que Matthew iria ser muito mais bem tratado nas mãos dele.

Clarissa não sabia como podia intervir ou se o *devia* fazer. Era a mulher de Matthew. Devia dizer a Michael Blair que se pusesse no seu lugar e começar ela a tomar decisões? Será que Matthew ia querer que fosse ela a tomar as decisões em vez do seu irmão? Clarissa não tinha conhecimentos de cirurgia e não confiava mais nos médicos do que confiava em Michael Blair.

E se ela assumisse o comando e estragasse tudo? Michael Blair parecia saber exatamente o que tinha de ser feito. Não era melhor deixá-lo prosseguir?

Ela estava desesperada. Tinha as roupas sujas e rasgadas e a cara e as mãos imundas, feridas e magoadas. Depois do drama da viagem daquela tarde, também estava extraordinariamente exausta e os seus membros pareciam pesos mortos. Os movimentos dela eram arrastados e os seus pensamentos dispersos e confusos. No canto da sala havia um aparador e ela foi até lá e serviu-se de um *whisky*. Bebeu-o num gole e a seguir desejou não o ter feito.

Não costumava beber e, com o estômago vazio, o líquido gorgolejou e deixou-a maldisposta e o seu estado de letargia tornou-se ainda mais pronunciado. Cambaleou até ao sofá e sentou-se lentamente.

Parecia que já tinha passado imenso tempo desde que Michael Blair partira, mas segundo o relógio só tinham passado quarenta minutos. Como era possível? Ela estava à espera há uma eternidade.

De súbito, gerou-se um rebuliço à porta de casa. Havia criados a correr, pessoas aos gritos. Clarissa saiu do vestíbulo a correr quando Matthew e Michael entraram em casa. Roland não vinha com eles, mas naquele momento ela estava demasiado perturbada para se preocupar com ele.

Matthew estava pálido, muito fraco e coxeava, evidenciando mais a sua dor. Michael tinha um braço à volta da cintura de Matthew e transportava a maior parte do seu peso, como se ele não fosse capaz de fazê-lo sozinho. Quando passaram a soleira da porta, Matthew cambaleou e quase caiu.

Clarissa gritou e correu em sua direção, mas ele já tinha recuperado o equilíbrio. Michael conduziu-o para o quarto nas traseiras da mansão onde a bala seria extraída.

Clarissa seguiu atrás deles, mas Matthew deteve-se. Michael também parou.

- Eu não a quero aqui - murmurou Matthew para o irmão.

- Não te apoquentes com ela agora - respondeu Michael. - Tens coisas mais importantes com que te preocupar.

Matthew cravou os olhos nela por cima do ombro e vociferou:

- Desaparece daqui.

- O quê? - perguntou Clarissa a gaguejar. Ele estava furioso e exasperado, como se não conseguisse tolerar vê-la.

- Não suporto vê-la aí a pairar e a cacarejar como uma mãe-galinha.

- Oh!

- Vai para Greystone - disse, numa voz fria e dura.

Apesar de ele ser bastante direto e frontal, ela continuou a insistir. Estava ferido e não conseguia pensar racionalmente.

- Eu não me devia ir embora, Matthew. Devia ficar aqui contigo.

- Eu não preciso de ti!

- Não estás a falar a sério.

- Estou, sim. Preciso do Rafe. Conta-lhe o que se está a passar e que ele tem de me assistir imediatamente.

- Acho que posso fazer isso.

Ela não se mexeu e ele gritou:

- Vai! Pede ao Rafe para vir ter comigo.

- Está bem, está bem. Eu mando vir o Rafe.

Ele e Michael já se estavam a afastar e o irmão arrastava-o ao longo do corredor. Matthew estava completamente exausto, como se tivesse gasto toda a sua energia para chegar a Fox Run e não lhe restasse mais nenhuma.

Ela pestanejou e os dois homens dobraram uma esquina e desapareceram. Ela demorou-se, sentindo-se estúpida e tonta e completamente irrelevante como mulher, amiga e esposa. Mas porquê aborrecer-se?

Quando ela tinha fugido de Londres, deixando-o com a amante, tinha sido clara em relação aos seus sentimentos. E *ele* estava a ser claro agora. Estava numa situação muito fragilizada e não precisava dela. Queria os seus dois irmãos. Apesar de não se importar muito que a tivesse mandado chamar Rafe, irritava-a um bocadinho que tivesse preferido Michael Blair em vez dela.

Clarissa não conhecia o capitão Harlow assim tão bem, mas Michael Blair não o via há vinte e sete anos.

Mas, que assim fosse. O seu irmão Michael estava ao lado dele e Rafe estaria também. Não era melhor? Na verdade, Clarissa não tinha direitos sobre o capitão. Era certo que podia lembrar-se de alguns direitos legais, mas não havia nenhuns emocionais. Ela e o capitão tinham proferido votos, mas eles eram essencialmente estranhos e mal se tinham casado.

A casa tinha ficado em silêncio e Clarissa estava ansiosa para partir. Tinha chegado numa carruagem que entretanto fora levada para a cavalaria, os cavalos tinham sido

desaparelhados e prepará-la requeria um enorme esforço. Considerou voltar a pé para casa, mas ainda eram alguns quilômetros até Greystone. Estava exausta e maltratada e, se ousasse admiti-lo, um pouco magoada pela renúncia do capitão Harlow. Ela não tinha energia para conseguir chegar lá sozinha.

Uma criada passou por ela a correr e Clarissa disse-lhe:

- Posso incomodá-la por um momento.
- Não incomoda nada, senhora Harlow. Em que posso ajudá-la?
- Tenho de ir para Greystone Abbey imediatamente, mas estou extraordinariamente cansada. Acho que não consigo ir a pé.
- É claro que não deve ir a pé. Se eu a deixasse, Lady Run nunca me perdoaria.
- Será que alguém me pode levar lá?
- Certamente que sim. Sente-se, por favor e eu peço aos rapazes da cavalaria que a levem.
- Obrigada.

A mulher afastou-se apressadamente e Clarissa cambaleou até uma cadeira ali perto e deixou-se cair nela. Ficou a escutar com atenção, tentando ouvir o que Matthew e Michael diziam e à espera que algum laçao passasse por ali para lhe perguntar como estava a correr a cirurgia.

De qualquer maneira, não era provável que houvesse notícias em breve.

Uma pontada de dúvida invadiu-a.

E se o Matthew morrer? Se o Matthew morrer sem eu lhe ter pedido desculpa?

Os ferimentos causados por balas eram frequentemente fatais. E se Clarissa se fosse embora e acontecesse uma tragédia?

Tão depressa como aquela possibilidade surgiu, ela afastou-a.

Ele estava com o irmão, tal como tinha exigido. E ansiava por estar também com o seu outro irmão. Clarissa iria a Greystone buscar Rafe e teria assim cumprido os desejos do capitão.

Estaria rodeado pelas duas pessoas que mais amava no mundo. Tentou convencer-se a ficar satisfeita por ele ter os irmãos consigo, que devia estar feliz por ele gostar de alguém, ainda que não fosse ela. Contudo, aquela tomada de consciência era um conforto frio.

Ela não conseguia tolerar ficar fechada dentro daquela mansão nem mais um segundo. Levantou-se e saiu disparada lá para fora.

24

- Escolha o seu fim.

- Não escolho e, uma vez que não fiz nada de errado, recuso-me a deixá-lo atormentar-me.

Matthew cravou o olhar em Angela. Estavam na biblioteca de Greystone e Matthew tinha enviado uma criada ao quarto de Angela três vezes antes de ela se arrastar até ali. Estava sentado atrás da secretária e ela encontrava-se de pé à frente dele.

- Não fez nada? - perguntou Matthew.

- Absolutamente nada. Fiquei chocada com o comportamento do Roland. O meu irmão parecia tão calmo. Como havia eu de saber que a insanidade espreitava mesmo debaixo da superfície?

- Como, de facto? - refletiu Matthew.

Tinha de lhe dar o mérito. Ela tinha mais falsa coragem do que qualquer homem que ele já tivesse conhecido e já se havia cruzado com alguns bem duros. Ela envergonhava-os a todos.

- Posso sentar-me? - perguntou ela.

- Não.

- Bom... eu nunca! - bufou ela. - Não é preciso ser mal-educado.

- Neste momento, não me apetece ser cordial. Podia dizer que lamento, mas não é verdade.

- Bárbaro - murmurou ela, entre dentes.

- Sim, sempre fui, e é uma sorte para si que isso se revele sob a forma de rudeza e insultos.

- Em que medida é que isso é uma *sorte* para mim?

- Porque se eu fosse o tipo de homem que a tratasse como verdadeiramente merece, contornava a mesa e deixava-a a sangrar.

- Ora, ora, capitão, ameaçar uma mulher fá-lo sentir-se másculo? Tenho metade do seu tamanho. Devo tremer e chorar?

Michael estava a andar de um lado para o outro atrás de Matthew e disse:

- Eu bato-lhe por ti.

Angela arfou.

- Você faz... o quê?

- Eu bato-lhe. Com todo o gosto. O Matthew parece ter um lado galante, mas eu não tenho.

Alguma da arrogância de Angela desapareceu e ela olhou nervosamente para Matthew.

- Não vai deixar que ele me bata, pois não?

- Depende até que ponto me vai irritar antes de esta conversa terminar.

Para uma mulher que tinha conspirado para cometer homicídio, estava demasiado confiante, demasiado certa do lugar que ocupava no mundo.

- Onde está o meu irmão? - indagou.

- Como hei de eu de saber? - retorquiu Matthew.

- Foi a última pessoa a falar com Roland antes de ele desaparecer.

- Fui? Como pode ter a certeza disso?
- Ele teve um percalço e eu estou bastante certa de que foi por sua causa.
- Eu teria todo o gosto em matá-lo, mas não o fiz. - Matthew mentia tão bem como ela. Tinha crescido a fazê-lo. Era perito.
- Se não o matou, porque é que ele não voltou para casa?
- Eu dei-lhe uma opção.
- Que opção? - desdenhou ela.
- Ele podia seguir viagem até Londres e começar uma nova vida lá.
- Ou...?
- Ou... eu matava-o. Ele decidiu seguir para Londres.
- É essa a sua história? Está a alegar que ele trotou rumo a Londres sem se despedir de mim?
- Não é o que eu alego. É o que aconteceu.
- Mentiroso.

Matthew encolheu os ombros.

- Também nunca mais vai aparecer aqui. Eu matava-o e ele sabe disso.
- Eu vou às autoridades - ameaçou ela.
- Esteja à vontade. *Eu* sou o capitão Matthew Harlow e você é a filha de um vigarista condenado. Em quem irão acreditar?
- Não me importo que não acreditem em mim. Vou manchar o seu nome por todo o reino e você está desgraçado.
- Eu? Desgraçado? A menina Merrick é hilariante. Parece estar a esquecer convenientemente de que o seu irmão raptou a minha mulher. Quando as pessoas souberem desse pormenor inoportuno, você e o seu irmão não irão reunir grande simpatia.
- O Roland não a raptou. A Clarissa amava-o.

Matthew deu uma gargalhada.

- A sério?
- Quando pensou que você tinha morrido, ela ficou entusiasmada para se casar com ele. Foi de livre vontade.
- De livre vontade? É essa a sua versão dos acontecimentos? Mal posso esperar para informar a Clarissa.
- Ela era obcecada pelo Roland desde o dia em que se mudou para Greystone, quando era pequena. Ansiava por ser mulher dele e quando finalmente surgiu a oportunidade, ela lançou-se a ela.
- A cada palavra que sai da sua boca, eu gosto menos de si, o que me deixa menos inclinado em ter alguma misericórdia por si.
- Honestamente, capitão, porque haveria eu de precisar da sua misericórdia? Já lhe disse várias vezes que não fiz nada de errado. Porque não me ouve?

Michael remexeu-se no assento, visivelmente mais impaciente.

- Estou farto das baboseiras dela, Matthew. Deixa-me amordaçá-la para ela se calar.
- Amordace-me! - Angela parecia genuinamente ofendida, mas também estava preocupada e a

fachada dela começava a quebrar. – Você não se atreveria a tocar-me.

– Ah, mas eu atrevo-me – advertiu-a Michael. – Por isso, esteja calada ou vai descobrir algumas coisas acerca do meu mau feitio que preferia não saber.

– Eu não tenho medo de si – insistiu ela.

– Perfeito – retorquiu Michael. – Eu gosto das minhas vítimas ingênuas e inocentes. É tão mais divertido para mim quando estou a administrar o castigo.

O queixo de Angela descaiu com a perplexidade. Michael tinha a mesma inclinação para a violência de Matthew, mas os piores atributos do irmão tinham sido domados nos anos que ele tinha passado no exército. Michael tinha crescido na rua e lutado pela sobrevivência. Não tinha tido disciplina militar a moldá-lo, por isso era direto, frontal e facilmente irritável.

Que Deus protegesse a pessoa que o irritasse. Se Angela não tivesse cuidado, Michael exibiria traços de caráter de que ela não iria gostar nada.

Angela voltou-se para Matthew, com um olhar suplicante.

– Vai deixá-lo magoar-me?

– Sou capaz.

Ela inspirou violentamente.

– Ele parece um cão raivoso.

Michael provocou-a dizendo:

– Este é o meu lado bom.

Matthew ergueu uma mão, num gesto para o irmão se calar.

– Quando começámos esta conversa, eu referi que podia escolher o seu fim – disse-lhe ele.

– E eu respondi-lhe que não iria fazê-lo.

– Vai sair de Greystone e nunca mais vai voltar.

– Greystone é o lar da minha família há dois séculos. Você *não* me vai expulsar.

Matthew ignorou-a e prosseguiu como se ela não tivesse dito nada.

– Não me importa o que escolhe, mas se não optar, *eu* escolho por si.

– Diga-me novamente quais são as minhas opções? – Ela estava a tremer de raiva. Se tivesse uma pistola na mão, o mais certo era matá-lo naquele momento.

– Há um convento na Escócia, dirigido pelas Irmãs da Misericórdia. Pode ir para lá e viver enclausurada para sempre.

– Um convento? Eu não sou católica.

– Eu pago a sua taxa de admissão. Elas aceitam-na.

– E eu fico enclausurada com um monte de freiras rabugentas? Vou esfregar o chão, despejar bacios e vestir-me de preto para o resto da vida?

– Sim.

– Qual é a minha outra opção?

– Pode embarcar num navio para a América. Eu compro-lhe o bilhete e dou-lhe cem libras para me livrar de si. Mas tem de me jurar que nunca mais volta para Inglaterra. Se me chegar aos ouvidos que se esgueirou até cá, vou eu mesmo trancá-la no convento.

Ela ficou a observá-lo durante uma eternidade e em seguida explodiu.

- Não escolho nenhum desses finais e você não me pode obrigar.

- Pensa que não?

Prenderam o olhar um no outro, num jogo que ela nunca ganharia. À semelhança do que acontecera com o irmão dela, Angela não podia ficar em Greystone. Com ela na propriedade, Clarissa nunca estaria segura. Nem Matthew, que teria de permanecer na esperança de, caso Angela disparasse sobre ele como o seu irmão fizera, ela não ter melhor pontaria do que Roland.

Não estava disposto a arriscar uma catástrofe e não percebia porque não deixara simplesmente que as autoridades a enforcassem.

Elas tê-lo-iam feito. Com a sua reputação de herói, as pessoas teriam feito tudo o que lhes pedisse. Apesar de ela não se aperceber, ele estava a salvar-lhe a vida miserável. Não devia tê-lo feito, mas ele não conseguia matar uma mulher da mesma maneira que matava um homem. Ela era mulher e ele ia deixá-la viver. Não merecia, mas ele ia permitir-lho.

Ela adquiriu uma expressão matreira.

- Tenho de pensar nisto durante a noite.

- Não. Tem de me dar a sua resposta imediatamente.

- Capitão! - Ela bateu o pé. - Preciso de algumas horas. Que mal pode fazer?

Michael interpelou-a.

- Porque precisa de umas horas? Está a pensar procurar uma pistola e terminar o serviço que o seu irmão falhou?

Não era aquilo que Matthew estava a pensar? A julgar pela fúria que se apoderou dela, esse era obviamente o seu plano. Ele tinha de a retirar da propriedade.

- O que vai ser, menina Merrick? - perguntou Matthew. - O convento? Ou o barco para a América?

Com uma expressão sabida e matreira, ela respondeu:

- Provavelmente vou escolher o navio. Dê-me o dinheiro que me prometeu e eu parto de imediato.

- O barco será. O meu irmão acompanha-a a Londres.

- O quê?

Aparentemente ela tinha partido do princípio que ele a deixaria viajar sozinha.

- As criadas já lhe prepararam uma arca com os seus pertences. Está uma carruagem à espera lá fora.

- Tenho de partir... imediatamente?

- Sim. Imediatamente.

- Não faço isso - disse enfurecida e começou a comportar-se como uma criança malcomportada. - Não faço, não faço, não faço.

Michael aproximou-se, levantou-a do chão e carregou-a como se ela fosse um saco de batatas.

Matthew falou para as costas do irmão em movimento.

- Fica com ela até embarcar.

- Eu trato disso. Não te preocupes.

Angela pontapeou e gritou, lutando com tal ferocidade que Michael quase a deixou cair, mas

ela não conseguiu libertar-se. Olhou para Matthew, suplicante.

- Eu tenho medo dele.

- E deve ter.

- Não viajo com ele!

- A menina Merrick é perigosa e eu fico feliz por me livrar de si.

- Não me pode mandar embora! Esta é a minha casa.

- Não - respondeu Matthew calmamente. - Esta foi a sua casa. Agora é minha. É da Clarissa.

- A Clarissa vai ficar desapontada quando descobrir como me tratou.

Matthew ainda não tinha falado com Clarissa acerca de nada daquilo e mentiu.

- Ela já sabe. Concordámos que não pode ficar.

- Mas... mas... eu tenho de me despedir dela.

- Ela não quer despedir-se de si. Já ouviu tudo o que tinha a ouvir da sua parte.

Michael retomou o passo e, quando ela começou a debater-se com mais intensidade, atirou-a para cima do ombro e prosseguiu.

Matthew sentou-se na sua cadeira, a ouvi-la vociferar e praguejar, mas Michael era forte, muito leal e muito determinado. Num espaço de segundos, tinha-a trancado na carruagem. A casa ficou em silêncio e Matthew exalou um suspiro de alívio.

Ninguém em Greystone teria pena de vê-la partir e, tendo em conta a posição que anteriormente ocupava na propriedade, aquele era o fim mais triste que Matthew podia imaginar.

- O que é que fazemos contigo?

- Não faço ideia.

Rafe fitou Matthew e percebeu que ele estava a perguntar por Edwina e por qual deveria ser o castigo de Rafe por tê-la desonrado.

Estavam na biblioteca de Greystone, Matthew sentado atrás da ampla secretária e Rafe numa cadeira à sua frente. Aquele era o dia em que conversas desagradáveis teriam lugar naquela sala ostensiva. Pouco antes, Matthew tinha ali estado com Angela e toda a casa rira entre dentes quando ela fora arrastada dali.

Agora era a vez de Rafe ouvir um sermão e sofrer o castigo que se lhe seguiria. Contudo, Rafe não conseguia centrar-se em Eddie nem no futuro. Nem sequer conseguia sentir alguma excitação pelo facto de estar na hora de fazerem as trouxas e irem para o exército.

Ele debatia-se com emoções complicadas: raiva, medo, vergonha, arrependimento, confusão. Também sofria de um estranho sentimento de traição. Desde que Michael Blair surgira com a notícia de que Matthew tinha mais um irmão, Rafe sentia-se desapontado e abandonado.

Ao longo da sua vida, tinham sido apenas ele e Matthew, juntos. Não era justo que Michael Blair perturbasse o que eles tinham. Não era justo que outras pessoas reclamassem o irmão para si. Matthew tinha sempre pertencido a Rafe e Rafe a Matthew.

Apesar de Matthew parecer estar bem e a recuperar da sua atribulação, Rafe estava aterrorizado, como uma criança, por causa da condição física do irmão. Matthew era um indivíduo impressionante e inspirador, um verdadeiro herói, e Rafe não conseguia conceber um mundo em que ele não existisse. A tomada de consciência de que Matthew era humano e

mortal perturbara Rafe.

E se aquele matreiro do Roland Merrick tivesse matado Matthew? Como iria ele sobreviver? Como teria prosseguido sozinho?

Com aqueles assuntos a perseguirem-no, era difícil preocupar-se com Edwina.

- Quais são as tuas intenções com a menina Edwards? - perguntou Matthew. - Estou curioso em relação a como achas que se deve resolver a situação.

- Não tenho opinião.

- Faz-me a vontade. Imagina que és tu e não eu quem está sentado a esta secretária. Finge que tens de decidir.

Rafe pensou, pensou, e a seguir encolheu os ombros.

- Esperava para ver se há um bebé.

- E se houver?

- Nesse caso... julgo que terei de me casar com ela.

- Julgas?

- Sim.

- Aqui não há nada a *julgar*. Se ela estiver prestes a constituir família, tu estás prestes a ser marido.

Rafe pensou naquela ideia e não lhe parecia assim tão má.

- E se ela não estiver a aumentar? - perguntou Rafe.

Matthew franziu o sobrolho.

- Ora aí é que está o busílis da questão, Rafe. Eu avisei-te em relação às raparigas. Preveni-te a respeito das caçadoras de fortunas e das mães gananciosas. Adverti-te para desconfiares das intenções de todas as mulheres em relação a ti.

- A Eddie não tem essas intenções.

- Não tem? Eu tenho a certeza de que ela está lá em cima no quarto, toda ansiosa, na expectativa de ouvir dizer que vai ser tua mulher.

- Duvido. Ela é muito sensata.

- Rafe! Ela está loucamente apaixonada por si.

Era habitual as mulheres apaixonarem-se por ele. Era a sua sina, o seu fardo e ele gostava da atenção que aquilo lhe trazia. Nunca a rejeita va.

- Ela não está interessada no meu dinheiro.

- Muito bem - declarou Matthew, em tom de chiste. - Nesse caso, não faz mal teres sido um malandro sem vergonha. Ela não quer o teu dinheiro, por isso, não faz mal desgraçá-la. É isso que estás a alegar?

- Ah... ah...

Quando Rafe estava com Eddie e os dois riam, tagarelavam e preguiçavam na cama dele, era fácil justificar o seu comportamento. Mas quando confrontava o irmão, o homem que venerava, que idolatrava, era difícil racionalizar.

- Eu não comentei isto com a Clarissa - disse Matthew.

- Ótimo. Por favor, não o faças. - Rafe gostava muito de Clarissa e ela parecia gostar dele também. Ansiava por manter a estima dela.

- Não lhe contar? Está a brincar? Eu quis falar contigo primeiro. A seguir, vou falar com a menina Edwards. E, *depois*, falo com a Clarissa, mas não preciso de falar com ela para saber qual será a sua resposta.

- Ela vai exigir que eu me case com a Eddie?

Matthew deu uma palmada violenta na mesa.

- Claro que vai exigir. O que esperavas?

Obviamente incomodado, Matthew levantou-se e foi até à janela olhar para o parque. Ficaram em silêncio, Matthew perdido nos seus pensamentos e Rafe a analisá-lo.

Por fim, Matthew murmurou:

- Eu tinha feito planos para fazer de ti um aristocrata. Planeava comprar-te um título na alta sociedade.

- Eu não tenho interesse em conviver com esses ricos snobes.

- Se achas que o pecado que cometemos foi para te tornar rico, eu sempre considereei que devíamos dar-lhe um uso mais benéfico. Caso contrário, de que serviu?

- Salvou-me a vida?

- Presumo que sim.

Matthew girou sobre si mesmo, encostou as ancas ao peitoril, cruzou os braços sobre o peito. Entreolharam-se e entre os dois circularam milhares de comentários não verbalizados.

A vida de Rafe tinha consistido numa sequência de chicotadas, que tinham aumentado de frequência e intensidade à medida que o problema do pai com a bebida se agravava. À exceção de uma ou outra estalada, Matthew escapara-se maioritariamente à ira do homem. Mas o irmão era um alvo constante.

Rafe não era nada parecido com o pai e, quando estava consumido pelo álcool, ele enfurecia-se e dizia que Rafe não era seu filho, que ele se parecia com uma velha paixão da sua mãe. A mãe de Rafe tivera um caso? Era assim que ele tinha sido concebido?

Rafe não podia saber qual era a verdade, mas gostava de pensar que a mãe tivera algum momento de felicidade. Gostava de pensar que um outro homem, que não o seu pai hediondo e violento, lhe tinha passado os traços atraentes.

Quando estava sóbrio, o pai de Rafe nunca falava em ter sido traído, mas quando estava alterado, descarregava a fúria em cima de Rafe, até que Matthew começou a preocupar-se com a ideia de que o irmão podia vir a ser morto.

Após um espancamento particularmente brutal, o pai de Rafe tinha sofrido um *acidente* e eles não tinham precisado de engendrá-lo ou planeá-lo. Cambaleara até ao bosque que ficava para lá da tenda deles e perdera os sentidos junto a um curso de água. Matthew arrastara-o para dentro da corrente e ele afogara-se por si mesmo.

Matthew tinha dezoito anos e Rafe dez.

Nunca se tinham levantado dúvidas, nem se seguira qualquer investigação. Todos os elementos do regimento estavam a par do seu alcoolismo e ninguém se surpreendeu por ele se ter afogado. Ninguém sentiu a sua falta nem lamentou a sua morte. Era de opinião geral que Rafe ficava melhor aos cuidados de Matthew do que do seu pai.

Era um segredo que os acompanharia até à sepultura e que os unia de uma maneira que outros irmãos não podiam sequer imaginar. Fora parricídio – Rafe não podia deixar de o admitir – e ele talvez devesse ter sido consumido pela culpa, mas nunca lamentara o que Matthew fizera. Ficara feliz na época e estava feliz agora e fora feliz todos os segundos naquele entretanto.

- Vais voltar comigo para o exército? – perguntou Rafe subitamente.

- Porque me perguntas isso?
 - Sentes-te suficientemente recuperado para partir?
- Matthew encolheu os ombros.
- Sinto-me suficientemente bem.
 - Então, e o Michael Blair e a irmã dele e a história deles?
 - Não é uma história, Rafe. É a verdade.
 - Tens uma família nova inteira.
 - Sim.
 - Mas se os tens a eles e eles a ti, quem é que eu tenho?

Matthew franziu a testa.

- Continuas a ter-me a mim, meu bronco. Vais ter-me sempre.
- Não vamos ficar juntos. Eles vão afastar-te.
- Nunca o conseguiriam e não tens de te preocupar com isso.

Rafe estava desalentado e taciturno. Ele tinha visto Matthew e Michael a interagirem e, apesar de ele e Matthew serem chegados, Rafe nunca seria capaz de se ligar a Matthew como Michael era.

Custava-lhe dar-se conta disso e deixava-o receoso. Matthew fora o centro da vida de Rafe, o cerne que mantinha o mundo dele no lugar. Parecia que o irmão já estava a desaparecer. Como podia ele impedi-lo?

- Tenho uma confissão a fazer - disse Matthew.
- O que é?
- Eu sou capaz de não ir já para o regimento.

Aquela notícia atingiu-o como um golpe no estômago.

- Eu já imaginava.
- Eu não estou suficientemente recuperado para lutar e viver em condições agrestes. E tenho de passar algum tempo com a Clarissa. Tenho de reparar a minha relação com ela.
- Aposto que nunca mais te vou ver.

Rafe estava a ser particularmente petulante, como uma criança pequena a quem fora negado um doce. Ele não queria alterar a rotina deles. Não queria separar-se de Matthew. Era demasiado cedo, demasiado depressa.

- É claro que vais voltar a ver-me - insistiu Matthew. - Daqui a uns meses, vou ter contigo.
- Não vais não. Vais desertar. Eu vejo que estás a pensar nisso.
- Tu também podias desertar. Podias ficar comigo.
- Nós somos oficiais, Matthew - declarou ele com fervor. - É tudo o que somos. É o que sabemos fazer.
- Perdoavas-me se eu decidisse tentar enveredar por outro caminho?
- Como por exemplo? O de marido e proprietário rural?
- Assentar não me matava.

- Quase te matou. Se o Roland Merrick tivesse melhor pontaria, estavas morto.
- Tenciono morrer de uma maneira bem mais dramática do que com um tiro pelas costas disparado pela pistola de um covarde.

Cravaram os olhos um no outro e Rafe acabou por dizer:

- Não me faças ir sem ti.
- Eu só vou ficar aqui mais uns tempos.
- Mentiroso.
- Vai correr tudo bem, Rafe.
- Não vejo como. Vais ficar aqui, com a tua mulher e a tua nova família e eu vou estar longe sozinho.
- Podes ficar aqui comigo!
- Promete-me que vais ter comigo.
- Prometo.
- Mentiroso - repetiu Rafe.

Matthew não percebia porque estava o irmão a ser tão intratável. Tinha vinte e dois anos, era um homem adulto. Claro que ele se aguentava no exército sozinho. Não precisava que Matthew o seguisse como uma ama protetora. Rafe não se tinha sempre rebelado contra as regras e as restrições de Matthew? Não tinha sempre ansiado por fazer aquilo que entendesse?

Agora tinha essa oportunidade, mas estava furioso diante da perspetiva de ficar sozinho.

- Então e tu e a menina Edwards? - perguntou Matthew.
- Diz-me tu.
- Tens de casar com ela, Rafe. *Tens* de o fazer.
- Sou demasiado novo para me casar - reclamou ele. - Estás sempre a dizer isso. Eu ainda sou um miúdo. Ia ser um péssimo marido.
- Tu aprendes. Vai sair-te bem.
- E se isso não acontecer?
- Ela é muito bonita.
- Até é bonitinha - desdenhou Rafe, que na verdade a achava linda.
- Teve uma boa educação e é uma companhia agradável. Se estavas decidido a desonrar alguém, podias ter escolhido bem pior.
- Mas não é filha de um duque. Esse é o tipo de noiva que eu devia ter.
- Bom, não vai acontecer. Cometeste uma falha moral e tens de pagar o preço.
- Se o preço final é eu ter de casar com uma rapariga que não amo e que mal conheço, esse *preço* parece-me demasiado alto.

Matthew resfolegou e fez um gesto na direção da porta fechada.

- Vai à procura da menina Edwards e trá-la aqui, para eu poder falar com ela. Vamos acabar com isto.

Rafe ficou furioso, sentindo-se assediado no sentido de fazer escolhas que não queria fazer. Foi até à porta e, para seu transtorno, Eddie estava ali. Parecia perturbada.

Teria ouvido a discussão deles acerca dela? Teria ouvido os comentários terríveis de Rafe?

Ao vê-la, Matthew resmungou:

- Raios partam.

Rafe forçou um sorriso.

- Eddie, aqui está a menina! Eu ia buscá-la. Entre, entre. Eu e o Matthew gostávamos de falar consigo.

- Sim, eu imaginei que sim - disse ela, meio desalentada. Passou por ele e dirigiu-se diretamente a Matthew. Com uma pose muito real e grandiosa, declarou: - Capitão Harlow, provavelmente estava com esperança que o Rafe e eu nos casássemos, mas eu não tenho qualquer interesse em ser noiva dele, por isso não insista no assunto. Eu não gosto dele e prefiro não vir a ser sua mulher. Ele é um libertino e fica muito melhor solteiro.

Ela fez uma breve vénia, rodopiou e apressou-se a sair.

- Menina Edwards, espere - gritou Matthew, ao mesmo tempo que Rafe tentava chamá-la.

- Eddie, não, não se vá embora. Eu sei que não está a dizer a verdade.

Ela parou, mas não olhou para ele, ficou a olhar para o corredor.

- Não, Rafe, eu estou a dizer a verdade. Devia ter dito isto antes. Eu só me casaria por amor e por afeto e seria muito infeliz se o fizesse por qualquer outro motivo.

Sem dizer mais uma palavra, ela prosseguiu e ele podia ter ido atrás dela mas não foi. Se conseguisse fazê-la parar, olhar para ele, o que lhe diria?

Os passos dela sumiram-se e Rafe perguntou a Matthew:

- Achas que ela ouviu a nossa conversa?

- Tenho a certeza de que sim.

Foi a vez de Rafe resmungar:

- Raios partam.

Eddie nunca se tinha sentido tão envergonhada.

Fugiu para o jardim e percorreu os vários caminhos a correr. Sem saber para onde se dirigia, desejou simplesmente ganhar asas e voar para o céu.

Quando passou pelos estábulos, Clarissa vinha da Casa do Dote na sua direção. Continuava decidida a viver ali, sem o capitão Harlow.

Eddie não sabia exatamente tudo o que se tinha passado entre eles os dois em Londres, mas tinha uma ideia relativamente clara. A fúria de Clarissa justificava-se, mas o capitão tinha-a resgatado, tinha-lhe salvado a vida. Isso não contava para nada? A valentia dele não devia cortar a discórdia de ambos pela raiz?

Fingiu não ter visto Clarissa, mas ela não se apercebeu de que Eddie estava demasiado apovetada para conversar.

- Eddie! - chamou Clarissa. - Onde é que vais?

As duas estavam separadas por vários metros e as lágrimas escorriam pelo rosto de Eddie. Ela não conseguia contê-las e limpou-as com a mão. Clarissa caminhou na direção dela, mas estava demasiado longe para se dar conta do humor choroso de Eddie.

- Onde é que vais com tanta pressa? - perguntou Clarissa. - Estava com esperança que

pudesses dar-me uma ajuda na Casa do Dote.

- És uma idiota chapada por ires viver para aquela casa - exclamou Eddie, em tom de repreensão. Ainda não tinha manifestado a sua opinião a respeito daquele assunto, mas tinha tantas emoções a fervilhar dentro de si que não conseguiu conter todas.

Clarissa deteve-se subitamente.

- Bom, lamento que penses assim.

- O Roland e a Angela nunca mais vão voltar.

- Não podes ter a certeza em relação a isso.

- Tenho a certeza absoluta. Eles partiram e tu és a senhora de Greystone. Muda-te para a mansão e assume o teu verdadeiro papel.

- Eu não quero ter um *papel*. Quero paz e sossego. De agora em diante, tenciono meter-me apenas na minha própria vida.

- Tens um marido valente e atraente. Porque não consegues ficar feliz com isso? És uma felizarda. Para de se queixar constantemente.

- É complicado, Eddie.

- A vida é complicada, Clarissa. Lida com isso.

Clarissa estava finalmente perto dela e viu que Eddie estava a chorar.

- O que se passa?

Eddie não se abria com ninguém a respeito do seu afeto por Rafe, mas os criados deviam ter percebido. Os criados sabiam sempre tudo.

- Tenho de te contar um segredo - disse Eddie. - Tens de me prometer que não contas a mais ninguém. Fica só entre nós as duas.

- Muito bem. Prometo.

- Eu tive um... *caso* com o Rafe Harlow.

- Oh, Eddie. Eu receava isso.

- Mas acabou e ele vai voltar para o regimento. O capitão Harlow meteu na cabeça que eu e o Rafe nos devíamos casar antes disso.

Clarissa susteve a respiração.

- Até que ponto se envolveram?

- Nós somos apenas amigos e eu não ia aceitar nem que ele se pusesse de joelhos e me suplicasse.

- Há alguma hipótese de tu estar... de estares...

- Tenho a certeza absoluta de que não há.

- Fico aliviada por saber.

As duas mulheres nunca tinham tido uma conversa tão íntima e jamais se tinham atrevido a abordar atos de luxúria ou as respetivas consequências. Era algo que simplesmente não se fazia. E, caso Eddie estivesse a conceber, como o saberia? Nunca ninguém a tinha elucidado acerca de pormenores sangrentos ou temas carnavais.

- Se o capitão Harlow te falar no assunto, agradecia que tomasses o meu partido.

- Sim, eu tomo.

- Ele consegue ser muito persuasivo, mas eu *não vou* casar com o soldado Harlow, por muito que o capitão insista.

- Sim, sim, eu percebo - disse Clarissa, mas era evidente que não percebia. - O capitão Harlow está aqui na mansão?

- Sim, chegou há algumas horas enquanto tu estavas a desperdiçar o teu tempo na Casa do Dote.

Clarissa fitou a mansão com uma languidez tão mal disfarçada que Eddie teve vontade de abaná-la.

- O que está ele a fazer? - perguntou Clarissa. - Está ocupado?

- Sim, está. Ele despachou a Angela para Londres, que daí partirá numa escuna rumo à América. Depois disso, estive a gastar alguma energia a pedir-me que me casasse, mas eu não vou fazê-lo.

- Como está ele? Parece bem?

- Parece são como um pero. Está a dar ordens e a berrar como sempre. E agora, se me dás licença, preciso de estar sozinha?

Virou as costas a Clarissa e tomou a direção de onde tinha chegado. Entrou em casa e subiu as escadas das traseiras à pressa.

Após a morte de Harold Merrick - o seu alegado tutor - e na ausência de Roland, que tomara o lugar de Harold, ela não estava certa sobre qual era o seu lugar no mundo.

Tinha dezoito anos e o seu próprio dinheiro. Mas quem o controlava? *Ela* não era, certamente, mas tinha algum escondido debaixo do colchão. Ia usá-lo para ir a Londres durante algumas semanas. Quem ia dizer-lhe que não podia fazê-lo? Ia ficar longe até Rafe partir. Tinha esperança de que o capitão Harlow também fosse.

Não voltaria até deixar de haver perigo de ela se cruzar com eles. No futuro, iria manter-se informada acerca de quando Rafe e o capitão estariam em Greystone e também se ausentaria nessas ocasiões. Ia tornar-se uma viajante frequente e sazonal e sem dúvida que, numa das suas viagens, ela iria conhecer um palerma de um rapaz perfeitamente entediante e comum e casaria com ele.

Teria uma vida perfeitamente entediante e comum, daria à luz filhos perfeitamente entediantes e comuns. Viveria até uma idade longa e teria um funeral perfeitamente entediante e comum. Até a sua lápide seria entediante e comum.

Esqueceria o ousado e carismático Rafe Harlow e as experiências maravilhosas que podia ter tido com ele.

Fechou-se no seu quarto, ansiosa por fazer a mala e partir para Londres. Foi com um humor taciturno que percorreu a sala de estar e entrou no quarto. Pretendia ir buscar a sua arca de viagem, que se encontrava num canto. Mas, antes de conseguir fazê-lo, Rafe atravessou-se no seu caminho.

- Soldado Harlow, não é bem-vindo aqui. Saia, por favor.

- Eu tenho de falar consigo.

- Não há nada a falar. Eu já ouvi aquilo que precisava de saber quando me encontrava à porta da biblioteca.

- Eu estava a ter uma conversa privada com o meu irmão.

- Pois estava e estavam os dois a ser muito honestos - disse ela, pestanejando. - Lamento ser tão inferior a si. Pense só, se jogar as cartas bem jogadas, pode acabar com a filha de um duque! Isso é que era!

Ela virou-se, pronta para sair. Não conseguiria estar sozinha em lado nenhum? Teria de ser incomodada a cada esquina?

Ele agarrou-a pelo braço. Ela tentou soltar-se, ele segurou-a com mais força.

- Pare, Eddie.

- Mande-me um convite para o seu casamento. Eu não o vou envergonhar e vai ser muito excitante. Vou estar em pulgas para o felicitar.

- Porque haveria de querer casar comigo? - perguntou ele, genuinamente perplexo.

- Não faço ideia. Foi um momento de insanidade temporária.

- Não, a sério. Porque haveria de querer?

Ela parou de se debater e fitou-o. As lágrimas dançavam-lhe nos olhos, mas ela recusava deixá-las cair. Não ia chorar por ele! Não ia choramingar!

- Você é a pessoa mais maravilhosa que eu já conheci.

- E se não fosse? Se fosse banal e chato? A Eddie construiu a ideia de que eu sou muito excitante. Se não fosse, ficaria desiludida para sempre.

- Eu nunca ficaria desapontada consigo. Seria muito feliz. Nós seríamos muito felizes. Todos os dias seríamos felizes! Não me diga o contrário, porque eu nunca vou acreditar em si.

- Eu parto amanhã - anunciou ele e o coração dela apertou-se.

- E? *Bom voyage*.

- O Matthew não vai comigo. Ele ainda não se sente suficientemente recuperado. Duvido que regresse à vida militar.

- Ele vai desistir da comissão?

- Provavelmente.

- Isso vai ser uma grande mudança para si.

- Sim.

- Vocês os dois estiveram sempre juntos.

- Era a minha única família, mas agora tem a Clarissa. E o Michael Blair e a Lady Run. Eu não tenho ninguém e ele já não precisa de mim.

- Oh, coitadinho de si! - disse ela, com sarcasmo.

- Venha comigo.

- Para onde?

- Para Espanha. O meu regimento vai ser transferido para lá.

- Espanha! Bom.

Ela abriu a boca e todo o seu ser lhe gritava que se comportasse como uma rapariga britânica púdica e insistisse que jamais poderia fazer aquilo. Contudo, porque haveria de ficar em Greystone? O que havia para ela na propriedade? Iria tornar-se uma solteirona amarga e envelhecida cuja única oportunidade lhe tinha passado ao lado? Era esse o futuro que imaginava para si?

Via-se envelhecida, a cara enrugada, com uma atitude cáustica e mesquinha. Recordaria como tivera a oportunidade de viver uma aventura, mas tivera demasiado medo. Perguntar-se-ia o que teria acontecido a Rafe Harlow, o rapaz ousado que amara na sua juventude.

- Viajar consigo? E seria a sua... o quê?

- Podia ser o que quisesse. Nós pagamos a mulheres para cuidarem de nós, para nos lavarem e coserem as roupas, para limpar e cozinhar para nós.

- Eu não sei coser nem cozinhar.
- Podia aprender.
- Talvez – disse ela, com uma careta. – Basicamente, seria a sua acompanhante pessoal de campanha.
- Com privilégios – disse ele, erguendo o sobrolho num trejeito sensual.
- O que iriam as pessoas dizer? A minha reputação não resistiria a isso.
- O sítio para onde vamos tem regras mais flexíveis. Mas sim, desgraçava-se. Nunca mais poderia ter uma vida normal em Inglaterra.

Porque haveria ela de voltar? Depois de passar alguns meses ou anos a acompanhar o regimento, a dar assistência a Rafe e a fazê-lo feliz, não era demasiado aborrecido voltar para Inglaterra?

Ela tinha o seu próprio dinheiro, por isso podia ser expatriada e acabar por assentar em Paris ou Roma. Daria festas grandiosas e frequentaria salões com artistas e escritores famosos. Depois da sua vida aborrecida de órfã em Greystone, tal parecia-lhe divinal.

Ela tinha dezoito anos, mal tinha acabado os estudos e provavelmente era demasiado jovem para tomar decisões como a que ele lhe estava a propor, mas não ia recusar.

Se o fizesse, nunca mais o veria.

- O capitão Harlow não mo permitiria.

Ela via naquilo um grande obstáculo.

- Ele não tem qualquer autoridade sobre si. Pode tentar dissuadi-la, mas não tem de lhe dar ouvidos.

- Pois não, não tenho.
- E o mesmo se aplica a Clarissa. Ela pode reclamar e chateá-la, mas não a pode impedir.
- Ou podia-me escapular sem revelar os meus planos. Posso enviar um bilhete a Clarissa quando já estivermos bem longe e o capitão não puder apanhar-nos.

Rafe iluminou-se, em aprovação.

- É disso que eu gosto em si, Eddie. Consigo há sempre diversão.
- Tem de me prometer uma coisa.
- O quê?
- Enquanto eu estiver consigo, não pode andar atrás de outras mulheres.
- Está bem.
- Se o fizer, eu vou-me embora e não quero saber se tem roupa para lavar.
- Combinado.
- Se conhecer alguém que deseje, avise-me primeiro, antes de me magoar. Diga-me e eu vou-me embora, sem fazer cenas.
- Não confia muito em mim.
- Quem confiaria?
- E se eu mudar? Consegue começar a confiar em mim?
- Porque o faria?

- Porque se a Eddie achar que eu sou um tipo honrado, talvez eu a convença a casar comigo um dia.

- Não deve ficar com muitas esperanças.

- Não o farei, mas isso é capaz de ser o que eu quero bem lá no fundo, só que ainda não me apercebi.

- Eu ouvi-o a falar com o seu irmão, Rafe.

- Se calhar não estava a ser sincero.

Ela encolheu os ombros.

- Logo se verá.

- Aposto que a vou surpreender.

Ele inclinou-se e beijou-a. Foi um gesto tão rápido que a desorientou e ela quase perdeu o equilíbrio. Teve de o agarrar pelo casaco para não cair.

Não o faças, avisou uma voz dentro da cabeça dela. *Não vás com ele! É uma loucura.*

Mas há dezoito longos anos que ela esperava por uma aventura, por um rapaz garboso que a arrebatasse. O homem e a oportunidade estavam finalmente ali. Como podia ela ignorar aquilo que estava a ser-lhe oferecido?

- Eu parto esta madrugada - disse ele. - Encontre-se comigo junto ao portão principal. Eu levo os cavalos.

- Vamos de cavalo até Londres?

- Se eu levasse a carruagem, levantaria suspeitas.

- Então vamos. Tudo bem.

- Não pode levar muita bagagem. Só o suficiente até chegarmos à cidade. Eu compro-lhe algumas coisas lá, mas nada de chique. Serão roupas resistentes, funcionais e quentes e comigo tem de viajar sempre com pouca bagagem. Estaremos em trânsito muitas vezes.

- Faço o que quiser. Com todo o gosto.

Tinha dito ao irmão que não tinha interesse em casar com ela, mas poderia acabar por mudar de ideias? Gostava muito mais dela do que julgava e, se ela ficasse ao seu lado em todas as circunstâncias, será que ele reconheceria o quanto precisava dela?

Ela ia arriscar, ia deixar de lado as cautelas e não ia perder um segundo a pensar que as coisas podiam não resultar. Ia para Espanha! Com o Rafe Harlow! Alguma outra rapariga no mundo alguma vez teria tido uma oportunidade tão excitante?

Ele sorriu.

- Sabia que o capitão de um navio pode celebrar casamentos?

- E?

- Podemos casar-nos quando atravessarmos o Canal.

- Está a abusar da sorte.

- Eu abuso sempre da sorte. Não sabia? Sou o homem mais sortudo à face da terra.

25

Clarissa tentava limpar o pó dos seus aposentos privados na Casa do Dote. Contudo, não estava verdadeiramente empenhada no que fazia e, na realidade, o quarto não precisava de ser limpo. As criadas tinham deixado tudo a reluzir.

Depois de Roland ter revelado ser um lunático, ela estava segura de que aquela residência isolada seria um porto seguro. No entanto, ainda não tinha conseguido ter paz de espírito.

Roland tinha fugido, mas ela continuava a sentir-se acoitada por medos irracionais: de que ele regressasse, de que fosse bem-sucedido na segunda tentativa e ela não sobrevivesse. Sabia que aquela preocupação absurda era ridícula, mas não conseguia pô-la de parte e comportar-se como antes.

Deteve-se junto da janela a olhar para o bosque. Por entre as árvores conseguia distinguir a mansão e ficou um grande pedaço de tempo a fitá-la. Aquela fora a sua casa ao longo de muitos anos, mas agora sentia-se completamente desligada dela.

Na tarde anterior, ela tinha-se cruzado com Eddie no jardim. A breve conversa entre ambas deixara Clarissa abalada e num grande impasse. Eddie estava decidida a confrontar Rafe Harlow e ela não sabia bem qual deveria ser o seu papel naquela contenda.

Não era mãe nem tutora de Eddie. Era simplesmente uma amiga que podia dar-lhe conselhos e apoio moral. Se ela a incomodasse, se queixasse e dissesse a Eddie para deixar de pensar em Rafe Harlow, isso iria erguer uma barreira entre as duas e Clarissa deixaria de ter o benefício de sequer oferecer conselhos. Eddie afastá-la-ia.

O que faço? O que faço?

Aquela era a pergunta que ela se fazia constantemente.

O capitão Harlow, o seu outrora amado Matthew, estava em Greystone. Ter-se-ia apercebido da partida dela? Importava-se com o facto?

Depois de ele a ter expulsado de Fox Run, Clarissa não voltara a vê-lo. Ansiara por visitá-lo, por ver como estava a sua saúde, mas tinha vacilado e ponderado o assunto. Acabara por não o visitar. Tinha sido muito claro em relação a não querer que ela cuidasse dele e ela era demasiado orgulhosa para lhe falar.

Se tivesse batido à porta de Fox Run a pedir para a deixarem entrar no quarto onde ele recuperava e isso lhe tivesse sido negado, teria ficado devastada.

Ele tinha recebido cuidados médicos em Fox Run ao longo de dez dias. Lady Run tinha-lhe escrito, relatando-lhe que ele se encontrava débil e febril e que o seu irmão Michael não o deixava partir. Convidara Clarissa a ir a Fox Run, a trazer as suas coisas e ficar ali como convidada durante a convalescença do capitão Harlow.

Clarissa tinha ignorado o convite e a sua decisão de se manter afastada tinha sido validada ao saber que ele tinha regressado a Greystone, sem nada dizer. Chegara nesse dia e estivera toda a tarde e toda a noite em reuniões com Angela, Rafe e Eddie, mas não tinha convocado Clarissa.

Esperava que ele lhe pedisse para ir à mansão e ficara excitadíssima, segura de que ele a mandaria chamar para saber o que andava a fazer. Mas, aparentemente, ele não estava preocupado por ela ter decidido viver noutro lugar.

Mas estava ansiosa por falar com ele, para lhe perguntar pela sua saúde, pelos seus planos, por Angela e Roland.

Acima de tudo, estava ansiosa por lhe agradecer por a ter salvado e por lhe dizer como estava feliz por ele estar a recuperar. Mas estaria ele a recuperar? O idiota mal-educado nem se dignara a colocá-la a par de pormenores importantes e ela pensava que isso não abonava em favor do futuro de ambos.

Apesar de não parecer, ela era a sua mulher, mas a falta de cuidado dele revelava que a relação estava a degradar-se e a chegar ao fim. Provavelmente nunca deviam ter-se casado. Eram muito diferentes e tinha acontecido tudo demasiado depressa, mas ainda assim ela desejava que tivesse resultado.

Tinha havido uns dias depois da cerimónia em que parecera que eles estavam a aproximar-se, que podiam realmente ter um casamento verdadeiro. Fora um sonho maravilhoso, a pairar fora do seu alcance.

Foi acordada do seu devaneio por alguém a bater à porta.

- Sim, quem é?

Uma criada espreitou.

- Recebeu uma carta. Acaba de ser entregue por um mensageiro.

Um mensageiro? O coração de Clarissa acelerou com o pavor. O marido era a única pessoa que poderia contactá-la e, se o tinha feito através de uma carta entregue por um mensageiro, as coisas estavam mesmo mal.

Clarissa suspirou e foi receber a missiva. Sentou-se a uma mesa no canto a fitar o envelope. Qual criança imatura, deu por si a pensar que nunca a abriria. Assim nunca saberia as terríveis notícias nela contidas.

Só que ela não era uma criança. Era uma mulher adulta e uma esposa que estragara tudo. Queria pedir perdão, mas mais depressa se engasgaria nas suas palavras do que lhe diria: *Mantém a tua amante. Eu não me importo.*

Por fim, preparou-se e quebrou o lacre. Para seu espanto, a carta não era do marido e ela ficou tão chocada com a descoberta que demorou um bocado a focar-se na assinatura do autor.

Edwina! Oh, não!

Edwina tinha fugido com Rafe Harlow. Clarissa inclinou-se e pousou a testa em cima da mesa. Andava tão absorta nos seus próprios problemas que não se preocupara com Eddie nem mais um segundo. Que tipo de pessoa era ela?

Depois de terem falado na véspera, tornara-se evidente que Eddie estava perturbada, mas Clarissa tinha ajudado a sua jovem amiga? Não, não tinha.

Estava centrada no facto de o capitão Harlow se encontrar em Greystone e não a ter procurado. Eddie tinha escolhido o pior caminho possível e Clarissa estava demasiado distraída para a ajudar.

Bom, agora não podia evitar falar com o marido, independentemente dos sentimentos dele. Tinha de lhe contar o que sucedera. Ou será que ele já sabia? Não conseguia imaginar Rafe a agir de forma tão impetuosa sem que Matthew tivesse conhecimento.

De carta na mão, levantou-se e cambaleou até ao corredor e pelas escadas abaixo. Tinha de ir até à mansão e, por um instante, hesitou. Tinha andado a limpar a casa, pelo que estava num estado decrépito. Devia mudar de vestido? Arranjar o cabelo? Aprontar-se?

Mal essa ideia lhe ocorreu, ela afastou-a. Era simplesmente a vaidade a apoderar-se dela. O capitão dissera-lhe frequentemente que era muito bonita e, pateticamente, ela queria lembrar-lhe que ele já pensara nela assim, era a mulher mais irritantemente tonta de todos os tempos. De que lhe interessava a opinião dele? Como podia confiar nela?

Dirigiu-se ao vestíbulo e ia pegar na sua capa e gorro do bengaleiro junto à porta, quando um homem a cumprimentou.

- Olá, Clarissa.

Ela deteve-se e franziu a testa. Conhecia aquela voz. Pertencia a Matthew Harlow, mas porque iria ele visitá-la? Estaria ela tão magoada com o desinteresse dele que estava a alucinar?

Virou-se lentamente para a sala da frente e ali estava ele, sentado no sofá. Parecia já estar ali há um bom bocado. Estava a beber um *whisky*, de pernas estendidas, sem casaco e as mangas da camisa arregaçadas. Interrogando-se se se trataria de uma aparição, ela pestanejou repetidamente, mas ele não desapareceu.

Como deveria ela cumprimentá-lo? Como devia agir? Devia ficar contente? Furiosa? Grata? Incomodada? Ou não podia reagir de todo?

- Capitão Harlow - disse, anuindo. - Que gentil em vir visitar-me.

- Não basta já? - ripostou ele.

Havia uma nota de aborrecimento no tom dela. Não conseguira ocultá-lo por completo. Aparentemente, ele tinha reparado e não tinha gostado da sua atitude.

- Os criados disseram-me que te tinhas mudado, mas eu não acreditei - disse-lhe.

- Quando cheguei de Londres, não consegui ficar na mansão com o Roland e a Angela, por isso, mudei-me para aqui.

- Foi uma decisão sensata. Mas eles já cá não estão. Não te vão incomodar mais.

- Como podes ter a certeza?

- Confia em mim.

Ele fitou-a com aquela sua expressão implacável, aquela que nada revelava. Era óbvio que ele nunca lhe iria revelar muito acerca de como lidara com os seus primos. Ele conseguia ser desesperadamente circunspecto. Precisava de uma pá para escavar a verdade de dentro dele.

- O que aconteceu ao Roland? Mataste-o?

- Porque haveria eu de o matar? Dei-lhe o dinheiro que lhe tinha prometido e ele foi-se embora. Mas se ele tentar voltar a aparecer em casa, eu *mato-o*. Ele não é estúpido, o teu primo. Não vai voltar - disse ele, com o seu sorriso demoníaco.

- E a Angela?

- Está num navio a caminho da América, com dinheiro na mala para a ajudar na viagem.

- Como a convenceste a partir?

- Não a convenci. Dei-lhe a escolher entre o navio ou um convento na Escócia. Ela escolheu o navio.

Ela observou os olhos dele mas, como de costume, era impossível perceber se ele estava a mentir. No entanto, no fim de contas, o que podia isso importar?

Durante anos ela nutrira alguma simpatia pelos primos, mas tinha desaparecido. Eles haviam sido tão cruéis e Roland tinha ficado tão perturbado. Ela não se importava de não voltar a cruzar-se com nenhum deles.

Corriam rumores de que o capitão Harlow matara Roland. E se tivesse feito? Clarissa não conseguia ter uma opinião definitiva a esse respeito. Deveria Roland ser preso por tentativa de homicídio e enforcado em público? Ou uma execução em privado seria melhor? Clarissa não tinha a certeza, mas depois de Harold Merrick ter desgraçado a honra da família, eles dispensavam mais escândalos. Qual seria a solução mais viável?

Ela estava parada no vestíbulo e ele fez um gesto na direção da cadeira que estava à frente dele.

- Porque não te sentas? - disse. - Eu não mordo.

Quando ele lhe fez aquela pergunta, parecia ameaçador e perigoso e ela pensou que tinha medo dele. Mas não tinha. Estava zangada, enojada e muito magoada, mas não tinha medo. Avançou e sentou-se como ele lhe tinha sugerido.

- Há quando tempo estás aqui? - perguntou-lhe.
- Não há muito.
- Porque não mandaste uma criada chamar-me?
- Mandeí, mas parece que ela foi desviada.
- Eu ia ao teu encontro - respondeu ela.
- Poupei-te o trabalho.
- Soubeste alguma coisa do teu irmão esta manhã?
- Qual deles?
- O Rafe.
- Sim, ele partiu de madrugada para se juntar ao regimento. Acordei cedo para me despedir dele.
- Ele não te disse nada fora do comum?
- O Rafe diz sempre coisas estranhas. Porquê?

Ela entregou-lhe a carta de Eddie. Ele passou os olhos por ela e a seguir enrolou-a numa bola e atirou-a ao chão. O seu rosto continuava a não demonstrar qualquer emoção, nem sequer na sequência das notícias de que o irmão era um patife sem vergonha que fugira com uma donzela.

- Olha que esta - murmurou.
- Vais atrás deles?
- Não.
- E a Edwina? Não devias salvá-la?
- Do Rafe? Desculpa, mas eu estou sem energia para salvar ninguém e ela parece-me um bocado casmurra.
- Como assim?
- Se eu fosse atrás deles e a obrigasse a voltar para casa, ela ia simplesmente escapar-se para ir atrás dele assim que nos apanhasse distraídos.
- O Rafe vai casar-se com ela?
- É capaz.
- Ou é capaz de não o fazer?
- Também é capaz e não o fazer. Ele precisa da minha autorização para se casar e poder receber o dinheiro dele.
- Oh! Então e a Eddie? O que lhe vai acontecer?
- Suponho que vai viver uma aventura e que algum dia as coisas irão tornar-se horrorosas e ela vai fugir de volta para Greystone.
- Vai ficar desonrada e provavelmente grávida.
- Sim, mas esperamos que entretanto tenha aprendido algumas lições importantes.
- Como por exemplo?
- Para começar, a não fugir com jovens diabos.

- Todas as raparigas aprendem essa lição.

- Aprendem, mas não lhe dão importância. Quando conhecem um libertino ousado, começam a pensar que as regras morais não se aplicam a elas.

- Sinto-me horrivelmente - disse Clarissa. - Quero fazer alguma coisa. O que poderei fazer?

- Vamos simplesmente estar cá para a apoiar quando ela regressar a casa, se o fizer.

- Vai ficar desonrada.

Ele encolheu os ombros.

- Lidamos com isso quando acontecer. Não me vou preocupar agora com esse assunto.

Levantou-se e dirigiu-se ao aparador, encheu o copo com mais uma bebida e coxeou de volta ao sofá. Portanto, não tinha sarado completamente.

- Como está o teu ferimento? - perguntou ela.

- Muito dorido.

- E as costelas?

- Pior ainda.

Ele sentou-se, deu um gole na sua bebida e cravou os olhos nela por cima do rebordo do copo. Anteriormente estava a esconder as emoções, mas, de repente, parecia muito zangado e a ideia de que ele estaria assim, deixou-a igualmente furiosa.

Que motivo tinha ele para estar zangado? Era *ela* quem fora envergonhada e enxovalhada. Era *ela* quem tinha sido afastada quando ansiava desesperadamente estar ao lado dele. Era *ela* que tinha passado a noite anterior enervada e irada, sabendo que ele estava na propriedade e que não a tinha mandado chamar.

- Deixaste Fox Run - disse ele. - E não voltaste.

- Porque haveria de tê-lo feito?

- Passei dez dias lá! Fartei-me de esperar por ti e nem te deste ao trabalho de me visitar.

- Mandaste-me embora. Ordenaste-me que fosse. Eu não me ia envergonhar, aparecendo num sítio onde não era bem-vinda.

- Eu precisei de si.

- *Precisaste* de mim? Não me faças rir. Nunca precisaste de ninguém, muito menos de mim.

- Estás enganada. Precisei de ti o tempo todo. Perguntava por ti a toda a hora e a minha irmã escreveu-te a falar do meu prognóstico, mas tu não respondeste.

- Porque o faria? - repetiu ela.

Ela não queria falar da humilhação que sentira ao ser rejeitada. Aquilo atingia a fundo todos os aspetos tristes da sua vida, mas era óbvio que ela estava mais incomodada do que se dava conta. Não conseguia contê-lo.

- Tencionava ficar contigo durante a cirurgia e a recuperação, mas tu gritaste comigo.

- Estava em agonia e pensava que corria risco de morte. Era por isso que eu estava a gritar.

- Preferiste ficar com os teus irmãos. Mandaste-me chamar o Rafe. Preferiste o Rafe em vez de mim.

- Claro que eu queria o Michael e o Rafe. O Michael já tinha tratado dezenas de ferimentos de bala e o Rafe tinha assistido a centenas. Eles sabiam como a cirurgia seria nojenta e eu considerei que tu não devias assistir.

- Oh!

- Às vezes consegues ser mesmo tonta, Clarissa.

- Eu ouvi-te bem. Não estou a ser tonta.

- Estás, sim. Estás a ser uma pateta em relação a tudo - disse ele, dando uma palmada no lugar ao lado do seu no sofá. - Estás muito longe. Senta-te aqui.

Estaria ele à espera que se aninhassem como dois pombinhos? Seria possível que os ferimentos lhe tivessem toldado o juízo?

- Não, obrigada.

- Há alguns assuntos que eu tenho de debater contigo e será muito mais divertido se estiveres aninhada no meu colo - disse, voltando a bater no assento do sofá. - Vem.

Petrificada, irritada e muitíssimo baralhada, ela abriu a boca. A expressão estoica e vaga dele tinha-se alterado. Estava a sorrir e exibia uma expressão marota, como se tivesse um segredo para lhe contar se ela lhe implorasse muito.

- Muito bem - acabou ele por dizer. - Fica aí que eu fico aqui. Estou a ver os teus olhos. Vou saber se estiveres a mentir.

- Ao contrário de outras pessoas nesta sala, eu não sou mentirosa.

Ele ignorou o insulto.

- Gostava de saber a tua opinião acerca do que devia acontecer entre nós agora. Eu fui bastante horrendo contigo quando fomos para Londres.

Ela ergueu uma sobrancelha, numa expressão cáustica.

- *Bastante* horrendo.

- Está bem, fui completamente horrendo.

- Pois foste - concordou ela.

- Por isso, desapareceste num sopro e fugiste para casa para te deixares ser raptada por um lunático.

- O Roland levou-me contra a minha vontade - escarneceu ela. - Não é como se eu tivesse partido com aquele louco idiota de livre vontade.

- Depois, eu fui atrás de ti e quase fui morto pelos sarilhos em que me meteste. Tiveram de me retirar uma bala das costas e quase morri de uma infeção depois disso.

Ele quase tinha morrido? Era isso que ele alegava? Não, alguém lhe teria dito. Não teriam? Teria sido assim tão mau? Sentiu uma onda imensa de remorso. E se ele tivesse morrido enquanto ela andava a desperdiçar tempo na Casa do Dote, a ferver por causa dos seus sentimentos feridos?

Ela fez uma careta.

- Estás a dizer que quase morreste?

- Não, mas a verdade é que eu sempre fui duro demais para morrer.

- A mim pareces-me bastante são.

- Estou a fingir.

Ela observou-o e interrogou-se o quão doente teria estado. A carta de Lady Run descrevia-o como febril e indisposto. Mas teria sido mais perigoso do que Clarissa suspeitara? Estava perturbadíssima com essa ideia.

Se ele tinha corrido assim tanto perigo, que tipo de esposa seria ela para não o ter ido ver?

Como odiava ser casada! Porque é que nenhum escritor tinha redigido um livro de instruções para mulheres recém-casadas? Não entendia o seu papel, não percebia a sua autoridade e estar casada com *ele* era particularmente difícil.

Com ele, não havia meias medidas, não havia interlúdios calmos nem interações fáceis. Não, com ele era só gritos e dramas, berros e ordens rosnadas e, uma vez que ela nunca fora um oficial não compreendia o que era esperado e nunca sabia responder adequadamente.

- Não respondeste à minha pergunta - disse ele.

- Qual era a pergunta?

- O que devia acontecer entre nós? Como devemos continuar?

- Eu tenho escolha?

- Claro que tens escolha.

- Em que sentido?

- Bom, eu posso montar-me no cavalo e ir para o regimento e retomar a minha atividade como oficial.

- Ou...?

- Posso ficar aqui. Contigo.

- Abdicavas da sua comissão? É isso que me estás a propor.

- Sim.

- Ficavas em Greystone?

- Sim.

- Serias proprietário rural?

- Sim. O que te parece?

Ela estava outra vez de boca aberta, toda aquela conversa deixava-a balançada.

A união deles podia dar lugar a um casamento real em vez de um esquema? Se ele não voltasse para o regimento, seria um marido a sério, a viver na propriedade e sempre debaixo de olho. Teriam de trabalhar no sentido de se darem bem, de serem amigos. Um marido e uma mulher precisavam de uma base para construir o futuro. A oportunidade deles tinha sido destruída antes de terem assentado o primeiro tijolo.

Ela tentou vê-lo como um proprietário rural, a tentar aprender a lavrar a terra e a lutar com o tédio pavoroso compreendido numa existência campesina. Não conseguia imaginar. Em quinze dias, ele ia estar todo arranhado e infeliz.

Por outro lado, ele estava seriamente ferido e quase tinha morrido. Talvez estivesse farto de lutar e de ser oficial. Talvez uma vida pacata no campo lhe soasse a paraíso.

- Ias morrer de tédio a viver aqui... - disse ela.

- Então... queres que me vá embora?

- Não foi isso que eu disse.

- Então, o que estás a dizer?

- Estou apenas a dizer-te que aqui a vida é lenta e monótona, não há excitação nem estímulo. Tu és o capitão Harlow, o herói da nação. Não há ação nem aventura em Greystone, não há desafios nem escapadelas selvagens. Os dias fundem-se uns nos outros e a serenidade ia levar-te à loucura.

- E se não levasse? Se eu fosse mais feliz do que alguma vez me lembrava de ter sido?

- Vais ficar em Greystone? É disso que estamos a falar?

- Eu demiti-me da minha comissão, mas se fico ou não na propriedade é contigo.

- *Comigo?* Porque hás de pensar assim? Isto parece-me uma decisão que és tu que tens de tomar.

- Sim, mas tu és a pessoa que vai sentir o maior impacto da minha decisão. Importas-te que eu me tenha demitido do meu posto? Ou devo enviar uma mensagem rápida ao comandante do meu batalhão a anular a minha notificação? Devo informá-lo de que vou continuar a servir o regimento?

Ela não lhe respondeu imediatamente. Estava a ser assaltada por diversas emoções que colidiam. No curto período de tempo em que tinham estado casados, ela achara-o irresistível. Não podia negar o charme natural dele, desprezar o seu carisma ou o seu magnetismo exuberante. Se ele ficasse, ela ia ser atraída para a sua teia sem que ele tivesse de fazer nenhum esforço nesse sentido.

Ia acabar por amá-lo de novo. Ia tornar-se patologicamente devota. Se ele voltasse a magoá-la, se se envolvesse com amantes ou concebesse filhos bastardos, isso daria cabo dela. Era demasiado bondosa e a única coisa que alguma vez desejara era encaixar, pertencer a algo. Se se ligasse a ele e fosse mais um desastre, como iria sobreviver?

Ele estava a sorrir para ela, mas quando ela não respondeu à sua última intervenção, o sorriso dele vacilou.

- Parece que eu estava errado - murmurou ele.

- A respeito do quê?

- A respeito de ti, e eu queria tanto...

Ele não conseguiu terminar a frase e ela pressionou-o.

- Diz-me. O que querias tanto?

- Gostava que recomeçassemos. Casámos tão à pressa e não nos conhecemos assim tão bem. Eu assumo sempre que posso ir em frente e ajustar os assuntos ao meu agrado, mas às vezes não consigo. Às vezes é impossível.

- Qual é a opinião da menina Bernard? Se reatasses comigo, ela não ia ficar chateada?

Clarissa ficou furiosa consigo mesma. Estava decidida a não ser mesquinha e infantil, no entanto, foi logo colocar a questão mais imatura de todas.

Mas ele encolheu os ombros e deu uma risada.

- Ela não tem nada a ver com o que eu faço. Nunca teve e eu já terminei com ela. Não tenciono voltar a falar com ela. Lamento imenso ter-te enxovalhado quando estivemos em Londres.

- Obrigada.

Ela imaginava que ele não pedisse desculpas com frequência e aceitou aquele comentário como sendo muito sincero.

- Eu saio sozinho - murmurou ele, enquanto se levantava. Não tinha a sua agilidade habitual e os seus movimentos lentos forneciam provas concretas de que ele não estava totalmente recuperado. - Vou escrever ao meu comandante assim que chegar à mansão. Vou rescindir a minha demissão.

- Não tens de fazê-lo.

- Provavelmente devia. Não tenho motivos para permanecer em Greystone. Contudo, vou permanecer mais algumas semanas. Não estou suficientemente recuperado para regressar ao serviço imediatamente.

- Sim, devias descansar, o máximo que puderes. Tiveste uma má experiência.
- E, apesar de eu estar na propriedade, não tens de ficar na Casa do Dote. Na verdade, gostaria que não o fizesses. Vou ficar preocupado se ficares aqui sozinha.
- Eu trouxe vários criados comigo.
- Nós podíamos manter a cordialidade se ficássemos juntos na mansão, não podíamos? Eu prometo que não te falo com aspereza nem te respondo torto.
- Vou pensar no assunto. Já não tenho a certeza de nada e não faço ideia de como decidir o que é melhor.

Ele suspirou e saiu e ela sentou-se muito sossegada, a ouvi-lo partir.

Tinha o coração aos pulos e sentia vontade de chorar com os remorsos. Ia deixá-lo partir sem dar luta? Ia deixá-lo escapar-se para o exército? Ia forçá-lo a regressar quando era óbvio que ele não estava saudável?

Oh, o que se passava com ela?

Sempre julgara que *ele* era demasiado orgulhoso, mas seria ela diferente? Ele tinha-lhe ferido os sentimentos. Tinha-lhe melindrado as sensibilidades, mas ela não era nenhum bebé que precisava de mimos.

Ele tinha posto a amante de parte e tinha voltado para casa para Clarissa, a sua noiva, a sua mulher. Há dez dias que andava a matutar no facto de ele a ter expulsado de Fox Run, quando afinal ele só não quisera que ela assistisse à cirurgia. Ele tinha querido que fosse Rafe a ajudar, Rafe que era soldado e que tinha, sem dúvida, assistido a muitas emergências médicas.

Ela havia pensado o pior e não se interrogara por que razão ele a mandara embora. Ele estava a protegê-la e, no entanto, ela tinha fugido como um cão, com o rabo entre as pernas. Andara a fazer beicinho e a amuar por causa da sua vida, quando, na realidade, a sua vida era melhor do que alguma vez tinha sido. Todas as mudanças positivas que tinham acontecido deviam-se a ele. Porque ele a tinha escolhido. Porque se tinha casado com ela. Ele podia ter escolhido qualquer outra mulher no reino, mas tinha-a escolhido a *ela*. Tal como ele tinha referido, eles mal se conheciam. Porque tinha ela acreditado que todos os momentos seriam fáceis? Porque tinha ela esperado que não houvesse sobressaltos no seu caminho?

Uma imensidão de imagens passou a correr na sua mente. Lembrou-se do período inebriante quando o casamento de ambos estava a aproximar-se e do tempo voluptuoso que se seguira. Ela andava numa excitação com a alegria, o entusiasmo e o estado de graça.

E se ela conseguisse recuperar aquelas emoções? Ele tinha dito que gostava de começar de novo. E se o fizessem e da segunda vez fosse esplêndido? E se as coisas corressem precisamente como deviam e eles vivessem felizes para sempre?

Quando ele chegou ao vestíbulo, ela levantou-se e correu para lá.

- Matthew?
- Diz, Clarissa. - Ele parecia ansioso como um menino pequeno.
- Porque é que não me mandaste chamar ontem à noite?

Ele franziu a testa.

- Ontem à noite?
- Sim. Chegaste a Greystone à tarde e eu parti do princípio que querias encontrar-te comigo imediatamente. Mas não me pediste para ir à mansão e eu achei que isso queria dizer que não estavas interessado em estar comigo e que não querias saber de mim.

- Sua tonta. Eu não te digo sempre que és uma tolinha?

- Sim.

- A minha prioridade era tirar a Angela da propriedade o mais depressa possível, para que *nunca* mais tivesses de te preocupar por causa dela.

- Eu agradeço-te por isso. Agradeço-te uma e outra vez.

- A seguir, discuti com o Rafe e conversei com a menina Edwards, tentando incutir-lhe algum juízo - disse e apontou para a carta que estava amarfanhada no chão. - Como podes ver, as minhas palavras não surtiram qualquer efeito.

- Não. Aparentemente foram em vão.

- Depois disso tudo eu estava exausto. Já te apercebeste de que eu não estou bem?

- Sim, já reparei.

- Estendi-me no sofá por uns minutos, após os quais ia dirigir-me para aqui para te perguntar porque te estavas a comportar como uma bruxa.

- Eu? Eu não sou uma bruxa! Esperei por ti a noite toda.

- Mas adormeci e quando acordei já passava da meia-noite. Não me pareceu que devesse aparecer aqui às apalpadelas àquela hora tardia.

- Então... tencionavas falar comigo?

- Oh, que Deus me livre das mulheres idiotas - exclamou ele, olhando para o céu como que a rezar. - Chega aqui, Clarissa. Eu tenho de te dizer uma coisa.

Quando ela o encontrara no salão, ele dissera-lhe para se aproximar e ela tinha recusado. Desta feita, foi direita a ele. Ficaram junto um do outro e os belos olhos azuis dele reluziram como diamantes.

- O que é? - perguntou ela.

- Quando o Roland disparou sobre mim eu estava a caminho de Greystone para te pedir desculpa por todas as coisas horríveis que aconteceram em Londres.

- Fico-te muito grata.

- Eu queria dizer-te isto, mas não tive oportunidade - disse ele, surpreendendo-a quando dobrou um dos joelhos e lhe segurou na mão. - Amo-te.

- Tu... o quê?

- Amo-te e estou muito feliz por me ter casado contigo.

Um suspiro de alegria veio ao de cima.

- Estás? *Ainda* estás feliz?

- Claro. Era isso que eu te queria dizer. Era por isso que vinha a correr para estar contigo. Quando saíste da cidade não consegui aguentar - disse ele, beijando-lhe a palma de uma mão e a seguir a da outra. - Não poderemos começar de novo? Não poderemos tentar mais uma vez?

- Sim, claro que podemos tentar mais uma vez.

- Podes perdoar-me por Londres, pela Penelope e...

- Chiu - disse ela, levando-lhe o dedo aos lábios para o silenciar. - Não vamos falar disso.

- Posso ficar em Greystone contigo? Posso demitir-me da minha comissão e ser o teu marido. Eu ainda não sou muito bom nisso e preciso de prática.

Era tão hábil a seduzi-la e ela sorriu-lhe, pensando que ele era o homem mais atraente, o mais extraordinário dos homens. Ele era tudo o que ela desejava e ia ser seu para sempre.

Ela desposá-la independentemente dos seus protestos. Porque o teria feito? Macambúzia e abatida como ela estava, tinha sorte por ele ter insistido em ficar com ela. Ela não merecia, mas nunca iria deixar que ele descobrisse isso.

- Concordo contigo - disse ela. - Tens mesmo de praticar ser marido e eu vou orientar-te na tua aprendizagem até fazeres isso bem.

- Eu aprendo depressa.

- Aprendes? Calculo que sejas demasiado casmurro para aprender.

- Aposto que descubro sem dar muito trabalho.

- A ver vamos.

- Pois *vamos* - disse ele, sorrindo para ela. - E agora, ajudas-me a levantar?

- Ajudar-te? Não te consegues levantar sozinho?

- Estou uma desgraça, Clarissa. Tens de cuidar de mim. Se disseses que não o farás, eu não sei mesmo o que será de mim.

Ela gostava de ouvi-lo confessar que precisava dela, que o admitisse em voz alta. Gostava que ele se apoiasse nela, que permitisse que ela carregasse o seu fardo quando ele estava em baixo e não fortalecido como era habitual.

Enfiou o braço no dele e ergueu-o, segurando-o com firmeza até ele se equilibrar.

- Tenho muita pena de ti - disse ela.

- Porquê?

- Eu sou uma enfermeira pavorosa.

- Nesse caso, podes matar-me gentilmente.

- É certo que vou tentar.

- Só nunca mais me deixes.

Ele era tão fantástico e ela tinha sido tão estúpida e mesquinha. E cega. Tinha-se esquecido de como ele a fazia feliz, como ela era feliz por ser sua. O capitão Harlow, o herói do reino e o seu também. Como podia ela ter pensado, por um segundo que fosse, que não o queria, que não o amava?

- Eu nunca te vou deixar, Matthew. Até ao meu último suspiro.

- E talvez nem nesse momento?

- Talvez nem nesse momento.

Epílogo

Evangeline estava sentada à sua secretária, na sala da frente de Fox Run.

A festa anual que tinha lugar na propriedade tinha início dentro de algumas horas e ela estava a aproveitar uma pausa para tratar da sua correspondência antes de se lançar na confusão. A casa estava cheia de convidados e Aaron, o marido dela, preguiçava no andar de cima, com demasiada indolência para descer para o pequeno-almoço.

Os preparativos decorriam a um ritmo frenético. Havia mesas compridas postas no jardim e Cook estava a terminar os pratos que iriam alimentar toda aquela gente, num enorme nervosismo. Havia criados a entrar e a sair, a correr pelas traseiras da mansão, com vozes murmurantes, a proferirem perguntas e pedidos de instruções.

Aquele seria o seu primeiro ato oficial enquanto senhora de Fox Run. Tinha trabalhado com afinco, assim como os criados. Esperava que todos eles deixassem Aaron orgulhoso e acreditava que assim seria.

Espreitou lá para fora e viu dois cavaleiros que entravam a trote no caminho de acesso à casa. À medida que se aproximavam, viu que se tratava de Michael e de Matthew. Eram os seus irmãos. Cada vez que pensava na palavra *irmãos*, era invadida por uma onda de emoção e quase rompia num pranto.

Alguma vez teria havido um duo tão deslumbrante como aquele? Se assim fosse, ela nunca se cruzara com ele. Altos, morenos, atraentes. Musculados, tesos, em forma. Arrogantes, exigentes e reais. Ela podia continuar a listar características descritivas para sempre.

Quando recordou a tragédia a que eles tinham sobrevivido na infância, as vidas que tinham vivido na juventude e na vida adulta, os futuros que tinham construído para si, ficava demasiado fascinada para conseguir falar.

Eles passaram junto à casa e seguiram para a cavalaria, sorriram-lhe e acenaram-lhe. Ela acenou-lhes de volta. A vida dela era perfeita e só iria melhorar. Riu-se daquela ideia. Podia a vida de alguém tornar-se melhor do que perfeita?

Bem, o Bryce podia estar em casa, o destino da mãe deles podia ser revelado. Radcliffe podia regressar para eles. Todos os males poderiam ser reparados. Era uma otimista e não ia deixar de acreditar em milagres.

Aos poucos começou a sentir o aroma a rosas e ficou muito quieta. Cada vez que sentia o aroma a rosas no ar, parecia que a mãe dela pairava por ali. Podia tratar-se apenas da imaginação fértil de Evangeline, mas porque não poderia ser Anne Blair? Aquela possibilidade trazia-lhe tanto conforto.

De súbito, tinha uma mão pousada no seu ombro. A sensação era tão real que, por um instante, ela perguntou-se se Aaron teria descido as escadas em bicos de pés e tinha entrado ali sorrateiramente, sem que ela desse por isso. No entanto, da última vez que ela o tinha visto, Aaron ainda não estava vestido.

Muito lentamente olhou em redor e claro que não estava ninguém ali. Mas a presença de um homem era claramente evidente. Estaria ela também a sentir o pai? A sala estava viva com a presença de espíritos e ela estava feliz por deixá-los vaguear livremente.

Remexeu na sua pilha de cartas e pegou naquela que estava por cima. Enquanto examinava a caligrafia, o coração dela acelerou quando se apercebeu que era do advogado Thumberton.

Ela tinha-o contratado para a ajudar a procurar informações acerca dos seus pais. Os assistentes dele andavam a passar a pente fino documentos de tribunal e documentos legais, a tentar descobrir pormenores acerca da morte do seu pai e da herança de Radcliffe. Também andavam à procura de informações acerca da sua mãe, acerca do julgamento e da condenação dela, da sentença e da viagem para a Austrália.

Será que Thumberton tinha descoberto alguma coisa? Ou seria meramente um ponto de

situação em relação aos esforços dos assistentes dele?

Ela inspirou profunda e calmamente e a seguir quebrou o lacre. Leu o que ele tinha redigido e passou à segunda página. Era a listagem com os nomes dos condenados que seguiam a bordo de um navio chamado *O Canto da Sereia*.

Chamo a sua atenção para a linha catorze, escrevera Thumberton.

Evangeline olhou para baixo e ali estava: *Anne Blair. Mulher. Inglesa. Idade: 28 anos*.

Ficou tão chocada que se surpreendeu por não ter deslizado pela cadeira e caído ao chão.

Levantou-se de um salto para ir à procura dos irmãos e, quando o fez, as nuvens abriram-se lá fora e o céu ficou mais brilhante. Um feixe de luz do sol perpassou a janela. Ela olhou e ali, a reluzir sob a luz, estava a sua mãe. Mais velha. Serena. Triste. Em paz. Mas ainda bonita. Ainda deslumbrante.

A mãe dela esboçou um sorriso conhecedor e Evangeline estendeu a mão para lhe tocar, mas ela não estava mesmo ali. Evangeline pestanejou – não queria fazê-lo – e a aparição desapareceu num ápice. As nuvens voltaram a deslizar, os raios dourados desapareceram por completo. A seguir, ela pegou na carta de Thumberton e correu para o jardim. Os gémeos caminhavam na direção dela e, quando a viram correr, pararam e franziram a testa.

– Sissy, o que foi? – perguntou Matthew.

– Recebi notícias do Thumberton.

– Ele incomodou-te? – perguntou Michael. – Se te incomodou, eu vou a Londres e parto-lhe os dentes todos.

– Não, não, são boas notícias.

Ela estava a rir e a chorar ao mesmo tempo e atirou-lhes o papel.

– O que é?

– Olhem para a linha catorze. Leiam o nome.

Os gémeos murmuraram o nome em uníssono:

– Anne Blair.

– Encontrámo-la. Sabemos o nome do navio. Sabemos a data.

– Eu não posso acreditar – disse Michael.

– Nem eu – concordou Evangeline. – Tinha a esperança de que encontrássemos alguns factos, mas não sei se estaria mesmo convencida de que era possível. E sabem que mais?

Matthew deu uma risada.

– Há mais do que isto?

– O fantasma da mãe estava agora mesmo na sala da frente.

– Bom, isso não é nada de novo – escarneceu Matthew. – Ela está a assombrar esta casa.

– O pai estava com ela – disse Evangeline. – Não julgam que eu sou tola, pois não? Não julgam que imaginei?

– Não – responderam os irmãos em coro. E Michael acrescentou:

– Eles estão a olhar por nós. O ar à minha volta está constantemente carregado de energia estranha.

– Também me acontece o mesmo – admitiu Matthew. – Ao princípio ficava abalado, mas agora fico feliz que os fantasmas deles nos visitem.

- Também eu - disse ela. - Fico tão feliz.

Ela aproximou-se e enfiou um braço em cada um dos deles, Michael de um lado, Matthew do outro. Eles eram bastante mais altos do que ela e sentia-se segura e protegida e muito, mas mesmo muito felizarda.

- Há uma mudança que vai tornar tudo ainda melhor - disse ela.

- O que é? - perguntou Matthew.

- Quando o Bryce voltar para casa, eu vou ter-vos aqui aos três e tudo será perfeito.

- Já está tudo bastante perfeito agora - disse Michael.

Ele acenou com a cabeça na direção da varanda e Evangeline viu que as suas duas cunhadas tinham chegado. Maggie vinha de Cliffside e Clarissa chegava vinda de Greystone. Aaron surgiu a uma das janelas do andar de cima, sorriu e acenou.

A família dela estava a crescer a olhos vistos. Durante tanto tempo da sua vida tinha pensado que era órfã, julgava estar sozinha no mundo. Mas agora já não.

Matthew apontou para a carta de Thumberton e olhou de relance para Michael.

- Sabes o que isto significa, não sabes?

- Com certeza que sei - respondeu Michael.

Os dois irmãos partilharam uma mensagem visual e sorriram.

- O que é que disseram um ao outro - perguntou Evangeline. - Estavam outra vez a falar com o pensamento. É uma chatice que nós não conseguimos ler-vos a mente.

- Partimos para Radcliffe em breve - disse Michael, e Matthew acrescentou:

- É bom que os nossos familiares se mantenham alerta.

Dois homens encontravam-se montados nos seus cavalos no bosque. Estavam a espiar, a fazer o reconhecimento da zona. Para lá de um vale luxuriante, a estrada subia por uma colina, no topo da qual havia um castelo. Não era grande nem grandioso, mas ainda assim era um castelo, com torreões, um muro envolvente e um pátio interior.

Algumas zonas do edifício aparentavam ser muito antigas, mas a maior parte tinha sido redesenhado e reestruturado, sendo que uma secção inteira havia sido completamente remodelada. Tinham-lhe sido acrescentadas comodidades modernas: janelas de vidro, chaminés melhoradas.

A entrada devia em tempos ter sido constituída por portões enormes e fortificados, que podiam ser trancados e barrados, mas que já não se encontravam presos às dobradiças. Um governo estável e um decréscimo de tensão nas fronteiras tornara desnecessária uma entrada reforçada. Ou talvez os residentes não gostassem simplesmente de portas pesadas e se tivessem cansado de as abrir e fechar.

Havia pessoas a entrar e a sair, carros de mão a transportarem comida e mantimentos, como se fosse um dia de mercado ou houvesse uma feira no pátio.

- É o raio de um castelo - disse Michael para o irmão.

- É mesmo - replicou Matthew.

- A Sissy disse-me que era, mas eu não acreditei nela.

Ficaram boquiabertos, em silêncio, a pensar em tudo o que tinha acontecido, tudo o que podia ter sido.

- Como teria sido crescer aqui? - perguntou Matthew.
- Nem imagino.
- E se o pai tivesse vivido o suficiente para herdá-lo? E se tivesse sido esta a nossa casa? O nosso lar?
- Nunca foi a nossa casa - afirmou Michael, num tom cáustico -, mas é definitivamente o nosso *lar*.
- Seríamos escoceses.
- Não, o avô era inglês.
- Então... o que eramos? Escoceses ingleses? É isso?
- Eu não sou diplomata. Sei lá.
- Teríamos de andar de *kilt*?
- Acredita em mim irmão, ninguém ia querer ver as tuas pernas ao léu - disse Michael.

Matthew riu com desdém.

- Será que a nossa família tem o seu próprio *tartan*? Não é assim que se chamam aqueles panos de lã? *Tartans*?
- Acho que sim.
- Também deve haver um brasão de família.
- Talvez.
- E um lema?
- De certeza que sim. Que tolo teria um castelo sem ter um lema?
- Se for uma parvoíce mudamo-lo - reclamou Matthew.
- Concorde.
- Como achas que era o pai?
- Oh, acho que era como nós.
- Queres dizer rijo, motivado, insuportável e vaidoso?
- Sim.
- E a mãe? Como seria?
- O Bryce diz que ela era igualzinha à Sissy. A Sissy parece-se com ela e emana o mesmo carisma.

Bryce era o irmão mais velho deles, o herdeiro de Radcliffe, o conde de Radcliffe legítimo. Estava numa aventura em África e eles não sabiam quando regressaria, ou se regressaria.

- O Bryce esteve aqui? - perguntou Matthew.
- Veio logo que soube a verdade. Veio a cavalo sozinho.
- Mas não ficou.
- Não, ele ficou demasiado abalado. É difícil entender como eles fizeram tanto mal à mãe e ao pai. Ele não conseguia suportar isso.
- Por isso foi para África.

- Tal como o pai - suspirou Michael. - Quem me dera que estivéssemos com ele. Quem me dera ter seguido as pisadas do pai. Gostava de ver os locais que ele visitou.

Matthew encolheu os ombros.

- Um dia podemos lá ir. Vamos os dois.

- Talvez com o Bryce. Pedimos-lhe para nos mostrar os percursos que o pai fez.

Ficaram de novo em silêncio e Matthew podia jurar que, por um breve instante, tinha sentido a mão de outro homem no ombro. Que fantasma seria aquele? O do pai dele? Tinha de ser. Desde que ele e Michael se tinham encontrado que uma presença de outro mundo parecia acompanhá-los.

Sentiste aquilo? - perguntou ele sem falar.

O quê? A mão no ombro.

Sim. Era o pai?

Espero que sim.

Quanto mais tempo Matthew passava com o irmão, mais fácil se tornava falarem dentro das suas cabeças. Às vezes passavam horas sem dizer uma palavra em voz alta, mas percebendo-se um ao outro na perfeição.

- Já conheceste o Bryce? - perguntou Matthew.

- Não. Só o vi ao longe. É muito loiro e atraente, parece um Deus grego.

- A Sissy diz que ele é muito esperto e talentoso.

- Sim e tem a personalidade e o charme da mãe. É mais parecido com a Sissy. Sabe cantar e representar e toca piano. Não é do tipo que mataria alguém com um tiro no peito e o deitaria ao rio depois de ter desmaiado.

- Portanto, não é como nós os dois.

- Não. Graças a Deus - disse Michael, olhando de relance para Matthew. - A Sissy queria dar início aos procedimentos legais para recuperar o título, mas tinham-se perdido tantos anos que o Bryce julgou que não íamos ser bem-sucedidos. Considerou que íamos acabar por fazer figura de idiotas.

- Provavelmente foi por isso que ele foi para África. Para fugir à pressão disto tudo.

- Acho que ele também estava desgostoso, ao imaginar o sofrimento da mãe e como ela estava só no final, quando tudo se abateu sobre ela.

- Eu também odeio pensar nisso e nós temos o sangue do pai a correr-nos nas veias.

- É por isso que conseguimos ser uns canalhas.

Os dois esboçaram sorrisos diabólicos idênticos.

Michael examinou o castelo e as colinas e campos circundantes. Anuiu, como se tivesse tomado uma decisão vital.

- Vamos recuperar isto tudo para o Bryce. Sabes disso, certo?

- Claro que vamos, nunca pensei que escolhêssemos outra via.

- Vamos vingar a mãe e o pai. Vamos fazer os nossos familiares pagarem pelos pecados que cometeram.

- Olho por olho - declarou Matthew. - Sempre foi a minha passagem preferida da Bíblia.

- Vamos entrar e apresentar-nos? - perguntou Michael. - De repente, fiquei com um desejo ardente de cumprimentar os meus *queridos* familiares.

- Achas que eles alguma vez nos imaginaram a irrompermos aqui e reclamar o que eles nos roubaram?

- De certeza que não. Se eles sequer pensarem em nós, que eu tenho a certeza que não acontece, o mais certo é julgarem que morremos num orfanato. E *eu* quase morri muitas vezes. Quase conseguiram concretizar esse desejo em relação a mim.

- Sobreviveste só para os provocares.

Michael riu-se.

- Sim, só para os provocar, o que terei todo o gosto em demonstrar-lhes de uma forma que eles percebiam. Vamos cavalgar como se estivéssemos em casa.

Ergueu as rédeas, como se fosse avançar a trote, mas como Matthew não se mexesse, Michael franziu a testa.

- O que se passa?

- Eu fui morto não há muito tempo. Para variar, não quero abusar da sorte.

- Eles não vão disparar sobre ti.

- Não sei.

- Nunca - insistiu Michael. - Eu agora protejo-te. Nunca mais te vai acontecer nada de mau.

- Tens a certeza? É que o meu objetivo de vida é tu nunca mais teres de me retirar uma bala de aço de dentro. - Diante da menção da cirurgia horrenda, Michael encolheu os ombros. Duvidava que alguma vez deixasse de se sentir tão agitado.

- Também tenciono fazer o mesmo - respondeu Michael. - Nunca mais te entro na pele.

- É bom saber.

- Se lebares com um balázio no coiro, estás por tua conta, mas eu não vou permitir que isso aconteça. Como teu irmão *mais velho*, ordeno-te que não te preocupes com isso.

- Irmão mais velho, o tanas.

- Vamos perguntar ao Bryce quem é o mais velho. Tu ou eu. Ele vai dizer-te que sou eu.

- Tu és a única pessoa no mundo mais vaidosa e convencida do que eu.

- Uma vez que somos iguaizinhos, vou considerar isso um elogio.

Matthew refletiu um pouco e depois sorriu. Mas era um sorriso maléfico e sem escrúpulos, cheio de sagácia e malícia. Estava a melhorar do ferimento, o seu vigor e energia estavam quase recuperados em relação ao que eram antes de ele ter sido ferido.

E ele tinha Clarissa em casa à sua espera. Só de pensar nisso já se sentia melhor. Ela mantinha uma vela acesa junto à janela, em Greystone, para lhe alumiar o caminho de regresso a casa.

- Porque estás a sorrir dessa maneira? - perguntou Michael.

- Decidi que também quero conhecer a minha família.

- Já não era sem tempo, raios.

- Vamos entrar pelo portão da frente, ousados e fortes.

- Vamos a isso.

- Quando nos perguntarem quem somos, quero gritar que somos os filhos de Anne e Julian Blair, para que os seus nomes ecoem pelas vigas. Quero ver quantos fantasmas conseguimos perturbar.

A irradiar malícia e determinação, pontapearam os cavalos para passo de galope e saíram a galopar por entre as árvores.

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[Epílogo](#)

